

SOBRE O

AMOR,

PENSANDO SÉRIO...

http://creativecommons.org/choose/results-one?q_1=2&q_1=1&field_commercial=n&field_derivatives=n&field_jurisdiction=br&field_format=Text&field_worktitle=%22Sobre+o+AMOR%2C+Pensando+S%C3%A9rio...%22&field_attribute_to_name=FRANCISCO+ADUA+ESPOSITO&field_attribute_to_url=&field_sourceurl=&field_morepermissionsurl=&lang=pt&language=pt&n_questions=3

[!\[Creative Commons License\]\(http://i.creativecommons.org/l/by-nc-nd/3.0/br/88x31.png\)](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/)
"Sobre o AMOR, Pensando Sério..." by FRANCISCO ADUA ESPOSITO is licensed under a [Creative Commons Atribuição- Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 3.0 Brasil License](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/).

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>

Francisco Adua Esposito

SOBRE O

AMOR,

PENSANDO SÉRIO...

1ª. Edição



Copyright 2005 by Francisco Adua Esposito

Projeto Gráfico: *Editora Espaço do Autor*

Capa: *Cláudio Vieira Amorim*

Diagramação: *Hugo S. Damian*

Revisão: *Ieda Maria Ribeiro Teixeira*
Érica Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Esposito, Francisco Adua

Sobre o Amor, pensando sério... / Francisco Adua
Esposito ; -- 1. ed. -- Santos, SP : Editora Espaço do
Autor, 2005.

1. Amor 2. Conduta de vida 3. Homem-mulher -
Relacionamento 4. Relações interpessoais
I. Título.

ISBN 85-87040-26-X

05-0293

CDD-302.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor : Interação social : Sociologia 302.3

EDITORA ESPAÇO DO AUTOR

Av. Dona Ana Costa, nº 121 - cj. 95 - Santos - SP

E-mail: espacodoautor@cmg.com.br

ÍNDICE

Apresentação.....	7
Prefácio.....	9
Prólogo.....	15
Introdução.....	17
Capítulo Um: Sobre o “Templo do Amor”.....	23
Capítulo Dois: Classificação dos componentes do Amor.....	27
Capítulo Três: Sobre a Paixão.....	33
Capítulo Quatro: Sobre a Convivência.....	37
Capítulo Cinco: Sobre a Escolha.....	43
Capítulo Seis: Sobre a Admiração e a Atração.....	47
Capítulo Sete: Sobre a Autodeterminação.....	53
Capítulo Oito: Sobre o Componente Emocional Distinto – CED.....	57
Capítulo Nove: Sobre o Respeito.....	63
Capítulo Dez: Sobre a Confiança.....	69
Capítulo Onze: Sobre a Transparência.....	75
Capítulo Doze: Sobre a Liberdade.....	83
Capítulo Treze: Sobre o Perdão.....	91
Capítulo Catorze: Sobre o Cuidar.....	103
Capítulo Quinze: Sobre a Afetividade.....	109
Capítulo Dezesesseis: Sobre a Aceitação.....	115
Capítulo Dezesete: Sobre a Amizade.....	119
Capítulo Dezoito: Sobre a Sexualidade.....	123
Capítulo Dezenove: Sobre a Responsabilidade.....	145
Capítulo Vinte: Sobre o Apego.....	151
Capítulo Vinte e Um: Sobre a Caridade.....	155

Capítulo Vinte e Dois: Sobre a Renúncia.....	161
Capítulo Vinte e Três: Sobre a Entrega.....	167
Capítulo Vinte e Quatro: Sobre o Ideal Comum.....	171
Capítulo Vinte e Cinco: Sobre o Cérebro.....	177
Capítulo Vinte e Seis: CISCAS.....	211
CIS - Componentes Inatos do Ser	
CAS - Componentes Adquiridos do Ser	
Capítulo Vinte e Sete: Sobre os Fatores Inibidores do Amor.....	247
Capítulo Vinte e Oito: Sobre os Fatores Potencializadores do Amor..	261
Capítulo Vinte e Nove: Sobre as Fases do Amor.....	271
Capítulo Trinta: Sobre Tipos e Níveis de Amor.....	285
Capítulo Trinta e Um: Tende A.....	305
Capítulo Trinta e Dois: Apêndice Filosófico.....	311
Capítulo Trinta e Três: Apêndice Poético.....	351
Posfácio.....	379
Pesquisa Referenciada.....	381

APRESENTAÇÃO

Permitam-me iniciar este livro apresentando-me: sou um cidadão que passou aleatoriamente por caminhos que me ensinaram coisas sobre as quais não tenho mérito. São obras das circunstâncias ou de forças outras. Tenho algumas qualidades e alguns defeitos, como qualquer pessoa. Sou médico por profissão e, nesta atividade de escritor, me considero mais um modesto pensador do que outra coisa e, apesar de alguns conhecimentos próprios da medicina, estou escrevendo este livro apenas como uma pessoa que se preocupou em pensar sério, tentar entender e coordenar os assuntos da forma como estão aqui colocados, sem implicação profissional. Dediquei-me a interpretar situações, fatos e estórias de amor com a máxima honestidade e, certamente, ao colocar os pensamentos, nos quais acredito firmemente, estou correto em uma parte deles, nas conclusões a respeito dos mesmos e, provavelmente, sem saber, equivocando, em outros.

Perdoe-me, caro leitor, se algumas vezes não conseguir ser claro na tentativa de expor minhas idéias; e que, se perceber que algum tema foi abordado de maneira pouco profunda; dê-me um desconto, porque apesar do tempo em que venho meditando sobre o assunto (desde um mil novecentos e oitenta e três, aproximadamente), não tive disponibilidade para me dedicar exclusivamente, por um período constante, na confecção desta obra. É muito difícil montar um trabalho sobre um tema como o amor, de forma intercalada, isto é, num fim de semana, num feriado, etc., e escrever algumas coisas quando na cabeça

predominam outras preocupações sobre os compromissos profissionais, sociais e familiares...

Agora, que já estou na categoria de “safinado” me “deu um desespero”, porque o tempo e a idade, para mim, estão correndo com maior rapidez. Desta forma, decidi montar este livro enquanto ainda tenho condições de fazê-lo, juntando parte das anotações coletadas durante esses anos todos, mesmo que representassem apenas uma pequena porcentagem do que eu gostaria de ter aqui transcrito.

Na verdade, eu tinha idéia de fazer este livro com maior esmero, no entanto, o leitor, acredito, irá ter uma satisfação maior ao perceber que os tópicos aqui relacionados representam, cada um, uma semente sobre a compreensão do amor...

Todos nós temos nossas próprias idéias, você, as suas. Estou anotando aqui pensamentos nos quais acredito, alguns são meus, outros são oriundos da fusão de conceitos que surgiram ao meu redor, pela vida. Todos poderíamos fazer um livro, cada um o seu. Talvez, você também o faça um dia, seria bom para a humanidade, cada indivíduo sempre enxerga algo que um outro ainda não viu...

Quero registrar meu agradecimento especial: a meu pai, minha mãe, meu tio, minha esposa, meus filhos; a alguns amigos especiais, graças aos quais, o “diálogo filosfal” fez com que meu pensamento se aprimorasse, e cito, respectivamente, a seguir: Nicola Esposito, Angelina Adua Esposito, Nelson Adua, Cleide Vieira Amorim Esposito, Tomás Amorim Esposito, Lucas Amorim Esposito, os amigos Cláudio Bourroul Wertheimer, Jarbas Teixeira Filho, Mary Set Al Banat, Denise Casanova, Antonio Carlos Giometti, Teresinha Cotrim, João Sobreira de Moura Neto, Denise Máximo Lellis, Érica Guilherme e Ieda Maria Ribeiro Teixeira e ao meu editor, Vitor Hugo Damião, pela especial atenção que me dedicou, entre tantos que me ajudaram com suas sugestões contribuindo direta ou indiretamente para a realização deste livro.

E, com toda veneração, ao Epsie...

FRANCISCO ADUA ESPOSITO

PREFÁCIO

Discutir as profissões é um percurso estranho do intelecto, é filosofar sobre um outro modo de ver as relações sociais. Poucos, talvez, tenham parado para pensar que boa parte das atividades profissionais da sociedade vive da desgraça ou do azar do outro; envolvem o lado positivo e o lado negativo e ao mesmo tempo trazem o alívio, vejamos: o mecânico conserta o carro que quebrou, ganha dinheiro com o azar do dono do carro; o médico que alivia a dor, que ajuda a curar uma doença, vive da mesma desgraça dessa doença; que seria dos religiosos se todos fossem perfeitos e não errassem? O jardineiro que tanta beleza, poesia e perfume vê e sente nas flores, sofre com os espinhos e precisa de estrume. As flores adornam tanto a alegria de um momento festivo quanto a tristeza da morte. Irônico não? E o construtor muitas vezes é objeto de vaidade e ambições exibicionistas por parte de quem o contratou ou produto de sua própria vanglória. Quantas outras profissões não são também muito conflitantes?

É fácil perceber que, quanto às profissões, mais nobre é a que cuida do corpo sobre a que cuida das coisas, e mais nobre ainda o é, a que cuida da alma sobre a que cuida do corpo, mas o indivíduo que exerce esta profissão não é mais nobre do que o que exerce aquela, isto é, por exemplo, a medicina é mais nobre que a profissão de coletar lixo, mas o médico é igual ao lixeiro, são seres humanos de igual valor. Cada um tem sua importância para a sociedade, principalmente fora de suas

áreas de atuação. Um lixeiro humilde e caridoso tem um valor maior do que um médico orgulhoso, arrogante, inflexível e frio.

É mais difícil filosofar sobre o amor e ao mesmo tempo fascinante. “Humn”, digamos; apaixonante...

Viver o amor, pensar e meditar sobre o amor não exige as mesmas trocas das profissões, o amor está nelas e acima delas, atinge e transcende a alegria e a tristeza, o triunfo e a desgraça, o azar e a sorte.

É um empreendimento de alta complexidade porque as variáveis são inúmeras.

O assunto é de uma imensidão tão inesgotável para a minha pequenez e para a limitação própria da natureza humana, que um livro é pouco para esgotar o assunto. Seria ideal se se formasse um grupo de “cabeças pensantes” para discutir, uma a duas vezes por semana, os diversos capítulos deste livro e, assim, cada tema seria, cada vez mais, amadurecido. Depois que se fizesse um estudo de cada capítulo chegaríamos a um tratado sobre o amor. Talvez este livro possa ser um ponto de partida...

Poderia se fazer um tratado sobre o amor incluindo muitos exemplos, idéias, teorias, constatações, classificações e ordenações, utilizando o excelente material existente na literatura produzida por diversos autores, todos, a meu ver, admiráveis. Cada vez que leio um novo livro aprendo muito e fico fascinado com a diversidade de abordagem de um autor para o outro. Esses e os filósofos pesquisados, bem como amigos e colegas com os quais troquei opiniões, enriqueceram muito minha visão sobre o assunto. Também é verdade que cada vez que releio uma dessas obras ou um texto que escrevi, novos pensamentos se acomodam e alcançam conclusões um pouco mais profundas. Uma das conseqüências é que tenho vontade de reescrever os capítulos que assim tomariam uma condição de intermináveis. Muitas vezes as teses com as quais cruzei pareciam discrepantes, mas acredito que apesar de parecerem discordâncias tratavam-se, na verdade, de perspectivas até privilegiadas por observações de ângulos diferentes, contendo segmentos importantes da verdade sobre o tema aqui por nós abordado.

Aproximadamente em um mil novecentos e setenta fiquei fascinado com um casal de velhinhos de mãos dadas, que vi ao entardecer, com o espectro de cores próprio da hora, à beira da praia, no calçadão, com a lua nascendo no horizonte, grande, dourada, num andar quase ritualístico. Ele arrastava a perna esquerda e ela dava passinhos curtos como criança que aprendeu a andar recentemente. Conversavam como dois namoradinhos apaixonados. Em seus olhares havia um brilho tão resplandecente que transmitiam a sensação de que a vida estava começando... Parece que passaram em câmara lenta sob meu olhar, tanto os admirei e os observei. Perguntava-me quanto não sofreram e não lutaram? Quantas dificuldades superaram? Quanto toleraram e perdoaram, um ao outro, para chegar até aquele momento. Aquilo ficou em minha mente...

Em torno do ano de um mil novecentos e oitenta e três, um grupo de profissionais de nível universitário que atuavam numa determinada área comunitária sob minha coordenação, e por solicitação minha, trocaram comigo idéias que começaram a consolidar os escritos desta obra.

Tenho, desde então, observado com maior atenção determinados pontos do relacionamento humano, principalmente do envolvimento homem-mulher - HM – base deste livro, que é o amor mais disponível à minha compreensão; óbvio, tanto pela incidência como pela vivência. É para mim mais difícil estudar o amor de mãe ou outros tipos de amor (o amor de pai é diferente), mas discorrerei com detalhes, sobre isto, em outros capítulos. Não se estuda reflexo na tartaruga ou no bicho-preguiça, mas sim nos felinos. No entanto, o objetivo é buscar avaliar todos os tipos e formas de amor e tentar alcançar o entendimento do mesmo amor, na maior dimensão que, como seres humanos, portanto, limitados, pudermos abraçar.

Sei que o leitor concordará com algumas coisas e não com outras que serão colocadas aqui nos diversos capítulos. Peço que tenha um pouco de paciência com o meu modo de escrever porque, às vezes, eu gasto um certo tempo para completar e fechar uma síntese e uma conclusão sobre o assunto que está em pauta. Quero dizer com isso que desejaria que você, antes, procurasse entender a idéia que eu estou

tentando transmitir para depois criticá-la; é bem provável que um pouco mais à frente se encontrem as respostas ou talvez sejam complementadas, até, em outro capítulo. Respeito e desejo que as citações inseridas sejam questionadas, que se analise cada item conflitante e, até, se deduza que é assim ou que não é assim, e o tempo fará com que esta edição seja aperfeiçoada, em sucessivas gerações, até que tenhamos maior entendimento sobre a VERDADE e o AMOR...

Falando em verdade, lembram-se daquela história em que são colocados alguns cegos diante de um elefante para que cada um procure entendê-lo: um palpa a perna, outro o dorso, outro a cabeça, etc. Depois de algumas horas, ao perguntarem o que é um elefante, para cada um deles se obtiveram verdades parciais, onde cada um descreve a área que teve condição de perceber; então, nas diferentes partes temos diferentes descrições com cada cego expondo a “sua realidade”, ou seja, a verdade que ele conseguiu alcançar. Qual deles disse a verdade? Todos.

Assim é o amor, um elefante onde cada um, num esforço extraordinário, vê e sente, com recursos escassos, apenas uma parte desse gigante (somos todos “cegos” para enxergar o “elefante” por inteiro – verdade absoluta - sob todos os ângulos, simultaneamente).

Aliás, assim é a maior parte das verdades que nos dispnhamos a analisar.

Em qualquer assunto que desejemos nos aprofundar, nas primeiras etapas aumentamos o conhecimento, depois, elevamos o entendimento e atingimos, então, algum grau de sabedoria.

Seria a verdade um nível elevadíssimo de sabedoria?

O saber coexiste com elos que se agregam, fomentando o entendimento e a compreensão das preposições, levando a conclusões parciais e/ou finais. Assim a verdade existe independentemente da opinião de cada um. Não concordo com a frase que diz: “essa é a minha verdade”; essa é a verdade que tal pessoa conseguiu alcançar de acordo com vários fatores, inclusive com o nível de evolução espiritual e o grau de maturidade pessoal, naquele momento de sua existência, ao se defrontar com a mesma.

NINGUÉM TRANSMITE UMA VERDADE A ALGUÉM, CADA UM A ALCANÇA OU NÃO, POR SI SÓ...

O ENTENDIMENTO DOS FATOS É VISTO POR NÓS DE FORMA DIFERENTE, DE ACORDO COM A ÓTICA DE CADA UM, MAS A REALIDADE SERÁ UMA SÓ; A VERDADE ABSOLUTA NÃO DEPENDE DA OPINIÃO DE CADA SER QUE, COM FREQUÊNCIA, ENXERGA APENAS UMA FACE DA MESMA. ELA É.

FRANCISCO ADUA ESPOSITO

PRÓLOGO

Este volume, neste momento, encontra-se em uma determinada situação, com idéias em determinado nível de evolução, com uma profundidade no estudo dos sistemas mais diversos aqui programados, num determinado grau. Hoje, “entendo” um pouco mais sobre o amor do que entendia cerca de vinte anos atrás. Minha interpretação, certamente, amadureceu um pouco. Os conhecimentos foram se somando, sendo analisados e incrementados, levando ao entendimento e melhorando a compreensão. Tive a oportunidade de ler, “degustar”, algumas obras excelentes da literatura. Outras foram apenas pesquisadas ou percorridas na direção da minha objetividade. Encontrei na literatura uma fartura extraordinária de visões e composições sobre esse tema e deparei, também, com divergências tão antagônicas, que a confusão estabelecida no entendimento do que estava sendo colocado, parecia não ter fim.

Desejo apenas fazer um pequeno comentário sobre dois aspectos que considero tão importantes a ponto de incluí-los neste início de livro, como se fosse a semente de uma árvore que terá muitas raízes, com um tronco forte, galhos, ramos, folhas, frutas e flores rompendo sua armadura. Este paralelo: o primeiro, o amor de mãe; a seguir, concessões e exigências.

O amor de mãe serve ao longo do livro como exemplo de comparação para uma série de questionamentos que serão apresentados.

Vou exemplificar para tentar clarear este conceito: quem ama perdoa? Então, fazemos essa pergunta para a mulher que ama seu marido e foi traída por infidelidade. Aí, diz ela: “isso eu não perdôo”. Será que ela ama verdadeiramente? Ah! Sim, existem muitos outros fatores que envolvem este ato de traição, mas aqui nos interessa salientar que o perdão é um ato mais simples e corriqueiro no coração de uma mãe do que no de uma mulher que, talvez, esteja mais com seu orgulho ferido, do que propriamente sentindo-se desamada. Transponho essa situação para um filho que roubou algum dinheiro de sua mãe: a mãe perdoa? A boa mãe perdoa quase tudo.

E assim, uma série de questionamentos vão se sucedendo. Discorreremos sobre isso no texto, em alguns capítulos.

O segundo aspecto, “concessões e exigências”, simplifica substancialmente o entendimento da relação amorosa, inclusive nos diferentes tipos e níveis de amor: Imaginemos um casal, marido e mulher. Cada um pega uma folha de papel e faz uma lista com duas colunas. Uma à direita onde escrevem: “concessões”. À esquerda anotam: “exigências”, e vão listando suas opções. Depois as confrontam e as discutem.

Quanto maior o número de concessões e menor o de exigências, menor é também o egoísmo e maior é o amor.

Há um sem-número de pessoas solitárias, que querem amar e serem amadas, que já passaram por experiências desagradáveis no relacionamento amoroso e, na tentativa de se defenderem, a cada experiência frustrada, aumentam o número de exigências, mas, freqüentemente, não aumentam as concessões. Como consequência, se retraem e se isolam, cada vez mais, tornando-se menos preparadas para amar.

Vejam o amor de mãe: milhões de concessões e, no fundo, duas exigências:

“meu filho, seja feliz e jamais de mim se aparte”.

FRANCISCO ADUA ESPOSITO

Francisco Adua Esposito

INTRODUÇÃO

Quero deixar claro que esta obra não tem nenhuma intenção de possuir caráter científico. De fato, eu a classificaria como um ensaio romântico-filosófico; minhas observações pessoais e os caminhos pelos quais, por acaso, passei na vida, acrescidas das escolhas e associadas às trocas de idéias com pessoas que vivenciaram experiências por nós não percorridas, onde algumas ocorreram ao meu redor, e outras não; somando-se às obras constantes na literatura - as que eu tive tempo de acessar - entre tantas outras que existem, minha imaginação e criatividade, acabaram por fornecer-me um material que formou a essência desta coletânea e que, pela sua diversidade, inspirou a estrutura e a composição nela inserida.

Ela tem o objetivo de exercer a análise de possibilidades, tanto hipotéticas quanto reais e, em certos momentos, basicamente especulativas ou imaginativas sobre alguns tópicos relativos ao amor. Existem livros detalhados sobre a maioria dos capítulos que, aqui, estou mencionando de maneira sintética. O propósito é, também, abordar o amor com uma visão ampla, no livro inteiro, e segmentado nos capítulos, tentando entendê-lo em seus vários níveis.

Mas, que é o amor? Quais são os seus componentes? Quantos tipos de amor conhecemos? Qual o tamanho desse elefante? Quem ama, perdoa? O quê? Quando? Quantas vezes? Uma mãe, quanto perdoa seu

filho? Existe amor sem confiança? Sem respeito? Sem liberdade? Sem amizade? Sem caridade? Existem tipos de amor? Ou são níveis de amor? Qual o nível de amor mais elevado que a gente pode imaginar? Etc.

São inúmeras as questões que podemos formular a respeito desse tema encantador.

Acredito que do mesmo modo que dividimos o corpo de uma forma didática em cabeça, tronco e membros podemos supor que o amor também tem vários segmentos: são os componentes do amor. Assim, algumas das questões que formulamos acima acabam tendo uma colocação de forma diferente: se não existe amor sem respeito, o respeito é uma das muitas partes do amor, o respeito ajuda a compor o amor. E assim, estendo essa idéia aos outros componentes...

Aqui vou comentar superficialmente uma posição extremamente discutível, mas também, neste momento, quero fixar minha posição sobre a relação amor-sexo: existem os autores que entendem o sexo como o todo e o amor como uma parte do sexo. Tenho a convicção, em meu entendimento, de que o amor é realmente “o elefante”; ele é o todo, é a verdade absoluta e, tudo o que se puder julgar como relacionado a ele, é apenas uma das partes.

Inicialmente imaginei representar o amor como um queijo onde cada componente seria uma fatia, posteriormente, acabei adotando a idéia de uma pirâmide com vários degraus onde conclui por situá-los, um a um, depois, seguiu-se a colocação das colunas que seguram a estrutura piramidal do amor. Uma coluna dessas rompida ou fissurada pode fazer desabar a construção toda e, na base, temos o alicerce, onde substituímos personalidade e caráter, por CISCAS: CIS – Componentes Inatos do Ser e CAS – Componentes Adquiridos do Ser. Dediquei um capítulo especial para esse assunto que é passível de ser encarado ou apreciado sob diversos ângulos e cujos pormenores serão discutidos mais à frente.

Com o que acabei de descrever formei uma figura representativa do amor e iremos percorrer as mais diversas reflexões imaginando-a como um templo: “O Templo do Amor”, vide fig. 1, pág. 25, então, estaremos analisando os itens, gradativamente, nessa figura.

A disposição dos elementos constantes no “Templo do Amor” não é estática, é dinâmica. Quero dizer com isso que depende de vários fatores como, por exemplo: fases do amor, tipo e nível de amor, etc.; os componentes mudam de endereço dentro da figura. Também entendo que ao analisar cada componente, como se fosse um degrau, posso imaginar uma linha pontilhada e perpendicular, separando para a direita e para a esquerda, a proporção desse componente entre ele e ela, por exemplo: sexualidade; digamos que um dos dois tenha um apetite voraz para esse item. A este se atribuiria uma porcentagem de setenta por cento do degrau restando trinta por cento para o outro parceiro. Isto ocorre com alguma frequência em todos os componentes do amor. Um dos amantes (aquele que ama) sempre terá maior capacidade de renúncia do que o outro. Um quase sempre ama mais e suporta mais que o outro, e assim sucessivamente...

Naturalmente, pretenderemos caminhar através de hipóteses e observações, fatos e propostas, conclusões parciais e/ou finais, relativas ou absolutas até o ponto mais distante que conseguirmos chegar, para alcançar a dimensão máxima do amor, dentro das nossas limitações, objetivos, prioridades e valores.

Não desejo provar nada para ninguém. Quero dividir as reflexões que, durante anos, freqüentaram meu espírito, do mesmo modo que um músico (seja exímio ou não) quer dividir a sua arte com o mundo e, também, aprender e entender mais sobre esse assunto porque acredito que não existe nenhum valor mais importante na vida do que o amor, ou melhor, não só isso, mas que tudo que conquistarmos na vida não tem significado algum sem o AMOR.

Também considero que textos, livros, apostilas, etc., compostos por seus autores, quando revisados pelos próprios, muitas vezes serão alterados, complementados, retificados e enriquecidos pela mesma pessoa que tem a linha de pensamento geradora da obra. Se for analisado, então, por outra pessoa, por certo, as modificações serão tais que talvez surja um outro livro.

Fiz os capítulos de cada componente do amor de tal modo que possam ser lidos na ordem que o leitor desejar, isto é, não é necessário

que sejam seqüenciais. Também peço que não se perturbem com algumas repetições na abordagem das diferentes divisões do livro porque desejo que, quem estiver acompanhando o raciocínio predominante, tenha a liberdade de consultar qualquer capítulo dos componentes a qualquer tempo e, além disso, existe uma imbricação significativa entre os vários componentes, queremos dizer que eles não são tão estanques que possam ser considerados isolados e auto-completados e, portanto, o mesmo comentário de um capítulo pode estar relacionado em outro.

Inseri frases que me parecem importantes entre os capítulos, com a finalidade de reforçar conceitos, provocar reflexões e apresentar pensamentos diversos elaborados durante os anos tantos em que sintetizei estas linhas e, que na maioria das vezes, não estão ligadas ao texto que acabou de ser lido.

Ao final deste trabalho resolvi acrescentar três capítulos que não são habituais neste tipo de literatura: “Tende A”, “Apêndice Filosófico” e “Apêndice Poético”.

O capítulo “Tende A”, recomendo que seja o último a ser lido. Ele se baseia na idéia matemática de um número tender ao infinito por um lado e tender a zero pelo outro. É um exercício simples que só tem seu valor depois de que cada componente foi lido e analisado pelo leitor.

O “Apêndice Filosófico” é uma coletânea de textos escritos por mim, em diferentes épocas da vida, que abordam temas variados com um significado especial e paralelo, inserido no espírito de cada pessoa que se dedica, ou quer se dedicar ao amor. Posso expressar essa colocação com elementos que interferem diretamente no relacionamento amoroso apesar de nem sempre serem considerados como componentes do amor, por exemplo: “Orgulho e Humildade”, “Sutileza”, etc.

O “Apêndice Poético” tem textos poético-românticos que descrevem situações geralmente ligadas ao amor ou à mulher, envolvendo coisas do tipo do sorriso de uma criança, da música, da natureza e da flor; além de alguns versos que geralmente não atendem às regras próprias das poesias (contagem de sílabas, etc.). Dentro desse capítulo, existem situações vivenciadas por mim em determinados momentos da minha

caminhada pela vida e, também, situações apenas imaginárias; por exemplo: os versos feitos para a Daniella se basearam única e exclusivamente numa foto sem nunca ter tido jamais qualquer tipo de contato direto ou indireto, físico ou virtual.

Esses dois últimos apêndices podem ser lidos a qualquer tempo, inclusive, caro leitor, se você sentir alguma dificuldade de entendimento dentro de capítulos mais longos, faça uma pausa e passeie por alguns desses textos, você vai gostar...

Apraza-me e congratulo-te por você ter adquirido este livro e ter tido acesso a estas linhas, desejo e acredito num bom proveito...

FRANCISCO ADUA ESPOSITO

CAPÍTULO UM

SOBRE O “TEMPLO DO AMOR”

Algumas vezes os símbolos podem nos ajudar de maneira especial a visualizar situações imaginárias.

A idéia inicial de um “queijo” cortado em várias fatias, que significariam os componentes do amor através dos tempos, foi modificando-se e passei a imaginar um templo com algumas colunas sustentando a pirâmide que tomou o lugar do “queijo”.

Na base temos três degraus que funcionam como um alicerce para a sustentação do templo. Os componentes do primeiro degrau que formam o “Eu Total” são realmente a base de tudo o que poderá ser construído com facilidade ou dificuldade no relacionamento amoroso. Todas as ações, escolhas, reações, retrações e etc. estão apoiadas nessa fundação.

Acredito que a idéia é feliz porque o amor, principalmente entre um homem e uma mulher, na verdade é uma construção e, na analogia, o alicerce é justamente o CIS - Componentes Inatos do Ser e o CAS - Componentes Adquiridos do Ser, formando o “Eu Total”.

O “Eu Total”, que mencionaremos com mais detalhe em outro capítulo envolve tudo o que pode ser incluído em um indivíduo tanto em sua parte material como imaterial: consciente, inconsciente, ego,

superego, tipo físico morfológico, “o propium” (vide pág. 223), etc.

Em relação à pirâmide e às colunas que a sustentam imaginamos uma situação dinâmica onde os componentes podem trocar de lugar dependendo dos rumos do relacionamento amoroso, de sua maturidade e de sua fase.

Assim é que a sexualidade ocuparia um degrau largo na base, no início do relacionamento, e esse mesmo componente, depois de cinquenta anos que o casal convive, ocuparia um degrau mais curto, perto do topo da pirâmide, abaixo do ideal comum, imaginando que ele e ela, neste exemplo, já amadureceram o suficiente para valorizar mais outros componentes, até mesmo por uma questão fisiológica.

O ideal comum forma uma pirâmide pequena acima de todos os outros componentes que jamais muda de lugar, qualquer que seja a fase ou a situação do relacionamento. Falaremos sobre este componente importantíssimo no capítulo próprio.

Distribuí nas colunas alguns componentes de maior peso no relacionamento, pois entendo que eles sustentam a pirâmide e uma dessas colunas trincadas ou destrocadas pode provocar o desmoronamento do templo todo. Por exemplo, o respeito e a confiança são dois dos componentes que estão sustentando a parte superior do templo; se ruírem, o “templo do amor” desaba: um amor em que duas pessoas não se respeitam e não confiam um no outro não pode ser designado nem de amor, nem de amizade...

Também podemos fantasiar as situações mais variadas em relação à mobilização dos componentes, no “templo do amor”, por exemplo: se colocarmos a sexualidade no lugar do respeito e passarmos o respeito para o degrau imediatamente inferior ao ideal comum, vamos fazer um exercício de imaginação que colocaria a pirâmide sustentada pelo sexo, entre outros componentes, e nesse mesmo caso, o respeito estaria ocupando um degrau pequeno, deformando e comprometendo a consistência do relacionamento. Qualquer exercício de imaginação na mudança dos componentes torna a visualização daquele estágio amoroso mais simples.

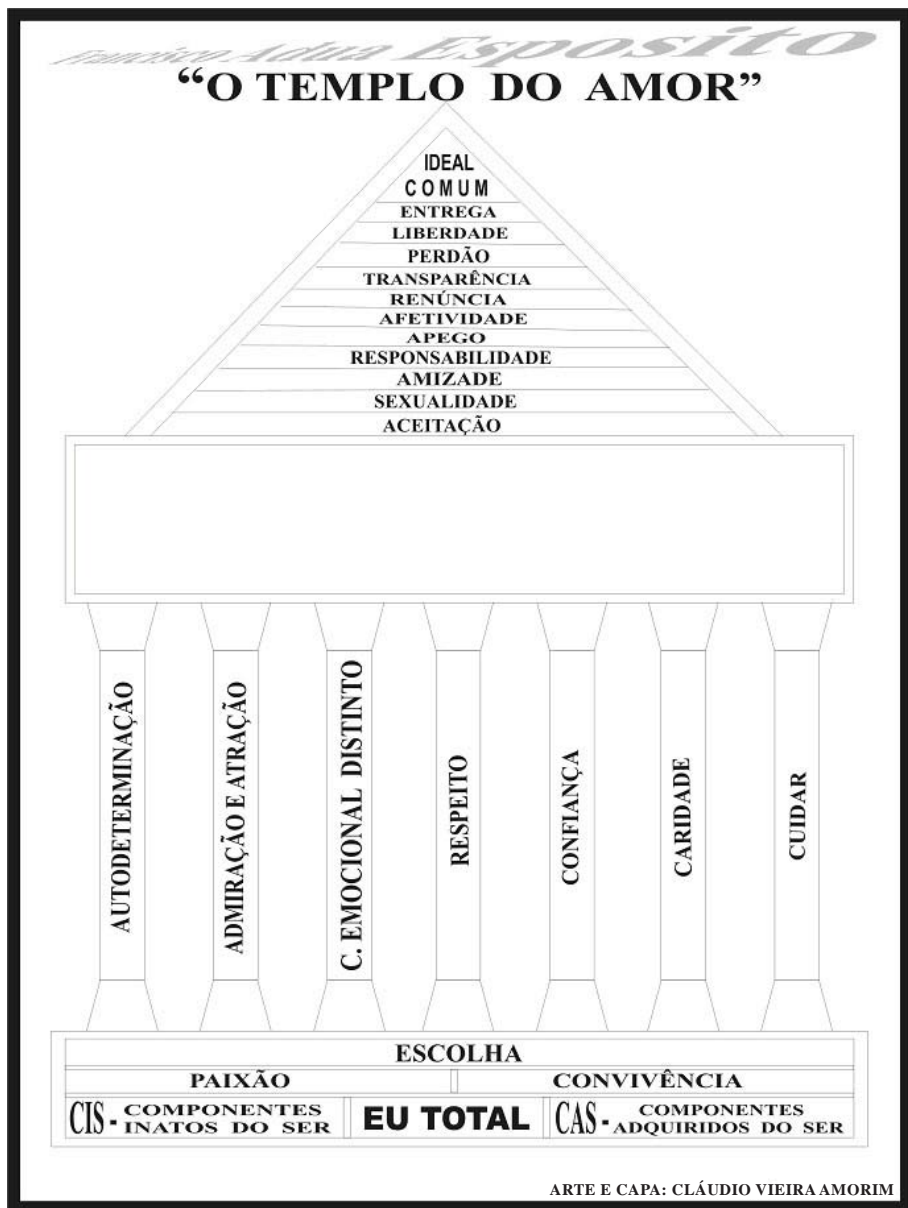


Figura 1

Escolhi, convencionalmente, os componentes que aí estão distribuídos. Poderia simplificar e diminuir o número desses componentes ou, pelo contrário, acrescentar outros mais. Considero que esses componentes contêm a essência do que pretendo discutir neste livro e que aí, no “Templo do Amor”, estão representados.



Amor é um estado de espírito formado por um complexo de sentimentos, valores nobres e puros, que tem por essência fluir o bem excelso em si ou direcionado à paz e à felicidade.



Amar é a disposição e postura afetiva, seguida ou não de ação correspondente, que tem sua essência no estado de espírito formado por um complexo de sentimentos, valores nobres e puros, visando fluir o bem excelso em si ou direcionado à paz e à felicidade do objetivo especificado.



Como que uma pessoa extrema e incrivelmente evoluída olharia para nós, nos mais variados graus de amadurecimento em que nós pudéssemos nos encontrar? Como os avós olham os netos? Então, o amor deve crescer da mesma forma: aumentando o nível de entendimento, tolerância e compreensão a quem se ama...



A principal qualidade de um ser humano virtuoso é conhecer suas fraquezas, seus defeitos e seus limites.



CAPÍTULO DOIS

CLASSIFICAÇÃO DOS COMPONENTES DO AMOR

A importância de realizar uma classificação dos componentes do amor está relacionada com a possibilidade de visualizarmos algumas características deles próprios e tentarmos imaginar um substrato para a sua aplicação, isto é, a aplicação de cada componente, seu entendimento e seu desenvolvimento nos diferentes tipos e níveis de amor.

É muito difícil pensar que conseguiria colocar algum componente do amor apenas em uma posição na classificação, porque na verdade eles são complexos e se entrelaçam nas suas funções. De qualquer modo, exercitar a diferente colocação deles nos compartimentos diversos, acredito, se mostrará produtivo.

Entre vários questionamentos que poderiam ser colocados neste capítulo, um deles seria este: o que, isto é, qual ou quais seriam os componentes que poderíamos dizer essenciais? Queremos dizer com isso que sem um determinado componente, poderíamos dizer não existir amor? Para chamarmos uma relação ou uma contemplação, de amor, há um mínimo de componentes?

Essa questão poderia fazer com que nós classificássemos os componentes do amor em apenas duas categorias: essenciais e prescindíveis. O raciocínio é este: algum dos componentes, isoladamente, caracterizariam algum tipo ou nível de amor? Quais os componentes que, mesmo sem a existência deles, podemos dizer que existe amor?

Proponho um exemplo de classificação com foco no amor entre pessoas, mas é patente que poderíamos criar inúmeros outros modos de distribuir os componentes do amor dependendo do escopo e dos valores que estariam, então, sendo considerados. A classificação abaixo, portanto, será mista, porque quando colocarmos o que entendemos como componentes essenciais, estaremos repetindo alguns dos componentes que já foram colocados em setores diferentes.

Vamos classificar os componentes do amor em :

- 1 - Componentes talantes;
- 2 - Emocionais;
- 3 - De propensão;
- 4 - De progressão;
- 5 - Circunstanciais;
- 6 - Prescindíveis;
- 7 - Essenciais.

1 - Componentes talantes

Você decide, por vontade própria, agir de acordo com um dos componentes abaixo e também, após deliberação, define a intensidade e a frequência dessas ações.

São eles: escolha, autodeterminação, o cuidar, renúncia, perdão, aceitação, liberdade (refiro-me aqui, nesta divisão, predominantemente, à parte do livre arbítrio), ideal comum.

2 - Componentes emocionais

Dependem muito mais do que nós sentimos (e esse sentimento vai levar às emoções). Num exemplo físico do que cada um sente podemos ter a percepção da profundidade do que é cada um sentir a coisa de forma diferente: numa sala onde trabalham dez pessoas com o ar-condicionado ligado, sempre, algumas estarão sentindo-se confortavelmente muito bem, outras estarão com frio e outras estarão com calor. Cada um sente o que sente. E sente o mesmo fato, a mesma coisa, diferente do outro.

Se uma pessoa está sentindo alegria, tristeza, ódio por fatos específicos ocorridos, é nítido e certo que uma outra pessoa, diante dos mesmos fatos, poderá ter sentimentos completamente diferentes e / ou intensidades diferentes.

Temos pouco poder de decisão sobre eles.

Vou citar, aqui, o componente emocional distinto - CED, a afetividade e a paixão.

3 - Componentes de propensão

Temos inclinação para esses componentes de forma natural e também não temos muita força de decisão sobre as suas aplicações.

Talvez até possa chamá-los de constitucionais porque fazem parte, em sua essência, do caráter da pessoa, do “CISCAS” (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser, desenvolvido em capítulo mais à frente), da sua constituição física, genética, antropológica...

Coloco, aqui, a admiração e atração, a sexualidade, a transparência e o apego.

4 - Componentes de progressão

São componentes que decidimos desenvolver ou não, isto é, fazer com que possam ser analisados, cultivados freqüente e progressivamente para que sejam aplicados em maior profundidade, intensidade e maturidade, com calor e vigor afetivo do fundo do coração.

Incluimos a responsabilidade, o respeito, a amizade e a caridade.

5 - Componentes circunstanciais

As circunstâncias, que não dependem exclusivamente da gente, fazem com que eles se desenvolvam ou se atrofiem, que levem a situações que produzam resultados favoráveis ou não.

São: convivência, confiança e liberdade (refiro-me a parte da liberdade

dentro da relação).

6 - Componentes prescindíveis

São componentes do amor que podem estar presentes em alguns níveis e tipos de amor, mas que em níveis mais elevados, além de não terem importância se existissem, diminuiriam a magnitude desse amor. Os exemplos serão os componentes não incluídos na classificação abaixo, mas uma colocação pode ajudar a clarear este conceito: níveis mais evoluídos de amor ignoram a sexualidade e pode-se citar, neste caso, o amor de mãe.

7 - Componentes essenciais

Incluo nesta categoria componentes que, acreditamos, sem um ou vários deles, não existir amor. Outra hipótese seria a situação em que a própria existência dele já determina um nível de amor. Para tentar clarear a idéia vamos nos questionar o seguinte: se eu tiver todos estes componentes que acabei de citar e não tiver confiança, eu tenho amor? Então, há componentes fundamentais que não podem estar ausentes.

Vamos colocar dois níveis:

- **Não existe amor sem:**

Admiração e atração (não é possível amar alguém pelo qual se sente desprezo e repulsa), respeito, o cuidar (entendido no mínimo como um desejo de diálogo), a renúncia, a transparência, a confiança, o perdão, a aceitação, a responsabilidade, a liberdade.

- **Por si próprios já contém amor:**

A amizade.

A Caridade - se entendemos que a caridade é um estado de espírito de amor ao próximo, gratuito, onde se deseja ajudar para levarmos o bem e a felicidade, ao próximo fica evidente que não existe caridade sem amor. No amor entre um homem e uma mulher, existindo a caridade entre eles, esse amor terá um desenvolvimento e uma maturidade maior.

Nos capítulos seguintes vou abordar cada componente do amor com alguma profundidade e fazer você perceber que, muitas vezes, teremos uma dificuldade imensa em falar de um componente isoladamente dentro do amor, porque, com frequência, eles caminham juntos e ao se entrelaçarem confundem os conceitos que nós tentamos visualizar e podem até criar situações contraditórias, o que a meu ver, não invalida o esforço de tentar olhar o amor como um todo, nas suas diferentes manifestações.

Perdoe-me repetir esta convicção: a complexidade ao tentar entendermos o amor é tão grande que se depreende disso a possibilidade de cada capítulo ser convertido em um livro e, até mesmo, alguns desses componentes, por si só, serem transformados em um tratado, além do “Tratado do Amor”, que espero se transformar em realidade um dia...



Os grandes heróis da humanidade têm uma característica em comum: dar o máximo de si até o último milésimo de segundo...



Não acreditamos nem em instituições, nem em doutrinas, nem em ideologias; acreditamos em pessoas; algumas...



Uma verdade não é transmitida de uma pessoa para outra. Ela é anunciada ou revelada... Cada um a alcança ou não...



— — —

Não importa se a derrota em uma batalha for iminente e se concretizar, se tu tiveres dado o máximo de ti, honestamente, com dignidade, mesmo perdendo, vencestes e terás tua recompensa.

— — —

— — —

Para aqueles que dizem que se deve conhecer de tudo, é preciso que se lembrem que há coisas na vida que não se deve experimentar: De repente vocês gostam... E aí complica...

— — —

— — —

Quem não está preparado para sofrer e perdoar, também não o está para amar.

— — —

Quanto te falta para ser feliz?

Se muito, é porque muito você quer e, portanto, você está longe de ter tudo.

Quanto menos se quer para nós próprios, mais próximos da felicidade estamos...

— — —

Justos! Lembrem-se que toda vez que o mal vencer uma batalha, mais perto está o bem de vencer a guerra...

— — —

CAPÍTULO TRÊS

SOBRE A PAIXÃO

Um sentimento forte, invasivo, imerso num clima irreal que domina grande parte das ações, aflora as emoções, fascina e embriaga ao mesmo tempo e torna a amplitude da visão restrita a objetivos preferidos e conscientes ou inconscientes, com valores distorcidos. Esta pode ser uma forma de ver a paixão.

Não podemos deixar de, ao estudarmos a paixão, supor que os “moldes” e os “scripts”, forjados na infância e na adolescência, não estejam, ao menos inconscientemente, atuando na mente da pessoa apaixonada.

Em outro capítulo abordo esses dois ingredientes, mas aqui vou, também, citá-los. Chamo de “molde” a figura imaginária, inconsciente, que se forma na mente de todos nós sobre o(a) eleito(a), o príncipe encantado salvador, a partir do qual, na paixão, teríamos um novo mundo, uma nova vida, onde tudo se “justificaria”. Essa figura se constrói, desde a infância, a partir de experiências presenciadas, captando dados para a “memória central”, de nosso “computador mental”, somando, incluindo, julgando e expurgando emoções positivas e negativas e sentimentos diversos em relação ao ambiente, naquelas diferentes idades, a partir do amor que tivemos percepção em nossos pais, vizinhos, amigos, parentes e meios de comunicação e informação: livros, rádio, cinema e vídeo, etc., e de nossas vivências amorosas ou afetivas, simplesmente.

Paralelamente ao “molde”, os amantes incluem, até mesmo, inconscientemente, o “script” de forma insidiosa, intercalada e inicialmente, amorfa. Vão, involuntariamente, escrevendo os passos e os destinos de suas futuras ações, previamente elaboradas, durante todas as experiências passadas, para serem sobrepostas ao objeto amoroso que tenha se encaixado nos “moldes”. É como ir para um relacionamento com um livro contendo uma história de amor já elaborada para “aplicar” no outro parceiro, onde cada um quer ditar como o outro deve agir, ao invés de se entregarem para esse relacionamento com um livro em branco nas mãos cujas páginas seriam escritas no dia-a-dia, pelos dois.

Vamos usar uma figura de comparação: é óbvio que o “script” dele não tem os mesmos “dentes de engrenagem” em determinados setores que os dela e, portanto, não ocorrerá de “as rodas girarem” de maneira uniforme na volta completa imaginando-se que na relação HM(homem-mulher) duas “engrenagens” se acoplariam. Mas, essa “falha de rotação” não será percebida durante a fase da paixão; apenas será valorizada quando começarem a notar um o defeito do outro, o que ocorrerá, certamente, em momentos diversos e de formas e intensidades diferentes. Nesta etapa, a paixão se transformará em amor ou simplesmente encerrará a relação.

Temos que observar que a paixão se instala de maneira abrupta ao identificarmos os “moldes”, mesmo que parcialmente, isto é, em alguns detalhes. É como um canal de frequência bipolar instalando-se entre dois corações sintonizados na mesma estação e afinando-se na mesma nota musical, como dois instrumentos sonoros, mas tocar a música toda é outra história.

Os afetados pela paixão têm dificuldade para dormir, para se concentrarem em outras atividades, para estarem afastados um do outro. Podem chegar até a apresentar sinais semelhantes aos de uma dependência orgânica, segundo teorias relacionadas ao tema denominadas como “bioquímica cerebral do amor”, onde endorfinas são produzidas pelo cérebro, no estímulo direto ou indireto (por exemplo: telefonema do ser amado, pensamentos...), tendo como resultado sensações prazerosas. A ruptura amorosa, nestas situações, causaria mal estar, reações orgânicas e desequilíbrios emocionais equivalentes a uma crise de abstinência a drogas.

A empatia bilateral que se instala inicialmente na paixão pode não durar muito. Ela pode ser muito intensa em um e não no outro. Se prende, às vezes, a fatores superficiais de uma atração física, de um charme próprio, de um clima propício, idealizações, de um ambiente favorável, fantasioso, imaginário ou de uma conversa atraente, etc., fatores esses que podem ser pouco consistentes para prolongar a relação ou não.

Mas, a paixão, que segundo alguns autores, talvez dure até quatro anos, não é de toda inútil, pois que pode significar uma semente de amor e até se transformar numa planta forte de raízes profundas gerando um amor verdadeiro e duradouro.

O amor ele - ela, ou HM, se inicia, com frequência, por um destes dois caminhos: paixão ou convivência. Acreditamos que em determinados momentos, desse tipo de amor que começa com a paixão, existam proporções ou porcentagens diferentes de paixão e amor verdadeiro. À medida que há o amadurecimento da relação o sentimento verdadeiro de amor se fortalece e os parceiros passam a respeitar os defeitos do outro, coisa que não acontece na fase potencial da paixão. Perceber os defeitos do outro e respeitar a sua individualidade são marcos que desencadeiam o amadurecimento do amor e determinam, em parte, o fim da paixão.

A paixão é cega e surda. Aplicar “script” mesmo sem consciência, oferece de si, desmedidamente, valores altos até mesmo sobre a própria vida, numa dimensão irreal, de fantasia, fascínio e encanto, e não consegue julgar os resultados e as respostas da relação de modo sequer mínimo, menos ainda racional. Tudo é emocional (ref. 2, pág. 50)

“para o enamorado, a amada possui uma presença que está em todas as partes e é constante. O mundo está embebido nela. A rigor, o que acontece é que o mundo não existe para o amante. A amada o desalojou e o substituiu.”(Ortega y Gasset)

Quantos já tanto não fizeram sofrer e sofreram, e até mesmo morreram inutilmente por um romance imaginário, por um amor que jamais existiu ou existirá a não ser na própria ilusão mental? Por um amor fictício nos embalos da paixão? Há, ainda, situações em que, por

exemplo, “Joana” nem sabe que ele está apaixonado por ela...

Quando intensamente apaixonados se portam, em momentos, como dois embriagados; abandonam o mundo verdadeiro e vivem dentro do castelo de ilusões, com sentimentos, sensações e emoções intensas, desprovidas de conteúdo, numa ladeira acentuada, numa carreira desenfreada, com um fim segmentado, previsível para o sombrio.

Alguns, à paixão se atiram para fugir de si próprios, dos pesos de suas carências, seus conflitos e frustrações, até mesmo para poderem lutar pela sua própria sobrevivência, para continuarem a ter um motivo propulsor.

Ouvimos eventualmente a frase seguinte: “eu a amava tanto que depois daquele fato meu amor se transformou todo em ódio”. A paixão pode se transformar em ódio, o amor, nunca. Se um sentimento se transformou em ódio, nunca foi amor verdadeiro. O amor verdadeiro chega até a admitir a separação de quem se ama em benefício dessa mesma pessoa amada. O amor verdadeiro chega até a pensar assim: “se ela não pode ser feliz comigo seja feliz de alguma forma”. A paixão, ao contrário, pensa assim: “se ela não for minha não será de mais ninguém”...

Precisamos lembrar que alguns fatores como a sensualidade e a sexualidade potenciam e mascaram de forma intensa muitos dos elementos da paixão, tornando a embriaguez mais nebulosa.

Mesmo tão perigosa, a paixão se transforma em amor com maior frequência do que se imagina. Lógico que o amor que começa com a convivência é mais consistente, no entanto, essas duas maneiras de começar o amor parecem atingir, talvez, 90% dos casos, apesar de que depende também da cultura e do meio. Existe em algumas culturas o casamento pré-determinado pelas famílias e que também se transformam, eventualmente, em amor (talvez, até, por uma convivência forçada e tardia).

CAPÍTULO QUATRO

SOBRE A CONVIVÊNCIA

Inicialmente vamos nos prender a um conceito de convivência ligado a um contato mais ou menos freqüente. Temos dois aspectos para comentá-la: a convivência antes ou no nascimento do amor e durante a união amorosa.

Quero lembrar que, preferencialmente, estamos falando do nível de amor entre um homem e uma mulher.

Em outro capítulo falou-se sobre a paixão. Julgo que, em essência, paixão e convivência são as principais formas nas quais o amor começa a tomar forma.

Masters e Jonhson (ref. 27, pág. 224 - 225) falam em uma prontidão para o amor e relacionam alguns itens:

- A procura por algo agradável e compensador;
- A aspiração intensa por dividir e compartilhar o seu interior;
- Buscar companhia;
- Desejo de desenvoltura sexual ligada a um sentimento ou não;
- Desejo de construir uma vinculação de amor.

Associam, ainda, que o processo amoroso pode ser deflagrado

pela prontidão para o amor, pelo “estar apaixonado”, pelo sair juntos, pelo estar fisicamente próximos e pela amizade.

Uma forma relativamente freqüente de começar um namoro, por exemplo, é a situação onde duas pessoas que têm, inicialmente admiração uma pela outra, começam a perceber que uma atração antes despercebida, se desenvolve. Com essa convivência vai se descobrindo, dia-a-dia, pontos favoráveis no outro e o sentimento vai ficando mais sólido, num crescendo.

Ela pode estar presente na infidelidade, porque algumas vezes esse tipo de relacionamento ganha um impulso notório quando um dos parceiros se encontra em crise no seu matrimônio, fazendo com que este se atire mais intensamente a essa nova esperança. Ele passa a olhar diferentemente essa moça. Antes, durante alguns anos, era apenas uma companheira de trabalho, agora, havendo correspondência, ela passa a ser a outra, a amante que, por vezes, ganha o lugar da titular.

Podemos enunciar que o ser humano tem uma capacidade incrível de amar. Ele pode amar uma, duas, trezentas e etc. pessoas. No entanto, amar a uma mulher (ou um homem), intensamente, significa não existir espaço para outra(o), isto se for, de fato, amor. Ele(a) pode amar duas mulheres(dois homens) ao mesmo tempo, mas a intensidade dá sempre um brilho especial, em seu coração, para uma(um) sobre a(o) outra(o). Essa situação ocorre também no sentimento dos pais para os filhos.

O amor procura a plenitude, diminuindo o espaço para cada nível de amor, isto é, buscando a plenitude, o amor dele por ela, não deseja que entrem outras mulheres nessa dimensão, mas ele pode amar muito o seu filho e também a comunidade, também em amplidão, uns mais e outros menos, mas intensamente.

Outras formas menos claras de convivência também podem ser mencionadas. *Piotr I. Tchaikovski* se apaixonou por uma mulher através de cartas que a mesma lhe enviava, casou e não deu certo, óbvio! Além de outros fatores.

Convivência representa, também, no nosso entender, um tipo de contato, ao menos, verbal.

Hoje encontramos esse fenômeno na Internet através de e-mail. E entre esses extremos, muitos casais vivenciaram diversas emoções e trocaram informações pelo telefone, por horas... Acreditamos que grande parte desses relacionamentos que se iniciam dessas fontes acabam sem êxito ou longevidade, porque a fantasia e a paixão os tornam "cegos".

Estamos identificando alguns fatores que participam da convivência. Então, falamos da disposição de procurar um amor e do contato que pode ser de corpo presente apenas, físico, direto ou à distância.

O que duas pessoas têm em comum, através de um contato diário e freqüente, faz com que elas progridam na intimidade e, se as condições forem favoráveis, a ponto de existir diálogo harmonioso e constante, através da reincidência de sensações prazerosas alternadas, até mesmo o cérebro acaba produzindo conexões associativas a esse estado agradável de convivência (ver capítulo "Sobre o Cérebro").

Seguem-se estímulos físicos que vão solidificando cada vez mais essa aproximação. Aumenta mais a intimidade, aflora a sexualidade e assim sucessivamente...

A convivência está diretamente ligada à disponibilidade, qualquer que seja o meio de contato e de comunicação, e isso interfere em qualquer nível de amor, não só entre o homem e a mulher; a convivência está ligada a repetição, que é um fator extremamente humano e necessário.

Apenas para fazer um paralelo desproporcional vou comentar que um pianista pode dizer que se ele ficar sem tocar piano uma semana, quando ele voltar a tocar, o seu vizinho vai perceber que alguma coisa não está fluindo bem. Se ele ficar três dias sem tocar, sua esposa sentirá alguma coisa inadequada, e se ele ficar um dia sem tocar perceberá que está abaixo de seu próprio nível. Fazemos bem aquilo que fazemos com freqüência. Essa é uma regra geral com raríssimas exceções.

Exercitar o amor, via de regra, é consequência de convivência, intimidade, disponibilidade, dedicação, doação e, de certo modo, da consciência da importância da repetição.

No casamento a convivência tem seu lado positivo e negativo. Enquanto antes do amor ela foi intercalada de momentos de contato ansioso e momentos, às vezes, profissionais apenas (quando os dois trabalham num mesmo ambiente) e, portanto, permitindo a opção de aproximação ou não, no matrimônio há muitos momentos de contatos obrigatórios, daqueles em que os dois estão em casa, sem afazeres profissionais, e têm de estarem frente a frente, com atividades diversas. Por um lado, esses instantes aumentam a intimidade (positivo) e por outro, aumentam os atritos (negativo), incrementam o nível de exposição e desgaste e, se o amor e o CISCAS (Componentes Inatos do Ser - Componentes Adquiridos do Ser) permitirem, após discórdia, transparência e “lavagem de roupa suja” (acertarem as diferenças), galgarão mais alguns degraus na evolução e no amadurecimento da união amorosa.

Há casais que escolhem por um distanciamento programado: ele reside em um apartamento num bairro e ela em outro. Eles se aproximam quando escolherem encontrarem-se, e dividem os momentos selecionados para opções limitadas naquele dia, geralmente momentos prazerosos.

O equilíbrio na vinculação amorosa pode ser encontrado em vários níveis; há vantagens em um relacionamento equilibrado sobre um desequilibrado: é inegável. Mas, reprimir o exercício de componentes nobres do amor apenas em benefício do equilíbrio, é um movimento de escolha que deve ser usado muito eventualmente e com extremo cuidado, as consequências podem ser desastrosas.

Qual é o nível de amor que existe entre duas pessoas que não tem maturidade para se suportarem com reverência, para dividirem bons e maus instantes, de necessitarem uma distância física para isso? O amor não pode ser uma relação que sobreviva de momentos agradáveis, apenas, não é?

Na verdade, o grande teste, é durante os momentos amargos e de dor que, inevitavelmente, fazem parte do amor.

Amar implícita união e não apartar-se. Em todos os momentos: para apoiar, ajudar e se entregar...

Desejar estar próximo de quem se ama, num nível mais elevado ou mais elevadíssimo de amor, significa estar mais preparado para o amor, significa menos egoísmo, representa a capacidade de fusão.

Quando a convivência atinge um limite maior a fusão também aumenta, desde que o sentimento seja verdadeiro.

A plenitude do amor tem relação íntima com a fusão, ciclicamente.

Se equilibrar a relação está dependendo da possibilidade de diminuir a convivência entre eles, por um período determinado e controlado de tempo, pode-se considerar uma opção adequada, pois se estaria dando um tempo para a acomodação de sentimentos e entendimentos diretamente ligados a uma auto-avaliação e reflexão sobre os fatos causadores de algum contratempo. Porém, se o que predomina é o comodismo e o egoísmo, então, com o tempo, essas pessoas vão colher o fruto de investirem no desamor...

Há “amigos” que sempre tiveram o desejo de conviver, mas por circunstâncias, tiveram alguns momentos de doação (convivência) entre os de comodismo (ausência). Não tiveram quase atritos nos momentos de relacionamento de corpos presentes ou por telefone, porque não houve tempo de contato suficiente para que os próprios defeitos aflorassem. Se isso tivesse ocorrido, teriam condições, talvez, de vencerem as possíveis discórdias e passariam verdadeiramente de “amigos” para amigos. Se eles têm valores nobres no CISCAS, eles têm condições de fazer esse amor, entre amigos, crescer.

Dentro da convivência podem-se aumentar os momentos de intimidade, que são situações únicas e exclusivas dele e dela, onde as trocas atingem maior profundidade desde que a doação, a entrega, a transparência, a confiança sejam colocadas com intensidades progressivas.

Através disso, os sentimentos transformados em emoções vivas, criam condições para que o nível do amor se eleve, fazendo com que a sintonia entre ele e ela possa atingir um patamar onde um, ao invés de olhar e escutar o outro, apenas sente o outro, e vice-versa. A percepção e a sensibilidade aumentam a ponto de, talvez, até, chegarem a conhecer não só os anseios do outro, mas também os pensamentos. E a fusão aumenta progressivamente.

Podemos considerar que a convivência, quando encarada com desejo de “estar junto”, é um dos componentes de altíssima importância no desenvolvimento do amor. É nosso entendimento que é próprio do amor “estar junto” cada vez mais...



Algumas pessoas tomam decisões erradas por motivos errados como se a soma de dois erros tornassem as coisas certas.



Na vida real, ao contrário dos jogos, perdendo, frequentemente se vence.



O mundo pode ser dividido em dois grupos: os que dominam e os que são dominados. Mas, são idiotas os que pensam que, necessariamente, os primeiros são vencedores.



CAPÍTULO CINCO

SOBRE A ESCOLHA

Antes de nos dedicarmos ao estudo desse componente, é interessante depreender que algumas vezes ele é exercitado tardiamente por força de circunstâncias que retroagiram na união do casal ou da opção pelo tipo de amor.

Dependendo da cultura e da época, encontramos no tempo e na história, pessoas que casaram por imposição familiar ou cultural ou que se dirigiram para um tipo de atividade que, por exemplo, os levaria ao amor-comunidade (seminaristas lá encaminhados por famílias carentes), sem consciência plena da opção, ou seja, inicialmente não houve a escolha.

Há fatos que determinaram casamentos por interesse, e não por sentimento, que pela honestidade dos seus parceiros, se transforma através dos anos, num genuíno amor HM (homem-mulher), quando ambos, no percurso em busca de um objetivo comum, se despidendo de vaidades e egoísmos, vão aumentando a doação, transformando numa determinada época, inconscientemente, o convívio em uma escolha, isto é, um ou os dois, resolvem abraçar verdadeiramente aquilo em que circunstancialmente foram envolvidos e que, então, através da convivência, chegaram à escolha.

O que pretendo destacar é que em alguma parte da convivência, do caminho, nesses casos, havendo a escolha, o amor pode nascer, crescer e amadurecer.

Óbvio, o ideal é que a escolha seja feita previamente: ele e ela se conhecem, se estudam, se avaliam, se confrontam e se escolhem.

É muito difícil definir como e quando ocorre a escolha e também é complicado apontar exatamente o que a envolve.

Acreditamos que ela é exercida por um “bloco de dados de memória”, de domínio setorial e territorial, predominantemente, de maneira inconsciente, com padrões e formas pré-concebidas, numa determinada idade, levando em conta exemplos vistos de perto, vivenciados como terceira pessoa, e/ou transmitidos através de conversas, comentários, críticas, leituras, filmes ou situações imaginadas. “É a mulher dos meus sonhos”, “minha alma gêmea”, “meu príncipe encantado”. Simplificando, acreditamos que cada pessoa, durante a infância e a adolescência, variável para cada ser, cultura, época, etc., constrói um “molde”, em sua mente, circunstancial e involuntário, de acordo com o CISCAS (Componentes Inatos do Ser - Componentes Adquiridos do Ser) como uma figura pré-desenhada, principalmente para o amor HM (homem-mulher), que será aplicado a cada relacionamento.

Esse “bloco de dados de memória” e o CISCAS envolve, entre outras tantas coisas, tipo físico, preferências, habilidades, modelos de temperamentos, diferentes personalidades, hábitos, charmes, manhas e até desafios. Por exemplo: um determinado gênero masculino deseja a mulher irreverente, a mulher fatal pelo desafio da conquista, ou uma mulher tem tendência para se aproximar de um homem tímido e retraído que, por experiência anterior, lhe agradou pela facilidade de domínio, etc.

Creio que tudo se passa como se fosse um número de sapato, por exemplo: ele calça sapatos de número 40, jamais se dará bem com um modelo 39 (para baixo), ou 41 (para cima); um irá machucar e o outro ficará solto no pé. Mas, entre os modelos 40, vários poderão satisfazer-lhe. Um determinado modelo com o salto mais baixo, com o bico de tal modo, de tal cor e com tal forro, etc., poderá lhe ser melhor, lhe causar conforto maior, etc. Nenhum modelo será absolutamente completo (chance mínima em face das combinações e variáveis possíveis), mas um será melhor nisto e pior naquilo, sempre. Eis porque acreditamos que esta frase: “ele é o amor de minha vida, se não for ele, não serei feliz”, é falsa.

Entre cinco namoradas que “João” teve e amou, verdadeiramente, cada uma era um “modelo de sapato” e, juntando as qualidades das cinco, ele ainda não estaria satisfeito; se bem que ele, também, não é perfeito... Cada uma era especial em alguma coisa: uma mais carinhosa, outra mais dedicada, outra mais inteligente, outra mais divertida, etc.

Então, quando ele “procura e acha” uma namorada, põe o “molde”, inconscientemente, em uso. Vai preferir uma loira, com certa altura, com tal tipo de instrução, com certo tipo de personalidade e caráter, colocando nessa busca valores incrustados no “molde” desde a infância, sabatinando a pretendida, aplicando uma escolha, até o ponto de dizer: “é esta, e eu a quero!”

É comum esta frase estar redigida de outro modo: “parece que é esta; talvez eu a queira”... Então calça o sapato, dá uns passos e, às vezes, o rejeita.

As chances de o relacionamento dar certo são maiores se for o número 40 e, praticamente nulas, se não. À medida que o tempo vai transcorrendo ele próprio, paulatinamente, responde aos quesitos. Óbvio que os dois vão passando pelos processos acima, mesmo que em diferentes fases, isto é, um está decidido e outro está decidindo, por exemplo.

É imensa a quantidade de fatores que influenciam a formação do “molde” porque sofremos a influência da genética, do meio e do estágio evolutivo que nos encontrávamos quando nos deparamos com cada fator a ser delineado, e toda essa incrível carga vai interferir incisivamente no processo da escolha.

Se a escolha não for definida por um dos parceiros depois de certo tempo, talvez, o parceiro que não a definiu, não tenha apresentado o mesmo tipo de envolvimento e, também, não tenha investido adequadamente na relação. É evidente que é raro o casal que tem a escolha, tanto dele como dela, definida simultaneamente, um a define num momento e outro em outra época. Por vezes, apesar do sim duplo aplicado no casamento, no íntimo essa escolha não é completa ou até está mal avaliada ou mal dimensionada por um ou pelos dois parceiros, podendo gerar um processo de anulação gradual dos componentes da reação no dia-a-dia.

Essa avaliação errada pode ocorrer porque, digamos, ele realizou a escolha num momento de sua vida onde se apresentava inseguro e ela, apesar de não se encaixar bem no “molde”, circunstancialmente, lhe dava segurança (“muleta”) para enfrentar aquele momento, causando o erro na avaliação, ou ele é rico e ela finge encaixar-se no “molde” com interesse escuso, ou ele é o “molde” dela, mas ela não é o “molde” dele, então, ela se “despersonaliza” tentando apresentar as qualidades que consegue identificar com o intuito de agradá-lo, conquistá-lo e não perdê-lo.

São muitas as possibilidades, e os erros vão ter reflexos no relacionamento.

O diálogo transparente e honesto por parte dos dois é o único instrumento que, de fato, pode dar consistência para a escolha ou permitir que um dos dois ou ambos identifiquem as falhas na avaliação do outro gerando uma escolha inadequada e dar a cada um a oportunidade de optar por um caminho em separado. Este é um dos motivos pelo qual imaginamos que cerca de três anos, com uma convivência adequada e, de certo modo, buscando alguma racionalidade, são necessários para o período de namoro e noivado antes do casamento.

Seria fantástico se a escolha fosse exercida com consciência para as duas partes no amor HM, e para isso é necessário além de diálogo, tempo. O tempo citado acima é algo que pode ser estabelecido quase como um mínimo; é preciso vencer o período de paixão, de descoberta do outro, do gosto de novidade. É fundamental avaliar e reavaliar os quesitos de escolha que foram considerados desde o início do relacionamento. Quando isso não acontece existe o risco de se beirar à irresponsabilidade, porque, a meu ver, partir para um casamento após conhecer uma pessoa há seis meses, engravidar e ter filho em seguida, há uma provável separação a caminho, ou casa... separa, casa... separa... Demonstra, no mínimo, um despreparo para o verdadeiro amor.

A escolha está presente em outros níveis de amor: no amor materno, seria maravilhoso se em vez de apenas uma satisfação íntima (curiosidade pela maternidade, instinto materno, relação e status social, âncora para o relacionamento HM, etc.), houvesse uma auto-análise sobre o peso do egoísmo ou “egocentrismo” da mãe, antes de praticar a escolha: “quero ser mãe”.

Cada tipo de amor pode ter um tempo e uma maneira de exercer a escolha, que é uma etapa que deve, se possível, ser conscientizada por ocasião da caminhada.

Nenhum degrau deve ser pulado. A escolha é um deles. Após ser “abraçada”, ela se incorpora ao ser e vai dar um outro dimensionamento à relação e ao desenvolvimento do amor, permitindo que cada etapa seja mais bem conduzida e preparada, através do envolvimento, para ter um direcionamento maior, tanto em intensidade como em profundidade, de momento a momento.

CAPÍTULO SEIS

SOBRE A ADMIRAÇÃO E A ATRAÇÃO

É fácil entender a razão pela qual estes dois componentes são um pilar de sustentação do templo do amor. Basta para isso, imaginar seus antagonistas: desprezo e repulsa. Quem não sente admiração e atração pela pessoa com quem convive, começa, inicialmente, a desprezá-la, mesmo que inconscientemente, tornando-a indiferente, inócua e insossa; posteriormente começa a sentir um desprezo mais profundo, a criticá-la indiretamente e, pouco depois, diretamente, com isso aprofundando o desrespeito e, numa fase mais avançada, a repulsa.

Não há nada mais automático: quem não sente admiração e atração sente desprezo e repulsa ou, no mínimo, indiferença, que é uma forma dolorosa de desprezo.

Vamos chamar de admiração o componente do amor que provoca um desejo de aproximação, buscando-se aprender ou usufruir uma habilidade ou qualidade existente, na pessoa alvo (amada ou a ser amada), que não se tem ou que se julga fundamental para o convívio.

Assim, admira-se uma pessoa porque ela é tanto quanto mais paciente que nós; porque ela é simpática, agradável, atenciosa; porque ela é, em sua profissão, competente, dedicada e eficiente; porque ela é irreverente, corajosa e desprendida; porque, enfim, ela tem para cada qualidade ou habilidade algo idêntico a nós, que consideramos

fundamental, ou algo que não possuímos e nos fascina para o convívio.

Com raciocínio análogo entendemos a atração: componente do amor que provoca um desejo de aproximação, buscando algo semelhante à fusão ou à intimidade em um fluxo uni ou bilateral (trocas), aumentando o prazer, a alegria e a felicidade.

Assim, nos sentimos atraídos por alguém quando ele(a) é bonito(a); quando é inteligente; quando irradia vida, paz, bondade, etc.

Continuando essa linha de pensamento percebemos que a admiração e a atração se confundem desde o ponto em que começa a provocar o desejo de aproximação até o objetivo da busca, contudo queremos imaginar uma atração do tipo de um ímã atraindo o ferro, que por uma força que nos atinge, somos compelidos à união. Óbvio que um tipo de qualidade e habilidade de uma pessoa aproxima e conquista, por admiração e atração, pessoas afins, se não no todo, pelo menos em parte, como o ímã ao ferro.

Mas, há pessoas “de alumínio”, “de cobre”, etc., que vão se sentir atraídos ou não por outras qualidades e outras habilidades.

Incluímos ou tentamos incluir na admiração e na atração razões diversas, sejam orgânicas ou intelectuais, físicas ou mentais, do corpo ou da alma.

É lógico, ainda, supor-se que admiramos e nos sentimos atraídos por partes do ser que não nos obrigam necessariamente ao todo, mas às secções escolhidas, às vezes, são de importância capital para cada um de nós, com predominância de valor sobre o global.

Dentro do que foi dito, para umas mulheres, o fato de ele ser um homem bondoso e atencioso pode ser de maior peso sobre outros valores.

O fato de ela ser loira de olhos claros e bonita de corpo, para alguns, terá maior valor do que sua inteligência...

Cada indivíduo valorizará qualidades e habilidades de acordo com sua estrutura interna, com sua criação, educação, experiência, etc., levando-se em conta a “bagagem” adquirida em seu crescimento, amadurecimento e o CISCAS (Componentes Inatos do Ser - Componentes Adquiridos do Ser).

Quando cresce e se sedimenta a atração e a admiração?

Vamos, em primeiro lugar, dividir qualidades e habilidades, de forma bem simplificada, em dois grandes grupos:

- As que enobrecem o ser por si só: humildade, caridade, perseverança, servidão, bondade, boa vontade, dedicação, paciência, iniciativa, etc.
- As que engrandecem o ser pela visão da sociedade: profissional fora de série, ousadia e coragem aliados ao bom-senso nas decisões de negócios, lideranças, “status” cultural e sócio econômico...

Em segundo lugar vamos relembrar que, de acordo com o CISCAS de cada um, teremos a atração e a admiração por certas qualidades e habilidades que outras pessoas podem não valorizar. Vamos raciocinar em cima de um exemplo já citado em outro capítulo: irreverência na mulher. Alguns homens têm atração pela mulher irreverente, dona de si, pois sentem um certo tipo de desafio, instintivo, inconsciente: será que consigo domá-la? Outros homens, pela mesma mulher, se sentirão desestimulados, pois terão um outro pensamento: ela é egoísta, autoritária, independente. Outros, ainda, se sentirão como que desprezados pela mulher irreverente.

Então, a admiração e a atração crescem à medida que essas qualidades e habilidades específicas, que nos aproximaram, são conhecidas e sedimentadas com o tempo, são vividas e percorridas em seus sub-itens, na intimidade do ser, nas situações de rotina do dia-a-dia e nas condições adversas e críticas dos momentos de exceção.

Crescem quando admiramos alguém que não se deixa vencer pelo cansaço do corpo e em busca de um objetivo; crescem quando a responsabilidade e a dedicação as fazem superar a dor da injustiça e da

mágoa por uma ingratidão; crescem, enfim, quando o magnetismo da pessoa, em relação a uma determinada qualidade ou habilidade, aumenta a propulsão da aproximação em busca de uma intimidade unificante e somativa, isto é, acrescentadora.

Que fatores ajudam a destruir a admiração e a atração? Por que uma pessoa deixa de admirar ou sentir-se atraída por uma outra?

Podemos visualizar algumas razões: uma possibilidade é a pessoa deixar de exercitar uma determinada qualidade, por exemplo: ele a conquistou pela paciência e perseverança, e ela o admira principalmente por isso. Nessa união essa é a locomotiva que puxa os vagões; se ele deixar de ser paciente e perseverante com ela, simplesmente a relação pode não caminhar mais, o trem estaciona e ambos podem escolher caminhos diferentes. Talvez essas “qualidades” dele foram forjadas para a conquista e não fizessem parte de sua essência.

Outro exemplo é ela sentir-se explorada pelo egoísmo dele, fazendo com que ela se bloqueie para uma maior aproximação, então, neste caso, mesmo ela achando que ele tem um corpo atraente, não se sente compelida a tocá-lo, afastando-se e, até mesmo, fugindo de situações que poderiam favorecer qualquer contato.

Uma terceira possibilidade prevê uma situação fantasiosa: ela imaginou uma qualidade ou habilidade que com o dia-a-dia mostrou-se inexistente.

Uma quarta possibilidade admite um objetivo consciente ou inconsciente nela, fazendo com que ela “pague um preço” por esse desejo no início, isto é, algo entre as manias dele como se quisesse agradá-lo, até atingir esse objetivo, depois, então, ela mostra que essa qualidade dela, que estimularia a admiração e a atração nele, era falsa, e constroem um muro entre eles, iniciando um distanciamento.

Talvez pudéssemos ser mais precisos quando falamos na admiração e atração, então classificaríamos a admiração como um componente mais contemplativo e que pede qualidades e habilidades em torno de nós para nosso júbilo, e a atração como componente portador de habilidades e

qualidades que podem ser tocadas e usufruídas substancialmente caminhando para a fusão.

Não vemos necessidade de nos aprofundarmos, neste capítulo, em fatores paralelos, por isso, não nos importamos muito em especificar as diferenças entre qualidades e habilidades. Poderíamos analisar esses dois itens desta forma: as primeiras como parte do ser, nas suas atitudes; e as últimas como capacidades produtivas executadas de alguma forma (por exemplo: manualmente). Ambas podem ter sido aperfeiçoadas no amadurecimento do ser, mas nos interessa, primordialmente, neste momento, destacar que admiração e atração são componentes que devem, também, ser trabalhados, discutidos, desenvolvidos e conscientizados na construção do amor.



A gente luta pelo que a gente acredita. Quando a gente acredita em coisas erradas, como é que fica?






Somos tolerantes, capazes de nos perdoar, de aceitar nossas diferenças?






O grande dilema da inteligência agraciada é que ela consegue questionar mais do que equacionar; depois disso, sem retidão na sua base espiritual, enlouquece.











Quem ama jamais quer apartar-se: quer unir-se cada vez mais. Quem ama evita magoar, quer fazer feliz a quem ama. Quem ama quer dar-se, proteger, envolver, carregar...






Lutar pelo que se quer, cuidar do que se tem: é bom que caminhem juntos...






Um dos segredos da vida não é obter o que se quer, e sim continuar a querer depois de ter obtido.



Toda descompostura é como um alimento pouco digerível. As reprimendas têm que ser sedimentadas na delicadeza e na afabilidade porque a ira, a rispidez e a amargura, se forem aplicadas, apenas darão vazão às paixões, vaidades e orgulhos.



Não se deixe seduzir pela vaidade do saber. Antes, pratique a consciência da própria ignorância para precaver-se da soberba.



CAPÍTULO SETE

SOBRE A AUTODETERMINAÇÃO

Este é um componente que tem considerações interessantes e, às vezes, extremadas a serem discutidas. A definição é intrínseca: nós nos determinamos a cumprir um caminho em direção a um objetivo por um tempo determinado ou não, até um certo limite ou, até, sem limite.

Quando imaginamos o amor HM (homem – mulher), somos obrigados a admitir que, apesar de forças das mais variadas, sentimentais e estruturais, duas pessoas vivem juntas porque se determinaram a isso, ou se separam por que uma ou ambas se determinaram a interromper a caminhada conjunta.

Vejam o casamento: “até que a morte os separe” e o desquite/divórcio.

Vejam, também, Romeu e Julieta, determinados a se unirem ou morrerem em busca dessa união. Isto não é apenas um conto de fadas, ocorre também na vida real. Quantos de nós já não presenciamos fatos semelhantes, dramáticos, românticos, às vezes, até, quase inacreditáveis?

Quantos exemplos de amor entre ele e ela se interromperam por autodeterminação, por motivos raciais, sociais e econômicos? Quantas princesas deixaram de construir um amor com seus plebeus porque eram plebeus, ou quantos “nipônicos” também não repudiaram a união com

outras culturas? E, assim, todos nós podemos relacionar uma quantidade incrível de casos com base nessas variáveis agora descritas.

Os exemplos são fartos. Nossos antepassados abrigaram avós que não se separaram, apesar da total incompatibilidade de gênios, em benefício de uma ordem cultural a favor dos filhos. O que os obrigou a isso? Um preconceito, uma razão sócio-cultural? Sim, mas, acima disso, uma autodeterminação. Por um motivo qualquer, mesmo que externo, essas pessoas internamente, se determinaram a seguir um caminho específico. “Ah”, dirão outros, “foi falta de coragem para enfrentar um sistema social”; ainda assim houve uma determinação que os “auto-obrigou” a cumprir uma trajetória por eles, talvez, não escolhida, mas certamente decidida.

Duas pessoas só permanecem unidas através da autodeterminação de cada um, pois que, qualquer que seja o motivo para uni-los ou separá-los, cumprirão ou não o que determinarem até que mudem de idéia ou até a morte.

Nem todos têm maturidade para tomar uma decisão e mantê-la inabalavelmente até o fim. Não é tão fácil, o caminho é longo.

Óbvio que este não é um componente lógico, aliás, o homem é o único animal que mesmo sabendo que um caminho específico, que ele está percorrendo, o levará a um objetivo esperado e desejado, mesmo com risco altíssimo, é capaz de trilhá-lo até o fim: “meu caminho é este, e vou percorrê-lo até o fim”. Ele vai até o fim e morre. Ele não queria morrer, mas decidiu por aquele caminho, e pronto!

O mecanismo de ação desse componente envolve um valor equivalente ao “dever”. Referimo-nos ao cumprimento de regras morais, virtuais, sociais, familiares ou assemelhadas que, a partir de um estímulo externo, faz com que o indivíduo sobrepuje a vontade própria de escolher o “lado direito” (o lado eleito) e se determine a seguir pelo “lado esquerdo” (o lado rejeitado internamente). São os valores de cada um que vão definir os rumos a serem escolhidos. Vamos imaginar um exemplo extremamente simples (freqüente no passado): ele conhece uma moça e desenvolve um amor verdadeiro por ela através do tempo. Um dia, ela lhe confia

que ela não é virgem, dependendo de seus valores ele poderá ignorar e continuar o relacionamento ou, mesmo amando-a, acabar tudo por autodeterminação. Porque seus valores morais imaginam que ela não é digna dele uma vez que “já foi de outro, ilicitamente”. Hoje, isso ocorre mais raramente porque o momento cultural está com valores diferentes.

Experimente colocar uma placa na sua frente com os seguintes dizeres: “não serei feliz no amor”. É esse o caminho que alguns dos nossos antepassados percorreram por autodeterminação, muitas vezes nos casamentos acertados entre as famílias no nascimento das crianças.

É em decorrência desse peso, desse poder de decisão, que este é um pilar de sustentação do amor. Esse mesmo pilar é capaz de suportar as ações de indivíduos que lutam até a morte, sofrendo todo tipo de injúrias, injustiças e, até, torturas por acreditarem em um objetivo (que pode ser verdadeiro ou não), por vezes, de idealismo radical, político, econômico, social, ou por amor.

Até nos esportes encontramos exemplos heróicos e encantadores desse componente do ser. Então, um indivíduo entra em campo “autodeterminado” a vencer um jogo e dá de si todas as energias, com todo o envolvimento, motivação, dedicação e entrega possível, superando-se, em busca da vitória.

Bem, já conseguimos ver a força desse componente que não segue lógica alguma e pode mobilizar a vontade do ser até limites extremos, consumindo suas energias em detrimento de sua felicidade e saúde, mas devemos lembrar que ele é essencial para o amadurecimento do amor, para que a construção do templo do amor siga rígida e, inclusive, para que se reconstruam secções quebradas pelas vicissitudes da vida.

É a autodeterminação que permitiu àquele casal de velhinhos, que citei no começo do livro, a andar de mãos dadas na praia, depois de tantos anos de casamento. É a autodeterminação que fez com que eles vencessem as crises conjugais, econômicas, individuais, circunstanciais, existenciais, sexuais e, eventualmente, até extraconjugais. Eles foram para “vencer o jogo”, para dar certo, até o fim: “até que a morte os separe...”

O amor ele-ela ou HM é muito frágil, sujeito a uma infinidade de acidentes e intempéries que só pode transpassar o tempo através de uma autodeterminação disciplinada e “auto-imposta”, isto é, escolher a condição de querer o objetivo autodeterminado.

Não é porque ama hoje que será eterno; poderá não amar hoje e amar amanhã; poderá amar hoje, não amar amanhã e voltar a amar depois, enfim, todas as combinações são possíveis e, o sentimento de amor, por si só, na maioria das vezes, não será suficiente para manter a relação, condição que será assegurada, de fato, pela autodeterminação. Haverá alguém que não se decepcione com o parceiro em algum momento da vida? Se a pessoa se prender aos momentos negativos da relação, é obvio que a tendência será o distanciamento. Também é por isso que acreditamos que a decisão de um homem e uma mulher viverem juntos deve ser submetida a um amadurecimento de cerca de três anos antes de se consolidar, e não pode ser uma decisão imatura e impulsiva, como se vê com certa frequência.

Nada que venha de fora para dentro tem, no amor, a mesma força, pelo mesmo espaço de tempo, do que o que vem de dentro para fora do ser. A energia do que vem do cérebro para as ações é um impulso maciço e consistente que quando ocorre é difícil não vingar. A autodeterminação vem de dentro para fora mesmo que o motivo desencadeante seja externo. Ela significa a vontade vigorosa, crível e resoluta de seguir pelo caminho selecionado.

— • — — • — — • —

Não faça nada, propositadamente, que possa magoar alguém, nunca.

— • — — • — — • —

As sementes que contém o amor sempre germinam árvores que frutificam muito mais amor.

CAPÍTULO OITO

SOBRE O COMPONENTE EMOCIONAL DISTINTO

Aqui nos deparamos com um componente do amor HM (homem – mulher), mãe-filho, amiga-amigo, etc., que, em diversas graduações, classifica de forma sentimental e íntima, a comunicação entre essas pessoas que se amam e produzem uma emoção distinta, seletiva, diferenciada, específica e, de certo modo, complexa para ser descrita, mas facilmente identificada nas entranhas.

Componente Emocional Distinto (CED) entendo ser o componente do amor que diferencia sentimental e emocionalmente a pessoa amada, naquela graduação contatada, das demais pessoas da face da terra. É consequência de um sentimento forte e abrangente que faz com que tenhamos uma percepção especial por determinada pessoa.

Muitos acreditam que este sentimento é o amor, mas na verdade, o amor é muitíssimo mais complexo ainda do que este sentir.

Vamos exemplificar para tentar transmitir mais claramente este conceito: imaginemos que estamos no serviço e um funcionário qualquer nos telefona e solicita informações. Qual é o sentimento que predomina, qual a emoção? Nenhuma. Poucos instantes após, nos telefona a pessoa amada: “oi, querido! Como está? Você quer alguma coisa?”. Qual o sentimento, qual é a emoção? É distinta. Sentimos como que uma batida diferente no coração. Qualquer que seja o nível de amor que esteja sendo

contatado. Assim, em graduações diferentes, se manifesta, através de uma emoção de graduação própria, um sentimento também próprio, àquele relacionamento, seja mãe-filho, amigo-amigo, homem-mulher, etc. Um amor manifesto nessa emoção, nessa alegria das sensações auditivas (e outras), assimiladas e trocadas.

O CED pode ser estimulado por uma carta esperada, uma flor ganha, uma gentileza ofertada e, até mesmo, uma preocupação em uma visita hospitalar ou outra situação qualquer ligada a alguém que ocupa um espaço especial, de alguma forma de amor, em nosso coração.

Não temos o mesmo sentimento e conseqüentemente a mesma emoção por qualquer pessoa.

Em momentos de dor ou de alegria e, até, em momentos de rotina, o coração, como sentimento, divide e se solidariza em uma profundidade imbricada como que penetrando na intimidade da alma: é o reflexo da excitação e da estimulação de um componente do um amor pleno; é o segmento vibrando dentro do todo, isto é, o C.E.D. é a parte (uma fatia do bolo entre tantas fatias) e o amor é o todo (o bolo inteiro).

Talvez pudéssemos imaginar um painel computadorizado que, no amor, acende um ou mais “leds” (lampadinhas) específicos para cada componente do amor: um “led” para a sexualidade, outro para o perdão, outro para o respeito, outro para o cuidar, etc. e, ao mesmo tempo, algumas vezes, para o CED. Queremos dizer que, por exemplo, o CED e o cuidar estão com seus respectivos “leds” acesos simultaneamente e, assim, sucessivamente... Também podemos imaginar, como no exemplo acima, “leds” para o amor de mãe, para o de amigo e etc., que irão se acender a cada estimulação correspondente.

Por mais prazerosa que seja uma relação sexual, com a “mulher-fêmea” mais perfeita, carinhosa, experiente, dedicada e libidinosa do mundo, não se pode comparar com uma relação de amor com a amada (que, neste caso, terá então o “led” do CED “aceso”). Em uma situação será só carne, em outra será corpo e alma incluindo também vários sentimentos específicos, com suas respectivas emoções, compondo o amor.

Parece-nos que o CED é um componente existente em vários tipos de amor que, como já destacamos anteriormente, é mais fácil de sentir do que de compreender. Entendê-lo em consciência plena é, um exercício até certo ponto, complexo, no entanto, senti-lo no fundo da alma nos parece ser comum e simples.

É importante observar que ele, via de regra, só existe e é relativo às pessoas que amamos, só está presente quando, solidariamente, se divide com amor e com pessoas especiais (pai, mãe, filhos, amada, amado, amigo, amiga...), o próprio interior. Quando não se faz por obrigação, seja de uma condição social, de uma profissão, de um dever, de um instinto ou qualquer outro motivo, mas por amor, com alma limpa, querendo dar o máximo de si, integralmente, para que, até mesmo, num ato simples como o de oferecer um cigarro, um cinzeiro ou um cafezinho, seja feito com amor, com um fluxo de energia de quem quer o bem, de quem quer difundir o bem e fazer feliz a quem ama.

Vamos entender que o CED é uma emoção do amor, ou seja, é a manifestação do sentimento. Emoção é um produto resultante da manifestação de um sentimento, na minha maneira de ver. Por exemplo: “quando ele morreu, ela chorou”. A dor foi o sentimento pela morte e as lágrimas foram o produto do sentimento, foram a manifestação detectável visualmente, representam a emoção.

Nem sempre, porém, temos uma emoção tão perceptível, uma vez que muitas vezes a dissimulamos. Um jogador de pôquer passa por muitas emoções durante o jogo que, aliás, o anima a jogar muitas vezes, mas ele dissimula suas emoções, evita um olhar de espanto, um riso de vitória ou euforia, um “fácies” (expressões do rosto) derrotista, mas nem por isso consegue impedir um aumento das batidas do coração num momento mais tenso (produto do que sente, ou seja, a emoção).

O CED é um motor propulsor que vai buscar energias extras em situações críticas como se fosse um herói em uma batalha terrível, só que, aqui, por amor, e não por idealismo ou outra motivação. Podemos entender por que realizaríamos um esforço extraordinário por alguém, se este mesmo alguém não representa algo muito especial? Não é por alguém que não amamos que jogamos corpo e alma, não é por qualquer

um, em condições normais.

O que uma mãe não faz por seu filho?

O CED pode atingir dimensões doentias em alguns casos, principalmente na paixão, mas mesmo neste caso, se houver dedicação e bom senso, ele voltará para um limiar de normalidade e ajudará a transformar essa paixão em amor.

O CED no amor HM não se instala porque nós determinamos, ele surge baseado no CISCAS (Componentes Inatos de Ser – Componentes adquiridos do Ser), nasce na estrutura de um ser somado à maturidade e a um “molde” pré-fabricado, desde a infância até parte da adolescência, ancorado em experiências anteriores modeladoras, atingindo, então, a juventude e, até, a velhice.

Como envolve sentimento nós não criamos o CED apenas por que desejamos, por exemplo: vou sentir amor por aquela mulher só porque determinei. Não! Não é assim! Do mesmo modo que a dor ou o frio, não sinto porque quero, mas surgiu independentemente de minha vontade. Assim é o CED.

Quando se fala em fusão amorosa, quando o amor HM atinge este estágio, é lógico supor-se que um sente o outro física e espiritualmente; um sentindo-se no outro, um só ao mesmo tempo em que se é dois. Aqui o CED sofre um com o outro e no outro; alegra-se um com o outro e no outro, compartilham solidária, profunda e intimamente suas vivências, quer positivas, quer negativas. É através desse sentir o outro, num estágio evoluído do amor, que ambos passam a ser síncronos; cada um sabe (sente) o que o outro está fazendo porque estão “sintonizados”, mesmo distantes, a ponto de, por exemplo, ele ir esperá-la em um local não combinado, mas possível, encontrando-a quase cronologicamente.

Até aqui parece que o CED não surge para pessoas estranhas, desconhecidas. Mas, a verdade é que o CED é um componente do amor e temos vários níveis de amor. Nosso coração tem uma capacidade imensa de amar. Depende de quão amadurecido ele está, de quão aberto ele está

para amar e, portanto, de quão “endurecido” ele está para não amar. Digamos que o indivíduo com o coração “duro” não se expõe a frustrações, tem medo de sofrer golpes que possam magoá-lo e, por isso, não perdoa a si próprio ou aos outros, não é paciente, não é tolerante, não divide seu interior e se torna frio e fechado. Na condição inversa, um coração aberto, uma alma muito aberta ao amor, manifesta tudo ou quase tudo para quase todos, mesmo sendo estranhos ou até mesmo inimigos, mesmo que inimigos potenciais. Nesta situação, imaginamos o amor de pessoas que, honesta e sinceramente, dedicam sua vida ao bem, ao próximo, à caridade. Agora diríamos, paradoxalmente, que o CED, no amor ao próximo e à comunidade, “acende” uma incrível quantidade de “leds”, em praticamente todos os contatos, quase sem diferença de graduação.

Esse nível de amor é uma capacidade de pessoas especiais e desprendidas, dedicadas intensamente a ajudar todas as pessoas ao redor. Neste caso, deveríamos imaginar a palavra “distinto” tão ampla que seria comum: “Componente Emocional Comum”.

Vamos imaginar um exemplo para pessoas de desenvolvimento amoroso médio, no nosso meio, quando o CED se manifesta levemente para estranhos: imaginemos uma pessoa num lago se afogando, gritando por socorro, nossa primeira reação será a de lançar-lhe uma corda para salvá-la, e estaremos tendo uma emoção semelhante àquela que teríamos com a pessoa amada na mesma situação (claro, com diferença de intensidade). Salvar uma pessoa estranha seria um ato de caridade, um ato de amor ao próximo. Se salvarmos a vida de uma criança e a entregarmos pessoalmente à sua mãe evidentemente nos emocionaremos emergidos nos fatores e valores de um momento desse porte (a mãe da criança chorando, a vida da criança ressurgindo e o amor e a emoção da mãe transbordando...). Se fosse a amada seria um ato de amor HM com intensidade mais profunda. São níveis de amor diferentes. Um envolve mais compaixão e humanismo, outro envolve, além disso, um sentimento mais distinto.

Podemos, a esta altura da análise, entender que é mais lógico encararmos o componente emocional do amor como distinto, com pessoas que dividimos mais a intimidade de nossa alma, ou comum, à medida que amamos mais o mundo (de pessoas).

— — —

Não são os que parecem ter perdido que foram os derrotados, mas sim os que parecem ter vencido, por não terem respeitado a lei do amor ao próximo.

— — —

— — —

Você está preparado para amar?

— — —

— — —

As pessoas sofrem e fazem sofrer por causa de dificuldades no entendimento das coisas, dos fatos e da linguagem, do orgulho, do ódio, do sentimento de vingança e indiferença, da dificuldade de perdoar e se abrir para a reconstrução de um relacionamento...

— — —

— — —

Ao que parece, todos são muito inteligentes para isto e pouco para aquilo...

— — —

— — —

Todos têm algo a aprender com todos.

— — —

CAPÍTULO NOVE

SOBRE O RESPEITO

Respeito, no amor, pode ser definido como o cuidado que temos em preservar o direito, a dignidade, a liberdade, a individualidade, e os sentimentos do ser amado. Respeitar é valorizar com consideração.

Agredir, desprezar, magoar e submeter são exemplos de desrespeito.

Não ampliar a compreensão para admitir que uma pessoa sente situações de modo diferente que nós, que sua vontade não é idêntica à nossa, que a estrutura de seu intelecto percebe o mundo, ao seu redor, de forma diferenciada da nossa, é permitir que o respeito à pessoa amada seja golpeado.

Muitos dos componentes do amor são fundamentais na construção do templo do amor, mas esse componente tem uma importância extrema porque, quando afetado substancialmente, pode criar um estado de incompatibilidade tal que a convivência venha a se tornar inviável. Assim, agressões físicas ou morais podem causar mágoas tão profundas na alma da pessoa ferida, desenvolvendo por conseqüência a repulsa, a dificuldade para o perdão e o pavor, a ponto de forçar a separação ou pelo menos engatilhá-la.

Abalar e rachar esse componente é como trincar um pilar de vidro no “templo do amor”, bonito e nobre, porém frágil e de difícil conserto.

Respeitar é valorizar a pessoa amada nas mínimas coisas, nos mínimos gestos; naquele cafezinho oferecido; no cavalheirismo de permitir uma preferência ao adentrar em uma porta; na condição física de um descanso, de um dormir prolongado; no interesse real em ouvir o relato de um fato; na compreensão de um desabafo explodido; na solidariedade de um choro sentido, de uma raiva incontida, de um silêncio ou isolamento ansiado. É entender que a pessoa amada não é um ser perfeito, tem direito a errar e ter defeitos e, também, de ter momentos críticos que exponham a própria fragilidade sem significar, necessariamente, desprezo, desdém ou desapego.

Não se pode imaginar que qualquer desgasto ou arranhão na relação expresse desamor.

Do que falei acima podemos perceber que alguns subitens do respeito são iguais a tentáculos que se comunicam com outros componentes do amor como: confiança, transparência, afetividade, etc., de modo que a honestidade, fidelidade e a sinceridade mantêm uma interseção com o respeito, assim como outros componentes entre si. No entanto, em cada componente temos divisões que apresentam valores próprios de cada um sem contato com os outros e valores comuns com comunicações intrínsecas e extrínsecas na interseção entre eles.

Posso afirmar que da definição apresentada acima (certamente pode-se imaginar outras tantas) um componente próximo do respeito é o cuidar e, quando falhamos nele, começamos o desrespeito. Quando não nos preocupamos em não magoar damos um passo errado, e durante a briga no amor ele-ela ou HM, muita coisa que precisa ser falada, pode ser transmitida com o cuidado de se ferir o mínimo possível ao outro, se o amor for verdadeiro. Se houver na intimidade da alma, no fundo do coração, uma falsidade arquivada ou uma desonestidade escondida, pode ocorrer de vir à tona em circunstâncias especiais, uma sucessão de emoções aflorando sentimentos contidos, noites mal dormidas, condições físicas desgastadas ou hormonais levando à depressão, etc.

O diálogo honesto, freqüente, sincero e delicado é fundamental e deve ser aplicado a cada momento que algum valor da relação sofra qualquer abalo, seja lá qual for o componente afetado. Um erro comum é deixar para depois e ir “empurrando com a barriga...”, posteriormente, o acúmulo de pontos conflitantes “em espera” (“standby”), acaba tornando o retorno à normalidade mais e mais dificultoso, aí, depois de anos, as mágoas enraizadas, acabam aflorando e, por vezes, até levando à separação.

Vamos exercitar reflexões sobre uma situação crônica que envolve o desrespeito: João tem cinquenta e oito anos, um filho do primeiro casamento. Ela tem trinta e oito anos, dois filhos do primeiro casamento. Estão juntos há quinze anos. Ele está quase impotente sexualmente, tem um amor pelos filhos dela como se fossem dele. João é rico. Ela há dois anos se apaixonou por um amigo deles, o “Zé”; transformam-se em amantes e começam a ter relações depois de certo tempo na própria casa do marido, em sua ausência.

Um dia, João descobre tudo, reúne a todos e desmascara a farsa. Ela, sentindo-se desvalorizada na frente dos filhos, ataca: “agüentei você por quinze anos, um velho que não me satisfaz e vocês, meus filhos, não podem me desprezar porque foi assim que eu vos dei faculdade, uma casa com piscina, etc....”

A partir desse dia ela vai viver com o Zé em outra casa e João deserda a todos.

O desespero dela de ter vivido quinze anos de bonança e luxo, com falsidade, faz com que siga degradando-se, expondo suas presas e submetendo-se a toda uma sorte de atos indignos tais como: chantagens, ameaças, ofensas, etc.

Vamos analisar alguma coisa do ocorrido: não sabemos se no começo houve amor de fato. Na situação relatada não se vê resquício de amor, nem de amizade, apenas, tem-se a sensação de que ela lhe sugou o que pôde. Vamos supor que houvesse respeito na relação entre ela e João, apenas como sócios, num empreendimento que tinha por objetivo algumas trocas: companheirismo, dinheiro, criação dos filhos, sexo, etc.,

então, em primeiro lugar ela respeitaria o local, não se encontraria, nem teria relações sexuais com o Zé na casa do João, tentaria ser discreta para não magoá-lo; em segundo lugar teria que ser honesta: “João, amo o José e quero viver com ele”. Vamos supor que ela desejasse fazer isso e, enquanto ensaiava esse passo, João descobriu e chegou naquele momento onde reuniu todos e desmascara a farsa. Se houvesse um pouquinho só de respeito ela diria algo parecido com isto: “João, desculpe, eu sei que errei, mas amo o José e não queria te magoar, agora só me resta seguir outro caminho, espero que você encontre a felicidade em outra relação”. Mas, como não havia respeito, já há muitos anos, muitas coisas falsas ficaram guardados no fundo do coração e extravasar uma delas, naquele momento, quando, como num vômito, tudo passa através da via emocional, é a reação automática de pessoas que agem como foi descrito acima e são, também, orgulhosas. Vamos supor que um dia houve amor entre ela e João e, com o tempo, foi-se desgastando, eles não cuidaram da plantinha e ela morreu...

O amor é como uma plantinha que precisa ser regada pela água dele e pela água dela. Digamos, pela água “azul” e pela água “rosa”. Se apenas um rega a plantinha, ela morre. Vamos repetir essa historinha em outros capítulos porque nos parece algo bem significativo!

Por covardia, por comodismo, pelo luxo e pelo dinheiro do João, ela não teve coragem de ser transparente e honesta. O João também tem sua parcela de responsabilidade, não importa se um é mais errado que o outro. O João, certamente, foi omissor, há algum tempo, engoliu certos lances de desrespeito que deixou passar: “ah! Isso não tem importância”, “não importa que ela está atrasando constantemente, eu confio nela”, “ela não precisa me dizer aonde vai”; não foi vigilante. Não podemos esquecer que não somos perfeitos e que estamos sujeitos, todos nós, a cometer erros e desviar-nos de caminhos anteriormente desejados. Qualquer mulher pode amar o João hoje e o José no futuro. O amor dela não é tão consistente que seja indestrutível por si só. É preciso que seja visto como uma construção, a dois, dia-a-dia, minuto a minuto; que existam outros componentes atuantes como, por exemplo, a autodeterminação, e etc.

Ao mínimo ato ou palavra de desrespeito o desrespeitado deve interceder, se não no exato momento - eventualmente em circunstâncias impróprias - assim que for possível: “você lembra que estávamos naquele jantar, ontem à noite, juntos com Nelson e a Maria, e você disse que eu sou boba em proceder de tal e tal jeito, no trabalho? Quero saber se você tinha algum motivo especial para colocar aquilo, naquele momento e, não particularmente, entre nós, apenas, como agora eu estou fazendo, sem me ofender na frente de nossos amigos?”. Isto não em tom de revide, mas, sim, buscando entender primeiro, para depois, eventualmente, criticar (criticar antes de entender: aliás, esta é uma tendência geral nas pessoas; exceto os mais amadurecidos e mais sábios).

Qualquer deslize tem que ser cobrado, tem que ser carinhosamente discutido, não pode haver omissão. Se o trem ameaça descarrilar, isso tem que ser impedido, antes que ocorra, ao mínimo balanço. Colocar o trem novamente nos trilhos é mais complexo e, às vezes, quase impossível.

Além disso, devemos nos perguntar, com freqüência, sobre a evolução da relação: “se continuarmos com essas atitudes para onde irá esta maneira de tratarmos um ao outro?”.

E, sobre as causas do desrespeito?

Basicamente, podemos dizer que a mais leve é proveniente da desatenção, não é proposital e não tem a intenção de magoar ou desprezar, mas reflete a falta de preocupação com o outro. Duas das mais graves são procedentes do desprezo e da repulsa que pode se instalar por culpa do próprio desprezado, de fato, ou por má fé de quem despreza, quando um objetivo vil é almejado, ultrapassando a dignidade do ser. Seres impulsivos, orgulhosos e levianos (que julgam, procedem ou falam irrefletidamente) formam um grupo que apresentam defeitos graves, capazes de alcançar o desrespeito com facilidade.

Temos que considerar, também, a fragilidade do ser, que em situações onde a emoção domina a efetivação dos atos, o racional pode encontrar-se ausente, e que, apesar desses fatores, servirem apenas como atenuantes e não como justificativas, faz-se necessário o treino pessoal e a consciência do que aqui foi exposto, para evitar que o descontrole possa

se instalar e a conversação ultrapasse o limite do respeito.

Para criaturas com pouca maturidade intelectual para o colóquio, sobre assuntos críticos para si próprias, que alteram a sua estabilidade emocional com facilidade, é recomendável que se contenha a explosão, postergando o “combate”, para que se dê tempo à metamorfose do confronto para o diálogo (contar de um a dez ou mais: cem, mil...).

Podemos acrescentar, ainda, a responsabilidade como virtude-satélite no exercício do respeito. Há, em qualquer relacionamento, embutido, no mínimo, um compromisso semelhante a um contrato; um pacto onde, dependendo do investimento que cada um fez na relação, se espera um retorno. Como neste exemplo: “esqueci que tinha combinado isso com você e por isso não fui te buscar ontem à noite”. É uma situação de irresponsabilidade e desrespeito. Ela ficou esperando, esquecida, preocupada, desamparada, sem notícias. Passou por momentos que não precisaria ter passado.

A irresponsabilidade no relacionamento gera desinteresse pelo mesmo, desvalorizando, e portanto, gerando mágoa e desrespeito.

Certa vez, um casal de idosos, comemorando seus 70 anos de casamento, em entrevista a um jornal, relatou a chave do sucesso: compreensão, paciência, paciência, mais paciência, e muito, muito respeito. Tentar entender o lado do parceiro, se colocar no lugar dele, é uma forma de chegar mais perto da compreensão e acaba por dar um tempo para a paciência entrar e ficar. E, seja bem vinda!

Com responsabilidade, compreensão e paciência, entre outros, fica mais fácil fazer crescer o respeito.

CAPÍTULO DEZ

SOBRE A CONFIANÇA

Podemos dizer que confiar é acreditar que a decisão sobre uma escolha, entre os pensamentos e as ações, recairá sobre um objetivo definido para cada situação específica, envolvendo qualidades e habilidades para tal fim.

Para eu efetivar uma determinada ação eu tenho que confiar em mim, saber que eu tenho, por experiências anteriores ou por conhecimentos parciais adquiridos, capacidade e potencial, para repetir uma ação já executada anteriormente ou, com a soma de conhecimentos, realizar essa ação pela primeira vez.

Vou pular um metro de distância, preciso em primeiro lugar estar em condições de confiar em mim, em segundo lugar saber que se eu já pulei essa mesma distância antes, pela experiência, acreditar que posso fazê-lo novamente. Se nunca pulei antes, saber que, se minhas pernas, em movimento próprio, são capazes de atingir, digamos, um metro na direção horizontal e que, na vertical, consigo pular 80 cm de altura ou mais, então, tenho conhecimento que a composição desses movimentos, provavelmente, me permitirão atingir o objetivo definido (pular um metro).

Confiar em si próprio ou em alguém tem muita semelhança, mas sempre envolve uma expectativa em relação a um objetivo definido. É

através dessa expectativa que existe uma interseção com a transparência. Se a pessoa amada me permite, por transparência, conhecer o seu interior, eu posso saber que a sua escolha entre várias possibilidades irá recair sobre a do objeto definido esperado.

Aliada à confiança, está a esperança que pode ser subentendida na própria definição (“...acreditar que... recairá...”) que apresentei. Aliás, este binômio: confiança-esperança é uma verdadeira “locomotiva” de incomensurável poder propulsor (motivacional) e criador que carrega consigo o caminho para a felicidade, a paz e o amor, para quem as pratica e para os outros.

Eu confio no meu companheiro de trabalho, acredito (expectativa) que posso deixar minha carteira com dinheiro para ele tomar conta, que não serei roubado, que haverá zelo (objetivo definido).

Podemos notar, neste exemplo, que essa confiança será maior se essa experiência já tiver ocorrido várias vezes, mas se for a primeira vez, eu irei apenas me basear no que sei sobre ele: nunca roubou, sempre me ajudou quando pedi, é íntegro, respeitador dos direitos do próximo, etc.

Ainda há a circunstância, talvez ele, que sempre guardou minha carteira e nunca me roubou, não seja tão honesto, e um dia, porque ele está com dívidas (e nunca esteve antes), chegue a ponto de me roubar. Então, por que uma pessoa que sempre agiu de um modo, em circunstâncias especiais (desespero) age de outro modo, surpreendentemente?! Só conseguiríamos prever essas surpresas se ele fosse transparente.

“Ele morreu, mas não vendeu sua alma, lutou até o fim”, esta frase traduz um tipo de CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos Ser). “Ela vendeu seu corpo para não passar fome”. Esta frase reflete outro tipo de CISCAS e a importância dada aos valores: ele manteve a honra e a dignidade pagando o preço com a vida, e ela não. É importante fazermos um comentário sobre este exemplo, mas sem muita profundidade, para não sairmos do tema: não temos a intenção sequer de depreciar, menos ainda julgar a moça ou o herói, apenas transmitir a postura e as escolhas feitas, porque culpar alguém ,

digamos, é em outro “departamento”. Estamos apenas relatando os fatos: ele fez um “depósito” eterno na “caderneta de poupança” da confiança. Ela deixou uma dúvida permanente, sobre a confiança, aos seus entes mais próximos. Ele morreu; ela está viva: são valores incrivelmente fortes e extremados.

Podemos dizer que a confiança cresce com a repetição dos fatos, com a experiência do dia-a-dia, com o tempo, com a transparência envolvendo o CISCAS e com os valores que um indivíduo tem, pratica e demonstra.

Na verdade, não se confia em alguém por um ato de vontade, mas sim porque essa confiança vem sendo conquistada com todos os itens mencionados acima. E confiança se conquista como territórios ocupados em vários segmentos do ser, desvendados, desnudados e explorados no dia-a-dia; “ela nunca mentiu para mim”, é um território. “Ela sempre se preocupou em cuidar daquele objeto que eu estimo”, é outro território. “Ela sempre soube fugir de situações embaraçosas ou comprometedoras”; “ele costuma evitar habilmente situações ardilosas”; “ele costuma demonstrar com clareza os seus valores”; “eu sei que ela não faria isto e aquilo porque não seria próprio (dos objetivos) dela”, etc.

Não existe amor sem confiança. Quanto maior o amor entre um homem e uma mulher maior a confiança e vice-versa. E, também em outros níveis de amor. Não é possível amar sem confiar, pois há no amor uma entrega, e ninguém irá se entregar a alguém que não confia.

Quem já sofreu a dor de uma confiança traída tem escudos visando sua própria defesa e por consequência limitando o entregar-se. Entregar-se, nesta situação, para o amor, passa a ser algo mais difícil, mais lento e mais cauteloso. Algumas pessoas chegam a situações extremas onde voltar a amar passa a ser quase impossível e, por vezes, passam até a hostilizar, quase como num ato de vingança, outros pretendentes.

A confiança gera, no amor, a paz e não a angústia, gera a alegria e não a tristeza, gera a compreensão e não a discórdia, estimula o investimento e a doação ao relacionamento podendo bloquear o egoísmo.

“Não confio mais em você” é uma condição que reflete falta de esperança nesse relacionamento e desestímulo ao investimento: porque irei continuar tirando pedras do seu caminho se depois você irá dar valor a quem te ofereceu outro caminho? Sem confiar, a tendência é terminar o relacionamento, dependendo do “território” comprometido. Sim, porque pode ser setorial, periférico ou central. “Você é maravilhosa, mas não sabe gastar o dinheiro que eu lhe dou”. “Confio em você em outros assuntos, mas não quanto a este” (um território específico).

Imaginemos que cada vínculo de confiança, que é estabelecido, equivale a um nó dado entre um pedaço de fio de cobre dele com um pedaço de um fio dela. É interessante observar que quando a confiança é quebrada tudo se passa como um nó que foi desatado em um vínculo de comunicação efetiva através daquele fio (como se houvessem vários fios: um para cada território): sobram duas pontas, agora separadas, com um fluxo “elétrico” de comunicação interrompida e não há apenas uma queda no fluxo, mas uma interrupção, de fato: uma solução de continuidade. Agora, para se restabelecer o fluxo, são necessários todos os movimentos que foram sendo feitos através do tempo para se fazer o nó que existia antes (e que foi desfeito), sendo que, a esse trabalho todo, se soma ainda a dificuldade da dúvida: “será que vale a pena investir novamente em quem me traiu?”.

A confiança pode “derrubar” um pilar ou uma parede na construção do amor, dependendo da rigidez de julgamento que a pessoa traída utiliza nos seus valores. À medida que a confiança cresce tudo se passa como se um tijolo de cada vez fosse acrescentado, ou a essa parede ou a esse pilar, em direção à construção do “templo do amor”. No entanto, quando a confiança se quebra, cai o pilar todo ou a parede toda, ou seja, a confiança é construída tijolo por tijolo, passo a passo e, quando ela é quebrada, caem todos os tijolos de uma só vez. Podemos ainda dizer que uma pessoa que tem dificuldade para perdoar considerará a traição como um pilar que desabou e que fez o prédio todo ruir. Uma pessoa que tem facilidade para perdoar considerará que apenas uma parede da casa caiu e que se pode reconstruir o que desabou. Quando a confiança é abalada ela cai a zero naquele território, porém, levantando dúvidas nesse e em outros territórios. Se houver interesse ela poderá ser reconstruída, mas tem-se sempre que recomeçar do zero, cada vez, tijolo por tijolo. É possível

e envolve o perdão. Por isso, é que quem mais ama, mais perdoa.

Determinados atos que quebram a confiança acabam interferindo diretamente em outros componentes do amor e tem várias implicações. Imaginemos esta situação: duas pessoas que se amam e trocam juras de amor, também apaixonadas, saindo hoje, passam um dia juntos, vão à praia, ao parque de diversões, brincam como crianças e consomem seu amor nos pensamentos, olhares, gestos, atos e se completam até sexualmente. Amanhã, ele, levianamente, por um motivo qualquer, vai por duas horas, para a cama com outra mulher. Depois desse prazo abandona esta última para respeitar o encontro com a primeira. A encontra e, traindo-se por não ser bom mentiroso, deixa escapar o ocorrido.

Não foi só confiança que foi destruída. Se ama uma, não ama a outra, com uma delas cometeu um ato sem valor. Se saciou-se sexualmente e afetivamente com a primeira, por que buscou a segunda? Se não saciou-se com a primeira, deveria ter colocado, sinceramente, isto. Tudo o que foi dito e trocado parecerão mentiras! Como ficará a cabeça da primeira imaginando que tudo o que foi dito um dia antes para ela, também deve ter sido dito no dia seguinte para a outra? “Te amo, te quero, você é maravilhosa. Quer isto? Quer aquilo?...” Parecerá que ele é um artista capaz de representar o papel de um amante ideal, que diz só o que elas querem ouvir, nos momentos certos, dedicado e competente, como uma máquina de fabricar situações especiais.

Assim, em situações diversas, a confiança quebrada pode arrastar com ela outras desconfiâncias em relação a outros componentes do amor e conflitar sinceridade e confiança com falsidade, sexualidade, afetividade, entrega, doação, etc.

Felicidade é um estado de espírito coincidente com estado de amor e paz na alma.

Quanto menos se quer, mais próximo de ter tudo se está.

O verdadeiro valor do homem está na caridade que ele pratica, e não como ele se mostra ou o que ostenta.

Um dos principais segredos da vida é saber que entregá-la é de fato ganhá-la.

A música, flores, o sorriso das crianças, a natureza, as paisagens, atitudes cheias de afeto: adornos que circundam o amor.

Quando estamos em boa companhia sentimos a alma leve.

CAPÍTULO ONZE

SOBRE A TRANSPARÊNCIA

Vamos tentar criar um significado comum para a transparência: digamos que é o componente do amor que, com variedade de grau, permite exposição dos sentimentos, das emoções, do coração, dos valores e das razões da mente desde o íntimo do próprio ser.

No pensamento inverso, a pessoa que tem pouca transparência esconde quase tudo que pensa e seus porquês, bem como o que sente.

É muito difícil conhecermos uns aos outros na intimidade. Com frequência ficamos chocados com atitudes inesperadas: “nunca imaginei que fulana pudesse ter feito isso, tem certeza?” Porém, a verdade é que nós não nos conhecemos o suficiente; nossa imagem peculiar, via de regra, não corresponde ao que, de fato, somos, isto é, no nosso mundo interno projetamos uma idéia de nós que não é exatamente a verdadeira, geralmente está ampliada em nossa imaginação e, no mundo externo, projetamos outra: a real. Portanto, se temos dificuldades para visualizar e ter percepção plena de nossa imagem verdadeira, mais ainda teremos para conhecer a realidade de outra pessoa.

Escondemos nossos defeitos e fugimos da verdade por medo de expor nossas misérias e nossas fragilidades, por um lado e, por outro, escondemos com a intenção deliberada de nos defendermos. Entregar a nossa fraqueza, nosso tendão de Aquiles, ao inimigo ou a uma pessoa

que hoje está do nosso lado e amanhã poderá estar contra nós, pode significar uma dor muito grande com muitas perdas, às vezes irreparáveis.

Imaginemos que nossa civilização tenha alcançado um grau de desenvolvimento mental tal que nossa comunicação se faça por “sondagem telepática” de tal modo que, ao conversarmos, “penetramos” no interior do outro e o “sentimos”. O grau de intimidade geraria cada vez mais intimidade até que, dentro do amor, entre um homem e uma mulher, os dois saberiam sempre o que esperar um do outro, pois, conhecendo-se mutuamente, em sua própria essência, seriam praticamente e efetivamente um, de tão uníssonos.

Voltando à realidade. Quantas vezes encontramos casais que depois de vinte a trinta anos de convívio não se conhecem? Vamos raciocinar um pouco em cima de um exemplo: “aquela senhora de quase sessenta anos só esperou que seu filho caçula, de dezoito anos, se casasse para separar-se subitamente do marido, dispensando qualquer ajuda, assumindo um emprego para seu sustento e surpreendendo seus familiares”; ou este: “de repente, depois de catorze anos de casamento, ela lhe atirou na cara uma saraivada de acusações, umas verdadeiras, outras falsas, como nunca fizera antes, que o deixou atônito e estupefato”.

Por diversos motivos, as mulheres dos exemplos acima, no dia-a-dia, não foram transparentes, fecharam-se em seu interior; uma escondeu uma decisão de vários anos e a outra deixou escapar, circunstancialmente, o que estava contido no seu íntimo. Ambas falharam com a esperança (“Ah! Não adianta!”), e isto é uma das piores coisas que se pode fazer contra o amor, fechando o diálogo, talvez, há muito tempo. Uma vez encerrada a conversação, outros componentes do amor também começam a se degradar. Podemos dizer que a transparência é um grau elevado, íntimo e exposto de honestidade e sinceridade. É muito difícil o entendimento da natureza humana e a imensa gama de possibilidades dos nossos atos e das nossas decisões, torna intrincado o conhecimento do outro a ponto de tornar frágil a ligação entre um homem e uma mulher, principalmente, quando um espera mais do que deveria esperar do outro.

Não vamos esquecer do CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser) que faz com cada um sinta, entenda e

aja de forma totalmente diferente em relação ao outro diante de uma mesma situação.

Quando o amor está em um bom nível de transparência, confiança, respeito, harmonia e associado a outros componentes, pode alcançar uma sintonia tão fantástica, que parece que ambos estão com seus “rádios” ligados na mesma estação, na mesma frequência. Tudo se passa como se trocassem aquelas comunicações telepáticas. Cada um “sabe” onde o outro está, quando vai chegar, ou até, em nível mais elevado, se algo está errado, atingindo ou beirando a premonição. É fácil constatar isso, principalmente no nível de amor de mãe para o filho. São inúmeros os exemplos em que algo acontece de inesperado ao filho, à distância, e a mãe sente mesmo sem saber o que foi. Esse fato, com menor frequência, também, pode ocorrer no amor HM (homem-mulher) quando o casal está num nível de fusão mais elevado.

O tempo passa e os erros e falhas do relacionamento (“roupa suja” ou “sujeira jogada debaixo do tapete”) que foram deixados de lado estão potencialmente latentes. Quanto mais “roupa suja” a ser lavada, pior. Acumulam-se detritos que vão também apodrecendo. Eis aí a importância de não se deixar para depois. É verdade que devemos escolher o momento oportuno e que, algumas vezes, é importante postergar o diálogo para quando as emoções estiverem mais controladas, sendo necessário, talvez, esperar alguns dias.

Lavar “roupa suja” dói. A analogia é bem adequada: tem que esfregar, deixar de molho, bater, torcer, enxaguar, secar, repetir, se necessário, passar e alinhar. Mas, só assim é que o amor volta a ficar alvo, limpinho, e os dois, ele e ela, podem crescer no amor, subirem degrau por degrau para atingirem um nível maior e mais maduro. Esse processo sendo realizado com frequência, de acordo com a necessidade, vai levar a uma situação onde cada vez menos, acertar as diferenças, possa ser traumático e, depois, com o tempo, fluir naturalmente. É um momento onde se pode exercer a transparência com muita produtividade e benefício para o relacionamento.

Por outro lado, escondendo e ignorando os erros, a distância só vai aumentar, a transparência vai se anulando, outros componentes do

amor podem ser afetados e se degradam também (confiança, perdão, etc.) e, depois, a crise pode se abater de forma quase incontrolável. Aí, talvez, seja tarde demais.

Durante o diálogo algumas perguntas podem ser feitas: “Por que ela agiu assim?”; “Por que eu estou agindo assim?”; “O que você está pensando?”; “O que você está sentindo?”; “O que você gostaria que eu fizesse?”. A participação tem de ser dotada de uma entrega verdadeira: é o amor que você escolheu construir para a sua família, para a sua vida! Não há meio termo: ou você se atira para dar certo, ou ruirá. Mesmo que se alcance um “equilíbrio de não turbulência”, o sabor amargo e a condição estanque vai predominar na relação.

O objetivo dos dois tem que ser o aprimoramento e amadurecimento de cada um e da relação.

No amor, a pessoa que não está disposta a se expor por medo de ficar magoada ou ressentida, constrói uma parede nesse relacionamento, separando ele, dela. Além dessa distância imposta, às vezes, unilateralmente, e de não permitir a aproximação do outro, provoca uma retração e um distanciamento progressivo de ambos, impedindo o crescimento e evolução desse amor. Para fazer crescer o amor é imprescindível abrir o peito, expor-se, entregar-se, chorar, eventualmente, mas perdoar e amar em um nível superior, buscando atingir um estado de “roupa limpa”, ou seja, o estado de espírito de paz, felicidade e amor mais elevado.

Se ele dá um passo em direção a ela, e ela faz o mesmo, ele pode se animar e, na sequência dar três passos, e ela, a seguir talvez dê cinco passos...

Esse padrão funciona em diversas áreas: no diálogo, na sexualidade, na transparência, na afetividade e etc. O estímulo positivo que causa o bem-estar com o outro, pode e deve ser sucedido com reação idêntica pelo parceiro. Procurar a aproximação é a ordem. Apenas é necessário ter em mente que durante o processo onde se “lava roupa suja” é necessário ter o cuidado para não magoar ou, ao menos, magoar o mínimo possível, porque em certas situações, vai haver um “puxão de

orelha”, e será inevitável. Podemos fazer outra analogia: a plantinha do amor precisa ser podada porque algumas folhas estão com fungos. Às vezes, serão folhas cor de rosa e outras vezes serão folhas azuis. Podem comprometer ramos e galhos, e a poda terá de ser maior, mas o que está estragado, tem que ser limpo, porque com certeza, apesar da dor, a plantinha crescerá mais forte e formosa produzindo mais frutos e flores.

Esse processo terá de vencer barreiras íntimas, provavelmente enraizadas desde a infância e ligadas ao CISCAS e, em decorrência, ao nível de evolução espiritual e intelectual de cada um, em cada momento. Algumas vezes, pensando em manter um equilíbrio no relacionamento e, admitindo que um dos dois ou os dois não têm condições de maturidade suficiente para enfrentar um determinado instante, ele pode ser adiado, mas nunca esquecido. É preciso, no futuro, voltar para lavar aquela “roupa suja” que foi abandonada, quando se espera que um deles ou os dois tenham evoluído intimamente, o suficiente para sentarem-se novamente e acertarem as arestas.

É fundamental que, ao se sentarem frente a frente para lavarem “roupa suja”, não se joguem os ressentimentos. Talvez, até, fosse interessante, que cada um escrevesse para si próprio uma frase antes de falá-la, para meditar sobre o que seria colocado na conversação e não agredir o parceiro. Pessoas menos atentas ou despreparadas, acabam atingindo o desrespeito complicando muito mais a situação.

Um defeito, que é mais intenso em umas pessoas do que em outras, é o orgulho, que nessa hora de “lavar roupa suja” pode acabar impedindo qualquer tipo de reconciliação. O orgulho é terrível para o amor e, ao contrário, a humildade é fantástica. Aqui entra o valor pessoal de cada um: é mais importante vencer o embate ou salvar o amor? É difícil receber uma acusação procedente, e aceitá-la. Mais ainda quando se está errado. Para o orgulhoso é quase impossível. O orgulhoso nunca erra?! Sem a humildade não é possível tirar o lixo debaixo do tapete e nem “lavar roupa suja”. O lixo debaixo do tapete é equivalente àquelas coisas erradas que aconteceram e foram relevadas, esquecidas, escondidas, sem serem destrinchadas.

Decidir não “lavar roupa suja”, conscientemente, para não se magoar, significa também não pagar esse preço (essa dor), mesmo em benefício da reaproximação do casal; significa também uma desvalorização do parceiro. De certo modo é uma forma de desprezo. A pessoa que toma essa decisão está com este tipo de pensamento: “você não vale a dor da minha lágrima, mesmo que nos separemos e que nossa distância aumente, pago para não me aborrecer”. As conseqüências são evidentes... Se no amor não se lava “roupa suja”, cada um acaba ficando mais isolado, a fusão diminui e a distância progredindo, levando à separação.

A transparência é, pois, um componente que deve ser cultivado dentro do amor com sabedoria, como se houvessem em nossa estrutura compartimentos e arquivos que, à medida que vamos revelando, gradativamente, novos segredos, vamos também abrindo o coração, expondo-nos e, portanto, investindo no relacionamento; não é possível construir um grande amor sem pôr o coração nesse amor, não cegamente, mas sabiamente.

“Nada é mais importante que minha amada”. Esta é uma frase que expressa um erro capaz de impedir uma visão clara do interior dela. Ele não consegue perceber que a pessoa amada também é humana, vai cometer falhas e vai chocá-lo, inclusive, porque esse é um pensamento que gera uma responsabilidade para ela que, talvez, ela não tenha estrutura para suportar, por isso, os dois têm que olhar para o mesmo lugar e não um para o outro, isto é, devem ter um objetivo comum. Essa carga, às vezes, é um dos motivos pelo qual a transparência é bloqueada.

A emoção da transparência não é como a da paixão, ao contrário, é sólida, pois que permite-nos ser amados como somos e apesar do que somos, com qualidades e defeitos, gerando grande aumento de confiança, gerando um ciclo vicioso intensamente benigno: mais confiança, mais transparência, mais confiança, mais transparência... Maior doação, maior investimento, maior dedicação... Enriquecendo e engrandecendo cada vez mais o amor.

No início deste capítulo falei em variedade de grau e quisemos, com isso, dizer que a transparência plena é um objetivo distante porque normalmente filtramos o que queremos deixar transparecer, dependendo

dos objetivos e dos valores que temos em relação à pessoa amada e, não só isso, temos também a maior dificuldade em saber escolher os momentos para abrimos os compartimentos e os arquivos da nossa intimidade e, mais ainda, para nos dispormos, por amor, a melhorar ou aprimorar esses arquivos (“reformatar” nosso interior), com humildade: só por amor! Só com amor!

É tão bom ser amado do jeito que se é, ser espontâneo (a), humano (a) sem ter que representar ou ocultar opiniões sinceras e verdadeiras. É uma auto-agressão viver o tempo todo dizendo o que as pessoas querem ouvir e levantando escudos para todos os lados.

No fundo, as pessoas boas que caminham para a maturidade e estão equilibradas, costumam se julgar bem quistas, agradáveis e querem manter esse sentimento constantemente, transparecendo-o, difundindo o bem que está no interior delas.

A transparência engloba a sinceridade, virtude essa que mantém pontes com a confiança e com a honestidade. As pessoas podem, perfeitamente, ser autênticas e sinceras sem expor um determinado assunto que não queiram abrir ao parceiro naquele momento, sem mentir. Indivíduos que lançam mão da mentira para “abreviar” uma discussão acabam achando que esse procedimento lhes permite maior controle sobre a situação. Depois, com o seu padrão mental de valores já deturpado, ampliam essa conduta a tal ponto que começam a enganar a si próprios e a partir daí, intensificam o manusear dos seus sentimentos e das pessoas que os cercam, supondo que podem dirigir seus destinos a bel-prazer. Um dia, quando a realidade se recompõe, a frustração os domina até que novas mentiras lhes entretenham a ponto de iniciarem outra jornada ou aventura. Poder-se-ia dizer que essas pessoas, que pensam que podem dirigir e submeter o mundo em que vivem, estão, de fato, no limite da patologia, mais um passo e são psicopatas consumados. Mais dia, menos dia, acabam se arrebatando, tamanha é sua artificialidade em lidar com os seus próximos. Elas, ao usarem as mentiras como argumentos irrefutáveis ou como alavancas para outros objetivos, em seu íntimo, estão se sentindo incrivelmente espertas (na verdade, estão sendo falsas e desprezíveis), mas em um determinado momento, suas vítimas acabam percebendo a trapaça e passam a reagir isolando-as, mesmo que,

silenciosamente.

A transparência, a confiança, o respeito, entre outros componentes do amor, são de tão grande importância que, sem investir neles, não é possível seu crescimento e maturação e, pelo contrário, se o amor HM ou outro nível de amor tiver seus protagonistas negligenciando-os, a construção do “Templo do Amor” irá ruir inevitavelmente.

Algumas pessoas tiveram oportunidade de, talvez, inconscientemente, sentir, em grande profundidade, o valor da transparência. Referimo-nos a pessoas que tiveram o privilégio de estarem diante de personalidades de vulto, populares e, indubitavelmente, reconhecidas como de pureza imensa e dedicação absoluta à caridade. “Ídolos” que permitem que baixemos todos os nossos escudos, pois não nos fariam mal em hipótese alguma. São personagens raras, geralmente dedicadas às causas religiosas. Esses comentários nos fazem imaginar como nos sentiríamos espontaneamente transparentes diante de um EPSIE.



Quando você não puder melhorar as coisas preocupe-se em não torná-las piores.



Na história da humanidade, alguns heróis, incrivelmente dignos e retos, tiveram suas maiores vitórias após perderem, dramaticamente, a última grande batalha.



CAPÍTULO DOZE

SOBRE A LIBERDADE

Filosoficamente, em essência, temos três divisões distintas para a liberdade (ref., 29, pág..605 – 613): a primeira relaciona a autodeterminação e a “autocausalidade” incondicional e ilimitada; a segunda coloca a autodeterminação alinhada com o todo, isto é, o mundo, o universo, os outros, etc.; a terceira é a utilização da escolha motivada, limitada e condicional.

Não há menor dúvida de que a profundidade desse tema é extremamente polêmica, visto que os filósofos, através dos tempos, apresentaram múltiplas interpretações do que acabei de citar.

Mas , nós vamos tentar relacionar a importância da liberdade para o amor: há a necessidade de existir liberdade no amor? Ela tem limite? Podemos exercê-la indefinidamente, ou ela está presa há determinadas áreas do relacionamento e determinadas fases do amor? Até onde um homem e uma mulher devem respeitar a liberdade um do outro?

Essas são algumas poucas questões selecionadas em relação ao amor.

Entre os diversos capítulos dos componentes do amor têm-se três outros que estão interligados com este, são eles: apego, escolha e renúncia.

Mas, antes de continuarmos a discorrer um pouco sobre essa análise faço questão de frisar, novamente, que nossa separação das partes do amor não pode ser considerada de forma absoluta, visto que há uma imbricação significativa entre os diversos componentes, quero dizer que não é só neste capítulo e não só com esses que ocorre isso, mas também entre muitos.

Andamos pela vida e verificamos um nível de escravidão incrível ao nosso redor. A maior parte das pessoas não têm consciência do quão escravas são. Somos escravos dos empregos, da eletricidade, da informática, das nossas carências, dos nossos conflitos, das nossas necessidades, dos nossos sonhos e do CISCAS (Componentes Inatos do Ser - Componentes Adquiridos do Ser), entre outros.

Há infinitas formas de escravidão: internas e externas, comuns e patológicas, etc.

Em oposição à liberdade temos a escravidão que pode ter a ver com o traficante e às drogas, a ganância, o poder, o sexo, o medo, a mídia, etc.

Se, talvez, o termo escravidão for um pouco forte, podemos considerar a palavra “dependente” como similar e partir para a definição de algo próximo que seria, segundo o Dr. Robert Hemfelt e cols. (ref.32,pág.06,08),codependente, definido, assim: “*dependente com*” , literalmente.

“Codependência é a ilusão de tentar controlar os sentimentos interiores através do controle de pessoas, coisas e acontecimentos exteriores”.

É muito comum que esta situação esteja relacionada com traumas de infância (fantasmas como criação da imaginação ou o equivalente a seqüelas de uma educação conturbada na infância) e, muitas vezes, beire a patologia. O codependente trará problemas no relacionamento amoroso por, entre outras causas, compulsão que leva à preocupação de decidir seus atos de acordo com o que os outros têm de juízo dele; por toda a responsabilidade de sua felicidade nos outros e do mesmo modo se sente

responsável de forma desproporcional sobre a vida dos outros; é extremista e está sempre descontente com a sensação de que algo está faltando, etc.

Incluimos essas citações neste capítulo no sentido de demonstrar que algumas pessoas vivem um tipo de vida que lhes tolhe a liberdade, e de outras, inclusive, a convivência amorosa. Pela manhã, uma pessoa se dirige ao trabalho, passa pela padaria e vê o seu Manuel dentro da “guarita” do caixa, controlando tudo no estabelecimento. Ela volta do trabalho e lá está o seu Manoel. Sábado e domingo idem. Qual é a qualidade de vida dele? Ele está totalmente escravizado a essa situação. Será que não existiria uma escolha intermediária?

Agora uma outra situação: o Luisinho, de vinte e dois anos de idade, limpa o próprio carro todo dia. Dois garotos de catorze anos, jogando bola na rua, acidentalmente, deram uma bolada no carro que, mesmo sem quebrar ou amassar qualquer coisa, o sujou. O proprietário parte agressivamente sobre os dois garotos: apego.

O apego tanto pode ser para bens materiais como pode ser dirigido para pessoas e, na sua manifestação mais inadequada, ser a expressão do ciúmes. Seria o apego um outro tipo de escravidão?

Tanto a nossa vida é cheia de encruzilhadas a ponto de termos as necessidades e preferências na direção que desejamos dar a ela, como fazemos escolhas na relação amorosa. Escolhemos o par, nos primeiros encontros, para nos dedicarmos a uma relação duradoura ou através da vida (ver capítulo “Sobre a Escolha”). Dependendo da cultura ou da época aplicava-se o costume de agendar, previamente, um casamento entre um homem e uma mulher, logo na primeira infância dos mesmos, através dos interesses das famílias dos nobres. Hoje em dia, na maior parte dos países, isso já não ocorre. Mas, os casos em que se encaixavam naquela situação, ou por parte dele, ou por parte dela, não havia escolha nos primeiros momentos e, aceitar alguma coisa por imposição, torna, certamente, qualquer união mais fragilizada no tocante ao seu desenvolvimento e amadurecimento.

O que queremos dizer é que não havendo escolha as coisas começam a se complicar; em havendo, temos uma barreira a menos. Quando você escolhe, usou sua liberdade.

A renúncia é um componente interligado com este capítulo: quando você escolhe uma coisa, você renuncia a uma outra. A maior capacidade de renunciar ao próprio egoísmo significa amar mais. Quando você renunciou, usou sua liberdade.

A insegurança e a confiança podem estar diretamente ligadas ao outro ter uma “castração”. Algumas vezes, mais freqüentemente ele, eventualmente ligado a uma situação patológica, ou não, pela própria insegurança, e, talvez, também por traumas de infância, submete a esposa a um sem-número de “cadeados”, limitando-a no possível desenvolvimento de uma profissão, impedindo-a de ir ao supermercado, tentando controlar telefone, e etc. A liberdade dela pode ser tão reprimida que, no futuro, ela necessitará de um tratamento psiquiátrico.

A “despersonalização” é algo paralelo ao que acabamos de comentar. O exemplo seria este: ela tem uma atração e um desejo tão intenso de ficar com ele, de casar com ele que, para agradá-lo, vai transformando todo o seu modo de ser em função dele, abdicando da liberdade própria, entregando-se plenamente. No amor, quando essa situação se torna excessiva, o dano vai atingir o par ou até os filhos, porque o tempo não permitirá que se perpetue. Trará, no mínimo, seqüelas. Entregar-se faz parte do amor, tem que ser um exercício da própria liberdade, mas não pode quebrar o tênue limite da individualidade. Ela usou sua liberdade para se “despersonalizar”.

Sobre a individualidade e a liberdade é preciso que comentemos que certas pessoas têm muita dificuldade para entender que é fundamental o equilíbrio entre esses dois fatores. Privilegiar a individualidade acaba abraçando o egoísmo porque o amor exige fusão, e na fusão tem que haver a mistura entre ele e ela. Podemos fazer a comparação com dois riachos chegando a um lago. Um riacho é azul e outro, rosa. Dependendo da tonalidade das cores pode ser que o lago, no início, seja meio roxo: o azul e o rosa fundiram-se no roxo; deixaram de ser exclusivamente cada um (individualidade), para serem um terceiro. As cores dele e dela

continuam existindo depois da fusão, mas com outra distribuição, com outra função, com outra coloração e, no momento, apesar de dois, agora são um.

A individualidade sempre vai existir, mesmo que seja em grau menor, mas na fusão amorosa ela se dilui porque a união passa a ter valor maior.

As pessoas que têm medo de amar para preservarem, intensissimamente, tanto a liberdade como a individualidade, no nosso entender, não estão preparadas para amar. É importante lembrar que muitas vezes algumas dúvidas que temos sobre o amor podemos tirar, comparando com o amor de uma boa mãe: ela é capaz de diminuir o grau de liberdade e o grau de individualidade própria em benefício do amor de seu filho. Este conceito está ligado à capacidade de doação e renúncia. Amar tem um preço e exige boa vontade, dedicação e trabalho. Não é possível a pessoa tentar amar sem pressupor algum grau de sofrimento, no mínimo, há a ansiedade de querer a felicidade do outro.

Agora podemos comentar outras coisas a respeito da liberdade:

Você é tanto mais livre quanto menos apego você tem, tanto pelas pessoas, como pelas coisas.

Quanto menos coisas, situações ou fatos você quiser para você, mais livre você será: mais desprendido é igual a mais livre.

Sua capacidade de amar está diretamente ligada à sua capacidade de renunciar a si próprio, a coisas e objetivos menos nobres do mundo ao seu redor; essa idéia tem uma comunicação direta com a diminuição da escravidão.

A escolha é um ato de vontade e aí citamos Agostinho (ref.:1, pág. 56 – 57):

“haveria alguma coisa que dependa mais da nossa vontade do que a própria vontade?”.

Comentei acima a respeito da escravidão ao medo, meditando sobre a paixão, entendemos que todas as ações más são dominadas e dirigidas pela paixão (no sentido de cobiça de bens materiais e prazeres sensuais); a seqüência do raciocínio é dizer que a paixão tende para o objeto, e o medo foge dele. As pessoas que buscam, com freqüência, as riquezas, honras e prazeres do corpo alucinadamente, se afastam do bem com um propósito obsessivo inerente a esses mesmos fatores.

O ser humano dotado de inteligência e razão alcança o conhecimento e, utilizando este, através da retidão e da honestidade, pode se dirigir ao entendimento e a compreensão, buscando o cume da sabedoria.


Quanto mais se eleva o nível de sabedoria mais se aproxima da verdade absoluta.

A paixão, por obscurecer a razão, acaba sendo sempre uma forma de escravidão.


No amor, o indivíduo opta por se entregar a alguém (quer amar aquela moça o mais que puder) e, portanto, vive em função dela, fazendo tudo para agradá-la. No entanto, se ele usou a liberdade, o livre arbítrio para escolher amar, depois desse passo, ele deseja fazer o melhor para que esse amor cresça e amadureça. Agora o que o está norteando é o dever, isto é, o que ele deve fazer. Nesse momento, acabou a liberdade após a primeira escolha, porque se ele deixar de fazer o que deve ser feito (pior para o amor, falhando com ela) ele estará se afastando e abandonando a opção anterior (quer amar aquela moça o mais que puder). O que quero dizer é que se ele escolheu amar, deve proceder de acordo com essa escolha, caso contrário, vai modificar a idéia anterior e passar para um outro objetivo, talvez, mais cômodo, mais agradável ou mais prazeroso.

Seguir um caminho por amor torna implícito renunciar a isto, aceitar e engolir aquilo, enfrentar, transpor e superar alguns sofrimentos; é humanamente impossível que não seja assim...


A liberdade, em certos casos, existe somente na escolha inicial. Se você escolheu a estrada da direita, renunciou a da esquerda. Depois de um número de quilômetros rodados, pode ser impossível o retorno. Se você se envolve numa promessa ("prometo te amar, te respeitar e ser fiel por toda minha vida"), esse campo da liberdade deixou de existir. Se foi exercido numa primeira vez, caracterizando um compromisso que exige responsabilidade, honra e ética, ou você cumpre a palavra e se mostra como homem e adulto, com a capacidade de decidir, executar e cumprir um juramento feito em público, para amigos escolhidos por você, ou, pelo menos inconscientemente, você deverá sentir-se incapaz. Caso haja separação, na maior parte das vezes, as pessoas se sentem fracassadas porque exerceram a liberdade para uma escolha que, seja lá qual for o motivo, não puderam levar a termo.




Com as pessoas que a gente ama e valoriza muito, nós dedicamos, com paciência, um tempo maior para explicar, em detalhes e com clareza, alguma coisa: somos menos enigmáticos ou sutis. Já, com os demais, nós lançamos a afirmação com sutileza: que eles próprios a alcancem ou não...



Se você muito recebeu e pouco produziu, está devendo, não é?



Valores: poucos seres vivos, realmente, tem uma escala verdadeira e consciente. Raros seres pensantes conseguem elaborá-la com retidão porque a vaidade e o orgulho o impedem.





As pessoas pensam que o dinheiro é mais importante que o amor: pura tolice. Não magoar o próximo é um valor maior. Caridade é maior ainda. Sem isso nos destruiremos: investir no amor - a única esperança!!!



O amor ideal é assim: os dois esquecem de si pelo outro; ambos passam a ter tudo.



No amor, preocupe-se em verificar o que é que você faz junto com quem você ama: é isso que une e aproxima as pessoas. Preste atenção: não é lado a lado que, por vezes, pode significar uma distância muito grande.



Quem se vende pelo poder, pelo sexo, pelo dinheiro ou pela vaidade é um fraco: vai se deteriorando dia-a-dia, gradualmente. Quem se vende pelo ódio, pelo ressentimento, pelo orgulho e pelo egoísmo é imbecil: vai se consumir vertiginosamente, se destruir e, ao final, não servirá nem como estrume.



CAPÍTULO TREZE

SOBRE O PERDÃO

Tantas vezes erramos e fomos perdoados, estamos em dívida, deveríamos perdoar mais.

Certas vezes, a dificuldade para fazê-lo é imensa, no entanto, mais dia, menos dia, haveremos de conseguir.

Acreditamos que perdoar é um ato maravilhoso, mas envolve, em consciência, uma complexidade de elementos muito grande: a fragilidade do ser humano, egoísmos, vaidades e orgulhos, as misérias de suas almas, seus critérios pessoais e seus juízos de valores de acordo com sua educação, cultura e crença, o CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser), e etc. Envolve, até, desejos, mesmo circunstanciais, que tem que ser analisados de formas diferentes, para diferentes pessoas, nas diferentes situações.

Considerando o amor como uma construção, edificada dia-a-dia, podemos colocar o perdão como sendo o equivalente ao cimento; presente na massa que une os tijolos e reveste as paredes, que dá solidez ao concreto. O paralelo imaginativo tem o sentido de incluir milhões de perdõezinhos que ocorrem nos diversos momentos da convivência de um relacionamento. Quando acontece depois de uma traição, por exemplo, visualizamos uma derrubada da parede e, mais ainda agora, a reconstrução, vai depender dessa “massa de cimento (perdão)” para

reconstruir, tijolo a tijolo, a parede.

Erro

Obviamente, perdoamos o erro. E agora?

O que é errado e o que é certo? Conceitos que parecem variar de acordo com a época, cultura, crença, região e, até mesmo, com a disposição pessoal de cada um, entre tantos fatores.

Para termos um ponto de partida, definamos assim o erro: é a condição na qual se infringi normas pré-convencionadas, pelo homem, pela natureza ou pelo meio, em situações especificadas, no aspecto temporal, regional e/ou pessoal.

O CISCAS, a fraqueza de um indivíduo e sua busca e entrega ao prazer, ou a objetivos de ambição desenfreada, delimitam um estágio de desenvolvimento, na evolução deste ser, que contém fatores pré-determinantes na disposição ao erro.

Por que uma pessoa erra? Erra por desconhecimento; erra porque seu padrão de valores e prioridades é diferente, fazendo-a pensar que o fim justifica meio; erra por falhar na avaliação das possibilidades reais suas, do alvo e dos fatores circundantes; erra, até, por decisão e escolha.

O certo está ligado à boa vontade, à fraternidade entre os irmãos, ao respeito, aos limites da liberdade de cada ser, a valores nobres, morais, éticos, humanos e caritativos.

Para entender como ocorre o erro, apresentamos uma proposta superficial, simplificada e sintética da estrutura do erro (figura nº. 2, pág. 93): teria como reação a um estímulo, interno ou externo, em uma primeira fase, a análise, onde o homem cria propostas e as avalia; na segunda fase, por decisão ou impulso ele se predispõe a completar o erro e, finalmente, na terceira fase ele irá consumá-lo em ato deliberado, reflexo, pensamento ou ,ainda, em omissão.

Estrutura do erro

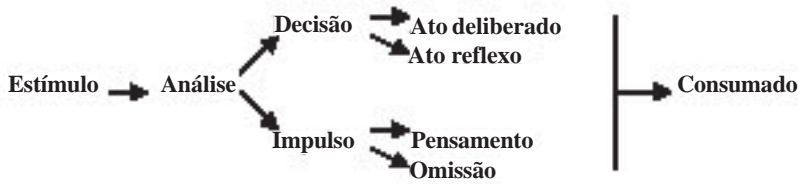


Figura 2

A omissão é muitas vezes a iniciativa ausente por bloqueios ligados ao comodismo, à má vontade, à má fé, à maldade, ao desejo de vingança ou revolta, conscientes ou inconscientes, de um indivíduo, ou quando este está se abandonando.

Podemos imaginar um trem, colocando em cada vagão uma fase do erro. A locomotiva é o estímulo e os vagões podem ser variáveis na constituição, formato e tamanho.

Classificação

Nessa linha de pensamento o erro pode ser classificado de diferentes formas, dependendo do referencial:

- quanto ao objeto: poderá ser contra si ou com outro próximo;
- quanto à intenção: poderá ser voluntário ou involuntário;
- quanto ao envolvimento: poderá ser premeditado (doloso) ou circunstancial (culposo).

Naturalmente, podemos seguir criando vários tipos de classificações, mas para resumir imaginamos a seguinte divisão:

1 - Erro de primeiro grau:

- A - Consciência plena;
- B - Liberdade de escolha;
- C - Pensamento (imaginar uma ação que não será executada),
(por exemplo: pensou em matar alguém, mas não o fez).

2 - Erro de segundo grau:

A - Consciência plena ou parcial;

B - Liberdade tolhida;

C - Ação,

(o capitão deu a ordem para o soldado matar a criança – nos referimos ao soldado).

3 - Erro de terceiro grau:

A - Consciência plena;

B - Liberdade de escolha;

C - Ação,

(numa discussão de trânsito matou o motorista do outro veículo).

4 - Erro de quarto grau:

A - Consciência plena;

B - Liberdade de escolha;

C - Omissão,

(teve possibilidade de ajudar alguém e não o fez).

Talvez fosse até melhor considerarmos que não existe certo e errado de maneira absoluta (figura nº 3, pág. 94), e em extremos, do mesmo modo que, segundo proposição de alguns, o que fazemos não costuma ser totalmente bem ou totalmente mal, mas algo com graduações diferentes destes componentes, isto é, o erro teria em sua composição, levando em conta fatores intrínsecos e extrínsecos, maior quantidade de pontos percentuais negativos (de infringências às normas pré-convencionadas, desrespeito ao direito dos outros, egoísmos, etc...) do que pontos percentuais positivos (benfeitorias, ações caritativas, atos de amor, abnegação, doação, etc...).

+++++ + - - - -

++++ - - - - -

Certo

+++ - - - - -

++ - - - - -

Errado**Figura 3**

Estas últimas hipóteses para visualizar o certo e o errado, exigiriam um estudo minucioso, complexo e profundo de cada assertiva que não fazem parte do nosso objetivo principal.

Devemos salientar o fato de que o erro que acontece no relacionamento HM (homem-mulher) vai criar uma série de sentimentos e reações nele e nela que variam de acordo com as características de cada um, principalmente com o CISCAS, seu nível de evolução espiritual, intelectual e etc.

Produto do erro

Estamos percorrendo uma corrente de pensamentos e o elo seguinte é o dano. Uma vez consumado o erro teremos um dano para alguém e este poderá ser concreto ou abstrato.

O dano concreto poderá ser corpóreo, material ou econômico, isto é, atingir o corpo humano e os seus pertences. O dano abstrato, geralmente, atinge a moral, a mente. Como consequência do dano, teremos sentimentos e emoções que poderão provocar novas reações e desdobramentos.

“Telhado de vidro”

É hipócrita o indivíduo que julga que os outros erram e ele não. Parece uma afirmação evidente, mas todo dia encontramos pessoas que inconscientemente estão dizendo assim: “eu sou dono da verdade, eu não erro e eu sei tudo, eu posso tudo” da categoria dos orgulhosos e arrogantes, oposta à dos humildes, principalmente.

É preciso ter bem claro, na nossa consciência, a idéia de que também erramos, que não somos superiores ao irmão que está ali no erro. Ainda é preciso que nos lembremos que é uma tendência natural do ser humano o julgamento do indivíduo que está em erro.

É imaturo, de pouca sabedoria e um procedimento inferior julgarmos a culpa das pessoas em seus erros, mas é louvável o julgamento do ato e não só por seus efeitos (bem ou mal, bom ou mau), mas

principalmente pelos ensinamentos e correções que poderá criar.

Podemos e devemos julgar os atos classificando-os em certo ou errado: "Ele cometeu um ato errado". Essa é uma frase construtiva que permite um aprendizado ao próprio indivíduo que assim pensa, pois pode aplicar nos seus próprios erros do passado, que serão corrigidos num futuro próximo: estará apto, então, a construir um presente enriquecido moralmente, com uma visão conscientizada de si e do outro, com compreensão, identificação e intimidade. Isto estará contribuindo para aumentar sua sabedoria e para transpor etapas em direção ao seu amadurecimento.

Arrependimento

Em qualquer tipo de desenvolvimento que se imagine existem degraus a serem galgados em busca da ascensão e da maturidade. É inadmissível que algumas pessoas considerem o arrependimento uma fraqueza do ser. É antes, isto sim, uma virtude; é a oportunidade que tem o indivíduo que tomou um caminho errado de retornar ao ponto de partida e escolher outro trajeto, senão desta vez, numa próxima; é a qualidade do ser inteligente, de auto-avaliar-se, reconhecer o próprio erro e redimir-se; é o primeiro passo que damos para o nosso aprimoramento, para transformar o ato errado de ontem em correto de amanhã; é o reconhecimento consciente e humilde da própria imperfeição e fragilidade, perante si e a sociedade; é ter a sensibilidade e a percepção, nas suas entranhas, capazes de evidenciar, para um dia, a justificativa de seus atos e pensamentos, em juízo, a um superior; é ter a habilidade no próprio cérebro de analisar e julgar, com bom senso, o ato errado, e encontrar um meio de compensá-lo consistentemente. È, ao mesmo tempo, uma ação de grandeza interior e de humildade.

O indivíduo que não se arrepende, por vezes, tem dificuldade para perdoar. Sua alma ignora a tolerância e, inconscientemente, se dirige para o mal.

O arrependimento, freqüentemente, é seguido de auto-perdão, proporcionando alívio e descanso para o espírito. Pode-se afirmar que o arrependimento é um estado de espírito capaz de gerar resoluções

construtivas dentro do ser, aumentando seu grau de aperfeiçoamento e amadurecimento. Não é fundamental que o seja exteriorizado, mas se o for, tanto melhor. Acima disso, porém, é necessário que seja praticado com sinceridade absoluta, interior e exteriormente falando.

Podemos imaginar que o arrependimento tem três fases:

- Numa primeira que visualiza o engano, o ato inadequado, trazendo um sentimento de inferioridade e culpa;
- Numa segunda fase o indivíduo visualiza a perda de um bem e isto o faz sentir-se apartado, preterido, rejeitado, em relação a esse bem (pode ser material ou espiritual; uma incompatibilidade, levando ao risco de separação, por exemplo);
- Numa terceira fase, quase como consequência das anteriores, o indivíduo se arrepende pelo desejo de restabelecer o equilíbrio interno e externo, para voltar a viver a paz e a unidade, com o bem, que existia antes de seu erro.

A terceira fase nem sempre chega a criar uma situação idêntica ao momento antes do erro se este criar fatos irremediáveis (por exemplo: um vaso que se esmigalha como consequência de um erro), mas mesmo assim, o desejo de buscar o equilíbrio é positivo e certamente produzirá frutos em outras situações semelhantes.

As três fases citadas acima podem ter seqüências invertidas dependendo do CISCAS de cada um, isto é, não precisam se suceder nessa ordem.

Presenciamos, na infância e na adolescência, os ensinamentos de um professor muito ligado a nós, os alunos, que promovia discussões sobre vários assuntos e outras atividades de lazer. Quando nos apanhava em erro, por vezes, perdia a calma e nos insultava, irritado com a nossa falha. No dia seguinte, em público, se confessava arrependido pela maneira como nos havia tratado, e mesmo tendo razão (quanto o nosso erro), nos pedia perdão, nos dava o exemplo.

A emoção tomava conta de todos e nos uníamos no amor; crescíamos.

Expressamos nosso pesar pelas pessoas que não aprenderam a se arrepender, pois que sofrem mais, seus “corações endurecem” e cada vez mais passam a ter dificuldade para perdoarem a si próprios e aos outros. Em vez de construírem para o amor, só conseguem levantar muros ao seu redor, se isolam, se entregam ao orgulho e a prepotência.

É lamentável, porque acreditamos que o arrependimento faz parte dos sentimentos nobres junto às qualidades que engrandecem e purificam a alma.

Antagonismo?

Analisamos o erro e o arrependimento agora, cabe-nos, em seqüência, analisar um outro mal, freqüente nos dias de hoje, com uma incidência quase idêntica a do egoísmo das pessoas. Está presente nas ruas, no trânsito, no trabalho, nos meios de comunicação: a violência. Está associada à vingança e ao ódio; são todos defeitos terríveis que corroem o ser e a sociedade.

Predomina na fraqueza das mentes humanas, entorpecidas pelos vícios e orgulhos feridos, e dos que vivem se exaltando.

Podemos encontrar, entre os violentos, indivíduos que não se arrependem, se auto-agridem e não conhecem o perdão nem para si, nem para os outros.

O perdão encerra a cadeia de violência, e mais dia menos dia desarma o violento.

Perdoar

Perdoar é a atitude ou decisão de amor, tomada de livre vontade, que sobrepuja o erro e a culpa de si próprio ou de outrem; buscando reencontrar o equilíbrio e a paz no interior do ser ou no relacionamento entre ele e uma ou mais pessoas.

O perdão gera o amor e a verdade: frutos da luz. O arrependimento e o perdão são atos que unem as pessoas, aproximando-as em espírito;

conseguem “sintonizar-se” como que em uma mesma frequência, ainda que por pouco tempo.

O perdão, no relacionamento entre as pessoas, mostra a boa vontade de ambos, o do que se arrepende e do que perdoa; dirige-os para um objetivo referente ao bem comum.

Pode ocorrer, dentro do relacionamento do casal, que um perdão seja, aparentemente, dito de boca, e não executado com o coração. É preciso, porém, que se dê tempo para que as idéias, ou “grãos de areia” no mar revolto, se assentem. Às vezes, o choque do erro agita tanto a alma do atingido que, num primeiro momento, a impressão é que aquilo é imperdoável, todavia, o amor é complacente, pode e deve perdoar erros incríveis, desde que haja esperança, por mais tênue que seja.

Quem ama perdoa!!! Repito: Quem ama perdoa!!!

Talvez a mágoa provoque uma ferida no coração que demora a cicatrizar; talvez o marido ferido não queira continuar o relacionamento, mas se ama verdadeiramente, em consequência perdoará realmente, desde que haja a mínima esperança. Quando uma boa mãe não perdoaria o seu filho amado?

É interessante registrar que cada crise vencida pelo amor, usando o perdão, após a turbulência, o período de tensão e nervosismo, leva, habitualmente, a explosão afetiva na reintegração dos amados. Surgem momentos de profunda alegria pelo retorno e reencontro, temperados pela ternura e cuidado com o outro, buscando o alvo comum: uma nova fusão, em outro nível de evolução, mais íntimo. Cresceram no amor...

Outras vezes, antes de se atingir esse estágio mais avançado, um dos parceiros, o que teve a dor de perceber um sentimento amargo, deseja, consciente ou inconscientemente, ver se o outro está disposto a “pagar o preço” desse retorno.

Imaginemos que ela tenha saído com outro. Pode ter sido um ato vulgar por uma condição momentânea ou qualquer outra hipótese, mas criou nele insegurança, desprezo, fez com que ele se sentisse insuficiente

para alegrá-la. Perdoar irá ser difícil, mas se for amor, haverá perdão. Ele terá que superar seu orgulho ferido, seu machismo, seu sentimento de posse, e terá que vislumbrar uma esperança de estabilidade no relacionamento. Tem que superar esta dúvida: será que ela está me trocando pelo outro? Ela poderá ser mais feliz com ele? Devo deixá-la para sua felicidade?

Neste momento, temos algumas observações importantes para levantar: se houver um amor verdadeiro por parte dela, ela se esforçará para provar que está interessada em recuperar o seu espaço e “investir” nesse relacionamento, agüentará a mágoa dele, responderá a algumas perguntas desagradáveis e inevitáveis, sentirá culpa no desequilíbrio das posições e mostrará sua intenção contundente de reconstruir o amor, ou simplesmente dirá: “não tenho que agüentar isto” e irá embora,. Se superarem esta crise, voltarão à explosão afetiva, nova fusão, mais um ponto no amadurecimento, subirão outro degrau.

Vou inserir uns comentários telegráficos sobre traição no amor HM: a natureza do relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher é frágil. O ser humano tem suas fraquezas, tanto ele como ela. As oportunidades ocorrem para os dois sexos. O CISCAS de cada um tem seus componentes variados de tensões, hormônios, traumas de infância, conflitos, sonhos, etc. Permitam-me deixar um conselho, aliás, não só para o amor HM, mas para a vida, já que tem muita coisa que temos a percepção de que é errada: “Não experimente, fuja, porque se você gostar, depois, com certeza, complica”.

O perdão deve ser gratuito, não condicional ou ligado a ameaças, e tem que ser repetido, infinitas vezes, até para a mesma falta, principalmente quando houver uma solicitação sincera.

O perdão é construtivo, liberta e alivia, é um sentimento superior, dignificante e sábio. Enaltece e fecunda o amor.

Exercitar o perdão, praticá-lo entre amigos, amantes e inimigos é transpor degraus mais altos na evolução do ser. É virtude que impulsiona para a perfeição.

Quase sempre

Quando perdoar?

Observem esta frase: “quem não perdoa aos outros se condena por não saber se perdoar”. Pode-se daí imaginar que o padrão de julgamento que usamos para os outros é o mesmo que, inconscientemente, aplicamos para nós próprios.

Não falo sobre punição que é outro assunto.

É interessante observar que, para praticar o perdão, nem sempre se exige de quem errou que o peça. Por exemplo: uma pessoa que comete um crime grave e não têm plena consciência de seu ato. Queremos colocar que não é necessidade extrema o pedir perdão para ser perdoado, isto é, podemos e devemos, geralmente, perdoar alguém mesmo que não tenha solicitado.

Devemos perdoar quase sempre!

Por que quase? Porque, talvez, um indivíduo desesperado, que por ter errado, não quer e não tem esperança de conseguir o perdão, tentando, conscientemente, destruir tudo que está a seu redor, na sua vida e na dos que o cercam, talvez esse indivíduo possa não ser perdoado, ele teria um desejo determinado de apartar-se e existiria um pensamento deste tipo em sua mente: “ao azarar-se deseja que os que estão próximos também se azarem”. Talvez, talvez esse, não mereça perdão!

Ora, se devemos perdoar quase sempre, e acima foi dito que até mesmo infinitas vezes, a mesma falha, podemos incluir na nossa análise, na corrente, um outro elo: a tolerância.

A tolerância é um perdoar esperançoso e paciente e, até mesmo, promissoriamente repetitivo.

Quem tolera usa a virtude da paciência e da esperança, dando tempo e oportunidades para o outro reencontrar-se.

A tolerância é fruto da sabedoria e componente proporcional de divindade.



Quem muito ama, coisas graves perdoa e quem, também, muitas vezes perdoa, mais ainda ama.



Quando a pessoa que detém o poder não sabe aplicar a tolerância e o contágio da inspiração, acaba determinando que seus súditos a enganem.



Qualquer dirigente, antes de assumir, deveria fazer um curso intensivo em como deixar de lado a vaidade e o orgulho ao exercer o poder.



O prazer não traz, habitualmente, a felicidade: engana, e bem. A felicidade sim, o engloba, e com muita frequência.



Por que as pessoas pagam o preço da falta de comodidade com um estranho e não com a pessoa que ama, com o passar do tempo?



CAPÍTULO QUATORZE

SOBRE O CUIDAR

O pensamento básico que temos sobre o cuidar está relacionado com uma plantinha carinhosamente cuidada no vaso, cultivada, regada dia-a-dia, acompanhada pelo olhar afetuoso e um pouco ansioso e, também, na expectativa de seu crescimento. Como falamos do “Templo do Amor”, cuidar é, junto com a construção do templo, tratar dos detalhes, do tijolo, da parede, das colunas majestosas, do telhado, etc. É consertar o que trincou, criar o que está faltando, refazer o que ruuiu e recriar o que não funcionou.

O amor ele-ela (ou HM – Homem-Mulher) é como uma plantinha muito especial que precisa ser regada pela água dele e pela água dela, todo dia. Digamos: pela água “azul” e pela água “rosa”. Se apenas um dos parceiros rega a plantinha, ela morre. Esta analogia é buscada em vários momentos deste livro porque acredito que ela transmite a imagem próxima da realidade, guardadas as devidas proporções.

Cuidar, enquanto componente do amor, é ter a atenção e a dedicação vigilantes e atuantes para cultivar, construir e manter num crescendo, a chama viva do amor.

O cuidar tem a ver, significativamente, com três objetivos básicos:

- Preocupar-se em fazer crescer o que deve ser incentivado;
- Preocupar-se em conservar o que deve ser preservado;

- Preocupar-se em consertar o que está inadequado.

A condição rotineira do cuidar é composta, primordialmente, de pequenos detalhes e está ligada a uma boa dose de regularidade e a sentimentos mais intensos ou menos intensos, nobres, ricos em romantismo, compaixão, solidariedade, vigilância, humanismo, afetividade, etc.

Cuidamos do amor ele-ela quando damos uma flor para ela; quando com uma toalha nas mãos lhe enxugamos o rosto, após o banho, suavemente; quando lhe cobrimos o corpo adormecido com lençol; quando lhe ouvimos pacientemente e compreensivamente seus temores e desabaços; quando insistimos em compartilhar momentos alegres e momentos tristes, nossos com ela ou dela conosco. Ao mesmo tempo cuidar, é um ato carinhoso, humanístico, romântico, etc.

Cuidamos do amor com vigilância quando não nos omitimos e somos, até certo ponto, metódicos, regulares, freqüentes e presentes.

Quando acontecem coisas erradas no relacionamento ou um dos parceiros comete algum erro repetidamente, precisamos saber diferenciar o limite entre ser chato de tanto insistir em ir buscar um ponto obscuro e corrigi-lo, e ser omissos. Não fazer nada pode levar apenas um tempo; ignorar esse complicador, é um discernimento extremamente complexo e arriscado. Associado a isso temos que preservar a individualidade, respeitar o ritmo, os limites e os anseios do ser amado.

A omissão, no amor, é uma âncora muito pesada que o deixa estagnado, sujeito à ação do tempo. Podemos dizer que existe omissão quando percebemos que algo está errado e, por vingança, por mesquinha, por orgulho, por inércia ou preguiça, não tomamos nenhuma providência.

É necessário manter acesa a esperança com coragem, combater a omissão: “ah, não adianta mesmo!”; esta é uma frase típica de quem entregou o jogo, para perder.

Para quem cuida sempre há esperança: “mesmo assim vou tentar, não vou desistir”.

É fundamental que esteja bem claro o objetivo na mente de cada um, se o motivo é nobre, se existe sinceramente o desejo de crescimento, de cultivar, de correção, de reconstrução, de um renascer, se é importante para fazer crescer a planta, para que ela não murche, então, deve-se lutar com determinação. Temos que nos preocupar com a direção que estamos tomando: “Se continuarmos assim para onde iremos?”

É verdade que é muito complicado estabelecer o limite entre a virtude da perseverança e o defeito da teimosia. É uma polêmica filosófica que não cabe aqui discutirmos, mas podemos supor que, didaticamente, teríamos uma divisão simplificada dos erros que ocorrem na relação amorosa:

- **Erros inerciais:** são atitudes e situações que interferem indiretamente na relação. Geralmente decorrentes de inconstância e desatenção. Vão acumulando...
- **Erros destrutivos:** são ações graves que interferem diretamente, pontualmente e instantaneamente na relação, e magoam, ferem, desprezam, desvalorizam e ignoram a outra pessoa, aumentando a distância entre eles, gerando sentimentos negativos: ressentimentos, mágoas, retrações, etc. Esses erros têm que ser cuidados, precoce e tenazmente, com perseverança.

Pelo menos dois elementos de especial importância precisam ser lembrados a esta altura: o diálogo, que deve ser freqüente, transparente, aberto, amplo, oportuno e delicado (suave); e o culto da intimidade que muitas vezes se desenvolve juntamente à conversação e pode ou não ser coincidente, anterior ou posterior ao sexo. Com culto da intimidade queremos nos referir a momentos onde há a necessidade dos dois – ele e ela – estarem trocando confidências, desabafos, carinhos com ou sem sexualidade, olharem-se vendo, de fato, um ao outro e aproveitarem, algumas vezes, o ensejo para desarmar “bombas-relógio” que foram engatilhadas nos erros acima referidos (mágoas e outros erros não tratados em tempo certamente vão explodir um dia). Destacamos a necessidade de criarem regularmente esses instantes, que devem também ser costumeiros, onde apenas os dois possam estar em um clima de paz, querendo com alegria o estar juntos (“enfim sós”), pode ser dentro de quatro paredes ou à beira da praia, mas só os dois.

Sobretudo, temos que levar em conta que a construção do “Templo do Amor” é feita por dois: ele e ela. Não é possível apenas um (só ele ou só ela) cuidar sozinho da relação, a não ser por pouco tempo, excepcionalmente. É necessário que seja a dois, com a iniciativa partindo de cada um, no mínimo, alternadamente. Melhor ainda se os dois “arregaçam as mangas” e se entregam à reconstrução e à correção dos rumos da relação amorosa, concomitantemente.

Acreditamos que o exemplo do “Templo do Amor”, como paralelismo nestas reflexões, é feliz porque numa construção precisamos cuidar de vários componentes: do tijolo, da tinta, da areia, da telha, das medidas, etc. E assim, à medida que a construção segue, as paredes vão subindo, os compartimentos vão se completando, os segmentos vão se estabelecendo, até armários embutidos são elaborados, e a moradia vai tomando forma. É uma construção lenta, progressiva, que exige dedicação, constância e iniciativa, acima disso, determinação, paciência, tolerância e boa vontade. No amor, os componentes são fundamentais: o perdão, o respeito, o sexo, a confiança, etc. Eles estabelecem; também; “compartimentos, segmentos e armários”, então a construção vai tomando consistência e, obviamente, será mais sólida ou menos sólida de acordo com o que cada um investir de si.

O maior inimigo do cuidar é, depois da omissão, o abandono (na omissão as pessoas deixam de fazer algo, no abandono as pessoas fazem algo de forma negativa, aumentando a distância). É triste e chega a ser desumano o abandono de corpo presente, quando se vive no mesmo teto, mas com distâncias progressivamente maiores. Quando um não liga para o outro, não acode as lágrimas, numa frieza além da omissão, num desânimo além do desespero. Quando se olha uma parede ruir e se dá as costas para a mesma, andando em direção contrária para não ver, nem lamentar, quase que torcendo para cair.

Na construção do amor a natureza intrínseca do homem e da mulher é realmente frágil, sujeita a muitos “intempéries”, fraquezas e reviravoltas, por isso é necessário o cuidar, se verdadeiramente há interesse nessa relação.

Num outro nível de amor, mãe-filho, vou citar um momento importante do cuidar nos primeiros anos do bebê: a criança,

diferentemente de outras espécies animais, não sobreviveria sem o amor da mãe. O patinho sai nadando nos primeiros dias e tem chance de sobreviver. O recém nascido, abandonado, nenhuma. Ele é totalmente dependente do cuidar da mãe e, assim, podemos perceber que até no amor à natureza temos que cuidar não só pela beleza intrínseca e superabundante que ela contém e nos fascina, mas também pela nossa sobrevivência, senão destruimos o planeta terra com poluição e desmatamentos, anulando a biodiversidade, a ecologia exuberante, etc.

No entanto, precisamos deixar bem claro que o cuidar é ao mesmo tempo um componente e instrumento do amor. O amor é o “TODO”, e o cuidar é apenas um coadjuvante importante, como outros também o são.

Cuidar aceita estratégias e técnicas, admite programação e planejamento, entende manhas e manias, acolhe artifícios, tudo em benefício do amor.

Cuidar ataca o ponto frágil e crítico, consciente ou inconsciente nas pessoas: a ânsia de se sentirem importantes, valorizadas. Todos nós gostamos e não nos saciamos em nos sentirmos importantes. Ninguém gosta de sentir-se inútil ou desprezado. Por isso é que usamos a palavra ânsia que significa um desejo insaciável, permanente e persistente. Sentir-se importante é sentir-se útil e valorizado.

Cuidar elogia, impulsiona, exalta, apóia, ajuda, ama...

Quando vemos o outro cuidando do relacionamento com dedicação e com afetividade estamos sentindo o quanto somos importantes para o outro: “Oi, liguei só para dizer que te amo; que estou com saudades, tchau, beijos”.

Talvez, dez segundos que renovam esperanças, que demonstrem o cuidar, que peçam, cobrem e doem presença, assinalam importância e ofertam afetividade.

Certamente, a flor do pequeno príncipe, na campânula, quando foi regada, num intervalo de tempo, com água cristalina fresca e afetiva, sentiu isso tudo.

Ah! Sim: “Não precisamos jogar água em demasia na plantinha”!

Quando o amor é verdadeiro o tempo não existe. O amor será simultaneamente passado e futuro; no presente; infinito e eterno em cada momento...

As pessoas sonham com seus amados junto a si admirando uma paisagem, gostando das mesmas coisas que elas gostam, imaginando que eles estão com a mesma empolgação. Mas, cada um tem seus gostos.

Estar juntos e fazer juntos, no amor, é fundamental e não pode partir de um script pré-concebido por um, apenas. A história de amor tem que ser escrita num livro em branco a duas mãos, passo a passo.

Sentimos o que sentimos: precisamos de um tempo para decifrar, traduzir, resumir e conscientizar os sentimentos, interpretar as emoções; só então poderemos entender e trabalhar o que sentimos...

“Eu sou a suprema divindade, ninguém me conteste”: é a mentalidade de algumas pessoas que acham que estão certas, pensam que podem decidir a “própria verdade” em vez de buscar a realidade, a verdade absoluta criada, não inventada...

CAPÍTULO QUINZE

SOBRE A AFETIVIDADE

Podemos considerar o dicionário Aurélio B. de Holanda:

“Verbetes: afetividade. S. f. 1. Qualidade ou caráter de afetivo. 2. Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza ou Verbetes: afetivo. Adj. 1. Relativo a afeto ou a afetividade. 2. Que tem, ou em que há afeto; dedicado, afeiçoado, afetuoso, carinhoso”.

Esse início, sobre a definição da afetividade, tem a seguinte justificativa: entendê-lo, aqui nesta obra, como estrutura bipolar (dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza) a um só tempo, tornaria a análise de suas variáveis despropositadas para os nossos objetivos de entendimento do amor.

Por outro lado, outros autores a vêem como um sentimento terno de adesão, uma afeição, emocionalidade.

Vamos, então, entender afetividade como o componente do amor que engloba a solidariedade, a dedicação, a atenção e o carinho de maneira desprestenciosa. Vamos abordá-la como um componente misto, pois que, a nosso ver, inclui também respeito, o cuidar, doação, valorização e

preocupação com o outro, entre outros constituintes do amor.

Se aceitarmos a afetividade, desse modo podemos imaginar que o afeto começa com a preocupação à pessoa amada mesmo que à distância; um telefonema para ele no trabalho, na viagem; um interesse sincero e real com seu estado físico, emocional, profissional, etc. “Você melhorou daquela dor de cabeça ontem?”; “Como está o seu dia de trabalho hoje?”; “Muito serviço?”; “Como foi seu relacionamento com seus companheiros de trabalho?”; “Com a sua amiga?”; “Você está triste? Posso ajudar?”; “Deixe que eu faço isto para você”.

Quem não precisa sentir-se importante? Podemos observar que nas perguntas acima estamos medindo a importância de alguém, da pessoa amada; estamos afirmando que: “se você, meu amor, está com dor de cabeça eu me preocupo e sofro também com isso, presto minha solidariedade”. Estamos afirmando: “você é importante para mim, para a minha vida!”

O casal vai tomar um sorvete e ela dá a ele a primeira mordida ou após o banho ele a cobre com a toalha para que ela se enxugue; mesmo tendo chegado antes à mesa, e estando com fome e com pressa para retornar ao trabalho após o almoço, ele não dá a primeira garfada na comida enquanto ela não o faz também.

A importância do gesto, da atitude, está no seu significado. Aquilo que não é dito, mas é demonstrado de forma “embutida”.

Querida, amanhã, sábado, poderíamos levantar mais cedo para namorarmos às 6:30 horas por que tenho tal compromisso às 9:30 horas”. Se ela sacrificar seu sono ela estará dizendo: “é mais importante eu estar com você duas horas do que dormir”.

Essa afetividade é mais profunda porque envolve o sacrifício pessoal e, portanto, uma doação maior. Envolve um conceito mais complexo, ainda que, apesar de comentarmos em outros capítulos queremos reforçar: “pagar o preço”. Pagar o preço significa desgastar-se, sacrificar-se, investir, tirar de si para colocar na relação (é equivalente ao gesto de tirar dinheiro do bolso para aplicar na bolsa de negócios do

banco), com alegria e boa vontade, não por obrigação ou falta de alternativa, mas por um valor maior, em benefício do amor.

“Isto eu não faço por homem algum!” Se isto não for irracional, provavelmente será egoísmo. “Adoro dormir até tarde pela manhã e não admito que meu marido me acorde, ainda mais para fazer sexo.” Essa situação posiciona os valores com precisão: o que é mais importante para ela, a pessoa amada ou a satisfação pessoal? Seria só sexo ou teríamos uma relação completa de amor?

Ela nunca tem tempo para sair com o marido: “hoje estou cansada vamos deixar para semana que vem”. “Olha vou ter que preparar um trabalho para apresentar no serviço amanhã...”; “Estou acabando de ler este livro tão interessante.” Aí, vem um artista famoso que ela gostava muito, fazer um show raro na cidade: (acabam-se as desculpas) “vamos assistir àquele espetáculo ?”

... Valores...

Pagar aquele preço por ele é valorizá-lo(a) e não pagar, é desvalorizá-lo(a).

A afetividade, vista como uma ação que pode ser ativada através de estímulos aos sentidos: um toque, um contato com carinho, estimulando o tato; um gesto agradável a quem nos ama (um movimento com as mãos ao peito dizendo, através de mímica, que a ama, por exemplo), estimulando a visão; palavras românticas, elogiosas, criativas e firmes, colocadas nos momentos adequados, estimulando a audição; estar sempre bem cheiroso (a), estimulando o olfato e estar adequadamente preparado para o beijo, estimulando o paladar. Esses seriam exemplos simples, mas a criatividade e a imaginação de cada um amplia infinitamente o leque.

A afetividade surge viva e alegre acima e vemos uma faceta romântica da mesma quando nos deparamos com a importância das rosas:

A Importância das Rosas

Quando damos rosas, escreve-se apenas uma dedicatória porque não é necessário escrever tudo o que significa. No próprio gesto está implícito um mundo de frases.

Quando ela recebe as rosas, recebe o quê? O que ela pensa? O que ela sente? Não estamos falando unicamente de rosas ou de flores outras, estamos falando também de presentes, jóias, etc., mas especialmente as rosas que têm um significado peculiar.

Não são caras e, portanto, não significam algo que se dá apenas por se ter dinheiro, por se poder comprar, do mesmo modo que, na realidade, não se compra o coração de uma mulher com dinheiro.

Elas significam paz, alegria e trazem uma semente de felicidade misturada com alguma perenidade, pois que, quem dá rosas, dá também botões de rosa, que vão florescer, e enquanto florescem, trazem a idéia da continuidade, da perenidade “infinita enquanto durar”. Além disso, o que significa florescer? Traz junto o conceito de crescer, evoluir, amadurecer, dar frutos; traz junto o desejo de renovar aquele relacionamento.

Quando ela ganha rosas e estas foram dadas pela pessoa amada, o perfume a envolve numa atmosfera de amor, lhe atinge o fundo do coração num sentimento ímpar e lhe cobre de ternura.

No dia-a-dia quando essas rosas forem sendo regadas, a presença do amado fluirá como se fosse real. Cada vez que ela passar pelo vaso de rosas, cada olhar dado a essas rosas, trará a lembrança do momento que as recebeu. É como se, cada vez, estivesse recebendo-as novamente.

Óbvio que qualquer presente tem que ser dado com espontaneidade e amor.

O romantismo que envolve as rosas tem que ser transposto para outros atos de modo que também possam conter a afetividade das rosas, então teremos um binômio: romantismo-afetividade.

Deixando de lado as rosas (ou melhor, o vaso, para nunca colocarmos as rosas de lado) e voltando ao tema deste capítulo, vamos comentar um erro comum entre os casais e o desgaste da rotina: “No começo não era assim; você era mais atencioso, mais romântico, mais dedicado (doador); agora é mais egoísta.”

Quantas vezes, no trabalho, toleramos injúrias de pessoas estranhas que não devem ser desafiadas (o patrão, por exemplo) e, ao contrário, em casa, não temos um pinga de paciência com a pessoa amada. Isto é desleixo e desvalorização, provocando um enorme desgaste no amor. Então, vamos esquecendo a afetividade, o cuidar e outros componentes do amor. É necessário que os parceiros estejam vigilantes no sentido de crescerem na relação, de a aperfeiçoarem adicionando ingredientes.. É fundamental que aprimorem o que já incorporaram à sua união sem perder o que já tinham conquistado.

Carinho Assexuado

Afetividade pode ou não estar ligada ao toque, ao carinho, a ternura. O toque afetivo pode ou não levar ao sexo.

O calor transmitido no contato dos corpos é uma sensação de carinho especial. Os dedos percorrendo os cabelos e os pêlos, massageando as costas, deslizando na face, trazem um contato que mexe com a sensualidade (com os sentidos), mexe com o coração. Aquele abraço cheio de ternura que não aperta demais para não machucar, nem de menos, para não deixar escapar, como se fosse um passarinho; aquele toque suave como quando pegamos uma camélia branca, para ler sua alvura, debaixo dos raios fulgurantes do sol.

Esse carinho, que não está ligado ao sexo, diz que desejamos passar uma energia de um corpo para o outro, flui uma energia de bem. É um desejo de proteção, de “algo” que se quer guardar e conservar; é um querer dividir o interior de cada alma para tentar fundi-las, irmanadas, num amor puro, sem egoísmos ou objetivos outros, buscando o bem do outro, no amor.

Comentaremos no capítulo da sexualidade o carinho e o afeto pós-orgasmo por estarem, particularmente, ligados à relação sexual, e aqui vamos apenas acrescentar que, principalmente para a mulher, o afeto e a atenção após o sexo têm importância especial, e que, para elas, em geral, (principalmente, e menos para os homens) conversar e sentirem-se amadas é mais significativo do que o próprio ato sexual.

Em outras palavras podemos dizer também que é fundamental, no amor HM, o tempo destinado ao culto da intimidade, onde cada um, de maneira afetuosa, tem a oportunidade de, conversando, expor suas dores e alegrias, “lavar roupa suja acumulada”, chorar e sorrir, trocar carinhos, atenções e solidariedade, perguntar com franqueza e responder com sinceridade, exercitando também a transparência, entre outros componentes , até mesmo dentro da afetividade.



Sente e chore. Têm vezes que não há mais nada a fazer. Um dia tem sol e bonança, outro dia tem tempestade. Depois levante, caminhe e lute: a vida continua... existirão outros dias ensolarados...



Cobranças são importantes desde que cabíveis e bem colocadas...



Quando o relacionamento estiver ruim, se você não puder fazer nada para melhorar, concentre-se em agir de modo a evitar que piore. Acredite, sempre pode piorar.



CAPÍTULO DEZESSEIS

SOBRE A ACEITAÇÃO

Aceitar, verbo do conflito. Sim, do conflito, porque o que temos que aceitar e, geralmente, não queremos aceitar, cria forças opostas de pressão extremada em nosso espírito. Muita coisa na vida é assim e, ao mesmo tempo, esse verbo divide o mundo em dois grandes grupos: os que acham que podem traçar o seu rumo pensando que sabem o que é melhor para si e aos que os rodeiam, “dirigindo” o rumo de todos e, do outro lado, os que fazem o melhor possível no seu caminho, dentro de uma faixa, que a vida lhes traçou. Aceitar ou não aceitar? E quando?

Bem, se filosoficamente, sobre a vida, essa questão é crítica, também não o é simples no amor. Aceitar o outro como ele é com qualidades e defeitos, tentando ajudá-lo no crescimento, preservando sua individualidade, evitando a sua despersonalização real ou aparente, é algo complexo, mas que tem importância tão significativa que necessita ser trabalhado.

É necessário muita vigilância, paciência e tolerância aliadas a uma capacidade de discernimento pura e honesta. Vigilância para estarmos conscientemente e constantemente nos questionando, se não, estamos tentando transformar o outro num “robô” ou “fantoche”, sobre nosso comando; paciência para suportar os defeitos um do outro que nos incomodam e que, por vezes, não é nada mais, nada menos do que um reflexo de nossos próprios defeitos, que não suportamos; tolerância para

além de aceitar e ter paciência entender que temos que permitir que o tempo passe e lapide o amor no sentido de que, gradativamente e esperançosamente, acompanhemos a evolução de dois seres que se amam, sedimentando o que está indefinido ou reparando os defeitos que se fizerem passíveis e necessários de correção na relação.

Vamos analisar rapidamente o defeito: digamos que é a condição que o indivíduo apresenta de, por uma razão qualquer (milhões de causas, inclusive ligada ao CISCAS – Componentes Inatos do Ser – Componentes adquiridos do Ser), cometer repetidamente falhas que afetem a ética ou a moral e que sejam mais graves ou menos graves.

Vamos entender ética como sendo:

“parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social” - (Houaiss ref. 7).

Vejamos dois exemplos simples:

- Ele sempre deixa os chinelos largados em qualquer lugar, no corredor, no meio do quarto, na sala e raramente no cantinho da cama ou da sapateira, sempre ao acaso;
- Ela é alcoólatra.

No primeiro exemplo o tipo de defeito apresentado incomoda as pessoas que convivem no mesmo ambiente, pois ficam tropeçando nos chinelos. Têm pessoas que não são ordeiras por natureza e não conseguem corrigir o defeito; não fazem isso por “pirraça” ou maldade, simplesmente são assim. Se tentarmos corrigir essa situação, relativamente comum, e não obtivermos sucesso, temos que aceitá-la sumariamente; não há nenhum motivo para que se faça uma batalha torturante e obcecada sobre um fato que não é desabonador, que não tem, via de regra, uma consequência significativa no relacionamento e na vida das pessoas envolvidas.

No segundo exemplo o defeito é um vício que incomoda,

transtorna, coloca em risco a saúde da pessoa portadora do mesmo e compromete a vida dos que estão ao redor. É crônico e provoca sofrimento; pode e deve ser corrigido: não podemos nos omitir, a luta tem que ser incansável, com tréguas oportunas intercaladas, mas persistente, não podemos e não devemos aceitar. Se amamos, devemos nos envolver nessa batalha até “perto do fundo” do poço.

Qual seria a mãe que não faria quase de tudo para salvar uma filha alcoólatra nessas condições?

Vamos intercalar uma pequena pausa aqui para lembrar algo já colocamos no começo do livro: o amor de uma boa mãe. É um dos níveis de amor mais elevado e que apresenta um dos maiores exemplos de doação, podendo, portanto, servir de base de comparação. Com isto queremos dizer que muitas das dúvidas que nós possamos ter na relação ele-ela ou HM podem ser respondidas quando as “transferimos” de um tipo de amor para o outro: como faria uma boa mãe em seu amor, em tal e tal situação?

Ora, todos temos defeitos e nossos defeitos funcionam como o mal odor: incomodam os que estão nas proximidades mesmo que nós não o sintamos. Temos, muitas vezes, que suportar o defeito da pessoa amada da mesma forma que ela suporta o nosso.

Outro aspecto é que algumas pessoas têm um temperamento manipulador e tentam atuar, não só em defeitos, mas, também, em atitudes, visando a mudança do outro para uma nova “identidade”. Aqui, a gravidade da situação é mais séria, pois que, a atuação não está respeitando a individualidade do outro. Imaginemos que ela fez dois concursos para dois tipos de empregos diferentes e que decidiu por um. Ele, sem razão justificável, quer induzi-la para a outra atividade. Ele não estará respeitando a individualidade dela, ele tem que permitir, até, que ela erre e depois retorne, se for o caso, mas tem que aceitar. Pode dialogar, trocar idéias, analisar possibilidades, mas não pode pressionar. Deve ajudar até como se fosse apenas amigo, se de fato a ama.

Não aceitar pode, então, se confundir com o não respeitar. O indivíduo manipulador costuma lançar mão de mentiras, manhas,

artifícios e chantagens para não aceitar o que o outro é ou deseja, mas com o passar do tempo o desgaste da relação acaba sendo irreversível. Ninguém gosta de ser manipulado, nem raramente.

Com bom senso e amor, aprenderemos a distinguir quando devemos interferir democraticamente e delicadamente, quando devemos atuar incisivamente e quando devemos aceitar passivamente.

Por outro lado é muito bom ser amado pelo que se é, sem imagens distorcidas por paixões transitórias ou por visões ilusórias projetadas.

É maravilhoso quando o amor se concretiza sobre nós admirando nossas qualidades e respeitando os defeitos que carregamos como seres normais, humanos, sensíveis e vivos, que somos.



Quando a pessoa amada foca em você, você sente que existe.



As mudanças envolvem trocas de hábitos. Equilibrar conflitos entre o nível de desenvolvimento antigo e o novo é uma forma de crescer e evoluir espiritualmente.



A felicidade está muito próxima do perdão e infinitamente distante do ódio e da vingança.



CAPÍTULO DEZESSETE

SOBRE A AMIZADE

A amizade reflete-se em um mundo próprio onde se inserem vários componentes do amor; ter uma amiga na pessoa amada é ter uma inversão e reversão alternada no fluxo energético do amor.

A diferença fundamental é que existe menor cobrança e maior espontaneidade na doação dos componentes, mesmo que não haja tanta profundidade e intimidade na interseção do exercício dos mesmos.

Quando consideramos o amor entre amigos acreditamos que alguns componentes estão presentes em maior intensidade, vamos lembrá-los: a confiança, a solidariedade, o perdão, a responsabilidade, a renúncia, o respeito, a admiração, a aceitação, a caridade e a escolha. Pensamos estar presente apenas parcialmente, isto é, em menor intensidade, o apego, a autodeterminação, o cuidar, a atração, o C.E.D. e, menos ainda, o ideal comum. Geralmente estão ausentes, porque não fazem parte da amizade, a sexualidade e a paixão, que podem ocorrer, com rara frequência, temporariamente, circunstancialmente, por razões outras.

É difícil graduar os diversos componentes acima a ponto de classificá-los aqui, inseridos na amizade, e ali em amor HM, no entanto sabemos distinguir componentes fundamentais exaltados na amizade: solidariedade, confiança, respeito e renúncia.

Vamos citar algumas posturas, ações e escolhas de um verdadeiro amigo, segundo nosso modo de entender:

- Amigo é aquele que está sempre disposto a nos ajudar a crescer e nunca a nos diminuir;
- Amigo é aquele que está sempre pronto a nos defender, mesmo que particularmente, depois, com respeito, nos ajude a ver que estávamos errados, se estivermos;
- Amigo é aquele que recebe com mágoa um erro nosso que o feriu, e não com um ódio ou sentimento de vingança, que nos perdoa até sem pedirmos, que procura entender-nos mais que ser entendido;
- Amigo é aquele que jamais trai uma confiança, que a sepulta; amigo é aquele ser humano que chora junto conosco e que ri também, simultaneamente;
- Amigo é aquele que nos estimula num projeto pelo qual estamos apaixonados, nos ajuda a ter confiança para enfrentar um obstáculo e fica intimamente e externamente feliz com nosso sucesso, com a nossa vitória;
- Amigo é aquele que está disposto a dar mais do que receber; amigo é aquele que pode renunciar a uma empreitada ou a um passeio seu, programado, para ouvir um desabafo de uma nossa decepção, um choro de uma injustiça sofrida;
- Amigo é aquele que está pronto para nos consolar nas horas amargas, de dor, de um bem perdido;
- Amigo é aquele que nunca tem inveja de nós, nunca fica triste por ter menos que nós numa determinada área;
- Amigo é aquele que procura primeiro nos entender e depois, eventualmente, criticar;
- Amigo é aquele que luta incansavelmente para ajudar-nos a vencer

um defeito, a superar uma fraqueza, a não mergulharmos num abismo que não estamos vendo;

- Amigo é aquele ser caridoso que nos dá algo que ele mesmo queria só porque queríamos também;
- Amigo é aquele que divide o seu pão e a sua água;
- amigo é aquele que pouco nos cobra se é que nos cobra, que não se importa em sair perdendo, que não tem o objetivo de “levar vantagem”;
- Amigo é aquele que jamais usa a filosofia da troca: toma lá, dá cá. Mesmo que as trocas ocorram, são espontâneas, nunca tem a finalidade de cobrar por algo que foi dado.

O verdadeiro amigo fica feliz em nos ver felizes.

O verdadeiro amigo está sempre pronto a nos valorizar.

Por esses motivos o amor amigo-amigo (AA) é de nível mais elevado do que o do amor HM.

No coração de dois bons amigos e existem sentimentos fraternos como de dois bons irmãos: uma fraternidade que procura sempre o bem do outro, nunca sentimentos sombrios como inveja ou subserviência. Um amigo de verdade jamais procura diminuir ou sobrepujar o outro. Dois bons irmãos jamais tentarão provocar o tropeço, um do outro, para ficar à frente. Um amigo não se volta contra nós e se comete um erro que nos machuca se arrepende e procura repará-lo e compensá-lo, mostrando que quer preservar aquela amizade e que somos importantes para ele.

Bem, descrevi um amigo quase perfeito, com qualidades que imaginamos presentes, com olhar unânime. Agora precisamos lembrar que se falamos em amigos entre si, ambos são capazes de darem um ao outro essas mesmas qualidades, mesmo que não na mesma intensidade, isto é, um pode ser mais paciente para o outro enquanto este pode ser

habitualmente mais solidário. Ambos respeitam seus modos de ser, suas próprias individualidades e até mesmo seus defeitos. Ambos se aceitam como são tentando ajudar um ao outro a se superar.

Se o amor HM fizer crescer a amizade, na relação amorosa, fica evidente que o desenvolvimento desse amor irá atingir uma evolução que pode ultrapassar o nível do amor AA (ver capítulo de tipos e níveis de amor).

Agora imaginemos que um homem possa amar tanto uma mulher a ponto de esquecer de si e vice-versa; ambos não teriam carências no amor porque ambos se supririam. Aí é que entra a amizade no amor; o amor ele - ela cobra mais do que o amor amigo-amiga e, portanto, haverá dificuldade para respeitar a individualidade de cada um sem amizade. Queremos dizer que muitas crises e dificuldades entre ele e ela serão superadas com o amor amigo-amiga intercalado. Duas pessoas que se amam devem também ser amigas e ter momentos de desprendimento (aqui entra o perigo do sentimento de posse) capazes de enriquecer o relacionamento e simultaneamente a pessoa em si própria.

Ligado à amizade, inserido nela, está o companheirismo que tem algumas características semelhantes às da amizade, em menor número, mas que a nosso ver se diferencia pelo fato de ser de ação mais passiva do que a amizade, isto é, o amigo é mais ativo. O companheiro está mais para quem acompanha o outro.

Durante várias fases do relacionamento, no amor, os dois terão, por momentos, apenas companheirismo ou amizade; haverá momentos em que o sexo será inconveniente, o afeto indesejável, o perdão desnecessário, o ideal comum desprezado, a admiração e a atração dispensadas, haverá apenas a necessidade do outro companheiro ou companheira, amigo ou amiga, e não amante.

Não lado a lado, porque lado a lado podem ser caminhos paralelos muito distantes um do outro, às vezes, até separados por paredes e ressentimentos, mas sim juntos, tendendo à confluência e à união (fusão).

CAPÍTULO DEZOITO

SOBRE A SEXUALIDADE

Vou tentar abordar alguns tópicos importantes sobre este assunto no sentido de observarmos a sua atuação sobre as relações do binômio ele - ela.

Qual a influência sobre o ser? Qual magnitude do comprometimento com a carne e o espírito? Qual a contribuição para o desenvolvimento tanto da relação, nos vários planos, entre os dois, como da individualidade de cada um deles? O que seria uma aspiração ideal? Talvez não consigamos uma profundidade significativa para estas questões, mas o simples fato de podermos abordá-las nos trará alguma luz.

Mentalidade Sexual

Na nossa formação, passando pela infância e adolescência, vimos recebendo conceitos e vivenciando situações que formam um padrão individual: uma mentalidade sexual.

Experiências “proibidas”, tabus, idéias deformadas passadas por gerações despreparadas, atos frustrados ou reprimidos, podem ter criado no indivíduo uma condição negativa, complexa que o influenciará, por muito tempo, talvez, para que possa praticar o sexo de maneira natural e adequada dentro do amor.

Nem sempre as pessoas chegam à idade adulta com uma “bagagem” ideal para a realização sexual, para poderem trocar amor dentro do sexo e sexo dentro do amor, com prazer e liberdade, sem bloqueios, preconceitos e complexos de culpa.

A mentalidade dele pode ter uma visão pouco ou muito diferente da dela. Pode buscar apenas o prazer e satisfação ou pode atingir a dimensão própria de um ato de amor. Pode envolver ternura e afeto ou manifestar-se de modo animal, agressivo, selvagem e dominador.

Seria de se desejar que a criança e o adolescente, na sua evolução, recebessem conceitos corretos e sérios e não deturpados e distorcidos ou como sinônimo de divertimento. Conceitos que não viessem a causar traumas e que contivessem consistência para a resolução, espontânea e sem sofrimento, de dúvidas, dificuldades ou crises na sexualidade.

É com um padrão sexual incrustado, até mais ou menos os dezoito anos, que o ser irá enfrentar o relacionamento a dois sofrendo, inclusive, a pressão da cultura, da época e da região, além de sua “bagagem” sexual (conceitos adequados e inadequados, conscientes e inconscientes, experiências, dúvidas, conflitos, necessidades, anseios, etc.).

De um modo geral podemos dizer que, aos jovens adolescentes e às crianças, devemos falar abertamente sobre sexo procurando satisfazer as suas questões básicas por eles expostas e passar com seriedade e firmeza o conceito de que o sexo tem que ser visto como uma das maneiras de consumação do amor, capaz de gerar uma nova vida e que vem acompanhado de prazer e que não é um divertimento, mesmo que, dentro do amor, possa ser divertido.

Características Físicas Essenciais

Não cabe aqui discutirmos a anatomia ou detalhes de estrutura biológica do homem e da mulher. Isso pode ser encontrado em livros próprios, específicos e na profundidade desejada pelo leitor. Interessante, no entanto, fazer algumas colocações sobre dois tópicos: estimulação e orgasmo e o que os envolve.

Alguns autores, na tentativa de facilitar as explicações e de obter algumas respostas a tantas questões sobre reações físicas, fisiológicas e psicológicas da ação sexual, classificaram o ato sexual em: excitação, platô, orgasmo e relaxamento. Essa classificação tem, porém, conotação basicamente didática, pois que, cada fase não tem, regularmente, limite preciso. É necessário termos em pensamento de que o que existe, de fato, são níveis diferentes de excitação, que variam de pessoa para pessoa e são diferentes num mesmo indivíduo de hoje para amanhã, do dia para a noite, de acordo com suas condições físicas e psíquicas.

Podemos até, de uma maneira simplista, dizer que sexo é estímulo: estimulação agradável que, progressivamente, aumenta o prazer até alcançar o orgasmo. Estimulação desagradável leva ao desprazer; no homem vai acarretar a perda da ereção e na mulher uma condição de irritação e descontentamento.

Em qualquer nível de excitação vamos destacar duas reações orgânicas básicas, que são em essência, o centro das reações das respostas fisiológicas do ato sexual, comentemo-las: uma é a concentração sanguínea aumentada nos tecidos próximos ao períneo (e nos seios, na mulher) e a outra é a tensão nos neurônios aumentada, como se estivesse elevada a “eletricidade” e houvesse diminuição do nível mínimo de excitabilidade em planos nervosos, musculares e na pele. Assim é que um toque de pele a pele produz uma sensação diferente, mais rica e prazerosa, do que em condições normais, percebe-se até com maior destaque, alterações térmicas provocadas pelo “orvalho” do ar exalado, ou da respiração suspirosa e ofegante do ser amado. Os músculos dotados, aparentemente, de maior força física, são capazes de movimentos mais vigorosos, precisos e de repetição, do que em condições de não estimulação.

Citemos no homem e na mulher alguns sinais que indicam, sem graduação quantitativa, sua participação no ato sexual. No homem: ereção progressiva até estar completa; elevação gradual dos testículos (atingindo o ponto culminante no orgasmo), eventualmente, em alguns casos, intumescimento dos mamilos. Na mulher: aumento da secreção vaginal; os grandes lábios da vagina se inflam e se abrem; os pequenos lábios crescem; o clitóris aumenta de tamanho e de diâmetro; os mamilos ficam endurecidos e projetados e as aréolas também apresentam pequeno

enrubescimento.

Devemos acrescentar dois outros fenômenos importantes que ocorrem na mulher: uma o movimento dos 2/3 superiores e internos da vagina, onde há uma pequena expansão elevando, também, o útero com leve rotação, e o outro é o 1/3 inferior da vagina que se prepara para comprimir o pênis no orgasmo através de um intumescimento dessa área.

Agora já podemos comentar algo sobre as “fases” do ato sexual que ocorrem quando duas pessoas, ele e ela, têm o desejo de aumentarem os níveis de envolvimento sexual (excitação) através de movimentos, carícias, olhares, manhas, adornos e outros recursos, provocando estimulações sucessivas, prazerosas, um ao outro, capazes de elevar essa tensão sexual a um nível máximo (platô), tal que, como numa explosão, deságüe no orgasmo e depois, gradativamente, retorne ao relaxamento até o ponto próximo ao zero inicial.

Vamos aproveitar algumas linhas comentando a primeira fase: devemos, sempre que possível, procurar criar um clima adequado à junção; tirar preocupações da mente ou empecilhos que possam surgir de súbito, tais como crianças que surpreendem os pais, etc. e criar condições de relaxamento para a entrega; banho (higiene adequada e completa; incluindo o hálito); lugar com temperatura adequada, música, um drinque, etc. Aí, começará, de fato, a primeira parte, porém, algumas vezes, por precipitação, desespero, insegurança, pressa ou qualquer outro motivo se abrevia essa etapa, o que é lamentável, porque ela deve ser prolongada conscientemente. Primeiro, porque é uma transição rica onde é necessário, através de beijos, toques, palavras e sons, trocar-se informações, pois, o que é dito em atos intui frases formadas por palavras, gestos ou atitudes deste tipo: “te desejo, quero dar de mim, quero receber de ti, quero sentir teu corpo, quero estar junto a ti, te amo”; segundo, porque é uma preparação, também, orgânica, onde secreções glandulares internas e externas serão ativadas e o devem ser convenientemente e não parcialmente; terceiro porque é uma fase que deve ser desfrutada, degrau por degrau na escadaria de prazer que se está iniciando.

Voltando ao banho, alguns têm o hábito salutar de irem ao chuveiro antes e depois da relação. Isto elimina alguns odores desagradáveis que,

para pessoas mais sensíveis, pode ser suficiente para impedir a seqüência dos atos amorosos em direção à relação sexual ou algum incômodo após o sexo. Pode-se, também, imaginar um banhando o outro no chuveiro, iniciando os toques e as carícias.

O Beijo

Um comentário breve sobre o beijo: é uma atitude que tem um significado intrínseco inconsciente especial: quando se come um alimento há uma ação que indica um “desejo que faça parte de mim”. Engolir, levar à boca, quer dizer estar dentro, querer, dividir o interior, não ter nojo, não desprezar. Em cada beijo, em qualquer parte do corpo, se troca essa informação, se efetua essa comunicação, além de ser um toque de extrema suavidade, quente e úmido. O beijo na boca é de uma intimidade intensa e, até certo ponto, pode causar a impressão de que exprime, no seu significado, uma profundidade do corpo e da alma superior à da penetração durante o sexo. Ouve-se falar que as messalinas raramente beijam na boca e apesar de boa parte delas não terem consciência do porquê, provavelmente esta atitude está ligada a esses argumentos.

O beijo é, por si próprio, um carinho muito mais enriquecedor do que a maior parte das pessoas consegue perceber.

(MI) Mente e Instinto, Instinto e Mente (IM)

Quando falei acima que é preciso tirar preocupações da cabeça talvez fosse interessante dividir as pessoas em dois grandes grupos: as que, no momento de realizar o sexo, têm predomínio da mente sobre o instinto sexual (MI: Mente-Instinto) e, as que o instinto sexual predomina sobre a mente (IM: Instinto-Mente). Vamos clarear essa idéia: há mulheres que qualquer preocupação as impede de se entregarem ao sexo a ponto de não o fazerem, naquele momento, ou fazerem por “obrigação” (o que é lamentável) sem usufruir e, até, sem participar. Mulheres do segundo grupo, com o mesmo tipo de situação e preocupação, praticam o sexo desfrutando-o normalmente. Há homens (MI) que depois de adormecerem, não podem ser “atacados” por suas amadas, pois ficam

irritados por terem seus sonos interrompidos (ritmo circadiano?), e não realizam o ato sexual, enquanto que homens do segundo grupo (IM), nessa mesma situação, o praticam prazerosamente. Certamente, estudos aprofundados do CISCAS (Componentes Inatos do ser – Componentes Adquiridos do Ser) poderiam classificar os homens e as mulheres em vários grupos de acordo com suas reações, mas o mais importante é que cada um, em sua natureza, é de um jeito e tem que ser respeitado do jeito que é.

Talvez coubessem ainda mais alguns esclarecimentos: estamos chamando de MI (predomínio da mente sobre o instinto) ao primeiro grupo e IM (predomínio do instinto sobre a mente) ao segundo grupo. A lista de exigências dos indivíduos MI é sempre maior e mais detalhada do que dos IM, é quase como se o pessoal do segundo grupo (IM) tivesse um sistema sexual praticamente independente do sistema racional (mente), num compartimento isolado, com um interruptor “on-off”, que se liga por razões orgânicas e extrínsecas ou intrínsecas, isto é, por estímulos provocados externamente ou internos inconscientes, talvez fisiológicos (?), respectivamente: desde que satisfeitas umas poucas exigências, o ato sexual transcorre normalmente com quaisquer condições.

As criaturas do primeiro grupo (MI) precisam de fatores vários: nenhuma preocupação, tempo de sobra, condições de temperatura ambiente, iluminação, som ou silêncio, de acordo com suas preferências. A condição física também conta: não estarem cansadas, com dores (cólica menstrual, coluna, etc.); o local do ato sexual; a posição dos corpos (quem está por cima...), pudor específico ao seu gosto, etc.

Óbvio que entre IM e MI existiriam inúmeras graduações.

Pode ser até que fosse indicado o desenvolvimento de um índice M/I, em que classificaríamos os indivíduos em subgrupos, fixando-se determinados parâmetros de reações, mas apesar de ser um assunto interessante, foge aos objetivos principais de nosso livro em busca do amor. Basta sabermos que as pessoas reagem de formas diferentes nas situações citadas e em outras semelhantes. É preciso que respeitemos a natureza de todos os seres, e que está relacionada com o CISCAS.

Da Excitação ao Orgasmo

O platô é variável de pessoa para pessoa e depende, também, do estado físico e mental de cada dia. A resposta de cada um a cada situação é muito pessoal, por exemplo: um homem sobre uma situação de medo pode não ter ereção, enquanto outro pode atingir o orgasmo em intensidade maior que a habitual, isto é, em um o medo pode agir negativamente, bloqueando-o, e no outro, positivamente, estimulando-o.

Nessa fase pode-se usar todos os meios naturais para elevar a excitação ao platô, assim é, que guardados preceitos básicos de higiene, nada há que contra-indique estimulação oral, anal, vaginal, peniana, “timpânica” ou seja lá o que se inventar, desde que, seja corpo dele e dela, em novas descobertas ou posições, em partes erógenas ou áreas sensíveis a carícias ternas ou, até, levemente “dolorosas”, numa preparação que tem como base uma estimulação persistente, variada e dosada, buscando a penetração vaginal como objetivo final na interseção dos corpos e, também, das almas, numa verdadeira fusão. Consideramos todas as partes do corpo como segmentos passíveis de receberem carícias, das mais diversas, desde que os dois o desejem: é válido com a condição de que os dois queiram. Atingido o platô, a estimulação deve persistir por determinado espaço de tempo, a fim de procurar o carinho, com a penetração do pênis na vagina, em movimento ritmado e agradável aos dois, capaz de levá-los, de preferência, simultaneamente, à curva orgástica.

Obviamente, é mais provável que os dois só consigam tal situação após vários atos sexuais, não tão perfeitos e alguns, até, frustrantes. É recomendável que se conheçam bem, que se abram, que troquem informações: “Está bom assim?”; “Você quer agora?”; “Está machucando?..” Gemidos de prazer e sussurros de palavras doces podem servir de guia.

Muitas relações foram interrompidas por falta de informação entre os parceiros, por exemplo, visualizamos quebra do ritmo ou exagero em determinado estímulo, causando efeito contrário ao desejado e perda do nível de excitação alcançado. Poderíamos resumir significativamente grande parte deste capítulo com a seguinte frase: “estímulos agradáveis: sexo prazeroso; estímulos desagradáveis: frustração”.

Alguns indivíduos parecem vibrar tanto no orgasmo, num ato de amor, como se o mesmo provocasse tamanha supressão de pensamentos, com uma difusão de prazer tão grande, pelo corpo todo, que atingindo a alma, promovesse um estado de espírito especialmente belo, tal que conseguisse elevar o conjunto ele - ela para uma dimensão “extraterrestre”, através de um portal, aberto nessa fração de segundo, pondo em contato íntimo os seus corpos e a suas almas, formando um só, mesmo sendo dois.

Apenas para facilitar a visualização do ato sexual vamos ver as fases do homem e da mulher em um gráfico:

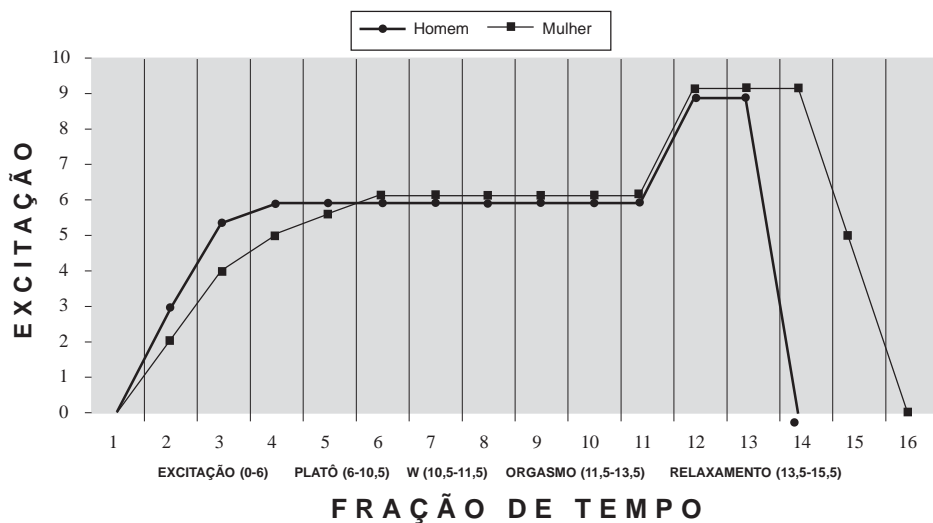


Figura 4

No gráfico acima estamos imaginando que ambos atingiram o orgasmo simultaneamente, e a fração de tempo é exclusivamente de ficção.

Obviamente, partimos de uma condição simulada, pois que, várias curvas podem ser imaginadas, mas esses dois exemplos(fig.4) podem nos permitir o entendimento de algumas diferenças freqüentes entre o homem e a mulher. Vamos enumerá-las:

- O homem atingiu o platô mais precocemente e precisa manter, por esse motivo, um platô mais longo;
- O orgasmo da mulher é mais demorado que o do homem;
- O relaxamento dele é mais rápido e anterior.

Cabe ainda acrescentar que uma parcela das mulheres pode ter alguns orgasmos seguidos (dois a três), desde que haja interesse, desde que os estímulos não permitam que a excitação caia muito abaixo do platô. Outras podem ter mais de dez orgasmos múltiplos desde que tenham sensibilidade orgânica especial, isto é, não basta apenas querer, têm que ser dotadas peculiarmente pela natureza (são raras as mulheres nessa condição) e também desde que os estímulos não permitam que a excitação caia muito abaixo do platô.

Já o homem tem um período refratário que não permite ascensão na excitação antes de transcorrido determinado tempo variável para cada um (trinta minutos é um tempo freqüente, mas pode ser horas), ou seja, após um orgasmo masculino, geralmente, é necessário um espaço de tempo em repouso para que esse homem reinicie uma nova relação; varia também em função de ser a segunda, a terceira relação consecutiva, e há quantos dias não tinha relação sexual.

Após o orgasmo temos um período de relaxamento. Agora, nesse momento, podemos encontrar um dos mais fidedignos termômetros da nobreza do sentimento que invade duas pessoas: se não se amam, ou se um dos dois não ama, saciado o prazer, vem um sentimento de desprezo ou de nojo, tão forte, em alguns casos, que certas pessoas têm vontade de abandonar o (a) parceiro (a) e sumir. Satisfeito o instinto sobram à culpa (adultério, por exemplo) e o asco por alguém que não se tem respeito (sexo animal, ou por dinheiro, ou por obrigação, etc.); saindo das trevas e vendo a alvorada vemos a diferença do pós-orgasmo em duas pessoas que se amam: os toques agradecem um ao outro pelo prazer trocado, saciado o instinto fica um desejo de continuidade no afeto que, agora, se apresenta “depurado”, por ser um, único (agora só sentimento e alma, antes eram mistos: corpo-físico e alma).

O contato dos corpos traz um momento de felicidade e realização, um momento adocicado, extremamente melado, e que algumas mulheres

“curtem” deixando que o pênis perca a ereção naturalmente e, portanto, não seja retirado da vagina, mas saia gradual e espontaneamente, enquanto beijam, abraçam e acariciam o corpo do parceiro, como que retribuindo, ao amado, pelos momentos de deleite e de amor vivenciados, trocando juras de amor.

Não é raro que um dos parceiros, por vezes, adormeça, neste momento. Porém, se isto acontecer, pelo menos que não aconteça com frequência e quando acontecer é bom que estejam unidos parcialmente ou abraçados ou, melhor ainda, enroscados. É triste quando o homem após a relação sexual vira para o outro lado e dorme: além da sensação de abandono que a mulher tem, ainda fica o aspecto de um ato unicamente animal, sem nada além do instinto.

O outro que permaneceu acordado deverá saber, se amar verdadeiramente, entender e tratar esta situação.

Níveis de Evolução e Maturidade Sexual

É interessante observar que os níveis representam um tópico destacado nas trocas sexuais, assim é que um indivíduo que tenha tido muitas experiências anteriormente terá que ter paciência na procura dos toques, afetos e estimulações com uma parceira que nunca teve antes nenhuma experiência sexual ou tem pouca vivência sexual.

Evidentemente, não poderá começar a relação com sexo oral porque, dependendo do nível de maturidade sexual, ela poderá receber com repugnância tal ato, mesmo que intelectualmente esteja “preparada” para isso.

A maturidade só se atinge com “quilômetros rodados”, não basta saber como se guia um carro, onde é o breque, o acelerador, etc., é necessário vivenciar o dirigir, passar por lombadas, viadutos, dirigir com tempo seco e com chuva, descidas e subidas, etc. Conhecer o(a) parceiro(a), suas predileções, limitações, seu desejo de novas descobertas ou não, demanda tempo e prática.

Seria maravilhoso se ele e ela, ao iniciarem o sexo, tivessem o mesmo nível de evolução e maturidade, mas são muitas as variáveis: a maneira como cada um recebe e interpreta as experiências, a importância que dão ao sexo, quanto isso é parte e clamor de sua carne (uns têm mais fome de sexo que outros), a formação intelectual e cultural, tabus, preconceitos e, acima disso, qual o amor, qual a força do sentimento que existe dentro daquele casal para superar todos os entraves. Na verdade, as dificuldades começam na parte física. Com muita frequência ele e ela vão para a cama sem conhecer bem detalhes um a respeito do outro. Nenhum deles pensa, por exemplo, nas dimensões físicas das partes de seus corpos, o que pode causar uma série de dificuldades, vejamos: ela pode ter uma vagina pequena e ele um pênis muito grande ou o contrário, e como consequência, um pode sentir dor ou o outro pode não sentir prazer. Alguns autores estudaram com minúcias essas diferenças.

Temos que considerar que são muitas as variáveis, principalmente quando levamos em conta o dia-a-dia do casal, então, fica evidente a importância do sentimento, do verdadeiro amor que existe entre eles para superarem todos os obstáculos.

Podemos imaginar que um fator especial ajudará o casal a superar seus problemas e até mesmo o instinto: a sensibilidade. Aguçar a sensibilidade, usando todos sentidos (o olhar, o sentir, o tocar, o entender, o escutar, etc.), trará informações valiosas para cada passo. Estabelecer o diálogo aberto, honesto e delicado: “está bom para você?”; “quer parar, descansar um pouco?”; “como você quer?”, “você prefere assim?”. Sentir o(a) companheiro(a), ajuda-lo(a) a soltar-se e a entregar-se; preocuparem-se um com o outro e estarem atentos para evitar um procedimento exclusivamente instintivo e egoísta, pensando no próprio prazer e esquecendo o outro. Isto é uma máxima que não pode ser esquecida. Podem ocorrer situações onde o orgasmo chega antes da hora para um dos amantes, mas isto não pode ser a rotina.

Ter compreensão e tolerância para atingir o mesmo nível de maturidade sexual, senão hoje, amanhã, deve ser um objetivo comum e permanente.

"Apetite" Sexual e Vontade Exacerbada

Alguns autores criticam a expressão "apetite sexual", achando que o sexo não é uma tensão que incomoda e, simplesmente, acaba sendo aliviada com a satisfação e o gozo. Outros, até consideram que quase tudo é sexo e que o apetite para o alimento está intimamente ligado ao apetite para o sexo, e a gula para um também o é para o outro.

Podemos, na tentativa de nos posicionarmos na mesma dimensão de entendimento, dizer que nada causa mais prazer do que satisfazer uma vontade exacerbada, isto é, imaginemos que este tipo de vontade "ocupa" uma área maior do que 51% (talvez 99%, em algumas situações) do pensamento, no cérebro de um indivíduo. Vamos tentar exemplificar: se um indivíduo estiver perdido no deserto por dois dias, sem água, no seu ser, vários sentimentos e carências "usam" certo espaço em seu cérebro: medo, solidão, ansiedade, cansaço, sono, sede, etc., Contudo, a sede, o desejo de beber um copo ou mais de água, geladinho, límpida, inodora, insípida, estará "ocupando" o espaço predominante. A pessoa estará quase que pedindo ou suplicando por água: "água! Água!" (dá sede só de imaginar a situação). Se, nesse momento, ainda no deserto, oferecermos um abraço fraterno, uma cama em um quarto com ar-condicionado, a sua amada pronta para o sexo ou um copo de água geladinho, não há dúvida que a última opção será a de escolha, sem hesitação. Nada, nesse momento, depois de dois dias de privação de água, causará maior prazer. Ainda dentro desse caso hipotético temos outros elementos para perceber que cada um é diferente. Vejamos a solidão: cada um sofre de forma diferente com sentimento, para alguns enfrentá-lo é tão difícil que chegam quase a vender a alma para livrarem-se dessa situação, e outros se quer a reconhecem como significativa. De qualquer forma, nas condições acima, predomina a sede: a vontade exacerbada.

Vamos fixar esse conceito: vontade exacerbada. Num determinado momento nada causa maior prazer do que saciá-la. É uma situação crítica onde não queremos nem pensar em outro tipo de coisa a não ser essa que está "gritando" em nossa mente. Vejamos outros exemplos de vontade exacerbada apenas para fixar mais sua força: vontade intensa de urinar, de evacuar, muita fome, muita sede, tédio "acumulado", etc.

Não confundamos prazer (que afeta a carne) com satisfação (que afeta o “ego”) e menos ainda com o outro conceito acima desses, mesmo que, às vezes, esteja associado: felicidade. Prazer, satisfação, alegria, realização e felicidade são coisas distintas, estados diferentes nas inter-relações entre o corpo e o espírito do ser e que podem ter combinações simultâneas ou não.

Agora podemos retornar ao sexo. Quando uma pessoa tiver no sexo a vontade exacerbada, dificilmente poderá realizar outro tipo de atividade; seu pensamento será interrompido, de forma intercalada, intermitente, por idéias ou fantasias sexuais, até que satisfaça (e alivie) essa tensão ou a sublima, gastando essa energia represada em outra atividade, talvez física (esportiva) ou espiritual (meditação, oração, etc.). Há casos em que essa vontade exacerbada, esse desejo gritante de sexo é apenas abafado, adiando a necessidade de satisfação desse prazer e, algumas vezes, por já ter imaginado uma situação de gozo ou por ter iniciado atos eróticos ou outra possibilidade semelhante, tudo se passará como se uma garrafa de champanhe tivesse sido agitada: a pressão interna dificilmente baixará até que se retire a rolha.

Ora, o desejo e a vontade de sexo são diferentes nas pessoas, se manifestam mais conscientemente para umas e menos perceptíveis para outras, mais freqüentemente ou menos, mais intensamente ou menos, e apresentam de certa forma, uma reação semelhante a um apetite, uns tem apetite para comer a cada três horas, outros só no café da manhã, almoço e jantar; alguns levantam de madrugada com fome, até o ritmo circadiano de cada um interfere nos seus apetites. No sexo parece haver também um apetite semelhante: uns têm vontade duas vezes ao dia, outros a cada dois dias, outros duas vezes por semana, outros em cerca de dois meses, etc. Uns preferem à noite, outros de dia. Os que têm mais idade, geralmente, têm uma freqüência menor, os mais novos apresentam um fogo imenso... e assim vamos acrescentando outras variáveis.

A dificuldade de se “casar” as diferenças de ritmo, de intensidade do desejo, de satisfação do apetite sexual, entre ele e ela, são inúmeras e, principalmente, levando-se em conta tudo o que já foi dito até aqui, sofre o agravante do desgaste quando o matrimônio cai na rotina.

Não concordo com o uso da palavra libido, pois que, para alguns autores, está associada à reprodução. A expressão apetite sexual, a nosso ver, expressa uma condição de fome, um paralelismo que, guardadas as devidas proporções, exprime uma necessidade de ser saciada. A palavra tensão também é combatida por alguns autores, mas acreditamos que tanto apetite sexual como tensão represada expressam uma situação mais próxima da realidade.

Quando falamos em apetite, contudo, não desejamos que se imagine uma condição fisiológica, bioquimicamente desequilibrada no organismo, apenas, pois se assim fosse, bastaria a masturbação para se atingir o equilíbrio. A nossa idéia de apetite sexual envolve a pessoa com corpo e alma e visualiza a satisfação, também, da alma e não só do instinto. Discutiremos esse conceito quando tentarmos imaginar o que seria lógico e ideal no sexo.

É interessante observar que em certos casais, o excesso de apetite sexual de um acaba causando inibição ou fuga no outro. Inibido, ele (a) não se solta para o sexo participando menos, se apresenta retesado e sua entrega é quase “por obrigação”, repudiando variações, não se permitindo novas descobertas e fugindo, se esconde no trabalho, nos filhos, nos afazeres, obscurecendo cada vez mais a realidade e agravando o quadro, criando um ciclo vicioso: ela(e) quer mais, ele(a) não consegue dar; ele(a) foge, ela(e) sofre mais com apetite insaciado; ele(a) se inibe. Passam a ter relações sexuais frustrantes, semelhante a combates, sem espontaneidade, tudo ditado ao outro(a) (“relaxe”, “me abrace”, “afaste as pernas”, “me beije”), que mais os afastam, e assim por diante... E como conseqüência, isso acaba refletindo em outras áreas porque, se dentro da rotina, os dois não sentam constantemente para conversar, o diálogo está fechado, os seus egoísmos são colocados no jogo e começam a refletir em outras áreas; a afetividade, o carinho, a ternura são postos de lado, pois que podem provocar e intensificar o desejo e o apetite sexual. Um foge e o outro corre atrás. Os dois passam a não se perdoar e a bloquear a compreensão, prejudicando outras áreas do relacionamento e aumentando a distância entre si...

É claro, o amor tem condições de vencer esses desencontros, mas é preciso que os dois memorizem este conceito: que os dois queiram isso

(conciliação, reencontro, equilíbrio sexual no relacionamento, etc.); que tenham um ideal comum maior que o sexo e em busca desse objetivo, dentro do amor, como um todo, superem apetites e inibições, superem o sexo, não o eliminando, mas utilizando-o como componente do amor, como uma das formas de consumação do amor.

Disciplina Sexual

Progressivo. Eis um novo conceito que agora vamos discutir. É lícito e recomendável que se busquem novas soluções e estimulações sexuais dentro do relacionamento HM (homem-mulher), mas devemos ser humildes e reconhecer a fragilidade do ser humano: quanto maior o prazer, maior o risco de escravidão a esse prazer. Façamos uma ginástica de comparação, mesmo que não tenhamos tido nenhuma experiência com drogas. Como será que ocorre o fato de o indivíduo viciar-se: ele experimenta, repete, deseja mais aquele prazer, mais vezes, mais intensamente, mais demoradamente..., até a dependência psíquico-orgânica. Isso tudo passou por estímulos repetitivos no centro do prazer, no cérebro. Será que o sexo cria algum grau de dependência? Parece haver pessoas viciadas em sexo. Estudos recentes sobre o cérebro sugerem essa possibilidade (veja capítulo "Sobre o Cérebro").

Entregar-se ao sexo, dentro do amor, é salutar, mas tem que haver um limite auto-imposto que, se não houver, a busca ao prazer do sexo vai sobrelevar o amor.

Essa é à base do meu entendimento em relação ao que refiro como progressivo. Existe o risco de cada vez mais se buscar uma novidade. E não existe nada mais fascinante na face da terra do que a novidade. É por isso que as viagens para continentes e cidades desconhecidas nos deixam extasiados. Se voltarmos a fazer à mesma viagem, na segunda, terceira (quarta...) vez já não será novidade e já não terá a mesma força e graça, nem será tão deslumbrante. Mecanismo semelhante ocorre com as piadas: são ótimas enquanto novidade (mais o fator surpresa). A novidade causa um estímulo especialmente agradável no cérebro, daí a busca de novidades no sexo ou de novas parceiras, daí a potencialização dos estímulos no cérebro: estímulo por ser sexo, mais estímulo por ser

novidade. Para aumentar o prazer, então, alguns abandonam a principal fonte de estímulos que é o corpo para buscar as novidades: objetos, filmes, drogas, aparelhos, até sexo em grupo com troca de casais e na sequência orgias e o descontrole pleno... Agora temos a circunstância de abandono ao amor e a intensa busca pelo prazer – hedonismo – condição animalesca agravada pela escravidão ao sexo!!! Por tudo o que acabamos de analisar é que acredito que o sexo é progressivo e precisa de um limite auto-imposto.

No amor é necessário que os parceiros tenham em mente esta máxima:

- “Os corpos dele e dela são fontes praticamente inesgotáveis de estímulos e de prazer que devem ser explorados pelo casal, em todas as suas possibilidades; novas alternativas de estímulos agradáveis, associadas às sentimentais e românticas, acrescidas da sensibilidade própria de quem ama e do desejo de agradar o (a) amado (a), serão praticamente inexauríveis”.

Qual é o limite? Não somos tão pretensiosos a ponto de afirmar que existe um limite único para todos, não! Existe um limite para cada um. Você deve impor o limite a si próprio.

O sexo tem que ser disciplinado na sua intensidade e na sua frequência, de modo que você o domine e não ele, o sexo, domine você.

Uma maneira recomendável de se aumentar o controle sobre o sexo é o casal, de comum acordo, instituir períodos de “bloqueio premeditado”, nos quais não se praticaria nenhum tipo de atividade sexual, sem, contudo, atingir a parte afetiva, sem afastar o carinho, a ternura, sem impedir que os corpos se toquem. Não estamos sugerindo nenhum tipo de tortura, mas sim a imitação de situações reais que ocorrem, no cotidiano, por outros motivos. Tomemos por exemplo a gravidez (que não impede o sexo, mas nos últimos meses e após o nascimento do fruto do amor, o limita), doenças ou indisposições mais ou menos demoradas (dias ou meses), ou ainda, um retorno à condição de namorados antes da consumação do sexo (nos casos em que não se tem o sexo disponível todos os dias e a qualquer hora por motivos ideológicos, religiosos ou quaisquer outros).

Esse período vai variar muito de casal para casal, uns diriam que possa ser regular, próximo a menstruação, mas há mulheres que têm seu apetite sexual exacerbado nesse período; outros dirão que deve ser dois a cinco dias; outros, durante uma semana...

A verdade é que esse bloqueio, auto-imposto, em comum acordo, funcionará como treino e freio, os farão crescer e amadurecer e ao mesmo tempo, paradoxalmente, permitirá maior atração depois do “jejum”, surtindo um efeito parecido com a madeira que estava perdendo umidade, secando, se preparando para arder em chamas, soltando depois mais energia, fogo e brilho, quando estiver “no ponto”, na lareira do amor.

Pudor

Adeptos do nudismo talvez não julguem importantes esses comentários que vamos tecer agora, mas considerando prós e contras, podemos sentir a força de alguns argumentos.

É comum, nos hospitais, o respeito muito grande pelo pudor, mesmo que o paciente esteja anestesiado ou comatoso. Ora, se médicos e enfermeiras que estão habituados a ver pessoas despidas, necessitam disso por profissão e por respeito ao paciente, para exames e procedimentos, por que o cuidado de só permitir a “nudez completa” no momento certo?

Por que no amor deveria ser assim? Ou não?

Não há argumentação que possa considerar, no casal, um erro o hábito da nudez completa, como um hábito, mas acreditamos que há motivos para que reconheçamos que é recomendável certo pudor, que se exponham as partes íntimas do corpo quando em momentos apropriados, isto é, próximos ao uso, ao ato sexual, evitando-se a rotina da exposição em situações inócuas, por exemplo: no banheiro, em necessidades fisiológicas; no banho do dia a dia, antes do trabalho; ou pela casa.

Deixar a peça íntima para ser retirada próxima de carícias diretas ou da penetração, acrescentará um estímulo visual que deixa de existir

em situação contrária. Andar nu(a) rotineiramente, fará com que os órgãos genitais sejam vistos com tamanha naturalidade (e acreditamos que isto não é um erro), que deixará de funcionar como estimulação no momento do ato sexual.

Se após a relação, na hora do cigarrinho (para quem fuma. Cuidado – o “Ministério da Saúde adverte: fumar causa impotência”) tudo permanece descoberto, à mostra, a sensação é de desprezo pela intimidade, e se os seios, o pênis e a vulva forem cobertos, a sensação que passa é de respeito, além disso, se daqui a pouco iniciar uma segunda relação sexual, novamente teremos a oportunidade do estímulo na hora “H” e aquele sabor de explorar um território escondido, guardado e cobiçado, como que misterioso ou quase proibido, estará presente novamente para funcionar como sabor enriquecedor, para ser conquistado pelo amor.

Situações Atípicas

Neste segmento nosso objetivo é comentar situações não recomendáveis baseados em observações que, mesmo polêmicas, devem ser avaliadas por conterem argumentos interessantes, às vezes, porém, não absolutos.

O uso de objetos, filmes pornográficos ou drogas que possam ter a finalidade de aumentar o prazer são, na maior parte das vezes, desnecessários e não recomendados. Excluindo-se doenças, onde se aplicam medicamentos específicos, essas e outras opções trazem uma condição que cria a busca pelo prazer apenas por prazer, não por amor, promovendo a separação dos contatos entre os corpos, subtraindo etapas da evolução do sexo e do amor, aumentando o egoísmo (e atingindo o hedonismo com vício). Submetem os que apreciam essas práticas a certo grau de escravidão e dependência. A masturbação também pode ser acrescentada nesse grupo, se descontrolada. Na criança podemos considerar que a masturbação é acidente, uma descoberta, um conhecer-se; no adolescente uma descarga de uma frustração que de certo modo a sociedade provoca e estimula indiretamente.

Vamos abrir um parêntese: imaginemos um índio de dezesseis anos e uma índia de catorze na aldeia. Para se casarem basta autorização do cacique e montar a sua tenda. Ora, na nossa sociedade de consumo os valores são tais que dois jovens adolescentes para viverem o amor não têm condições de se casarem, não podem consumir nem o amor, nem o sexo dentro do amor e acabam buscando o prazer do sexo. Será que o índio está mais preparado que o branco, aos dezesseis anos, para o casamento?

Voltamos agora à masturbação. Algumas mulheres adultas atingem o orgasmo com mais facilidade com a ajuda da masturbação durante o ato sexual, isto é, simultânea aos movimentos após a penetração. Acreditamos que a masturbação está dentro das práticas, não propriamente proibidas, mas certamente não recomendáveis, pois entre outras razões gera certo egoísmo na busca pelo prazer, não se desenvolve como um mecanismo biofisiológico natural (algumas pessoas sentem um prazer como que incompleto e insatisfatório no orgasmo obtido através da masturbação). Também, não parece haver respaldo na natureza. Observamos que a maior parte dos animais não a pratica e os que a utilizam não a fazem de maneira rotineira.

Algumas situações beiram a patologia: indivíduos que só tem prazer ou um bom “performance” em situações de extremo perigo ou com dor associada – sadomasoquismo – “detesto apanhar dele, mas quando ele me bate gozo mais rápido”?!

Consideramos, também, a homossexualidade uma situação atípica, uma busca pelo prazer que mistura proteção e afeto com uma falsa confiança em si próprio: parece lógico supor que as pessoas homossexuais não estão contentes com seu sexo (os homossexuais masculinos mimetizam em muitas coisas as mulheres) e, portanto, vão basear a sua “relação” de amor sobre essa insegurança e frustração; queriam ser mulheres, mas têm incrustadas desde criança em sua mente, e, também, certas vezes na própria genética, o conceito de serem homens, daí um conflito inconsciente que se reaviva alternadamente, com altos e baixos, influenciando nas condutas, no humor e até nas escolhas do dia a dia. Ninguém pode negar que há nesse ser um desajuste entre o que ele é e o que ele queria ser, anatomicamente, no mínimo.

Não há na homossexualidade um desejo embutido de preservação da espécie, que é uma das hipóteses que tentam explicar a teoria da evolução das espécies. Tanto no homossexual masculino como no feminino não há substrato anatômico para o par durante a relação sexual. Se no mais simples não parece haver justificativa para a homossexualidade que se dirá no mais complexo? Não vemos como um ato sexual próprio da natureza, nem entendemos que se o prazer for intenso possa, também, envolver um amor verdadeiro tal qual o atingido pelo amor HM, ou outros níveis de amor. Além disso, se nos animais encontrarmos homossexualidade, a relação não será rotineira ou com o vínculo afetivo. Talvez os animais o façam por diversão, mas são irracionais. Não nos parece lógico o homem considerar apenas, como uma opção pessoal (rótulo atual), o relacionamento homossexual e buscar explicações, no máximo acrescentará atenuantes, mas não justificativas para esse tipo de postura ou para os demais citados aqui (masturbação, uso de objetos, drogas, vídeos, etc).

Sobre a homossexualidade temos que destacar que a ciência ainda não chegou a alguma conclusão sobre as causas que a desencadeiam e consideramos que o ser humano homossexual deve receber o mesmíssimo tratamento e respeito, por parte de toda a sociedade, que o heterossexual (veja comentários humanos e imaginativos no capítulo “Sobre o Cérebro”). Em nossos caminhos pela vida, tivemos a oportunidade de trabalhar com pessoas declaradamente homossexuais, masculinas e femininas, maravilhosas, competentes, dedicadas e sensíveis, as quais pudemos admirar no cotidiano.

Todos esses exemplos são situações atípicas, talvez, polêmicas, que podem e até devem ser respeitadas, mas que não vemos motivos para que sejam estimuladas.

Sobre medicamentos específicos para a impotência ou frigidez, pensamos que a indicação é exclusivamente médica.

"Ideal"

Desejamos colocar alguns itens que podem ser considerados genéricos e outros que, apesar de raros, devem ser mencionados, porque colocam uma situação especial, tal que quem a atingir não se arrependerá. Vejamos, a liberdade (uma mente aberta) é condição essencial para uma entrega plena com a ausência de tabus, bloqueios e conflitos, permitindo tanto dar como receber carinho, afetividade e sexo, que em certos momentos se confundem.

Receber e entregar-se para acolher a sexualidade do outro é tão importante quanto dar e entregar-se ao dar. Nessas trocas, além da liberdade, entra uma participação ativa e passiva, de uma linguagem muda de toques, sons peculiares e manhas, que incrementa o estar amando numa extensão maior do que a que os corpos ocupam.

Certas mulheres são privilegiadas, pois, por não terem experiência maior com a masturbação, têm maior prazer na copulação com o pênis introduzido na vagina e por esse mesmo motivo desenvolvem maior desejo e admiração pelo membro masculino, do mesmo modo que muitos homens pela vulva. Parece haver indícios de que essas mulheres atingem orgasmos múltiplos, nessa relação, com maior facilidade que as outras que têm maior experiência com a masturbação.

Espontaneidade, autenticidade e naturalidade são itens que enriquecem a relação sexual e são bem opostos ao fingimento. No amor não cabe falsidade. É melhor o sabor amargo de não conseguir hoje (com paciência se conseguirá), do que a frustração da descoberta de que aquela relação sexual e aquele orgasmo feminino não existiram, foram falsos e mentirosos. Não será fácil superar tal fato quando for descoberto.

Não há necessidade de se ter relação sexual com objetivo único, exclusivo e absoluto, como o orgasmo. Ele deve ocorrer, mas se não for atingido não é o fim do mundo. É preciso ter em mente, nitidamente, que os carinhos e as trocas de afeto são muito importantes e o orgasmo tem que ser uma consequência, não um objetivo.

O objetivo do sexo pode ser o amor ou procriar, mas não o prazer.

Há várias maneiras de se atingir a realização dentro do amor, como há vários tipos e níveis de amor, mas em uma delas, o sexo, pode englobar este complexo:

- “a grandiosidade quase infinita do momento de magia e prazer, encanto e felicidade, fascínio e êxtase, transcende o visível e o perceptível, numa dimensão entre o concreto e o abstrato, ao envolver dois corpos e duas almas em vibração energética, uníssona e embriagante, no poder da força radiante, vivificante e criadora da consumação do amor.”

Realizar o sexo dentro do amor, consumir o amor através do sexo é uma forma de vivenciar um componente do amor e sentir a magnitude de algo tão grande como o sexo contido em algo muito maior, o amor.

Ter a sensação da grandiosidade do amor significa, entender implicitamente, que o sexo é muito mais que um simples prazer carnal, significa que dentro do amor ele é uma forma de concretizar na carne algo abstrato vibrando no espírito, e vice-versa.

Cada pessoa sente a si própria sentindo a outra, e cresce à medida que descobre a força do sexo dentro da carne e dentro do espírito, vibrando com a outra alma, numa verdadeira fusão de corpos e de almas...



É muito bonito quando o amor, entre um homem e uma mulher, se comporta como dois riachos confluentes que se fundem em um lago.



CAPÍTULO DEZENOVE

SOBRE A RESPONSABILIDADE

No capítulo “Sobre a Classificação dos Componentes do Amor” coloquei a responsabilidade como um item dos componentes de progressão porque cabe a nós desenvolvê-lo ou não e, diante de sua importância e de sua constância, em vários componentes, acreditamos que ela merece um capítulo a parte.

Posso dizer que responsabilidade, no amor, é o dever que a pessoa tem de agir, de atuar, de tolerar, de procurar evitar um mal ou um erro que está para se instalar ou de vencer a inércia da omissão, isto é, de superar a tendência a se acomodar, fugindo de momentos que podem ser dolorosos, para superar um fato que, aparentemente, tem pouca importância, mas que impede a escalada dos degraus do crescimento e do amadurecimento do amor.

O conceito de responsabilidade pode estar ligado à imputabilidade quando se pensa em uma ação que, eventualmente, foi errada, merece a conotação de culpa: “ele foi responsável por ela ter caído ao deixar aquela casca de banana no chão”, isto é, culpado. Por outro lado, a responsabilidade envolve, necessariamente, um passo anterior que está ligado a uma escolha e, conseqüentemente, a um exercício da liberdade, isto visto como livre arbítrio.

Então, um casal decide ter um filho: responsabilidade de eles

tentarem dar o melhor possível de educação, condições de qualidade de vida, de saúde, de desenvolvimento, de amor, para a vida toda.

Vamos trabalhar sobre um exemplo simples: sobre o exercício da sexualidade em relação à consumação do amor. Sabemos que há uma série de fatores que podem modificar os resultados, aqui, neste capítulo, temos que destacar que a responsabilidade da excitação, do prazer e do orgasmo de um parceiro é exatamente do outro parceiro. Digamos que ela tem que estar consciente que ele manterá a ereção desde que o estímulo seja agradável, e atingirá o orgasmo se o estímulo atingir maior intensidade, progressivamente; é responsabilidade dela o prazer dele e vice-versa.

É fundamental que entendamos que todos os atos, dentro do amor, necessitam que os dois atuem, envolvam, para cada um, a sua parcela de responsabilidade.

Pode envolver aptidões e habilidades quando um dos parceiros tem facilidade de realizar uma tarefa e o outro tem dificuldade. A compreensão e a sensibilidade de cada um vai permitir que ambos entendam e respeitem os limites individuais em suas ações e escolhas, bem como, é necessário que tenham em mente os compromissos assumidos em suas responsabilidades e a importância de se “atirarem” de coração para atingirem um grau elevado de envolvimento, sem o qual o relacionamento ficará frio e retrógrado.

O casal, no amor, tem que ser visto como uma equipe esportiva, digamos, de tênis, num jogo de duplas. Se um está no saque o outro pode estar na rede, um realiza a função e o outro a complementa, ou realiza outra função.

A responsabilidade inclui também a cobrança. Cobrar, comedidamente, do outro algo que se tem direito, com amor, por amor, é um dever. Essa cobrança deve ser feita nas pequenas coisas para que não atinja as grandes coisas. “Você não me beijou ao chegar.”; “Você estava tão preocupada com a correria do trabalho que esqueceu que hoje é o dia do meu aniversário.”; “Você sentou à mesa e bebeu champanhe sem brindar.” Pequenos detalhes que se não forem consertados a seu

tempo irão se avolumando. Não pode “deixar para lá”.

A responsabilidade de cada um está sempre na balança quando um casamento vai mal. Muito raramente, apenas um é o culpado, quase sempre a culpa é dos dois, ou melhor, a responsabilidade. Não importa muito saber quem é mais responsável pela degradação da relação, ideal seria que não só ela estivesse estabilizada, mas também num crescendo positivamente proporcional. Um erra e o outro ignora, isto vai se sucedendo, se acumulando, até o ponto em que a convivência começa a se tornar difícil. Diminuem-se afetividade, sexualidade, perdão, respeito, etc., e assim tudo vai ruindo. É responsabilidade dos dois. Por suas omissões a relação amorosa vem se delapidando.

Lembremos que o amor é uma construção a dois. Reveja o “Templo do Amor”(fig. 1, pág.25).Cada um tem que colocar a sua parte.É sua responsabilidade.Tem que ser uma postura de iniciativa permanente, vigilante, determinada, dosada e feita com a razão e o coração: regar a plantinha do amor com água azul é responsabilidade dele; com água cor de rosa, dela. Quem não faz a sua parte estará sendo irresponsável.

Cabe aqui um parêntese sobre uma palavra ao mesmo tempo dúbia e estimuladora: cumplicidade. É dúbia, porque parece embutir um delito, que não é nossa intenção, e estimuladora porque sem ela algumas vezes o casal fica bloqueado. É aquela situação onde ambos têm que usar da criatividade e ousadia para saírem do meio familiar, em uma festa, para curtirem-se um pouco a sós, quando aquela simples troca de olhares já faz com que tomem uma conduta nas diversas situações.

Incluí a cumplicidade dentro da responsabilidade porque apesar de, às vezes, ela atingir uma intensidade grande no amor ela, a meu ver, necessita estar amarrada à responsabilidade para não tomar rumos de convivência no “crime.”

Sem cumplicidade responsável o casal fica muito dependente do circunstancial, como um barco carregado pela correnteza. Por vezes, é preciso atracar num recanto à margem do rio para retomar o fôlego, antes de prosseguir.

Vou citar algumas situações sobre o tema desse capítulo - somos responsáveis no amor quando:

- Nos preocupamos em cumprir uma palavra empenhada, seja para o horário marcado para um encontro, seja para cumprir a promessa de fidelidade feita na cerimônia do matrimônio;
- Ficamos zelosos com o cuidar;
- Exercemos o respeito;
- Somos solidários (sem nunca virar as costas ao ser amado);
- Perdoamos o erro do outro e também o castigo, que muitas vezes temos vontade de aplicar;
- Ficamos atentos em agradar e suprir, no que for possível, as necessidades afetivas e outras, sem mesmo que o nosso parceiro nos peça;
- Exaltamos componentes do amor como: transparência, confiança, liberdade, e caridade.

A irresponsabilidade no amor está ligada com frequência a negligência (quando estes pensamentos estão conscientes ou inconscientes: “Ah! Não adianta mesmo...”; “que se dane”, etc.).

Existe a necessidade da preocupação com todos os detalhes da relação, com todos os componentes: isso tudo envolve a responsabilidade. Em cada componente do amor, em cada fase do amor, em cada ato devem estar na mente estas perguntas: qual a parte que me cabe? Em que eu sou responsável? Qual é o meu atributo? Que mais eu poderia fazer? É óbvio que as respostas têm que ser dadas também pelo coração para que não falte calor, pois não se deseja que o resultado seja equivalente a máquinas programadas para cumprir obrigações.

Queremos acrescentar que é necessário associar ainda à responsabilidade as noções conceituais de compromisso e envolvimento, para qualquer nível de amor.

No amor HM (homem-mulher), quando cada um está se comprometendo em fazer a sua parte (o que não basta) e um pouco mais, por amor; quando ambos estão envolvidos em concertar os erros do relacionamento, aprimorando-o; quando estão determinados a fazer com que dê certo o seu casamento, as soluções dos problemas surgem,

porque acreditamos, e as inúmeras experiências vivenciadas, através dos exemplos relacionados com a nossa proximidade no dia a dia, comprovam que o verdadeiro amor, pode vencer barreiras inacreditáveis...




Erich From (ref.9, pág. 82) nos diz a respeito do amor e casamento:

"Somos todos parte de Um; somos Um. Sendo assim, não fará qualquer diferença quem amemos. O amor será essencialmente um ato de vontade, de decisão de entregar minha vida à outra pessoa. Isto é, em verdade, o que existe de racional por trás da idéia de indissolubilidade do casamento..."




Em termos de amor, o envolvimento significa colocar o corpo e a alma com fé e esperança, agindo, procurando servir, dar o melhor de si, escolher o melhor para cada situação com retidão, isto é, procurando o bem, a caridade, de acordo com a natureza, com valores éticos, morais e espirituais.

O amor real e puro não espera retorno: este ocorre ou não, por isso, todo sacrifício feito por verdadeiro amor não é sacrifício, nem para si nem para outrem, é, de fato, investimento num amor maior...




Lembre-se: estarem juntos, fazerem juntos, sonharem juntos são alimentos fundamentais para o amor.

Somos humanos e, às vezes, o ódio passa por nossos corações: lutemos persistentemente para afastá-lo: nos faz mal e, também, aos que nos rodeiam.








A irritação pela transitoriedade conscientizada de nossas existências expõe a nossa impotência.








Quando você se vinga de alguém, você analisou um ato exercido por essa pessoa, julgou, condenou, puniu, e, possivelmente, não deu nem chance de defesa.

É incrível saber que os valores usados para essas etapas todas serão, inexoravelmente, aplicadas à você próprio, no futuro, mesmo que inconscientemente, por você mesmo ou por outrem.

O entendimento depende da sensibilidade, do conhecimento e da capacidade de síntese na interpretação dos fatos.

CAPÍTULO VINTE

SOBRE O APEGO

Acredito que o apego é componente tipicamente humano, de conotação vinculatória material.

Podemos encará-lo como o impulso que se equilibra entre o desejo de posse exclusiva e irracional, por um lado, e o chamamento da razão ao respeito da individualidade do ser amado, por outro lado.

O lado negativo do apego pode ser lembrado com seu nome vulgar: ciúmes.

Esse apego irracional e descontrolado pode ser encontrado no tipo de pessoa que telefona, não para trocar carinho, mas para mostrar desconfiança; não para emprestar solidariedade, para dar apoio ou para pedir ajuda, mas para manter o “adversário” sob suas garras; não para preocupar-se com a evolução do dia do ser amado, mas para confirmar a posse. No fundo, a insegurança, a falta de maturidade da pessoa ciumenta e a falta de consistência no relacionamento é que norteia esse estado de espírito que mantém fronteiras com a patologia.

O excesso de apego então vira ciúme.

Dizem com propriedade que “tudo o que é demais não presta”. Talvez, amor pleno e verdadeiro demais associado à felicidade demais,

não se incluísem nessa frase, mas quem conseguiu isso nesta vida? Podemos conseguir apenas momentos muito felizes, que pela própria fragilidade da natureza humana não são permanentes e, via de regra, nem sempre são plenos.

Não afirmamos que não existe amor, mas sim, que na condição de extremo apego (= ciúmes), há um descontrole tal que criaria um estado deste tipo: de repente, o indivíduo começa sentir-se um deus. Achando que tem muito amor para dar à sua serva, pretende, ao fechá-la na campânula, ser o alimento, a água ou ar, a energia e a eternidade, desejando que ela não tenha as suas próprias necessidades e que o elegendo o grande deus, o seu grande deus, lhe reverencie o seu amor dizendo: “você é tudo para mim, não posso viver sem você, espero como uma flor nessa campânula, por um minuto de teu amor, quando você quiser. Sou só tua, para sempre, nada é mais importante para mim do que você, meu deus amado. Jamais quero perder-te. Pouco de ti é melhor do que nada, e quanto mais tempo estiver com você mais feliz serei”.

Mas, nos interessa destacar, principalmente, o apego como componente normal e humano do relacionamento ele - ela ou HM. Esses estados extremos citados acima ou comparação com certas profissões como, por exemplo, a do mau político (ou qualquer outra profissão), que, por vezes, tem um apego pela negociação que chega a superar qualquer patologia psiquiátrica, fazendo com que ele venda a honra, a mãe e alma, devem ser postos de lado e foram citados apenas para se entender o lado negro do apego e a importância do equilíbrio.

O delineamento do apego, aqui empregado, põe na balança os dois lados desse impulso (posse e individualidade), que, quando desequilibrado, cai em um estado doentio que não consideramos como componente do amor (o ciúme), sufocando o objeto desse amor, a ponto de, coibindo-lhe a individualidade, poder provocar, até, uma “despersonalização” ou um bloqueio de tal grau que a liberdade só seria alcançada com a ruptura amorosa ou, obviamente, com o retorno do equilíbrio do apego, isto é, existir mais um desejo de estar junto, de não se apartar, do que de posse.

Mas, o apego tem seu lado positivo, altamente positivo. Quem o

atrofia, na relação ele - ela, também comete um erro.

Todo ser tem a ânsia (desejo insaciável) de se sentir importante, útil e admirado. Não sentir apego por parte da pessoa amada, para si, é equivalente ao desprezo, a rejeição: “pode sair com quem quiser, pode fazer o que bem entender não me afeta”. A conclusão é imediata: “não sou importante, se sair da sua vida nada muda para ela”.

Naturalmente ela pode dizer que não tem apego por ele não só com a frase acima (“pode sair com quem...”), mas com atos, gestos e de uma maneira, talvez, até, mais grave: com omissões. Mesmo sem dizer nada, a ausência de cobrança existente na omissão, o desinteresse pelo estado interior, necessidades ou pelo estado emocional do parceiro, pode gerar um sentimento de desprezo que o faça, de acordo com seu “Eu Total” e o CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser) e do estágio evolutivo espiritual e de maturidade atual, suprir suas necessidades em outras fontes. Alguns se atiram, nessa situação, de cabeça, no trabalho, na droga, na amante, no álcool e em outras ideologias religiosas, políticas, etc., mesmo que não tenham consciência do fator desencadeante inicial (“você não é importante para mim...”: rejeição e desprezo), outros se fecham no desespero e na depressão, ao final do desenrolar dos fatos.

Tudo isso ocorre porque o apego embute um elo fundamental no amor: estar juntos. Quem tem apego por alguém, tem o desejo de estar ao lado desse alguém, quer que esse alguém seja seu para “convivência” (dar e receber) e “adorno”, para compartilhar e amar.

O desejo de estar juntos é fundamental no amor entre quem ama e o objeto amado. É impossível amar e querer apartar-se. Quem ama jamais deseja separar-se do ser amado. Um sentimento próprio de quem ama é estar junto.

Ter apego por alguém é, através das palavras, atos, emoções, razão, carinho, etc., demonstrar que se quer a pessoa amada, inteira, com qualidades e defeitos, indivisível; que se quer o estar juntos, tanto quanto possível, que não se quer correr o mínimo risco de perdê-la. “Amorzinho, não quero te perder”, nesta frase o apego valoriza o ser amado, o torna

importante, admirado e denota a vontade de estar juntos.

Algumas pessoas não querem exteriorizar o apego com medo de perder o ser amado, com receio de que este, ao perceber o seu medo, cometa a fragilidade de superestimar-se, tentando submetê-las aos seus caprichos. Mostrar o medo de perder a quem se ama é um respeito e uma valorização que tem muita importância, e esconder esse medo pode demonstrar, mesmo que erroneamente, desprezo (“não tenho medo de te perder”).

No amor, é tolice esconder os sentimentos. Quem imagina que através de artifícios, jogos, manobras e artimanhas vai conseguir levar um amor para a eternidade poderá ter o dissabor de descobrir dez, vinte, trinta ou quarenta anos depois que o relacionamento foi artificial e não verdadeiro.

Se existe amor verdadeiro, colocar os sentimentos e exercitar a transparência, vai permitir que as fragilidades de pessoas humanas em evolução sejam superadas. Se não for verdadeiro, de uma das partes, que se descubra o quanto antes. É natural que esses sentimentos devam ser colocados com respeito e em momentos próprios e, através do diálogo, serem amadurecidos. Um amor HM onde os parceiros ou um deles esconde os sentimentos, jamais irá crescer e dará, obviamente, poucos ou nenhum fruto.

Em níveis mais elevados de amor o apego se prende ao estar junto mais intensamente e rejeita, progressivamente, cada vez mais, o desejo de posse, até anulá-lo.

CAPÍTULO VINTE E UM

SOBRE A CARIDADE

Um componente amplo do amor é a caridade, muito vasto. Talvez possamos defini-lo, de maneira simplificada, como a condição ativa de um estado de espírito, capaz de dar de si, do fundo do coração, algo material ou não, visando o bem do outro, sem nada em troca.

Há pessoas que confundem caridade com esmola. Esmola pode ser uma forma de realizar a caridade, dependendo do estado de espírito de quem a está praticando. Se for para se livrar daquele mendigo que está incomodando, não tem valor algum. O desejo sincero de agradar, de ajudar, de exercê-la, envolve, necessariamente, um estado de espírito de amor ao próximo com gratuidade.

Alguns componentes do amor são muito imbricados em outros. Agora que estamos falando em caridade iremos sentir que ela tem laços mais ou menos íntimos com muitos componentes.

Os exemplos nos ajudam a deixar um pouco de lado a parte teórica em benefício da prática, então, vejamos: quando damos carinho buscando carinho ou sexo deixamos a caridade de lado, mas quando apenas damos carinho e afetividade por dar, para passar conforto e apoio, solidariedade, então aí a estaremos exercitando.

Dentro do amor, em pequenos detalhes, nós a exercitamos: quando

cuidamos do outro gratuitamente; ao cobrir o outro, adormecido, com um cobertor, em um dia frio; ao oferecermos um copo d'água que não foi pedido; ao darmos um sorriso irradiando amor; ao ajudarmos em alguma tarefa, etc. Aqui, ela pode estar associada ao afeto, mas também está ativa pelo estado de espírito de amor ao próximo.

Mas, por que a caridade que está incluída em tantos componentes merece um capítulo à parte?

Porque, quanto maior o amor, maior o espaço que a caridade ocupa, quase que anulando ou diminuindo muito outros componentes.

Para entendermos melhor talvez seja necessário discorrer um pouco sobre algumas das qualidades da caridade:

- A caridade, como foi dito acima, dá gratuitamente, sem pedir ou esperar nada em troca. Isto exclui o fazer por obrigação; exclui o interesse da vantagem e polariza o amor no fluxo unidirecional: dar, construir, criar, ajudar, pelo desejo de fazer crescer (o outro), transferir o conforto, paz e alegria ao outro;
- A caridade não anuncia o bem feito, alardeando, ela é calada, silenciosa, boníssima, humilde, doce, suave. O mérito de quem exerce a caridade vem por si, ocorre por consequência e não por finalidade. O exemplo citado a pouco, do cobertor, é bastante esclarecedor: cobrimos o ente amado, a criança, cuidando, é verdade, mas acima disso dando amor, gratuitamente, silenciosamente. Não desejamos estragar aquele sono tranquilo, talvez acompanhado de sonhos aconchegantes. Não temos intenção de acordar o ente amado para anunciar que o estamos cobrindo, fazemos porque temos prazer em lhe proporcionar calor e carinho como bens gratuitos;
- A caridade não mede o que dá. Esta qualidade exige uma pureza maior, um coração tão puro como o de uma criança. Nesta situação apenas se preocupa com o objetivo e não com o que perde, pois que, por amor, mesmo que aparentemente se perca algo, na verdade, de fato, se ganha. Vamos tentar ilustrar estas idéias: um homem tentava ir a uma cidade distante para comprar algo de seu interesse que estava em

liquidação, se esgotando; na saída, seu filhinho lhe pediu para comprar um doce e o atrasou. Retomando seu caminho encontrou um amigo que ia para a mesma direção; foram assaltados e o amigo feito refém; só seria resgatado aos ladrões, por valores que interessasse aos ladrões, assim, o homem ofereceu 2/3 do dinheiro que carregava, reservado para preservar o sucesso da viagem, pela vida do amigo. Ainda, numa derradeira campanha, é obrigado, por seu coração puro, a entregar seu 1/3 final de dinheiro, sem lamentar, em benefício de uma mulher conhecida, presa injustamente; enfim, não comprou o que queria. Esse exemplo nos mostra que a caridade atinge dimensões do nosso. Caridade é dar de si mesmo o que alguém pede ou precisa e não só o que sobra. Caridade é dividir o pão e a às vezes dá-lo todo. Não por não se ter fome, ou por se ter pouca, ou por estar sobrando, mas mesmo passando fome. Mesmo ficando sem para si próprio, pelo bem do outro.

No amor ele - ela isto atinge a dimensão do esquecer de si, puramente, destituído de qualquer egoísmo, transcendendo as necessidades da carne e atingindo a nobreza do espírito, quando amadurecido e evoluído, para o bem do outro.

No amor-comunidade a caridade é mais perceptível e mais volumosa, enquanto no amor ele - ela, ela percorre pequenos detalhes em sua maior frequência.

A caridade ignora a glória, o orgulho, a inveja, o egoísmo e a maldade. Repudia a vingança, exalta o perdão, esquece a injustiça.

A caridade não se irrita, ao contrário, é benigna e paciente; tudo desculpa, tudo suporta.

A caridade é necessária para investir no outro, no amor. Pois que ao perdoar ela, imediatamente, dá crédito novamente, com pureza de coração. Ela cresce na verdade; tudo desculpa e tudo crê.

A caridade parece ser a “sentimentalização” do cérebro, tornando,

cheio de calor humano, o raciocínio; predispõe, do coração, amor puro e ingênuo, tanto mais profundo quanto mais caridoso for.

A caridade não é um gesto ou um ato, mas um estado de espírito, o estado da alma, a alegria do coração ao realizar o ato ou o gesto. Ela é o desejo sentimental puro, sincero e verdadeiro de fazer o bem.

É na caridade que encontramos um escudo intransponível para o mal, pois ela é toda bem.

Ao contrário, um amor sem caridade (se possível fosse) seria um amor egoísta, materialista ou do tipo toma lá, dá cá, um relacionamento destituído de continuidade, pois que não investe e apenas paga o preço de cada passo e cobra ao mesmo tempo o custo de cada gesto. Sem a caridade o amor é destituído de sentimento, é frio, transformado em máquina programada, interesseiro e fatalmente se despedaçará.

A caridade pode crescer tanto que chega a ter o tamanho próximo do amor, tendo em seu seio todos os componentes nobres e fundamentais do amor, mas o amor é o todo e a caridade a parte.

Quando falamos em valores, no amor, é fundamental ter esta máxima: “a caridade é o maior valor que os homens podem exercer, entre si, nesta vida. Não há nenhum valor maior”.

A caridade é um estado de espírito próprio de pessoas humanitárias, sensíveis, depreendidas, humildes, etc.; isto significa que quanto maior for a facilidade que a pessoa tem de vivê-la, maior sua maturidade, seu nível de evolução e sua capacidade de amar...

Em “Amor é vida” (ref.4, pág 55) o autor comenta a relação entre servir e felicidade:

“não espere a felicidade à porta de sua casa, mas vá ao seu encontro sempre pronto para amar e disponível para servir.”

(e na ref. 4, pág. 54:)

“o segredo da felicidade está na arte de dar e não na ambição de possuir.” ; “no desprendimento do amor, na generosidade do

coração, na prontidão em entregar e no oferecer sem condição, reside a verdadeira arte de amar; e da verdadeira arte de amar, brota a verdadeira felicidade."

No mesmo tema temos: Tobias 4,6

"pois a agires com retidão, todos os teus empreendimentos terão um curso feliz, como acontece com todos que praticam a virtude".

O "estado de espírito" da pessoa que exerce o amor com a caridade é de uma energia fulgurante, tal que atinge a dimensão de uma felicidade interior e expansiva. Gera um círculo vicioso porque purifica e, ao purificar, mergulha num estado de espírito mais evoluído, mais profundo, expandindo-se mais, doando-se mais, purificando mais, aprofundando mais...






O ressentimento é como a roupa suja, a sujeira debaixo do tapete ou o pus debaixo da casca da ferida. A comparação neste último caso é bastante proporcional: temos que tirar a casca coagulada da ferida, limpá-la e, às vezes, lavar bem (e vai doer), aplicar medicamentos, tomar antibióticos e fazer curativos adequados, do contrário a infecção pode se alastrar, comprometer um membro, levar à gangrena e à morte. Ninguém escolhe ferir-se, acontece. As mágoas e os ressentimentos têm que ser tratados precocemente para não se chegar à separação.






Algumas pessoas, detentoras do poder ou não, pensam que podem manipular os destinos dos que os rodeiam, a bel-prazer, ao invés de procurar a justiça, a verdade, a ética e a moral. Às vezes conseguem por um período, mas inevitavelmente, pagarão um preço alto por tal crime, um pouco mais adiante...









Você pode ter amor pelos outros, igual ou maior ao seu amor-próprio; menor, nunca.




Num dos momentos do casal onde há a consumação do amor, o sexo, é importantíssimo que exista a entrega plena, a participação ativa e espontânea de ambos.

Algumas pessoas pensam ser deuses, inconscientemente, no mínimo, com o desejo de dominar, de mostrar que sabem todas as respostas e que sempre conhecem todos os caminhos, como donos da verdade, transbordando orgulho e vaidade sobre as pessoas que os circundam, quer sejam carentes, fragilizadas, menos agraciadas pela vida ou não.

A essência de valorizar alguém é dizer: “você é muito importante para mim”. Demonstre isso sempre que for possível, com atitudes, posturas e, principalmente, com ações, não só com palavras. Se você magoou a quem ama, pedir perdão é uma forma de valorização.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

SOBRE A RENÚNCIA

Vamos convencionar que renúncia é a capacidade que uma pessoa tem de desprender-se de um bem material, ou não, em benefício de um bem maior.

Na renúncia encontramos uma demonstração mensurável do amor, qualquer que seja o tipo de amor: a uma mulher, a um filho, à comunidade, à pátria ou a uma instituição. Ela é uma das maiores provas de que um amor é verdadeiro. De fato, não é possível entregar-se ao amor sem um grau maior ou menor de renúncia.

Podemos afirmar, com convicção, que quanto maior for a renúncia mais nobre será o nível de amor envolvendo aquele relacionamento; maior será o amor e que, quanto mais amor houver, mais fácil será a renúncia.

Observemos que a renúncia e o amor são diretamente proporcionais, isto é, aumentam juntos e significam também maior doação e entrega, portanto, quanto mais uma pessoa se doa e se entrega, maior seu desprendimento, sua renúncia e seu amor.

Não é possível amar sem renunciar e, por extensão, realizar sacrifícios e privações será tanto mais intenso e espontâneo quanto maior for o amor, quanto maior for o desenvolvimento espiritual e quanto maior for a ausência de orgulho (no sentido da soberba) e egoísmo do ser.

Um pai ou uma mãe chegam a dar, num ato máximo de amor, a vida para salvar o próprio filho, e a vida é o bem maior que temos.

Outros exemplos são mais simples a partir desse entendimento, num amor ele - ela é relativamente comum que ocorram pequenas privações: ela quer conversar, ele quer dormir; um está com muita vontade de sexo e o outro quase nada; um quer passear e outro quer ler; e assim exemplos inúmeros mostram que é necessário disciplina, concentração e doação, mais vigilância e renúncia para permitir que uma mobilização ativa alimente a roda viva de amor no sentido progressivo e não no retrógrado.

A renúncia é a explicação quando digo que o egoísmo e o orgulho matam o amor de qualquer tipo e em qualquer nível, aliás, qualquer relacionamento. O egoísta não renuncia a quase nada e o orgulhoso não perdoa, não se arrepende, quer sempre estar por cima e acima de tudo e de todos, e não admite sair perdendo. Ao agirem assim, egoístas e orgulhosos, mostram seus valores de importância, consideram prioridade suas próprias satisfatoriedades, ignorando cada vez mais o outro, até a anulação do mesmo.

O que acabei de expor é uma das razões de que quem pouco quer está mais próximo de obter tudo (falta-lhe pouco); porque ao se doar atinge um alto grau de caridade sublimando, inclusive, as próprias necessidades.

Agora, mais uma vez, podemos imaginar uma condição ideal do amor HM (ou talvez pela fragilidade do ser, utópica): um se preocupa tanto em agradar o outro, em se dar, se doar ao outro, que esquece de si, mas tem as suas carências suprimidas pelo outro e vice-versa. Esse grau de evolução, no amor, acentua a transformação de ambos em um só, inclusive no espírito, pois que um "sente" o outro em si. Estão mais elevados do que a carne, atingiram um nível altíssimo e são mais do que uma só carne, estão mais unidos e evoluindo para a fusão, para serem um só.

Talvez caiba aqui um comentário sobre uma comparação com a economia. Economia?! Sim: investir!

Investir pode significar: usar o produto de uma economia ou lucro para uma aplicação, visando ampliar o benefício.

No amor, investimos no outro quando acreditamos que privar-nos de algo hoje irá ajudar a criar um relacionamento mais sólido amanhã; investimos no outro quando renunciamos a um prazer ou a uma vantagem unilateral para fortalecimento da união, buscando um ideal maior que será maravilhoso se for comum.

Quando falo em investir, neste capítulo, estou tentando juntar um “tirar do bolso” para “apostar” no relacionamento, e “tirar do bolso” é uma renúncia que necessita de outro ingrediente: acreditar.

Se eu acreditar que posso construir um “Templo do Amor” com ela, em vez de dormir, jogar bola, passear ou outro tipo de atividade que me proporcionaria prazer (para um), eu vou investir em conversar, discutir nossa relação, me readaptar, passear com ela, etc. Vou investir no relacionamento renunciando às coisas individuais. Mudar de hábitos, mudar os valores (estar com ela passa a ser mais importante do que antes), construir.

Nessa linha de raciocínio cada vez mais estamos nos aproximando de uma renúncia maior, de um desprendimento maior, tal que permita, a cada um, abandonar-se mais na doação, no doar-se, no entregar-se.

Certamente, tudo isto é mais fácil de se falar ou escrever do que, propriamente, fazer.

Abandonar bens materiais aos quais estamos apegados, prazeres que nos embriagam e nos fazem esquecer a realidade de uma vida cheia de vicissitudes, com momentos amargos e dolorosos; desprezar hábitos e costumes, até mesmo “vícios”, que “tornam” nosso fardo mais leve, em benefício do amor, não é nada fácil.

A vida, num grau de evolução maior, teria que ser vista como uma passagem, um teste, uma prova, a ponto de encararmos as coisas que temos como se não as tivéssemos e, os títulos, os relacionamentos que conseguimos, como também, se não os tivéssemos. Se conseguirmos,

então, teríamos nossos conflitos internos, carências e necessidades atenuados, diminuídos e regredidos, num crescendo, a favor de um desprendimento tal que alcançaríamos a liberdade, uma liberdade ampla, expansiva, desprendida e leve, a ponto que a renúncia seria suave, quase automaticamente gratuita, pois só renunciariíamos ao que temos e queremos, se nos desprendêssemos tanto que, então, deixaríamos de querer muito e de ter muito, dando mais.

Aqui podemos comentar de maneira simplória que a felicidade está diretamente ligada ao que “temos” (não só físico, material) e queremos. De um lado da balança “ter” e do outro querer. Se eu quero muito, não consigo e não “tenho”, sou infeliz; se “tenho” tudo que quero, sou feliz. Só se pode ser feliz de dois modos: ou elevo os meus “rendimentos” ou “conquistas” ao nível do que quero, ou diminuo o meu querer ao nível do que “tenho”. Na verdade, não existe felicidade fora do amor e da paz de espírito, isto é, envolve esse sentimento de alguém para alguém. Existe, a nosso ver, amor sem felicidade, mas não existe felicidade sem amor (será outra coisa: satisfação, alegria, realização, prazer, etc.). Não é minha intenção entrar no tema felicidade, neste momento, apenas desejamos relacionar que um grau maior de renúncia diminui drasticamente a distância da felicidade.

Vou, sem entrar em detalhes, apenas para assinalar, que “ser” é muitíssimo mais importante do que “ter”.

Se percebermos que muito do que almejamos não é fundamental para determinado objetivo específico, mesmo que possa ser importante, renunciamos a esses “entretantos”, nos aproximamos mais rapidamente da felicidade e do objetivo.




Renunciar é, pois, uma privação auto-imposta no amor em benefício desse mesmo amor.

“Não faço isso”; “eu jamais”; “deixar de curtir isto que eu gosto só para fazer aquilo com você?”. Essas frases são próprias de quem está valorizando seu próprio prazer acima da relação comum.




Mas, dirão outros: “se eu não pensar em mim quem irá pensar?”; “se eu não me preocupar com meu próprio prazer, o que sobrá para mim?”.

Não podemos tirar o valor desse questionamento, mas será, no nosso modo de pensar, um pensamento superior “esquecer-se” por amor. Vamos pegar um exemplo: uma mãe prefere amamentar seu filho recém-nascido apenas uma vez na madrugada, às quatro horas, aproximadamente, porque acredita que também deve dormir e a criança tem que se habituar a esse procedimento, no entanto, uma outra mãe não se importa de amamentar um filho, da mesma idade, sempre que o mesmo chorar, pois “se ele tem fome, sacrifício meu sono quantas vezes forem necessárias”. No primeiro caso, a prioridade valoriza a mãe; no segundo caso a prioridade valoriza a criança. Nos dois casos as mães, através dos tempos, sobrevivem e as crianças também, ninguém morre por este ou aquele método, porém no segundo exemplo houve maior doação e menos egoísmo, houve maior nível de amor, houve maior renúncia, maior doar-se. Obviamente, a segunda mãe quer menos para si e, portanto, encontra felicidade mais facilmente em dar: é feliz por fazer feliz. No futuro colherá frutos do amor... a criança não sabe, mas sente...




Vale ainda acrescentar que a disciplina comanda a renúncia, pois ambas são decisões conscientes e que enaltecem o ser, pois que, de fato, se renuncia ao que se quer por algo maior e não à toa. E maior, ainda, é o amor, quando alguém renuncia a si próprio por amor a várias pessoas, a uma comunidade; é o exemplo do bom professor, do bom pastor, do coordenador de uma coletividade, do indivíduo que assume a responsabilidade de preocupar-se pelo bem comum, sincera e honestamente.



Cada um é tão importante como se ninguém pudesse substituí-lo, e, ao mesmo tempo, ninguém faz tanta falta que não possa ser permutado.






Preocupe-se em não fazer as pessoas sofrerem para que você não fique rodeado, inclusive, de sofrimento.






Quero te agradecer. Quero te fazer feliz. Quero te dar mais de mim. Quero mais você, estar junto, fazer junto e sonhar junto. Você é importante para mim. Não quero apartar-me ou afastar-me de você. Não quero te perder.

São pensamentos que devem ser permanentes; para quem ama.



Os sentimentos bons, doidos ou não, amadurecem e elevam a alma; os maus a corroem.



O grande segredo desta vida é tender a querermos mais para os outros e menos para nós.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

SOBRE A ENTREGA

A entrega, como componente do amor, é uma condição diretamente ligada ao envolvimento para essa relação, qualquer que seja o nível de amor.

Na verdade, entregar-se é o termo mais adequado.

É possível amar sem entregar-se? Entre um homem e uma mulher que se amam, verdadeiramente, como deve ser o entregar-se? Entregar-se parcialmente? Ou plenamente? Quando? Como?

Vamos recorrer, novamente, ao amor de mãe: quando uma boa mãe não se entrega a amar o filho? No seu amor incondicional ela se entrega plenamente, renuncia a tudo o que é possível renunciar para se doar, se entregar de braços abertos para amar o filho.

Então, envolver-se e entregar-se é fundamental no amor. Quanto maior é a entrega maior é a confiança, a renúncia, a doação de si para esse mesmo amor.

Entendemos que, no início, no namoro, a entrega pode e deve ser gradual, pois que, entregar-se significa expor-se, levantando os “escudos” protetores de defesa das nossas fragilidades. Mas, também, sabemos que estar envolvido e entregar-se a um amor verdadeiro tem uma

motivação incrivelmente energética, capaz de tornar a vida colorida, dinâmica, alegre, otimista, aprumada e “veloz” (tudo faz sentido, o tempo passa rápido, e o cansaço é imperceptível...).

Viver por amor é a razão de ser, por essência, justificada em si própria.

Não estou considerando aqui a paixão que, por alguns períodos, pode ter situações semelhantes às que acabei de citar.

Podemos visualizar o “entregar-se” no todo do amor ou em cada componente. Vejamos uma situação simples e necessária para aplicar esse componente: a sexualidade. Uma mulher que ama seu marido, verdadeiramente, para agradá-lo (e vice-versa, também) tem que se soltar, relaxar, participar ativamente, complementar, enriquecer, saber doar-se, saber receber, sem ficar colocando empecilhos. Mas, lógico, nem tudo é assim tão simples, porque ela pode ter “bloqueios”, que exigirão paciência do casal para superar as restrições involuntárias, que surgirão limitando a entrega. Acreditamos que o amor superará isso com o tempo, na maior parte dos casos. Em outros, necessitará o recurso da análise e da terapia.

Quando falamos de entrega na sexualidade estamos pensando em um ato de amor e não apenas uma descarga de instintos. Estamos imaginando corpo e alma participando e entregando-se plenamente à consumação do amor; um momento especial na vida de um homem e uma mulher que se amam.

É interessante lembrar aqui que as messalinas, mesmo não amando seus parceiros, entregam-se em plenitude, mas só com corpo. É impressionante a capacidade que elas têm de alcançar um nível de entregar-se tão maximizado.

Outros níveis de amor apresentam o “entregar-se”, também, como um movimento intenso, profundo (corpo e alma), consistente, pleno e incrivelmente gratificante, por exemplo: o amor comunitário.

O envolvimento pleno com o “entregar-se” pleno necessitam de um adorno que se apresenta vivificante em vários componentes do amor,

chama-se: gratuidade.

O amor é tanto maior quanto mais gratuito consegue ser, a entrega também.

Por isso, a caridade é um componente do amor que pode alcançar quase a própria dimensão dele, porque ela contém dentro de si a própria gratuidade, se assim não o fosse, não seria caridade.

Entregar-se gratuitamente, sem sequer pensar em ter algo qualquer de volta, é fundamental no amor e na caridade. Desde o mais simples (sexo) até o mais nobre (a caridade) temos uma variação significativa na amplitude das várias entregas possíveis.



Tão maiores seremos quanto menores tenhamos consciência de ser.



Cativar evitando, maltratando, exigindo e não doando, não existe.



Quanto mais nada quisermos, mais perto estaremos de conseguir tudo.



Nada dá mais alegria ao coração do que o amor e seus frutos.

Minha “querida”, se tudo que você me der eu posso comprar, na rua, com dinheiro, então você me dá muito pouco. No amor, o que tem valor, não se compra com dinheiro...

Talvez eu não tenha feito tudo que devesse, mas fiz tudo que pude...

Felicidade é um estado de espírito ligado sempre ao amor. Se você acha o seu relógio, de estimação, perdido isto é alegria, satisfação, euforia, ou sei lá o quê; agora, se você reencontra seu filho raptado isto é felicidade, entendeu?

Nenhum indivíduo que quer a morte, a quer por não querer a vida, mas sim, por não querer continuar a sentir o gosto amargo de momentos intensos e constantes de seu dia-a-dia.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

SOBRE O IDEAL COMUM

Acreditamos que a imagem do “Templo do Amor” (figura 1, pág. 25) contempla o que se supõe ser um simbolismo adequado para transmitirmos, uns aos outros, o que entendemos por amor.

Então, na base temos os alicerces os quais sustentam os pilares e que estes suportam a pirâmide. No topo da pirâmide temos uma “piramidinha” que, a meu ver, é um componente extraordinariamente essencial e forte para manter a união do casal.

É fácil entender que se tivermos, para destrincharmos o simbolismo do “Templo do Amor”, um triângulo e em uma ponta o ideal comum, acima, em outra ponta “ela” e na última ponta “ele”, à medida que ambos caminham em direção ao ideal comum, mais se aproximam, fig. 5, pág. 171.

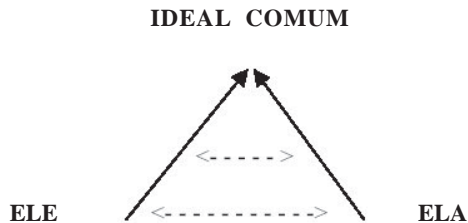


Figura 5

Em raciocínio inverso, se ambos tiverem ideais diferentes, próprios, um para a esquerda (verde) e outro para a direita (amarelo), com o passar do tempo eles vão se distanciando progressivamente (figura 6). Mesmo que caminhassem em direções paralelas, esta condição já seria negativa porque estariam mantendo a mesma distância entre eles ao invés de se aproximarem.

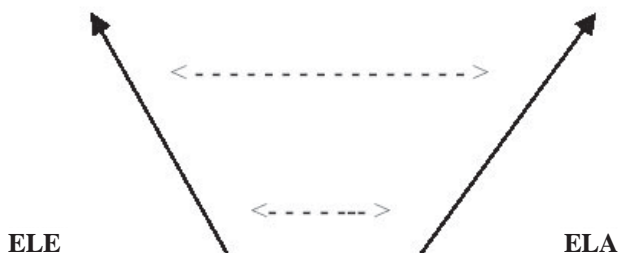


Figura 6

Se ele quiser jogar futebol e ela ir ao teatro cada um viverá experiências, sentimentos e emoções diferentes, em ambientes diversos, com pessoas que vão gerar relacionamentos novos ou em níveis diversificados. É óbvio que este exemplo tem apenas a intenção de colocar que cada um foi para um lado (lados opostos) e que, nesse caso, a união não foi nem estimulada, nem irrigada, nem fortalecida; apesar de concordarmos que isso deve acontecer com naturalidade, para preservar a individualidade, mas se ambos fossem a um barzinho comer, beber e dançar, o ideal comum estaria sendo estimulado e com ele viria o diálogo, a união, o “culto à intimidade”, afetividade, entendimento...

O ideal comum é algo dinâmico e, muitas vezes, múltiplo e único ao mesmo tempo: múltiplo por serem vários e único porque seria perseguido e desejado a cada momento.

Cabe aqui uma pequena observação a respeito de um ideal comum

ou objetivo comum: por que estamos preferindo a palavra ideal e não objetivo?

Encontramos no “Aurélio B. de Holanda (ref. 6) as seguintes colocações:

“Ideal - Que existe somente na idéia; imaginário, fantástico.

2. Que é a síntese de tudo a que aspiramos, de toda a perfeição que concebemos ou se pode conceber;

Objetivo - 1. Relativo ao objeto. 2. Prático, positivo. 3.

Filos. Diz-se do que é válido para todos, e não apenas para um indivíduo”.

Então, vemos ideal como “a síntese de tudo a que aspiramos, de toda a perfeição que concebemos ou se pode conceber” e por ser comum englobamos o sentido filosófico do objetivo (“que é válido para os dois parceiros ou para uma comunidade, e não apenas para um indivíduo”). Eis o porquê de escolhermos a expressão “ideal comum”.

Podemos, com relativa facilidade e usando a criatividade, classificar ideal comum de várias formas: circunstanciais ou direcionados, transitórios ou fixos (fugazes ou permanentes), nobres ou desnobres, individuais ou comunitários, pessoal ou matrimonial, material ou espiritual e etc. É um estudo que teria seu valor, no entanto, no momento, preferimos realçar a importância do ideal comum relativa à união e ao fortalecimento da mesma.

É lógico supor-se que alguns ideais comuns serão fugazes e outros permanentes e, estes últimos, poderão, de acordo com sua nobreza, ter um dimensionamento tão grande que terão uma tendência à perenidade como fonte de união, evolução e amadurecimento da pessoa e do relacionamento entre ele e ela. Referimo-me a um ideal, por exemplo, espiritual: uma religião que os dois sigam fiel e persistentemente. É o tipo de ideal comum que leva os dois para um nível de evolução espiritual cada vez maior, com maior união, progressivamente...

Neste ponto entra uma proposição que parece ser utópica e também foge da praticidade, no entanto, tem uma importância conceitual: seria

interessante que duas pessoas, um homem e uma mulher, se encontrassem e desenvolvessem o desejo de namorarem e casarem na mesma cultura e posição. Por exemplo: a situação de um índio e uma índia da mesma tribo, mesmo status, cultura, crença... que resolvessem pela união. Eles têm melhor condição de se darem bem no casamento porque terão inúmeros pontos que poderão ser transformados em ideais comuns. Já um cidadão da cidade com uma estrangeira da zona rural terá, em uma união, uma probabilidade matemática incrivelmente diferente daqueles índios. É evidente que o amor tem condição de superar quase tudo, mas as chances diminuem... Seria também, sem dúvida, impossível criar a mentalidade de que um ser humano só pode se apaixonar por outro nas condições pré-determinadas (tais e tais)... Desníveis culturais, sociais, econômicos e etc. podem aumentar significativamente os conflitos na relação.

O simbolismo, que usamos mais uma vez, é feliz porque dele e do exposto acima deduzimos que ele e ela não devem ter como ideal comum um ao outro, isto é, ele não deve ficar olhando-a ("endeusando-a") e ela olhando-o ("endeusando-o"), mas sim os dois "olhando" para o ideal comum. Este é o valor que dará maior consistência, durabilidade, estabilidade e além de aproximar mais um do outro tornará a relação mais duradoura.

Por vezes, o ideal comum será os filhos e a educação deles, em outras ocasiões, uma casa, ou um sítio... É interessante observar que no exemplo dos filhos, ambos, se determinados a assumirem, conscientemente, suas responsabilidades decorrentes do fato que esses seres humanos vieram ao mundo sob a decisão (via de regra) deles, terão um motivo e uma fonte de amor adicional que os fará (se forem maduros...) superar inúmeros obstáculos por umas dezenas de anos. Não é o filho que segura o casamento, mas sim o ideal comum, numa etapa da vida, por exemplo, fixado neles.

Um outro fator que precisa ser lembrado é a convivência, o dia a dia, que se não tiver um sustentáculo bem sedimentado levará ao desgaste da relação e depois à separação. O ideal comum e a criatividade são motivadores potentes para enfrentar o tormento do desgaste da rotina.

Nas diferentes fases da vida e do amor muitas alternativas surgirão, mas é fundamental que haja vigilância no sentido de que a quantidade e a qualidade dos ideais comuns (que manterão e incrementarão a união) seja superior aos ideais individuais (que talvez tenham a tendência de separar o casal).



Às vezes, no transcurso da vida, ao apanharmos uma rosa, sofremos a dor e a surpresa de sentirmos um espinho incrustado em nossa mão. Alguns reagem com revolta e ódio do mundo, apertando com raiva o galho: o espinho lhes dilacera a alma até jogarem tudo fora; outros, soltam o galho e o retomam em posição mais confortável: colhem o afeto da flor...



Muitas coisas que acontecem no relacionamento amoroso passam a ter peso diferente quando, nos dias seguintes, se descobre que a pessoa amada está com uma doença à beira da morte...



Existem muitas verdades parciais, mas só existe uma verdade absoluta: cabe a nós, com pureza, procurá-la.



Um grande erro que um homem e uma mulher cometem, no casamento, é achar que um é do outro perenemente: os dois têm que se conquistarem dia a dia.



Tanto mais felizes somos quanto menos nos falta, portanto, se nada queremos para nós, já temos quase tudo: resta apenas a angústia de ajudar mais ainda o próximo...



Se fosse obrigatório tolerarmos nos outros as concessões que fazemos a nós mesmos, o dia-a-dia já não seria suportável...



A pior das vaidades é a ilusão das pessoas sentirem-se deuses.



Não há nada que justifique a violência, nem mesmo a defesa própria. No máximo esta pode ser considerada apenas como atenuante.



Não se iluda, a gente nunca tem tudo: daí a importância de classificar as prioridades...



Violência

As pessoas agem como se o dinheiro fosse mais importante que o amor, puro egoísmo, não magoar o próximo é um valor maior.

A caridade é maior ainda.

Sem ela nos destruiremos!!!

Investir no P E R D ã O e no A M O R: o único caminho para reconstruir o mundo novo, a única esperança!!!!!!

CAPÍTULO VINTE E CINCO

SOBRE O CÉREBRO

A idéia que tenho ao compor este capítulo é registrar que o cérebro tem infinitas particularidades que influenciam diretamente em como cada um tem a percepção do que acontece em sua volta, nos contatos pessoais e no mundo; como utiliza e elabora sua arquitetura de conexões cerebrais incorporadas ao seu ser, tanto de forma genética, como adquirida e como reage aos estímulos, frustrações, conflitos e etc. no relacionamento amoroso.

Vamos tentar de uma maneira simplista conhecer alguma coisa sobre o cérebro humano. Abordarei superficialmente a sua composição anatômica, seu funcionamento e, ligeiramente, sua correlação com a mente humana.

Podemos considerar o cérebro como sendo a parte do sistema nervoso central situado na caixa craniana do homem e que, abriga os centros nervosos superiores, recebe e emite estímulos, principalmente através dos órgãos sensoriais, que a partir informações armazenadas, sintetiza, interpreta e correlaciona dados, a fim de acionar impulsos que, essencialmente, controlam nossas atividades vitais, a coordenação neural, o pensamento e a mente, formando, em essência, o próprio ser.

A mente, veremos como sendo espaço virtual do cérebro, onde se encontram as faculdades mentais, e que se utiliza de sua estrutura

orgânica-físico-química, da memória, de seu conteúdo, do pensamento e da inteligência para perceber, interpretar e dirigir sentimentos, emoções, ações e reações.

A célula fundamental do cérebro é o neurônio que recebe informações, fundamentalmente, através dos nervos que vem dos órgãos dos sentidos: audição, olfato, tato, visão e o paladar. Esses estímulos vêm percorrendo o nervo através de impulsos elétricos até atingir o córtex cerebral. Daí, a informação será encaminhada para diversas áreas do cérebro.

Relacionarei rapidamente poucas áreas, funções e algumas características aproximadas das mesmas com a finalidade de permitir às pessoas situarem-se nos comentários que virão na sequência:

- **Encéfalo** (inclui os hemisférios cerebrais).
- **Córtex cerebral**: atua no pensamento e na linguagem. Os sinais centrais são elaborados e reconhecidos pela consciência. A elaboração depende da vivência arquivada na memória do indivíduo, do treinamento e de fatores diversos.
- **Lobo frontal**: ligado à concentração, planejamento, rapidez para tomar decisões e iniciativa, padrões de pensamento.
- **Hipocampo, lobo temporal**: área onde tem início a memorização. O desgaste do hipocampo leva à perda da memória recente.
- **Lobo parietal**: tem participação no processamento das noções de espaço e volume. Ligado também à parte sensorial e às habilidades manuais.
- **Lobo occipital**: contém o centro da visão.
- **Cerebelo**: envolve cerca de metade dos neurônios do cérebro. Está ligado ao senso de equilíbrio e a coordenação motora.
- **Tronco cerebral**: exerce atividade na respiração, em movimentos peristálticos, nas batidas do coração. Comunica o cérebro com o corpo através da medula.

O cérebro, para termos uma noção simplista, pode ser dividido em:

- **Cérebro vegetativo** - relacionado a vísceras, glândulas...;
- **Cérebro límbico** - relacionado ao emocional;

- **Cérebro cognitivo** - ligado ao comportamento lógico. Porém, na realidade, foi mapeado em cerca de cinquenta regiões e cada região corresponde, predominantemente, a uma função, por exemplo: a região quatro, regula os movimentos; a região trinta e nove regula a compreensão, e assim sucessivamente.

As células cerebrais, apesar de poderem ser portadoras de alguma especialização, podem desempenhar múltiplas funções, mas, na maior parte da população, o hemisfério direito está mais ligado à emoção, enquanto os dados ligados à razão e à linguagem estão, preferencialmente, ativos no hemisfério esquerdo. A partir dos cinco e seis anos de idade começa haver a especialização dos hemisférios cerebrais.

Segundo Gene D. Cohen, nós temos dezesseis bilhões e quinhentos milhões de neurônios no cérebro somente no Córtex Cerebral (ref. 12, pág.18). São cerca de cem trilhões de conexões (Veja, vinte de março de 1996, pág.84).

O **neurônio** contém um corpo celular e, dentro dele, o núcleo. Normalmente parece não haver reposição de novos neurônios, Jeffrey Daniel Macklis (Folha de S. Paulo, pág. Especial, A7, catorze de agosto de 2004) provou que no cérebro existem células-tronco e que essas podem se transformar em neurônios, através de induções apropriadas.

Do corpo celular sai uma estrutura fina, de comprimento variável - o **axônio**, que contém as neurofibras e é através deste que ocorrerá a transmissão dos impulsos elétricos.

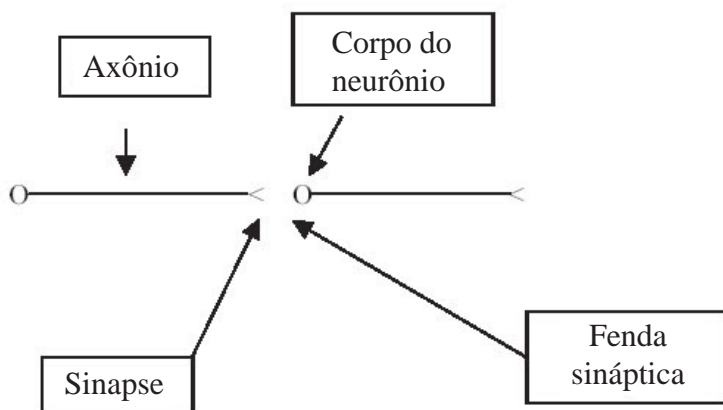
Os **dendritos** são pequenas fibras ramificadas que envolvem todo o corpo celular do neurônio e elas contêm uma grande quantidade de pequenas projeções, chamadas espinhas dendríticas.

Os axônios em sua extremidade distal têm microvesículas que, no ato de comunicação com o neurônio seguinte, expõem neurotransmissores num espaço entre o neurônio e outro, chamado fenda sináptica.

Esta área de comunicação, envolvendo a terminação distal do neurônio pré-sináptico e os dendritos do neurônio pós-sináptico, é

chamada **sinapse**.

Uma vez estabelecida uma relação de comunicação entre um neurônio e outro damos a essa situação o nome de **conexão neuronal**:



Fluxo

Figura 7

A informação externa entra, principalmente, pelos órgãos dos sentidos, atinge a córtex cerebral, o neurônio e, a seguir, é transmitida a outro neurônio através de descarga química na fenda sináptica, atinge a memória (ou hipocampo, ou cerebelo...)

Desde o nascimento, o ser humano apresenta trinta por cento de conexões pré-estabelecidas que vão determinar geneticamente suas capacidades motora, sensitiva, cognitiva, inteligência e etc. Até os oito meses de vida, aproximadamente, o bebê estará construindo em torno de cem trilhões de conexões; isso se mantém até os três anos e declina ligeiramente até o sete anos.

O principal meio pelo qual as conexões neuronais se ampliam está relacionada diretamente com os estímulos e experiências que a criança recebe e desenvolve.

Durante toda a vida, ao que se conhece no momento, a quantidade de neurônios com a qual nascemos tenderá a diminuir com o avanço da idade, e o que aumenta significativamente é o corpo dos neurônios, o tamanho dos axônios, dos dendritos, tanto em comprimento como em número, e as sinapses. Isto se reflete no aumento de conexões neuronais. Os neurônios têm capacidade para gerar uma grande quantidade de dendritos e se adaptarem para novas conexões neuronais.

Graças a isso, o cérebro alcança o seu peso máximo aos vinte anos e, em torno dos noventa anos, perde cerca de 100 g. O tamanho do cérebro não tem ligação com a sua capacidade e inteligência, assim, um homem com cérebro de 2 kg pode ter seu potencial idêntico a um homem que tenha um cérebro com o peso de 1,2 kg, aliás, este é o valor mais freqüente do peso do cérebro humano, no adulto.

A saúde do cérebro consiste, essencialmente, em exercitá-lo tanto em sua atividade intelectual quanto em suas outras funções, pensamentos, memória, habilidades motoras, dos órgãos dos sentidos, etc.

Para os estímulos serem altamente produtivos é fundamental que, nos três primeiros anos de vida, mais intensamente nesse período, estejam relacionados com o afeto da mãe e do pai, no mínimo.

A criança, desde o nascer, deve receber estimulação nos órgãos relacionados aos sentidos: o olfato, a visão, a audição, o tato e o paladar. As redes de conexão neuronal estarão aumentando maciçamente nas estimulações prazerosas, com liberação de neurotransmissores e neuromoduladores (alguns chamam de neuro-hormônios), sendo muito importante que os estímulos que causam stress sejam evitados, tanto quanto possível, pois esta condição diminui a sinapse ou cria e estimula conexões indesejáveis (acentuando o medo e a insegurança, etc.).

As sinapses e conexões neuronais, fig. 7, pág.180, formadas nos dois primeiros anos de vida de uma criança chegam a ser o dobro das que existem em um adulto e, se forem usadas com certa freqüência, boa parte delas se tornarão permanentes; se não forem exercitadas por um determinado período, podem se desfazer. E isto está ligado, solidamente, ao que as crianças experimentam, isto é, à sua atividade. Entende-se que

esse aumento de conexões não é uma coisa criada pela vontade do adulto, e sim, uma consequência à estimulação.

O desenvolvimento das células no cérebro atinge um nível elevado, praticamente, aos dois anos de idade.

Principalmente até os sete anos de idade, com um cume aos três anos e, talvez, com um máximo em torno dos dez anos, surgem períodos especiais que denominaram como “janelas de oportunidade”, que são momentos produtivos de maior rendimento para uma determinada área do conhecimento, tipo de inteligência ou aptidões, quando adequadamente estimulados.

Acredita-se como correto que uma criança tem a necessidade de aprender a falar até quatro ou cinco anos, no máximo; caso isto não ocorra é possível que essa habilidade fique comprometida definitivamente. Paulo Bertolucci (ref. 5, pág. 7, janeiro de 1997) faz referência a neurônios inibitórios e excitatórios, e como consequência, a inteligência funcionaria sendo inibida ou estimulada.

As “janelas de oportunidade” ficam “escancaradas” por um período que costuma ser, aproximadamente, o mesmo de uma pessoa para outra. Depois, digamos, ela fica com uma “meia folha (da janela) fechada” e, talvez, a “outra batendo com o vento”. Isso significa que ela não fica mais em primeiro plano. Da adolescência em diante, o resgate é possível, mas lento, ou muito lento, e não terá o mesmo alcance, a mesma profundidade e intensidade, na formação de conexões nervosas que teria se a criança tivesse sido estimulada e as “janelas de oportunidade” aproveitadas, no tempo adequado.

Um tópico que a boa mãe sente e, talvez, não tenha consciência, é o olhar direto da criança no olhar da mãe e das pessoas ao seu redor. Por momentos, na vida diária da criança, essa “leitura” que ela faz, é a maior fonte de informações para o cérebro, para o estímulo às novas conexões. A criança tem uma percepção apurada, a sua sensibilidade permite que ela assimile as caretas, os movimentos, os sorrisos, enfim, tudo que envolve uma postura de amor que lhe está sendo irradiada: em vez de uma palavra passa a existir inúmeros símbolos e imagens.

A propósito de estímulos, Alex Soletto tem uma planilha maravilhosa de sugestões, estímulos e de ações que pode ser praticada até os três anos de idade.

(http://terra.com.br/istoe/especial_bebes/foto/47_graf_mente.jpg)

Então, sabemos que a criança necessita de uma variedade grande de estímulos, uma vez que não sabemos quais são, geneticamente, suas maiores potencialidades. Porém, não podemos deixar de respeitar sua evolução biológica. Ela não deve ser “forçada” a aprender nada antes da maturação natural (variável para cada criança) de cada área específica de sua constituição estrutural. Quero, com isso, dizer que ela irá aprender a falar, andar, coordenar movimentos, entender algo, assimilar, memorizar, dominar conceitos como o de volume ou de explicações “lógicas” (“mamãe vai trabalhar para ganhar dinheiro e poder comprar comida”) quando atingir momentos próprios de seu desenvolvimento físico-mental. A nós, cabe, apenas, ofertar uma ampla gama de estímulos, sabiamente.

É importantíssimo fazer algumas observações: os estímulos tanto podem produzir conexões favoráveis e desejáveis como o contrário e que a ciência, hoje, ainda não tem respostas mais consistentes e profundas a respeito das conexões neuronais e sua rede “néo-formada”; estímulos iguais para crianças diferentes, inadequados para a idade e, talvez para a sensibilidade particular de cada uma possam, talvez, gerar comportamentos muito diferentes, no futuro, em relação a outras.

Poderíamos imaginar que uma criança que cria conexões neuronais para carinhos excessivos e freqüentes, numa região do corpo, digamos a região frontal, talvez venha a ter, quando adulto, preferência por afeto do, parceiro, nessa região; isso poderia ser verdadeiro?

Uma situação parecida é mais fácil de constatar: com muita freqüência encontramos pessoas cultas, de nível universitário, às vezes, até, com um alto nível de intelectualidade, com dificuldade de dizer uma determinada palavra. Se essas pessoas deixarem essa palavra crítica fluir naturalmente, em voz corrente, numa fala exaltada e enfática, elas “puxam” essa palavra da conexão nervosa mais antiga; a que foi confeccionada na primeira infância. Exemplo: a palavra “pobrema”, em

vez de ser pronunciada como “problema”. O indivíduo aprendeu a falar dessa forma porque seus pais, menos cultos e menos instruídos, sempre a pronunciaram assim e ele cresceu, ouvindo e falando assim, às vezes, até com os amiguinhos de contato diário nessa fase da vida. Imaginamos que quando, um dia, aprendeu a forma correta de pronunciar essa palavra, fez outra conexão neuronal para esse novo aprendizado, mas se observa que, provavelmente, não conseguiu desfazer a primeira conexão existente. Então, se ele tiver tempo para pensar antes de pronunciar a palavra, um “alarme” soa e o seu cérebro e sua mente conseguem coordenar uma “busca rápida” e “scannear” a memória a ponto de expressar corretamente as sílabas, caso contrário, não.

Tive a oportunidade de ouvir um político importante, no calor de sua campanha eleitoral, exaltado, deixar escapar: “o povo tem que votar nim nós”.

Por conta de exercitar a livre faculdade da imaginação específica de cada um, inventei uma expressão para designar essas situações, desde o carinho desfavorável até as palavras conflitantes; atingindo, provavelmente, ações e reações que se enquadraram, também, como assemelhadas: “desajuste de conexão” ou “distúrbio de conexão” que, no meu entendimento, talvez, englobem situações, conhecimentos, informações, valores e etc. não normais, não naturais ou de acordo com padrões culturais, morais, espirituais contidos no certo, no errado e nas verdades absolutas (aqui cabe certamente polêmicas filosóficas intermináveis). Quero deixar claro que esse termo tem o sentido de algo que atrapalha ou que não está alinhado, apenas, e não o desejo de colocar alguma sombra relativa a quaisquer doenças.

Ainda sobre o que dissemos, podemos apresentar um dos fatos percebidos pelos adestradores de cães: o cão nasce com cerca de setenta e cinco por cento de suas conexões cerebrais prontas; aos sete meses ele tem condições adequadas para um novo aprendizado em termos de adestramento para obediência e, próximo aos dez/doze meses, em média, pode ser direcionado ao adestramento para a guarda. Se o adestrador pegar um cão com dois anos de idade ele consegue ensinar algumas coisas com uma dificuldade significativamente maior do que quando o mesmo cachorrinho tinha a idade correta para aquele tipo de ensinamento,

e não consegue corrigir o que o cão aprendeu de errado antes. É muito parecido com o “pobrema”; coexistem os dois aprendizados. Tudo indica que permanecem as duas conexões.

Será que poderíamos extrapolar esse raciocínio e “voar em nossa criatividade” para outras áreas do “Eu total” como, por exemplo, a parte física ou afetiva? A homossexualidade vista sob esse prisma receberia alguma luz, teria alguma explicação ou justificativa? Esse raciocínio poderia, uma vez ampliado, aumentar o entendimento de outras coisas que acontecem na nossa sociedade e que podem comprometer o amor ao próximo?

Nestes tempos o mundo e os povos estão acordando lentamente para “o natural”. Começamos a perceber que estávamos destruindo o nosso planeta e passamos a privilegiar a natureza; movimentos de entidades de diversos países passaram a buscar efeitos que, pelo menos, diminuíssem a velocidade de degradação de florestas, acidentes naturais, biodiversidade, etc., mesmo vivendo num sistema essencialmente capitalista e, portanto, valorizando selvagemmente o dinheiro, estamos iniciando o combate ao fumo; agrotóxicos; hormônios para engordar (que parece estar sendo usado em animais com o propósito de pesarem mais para aumentarem os lucros); diminuindo o uso de produtos químicos para conservar alimentos; estamos mais atentos para adoçantes artificiais, torres de telefone celular e radiação, etc. Estamos começando a acordar: descobrindo a força assustadora da mídia influenciando e dirigindo nossa maneira de viver e de pensar...

Ora, se existe uma tendência e um “pensamento coletivo” voltado para o natural, entendemos que a homossexualidade não se enquadra nesse conceito.

Um pequeno parêntese: considero fundamental e essencial que o respeito às escolhas de cada ser humano sejam enquadradas dentro dos princípios fraternais de igualdade, de solidariedade e consideração ao livre arbítrio e à liberdade de pensamento e manifestação de todo e qualquer cidadão.

Referendamos ser contra qualquer tipo de discriminação, seja raça,

cor, sexo, profissão ou qualquer coisa que possa limitar física, moral ou mentalmente o respeito absoluto ao ser humano. Entendemos que, seja uma prostituta, um político, um analfabeto, um presidiário, um médico, um lixeiro, um pastor, uma freira, todos, todos indistintamente, todos merecem igual respeito.

Não pode existir desprezo, menosprezo, violência, ou qualquer atitude negativa, de desamor por uma forma de pensar diferente da nossa ou para escolhas que respeitem os direitos de todos.

Ninguém tem o direito de tentar obrigar, sequer induzir, alguém a pensar e agir, da mesma forma que ele próprio. O respeito ao ser humano – nosso próximo – tem que ser absoluto.

Lembro que este livro aborda o amor e que, no amor ao próximo, não há nada que justifique qualquer postura segregacionista ou hostil a qualquer indivíduo da face da terra!

Vamos supor que existam fatores determinantes que inclinem um indivíduo para a homossexualidade. Uma hipótese sobre isso colocaria o “distúrbio de conexão” como uma conexão neuronal que, “fabricada” em um determinado momento da vida, incrustou essa forma de afetividade em uma determinada pessoa. Então, podemos pressupor que do mesmo modo que se tenta corrigir o “pobrema”, também se pode delinear um novo procedimento, na condição dos homossexuais, rumo “ao natural”.

Ora, natural é o relacionamento entre o homem e a mulher, com a finalidade de uma relação sexual depositando o sêmen na vagina. Isso é natural, próprio da natureza!

Qual é o valor maior? Se a finalidade for o prazer, então estamos enfocando as coisas de forma tão diversificada que poderíamos admitir que todo indivíduo que quiser usar uma fonte de prazer qualquer, inclusive a cocaína, tem o direito de dizer ao mundo que é a sua opção e ter livre aprovação da sociedade para usá-la, com toda a autorização dessa mesma comunidade.

Nada impede que dois homens vivam juntos sob o mesmo teto e

que tenham amor um pelo outro, ou duas mulheres, ou um homem e uma mulher que não sejam um casal de amantes (namorados, casados...), desde que seja amor de amigos, o que não deve incluir sexo entre eles. Ainda que dois amigos se amem como amigos e que ocorra sexo acidental e eventual, entre eles, por questões das mais diversas, quaisquer que sejam, não achamos que seja algo que possa ser estimulado, procurado, desejado até o ponto que se lhe dê a conotação de “opção sexual”. Em nossa ótica não conseguimos ver o direcionamento dessa situação para “o natural”.

Quando temos sexo entre iguais na natureza, entre animais, sabemos que são poucos os indivíduos e as variedades que o praticam em relação ao infinito número de espécies de animais que existem. Alguns parecem ter postura de quem busca divertimento casual, por exemplo: os cachorros. Mas, são animais e irracionais.

Pedimos desculpas a quem não concorda com a nossa posição, mas também pedimos respeito.

Também temos o direito de considerar que racional é buscar estar mais próximo da natureza possível, ter domínio sobre o prazer e não ser dominado por ele; ter domínio sobre o álcool, o cigarro, o dinheiro, a ecologia, o sexo, até mesmo entre um homem e uma mulher e, também, entre o marido e sua esposa. Que, no amor HM, o sexo seja uma forma de consumação do amor e não uma escravidão pronta a destruí-los (como no filme “Império dos Sentidos”).

Será que “distúrbio de conexão” explicaria a opção sexual? A agressividade e grosseria de um pai fariam com que uma criança se inclinasse para a delicadeza e feminilidade da mãe, através da construção de novas conexões neuronais não alinhadas (“desajustes de conexões”) com os padrões, inclinando-a para a homossexualidade?

Dean Horner (Veja, 28 de abril de 1999, pág.96) em 1992, separou genes que podem estar ligados à homossexualidade tanto masculina como feminina, essa informação será consolidada algum dia?

Ouvimos falar certa vez de um caso em que um menino de catorze

anos e outro de onze estavam tendo uma relação sexual no banheiro da escola. Parece que isto acontecia há três ou quatro anos e sempre mantinham o mesmo papel: um ativo e outro passivo. Imaginamos que o de menor idade, começando a ter esse tipo de afeto aos sete anos, criou conexões neuronais capazes de fazer com que ele entenda que essa é a forma correta, adequada e prazerosa de lidar com o sexo e trocar afeto. Ele passa a sentir isso como adequado e verdadeiro e acaba não entendendo como outros não gostam e procuram carinho de forma diferente. E isso não poderia ser chamado de “distúrbio de conexão”?

Não nos cabe, aqui, discutir porque uma pessoa se transforma em homossexual. Se é inato ou adquirido, mas as idéias práticas que surgem desses questionamentos, na nossa visão, é que essas atividades e escolhas são reflexos de conexões neuronais que as tornaram viáveis e preferenciais.

Se imaginarmos indivíduos, caracteristicamente, em sua genética, designados para serem agressivos, vamos dizer que foi por opção ou destino? Vamos aceitar que ele pratique a agressividade regularmente e veremos como normal? Encararemos como certo? Teremos a esperança que ele polície seus próprios movimentos em direção à normalidade, buscando “o natural”, levando-o à natureza? Somos animais racionais que temos a capacidade de controlar as nossas ações, de superar nossas dificuldades ou não?

Provavelmente, o homossexual masculino, por ter o desejo de ser uma mulher e ter em seu cérebro conexões sedimentadas que o registram como homem (exemplo: W. H. Auden, poeta inglês, era submetido a sessões intensas representando Isolda de “Tristão e Isolda”, de Wagner – Veja, 20 de março de 1996, pág. 89), poderá ser portador de conexões neuronais antagônicas que terão a tendência de se refletirem em conflitos diuturnos. Idêntico raciocínio para o homossexual feminino. E mais complicado ainda é imaginar, talvez, inúmeras incoerências no relacionamento de duas pessoas portadoras desse tipo de conflito, chocando conceitos entre si e a própria sociedade: será que o ser humano nessas condições, que acabei de citar, pode construir uma relação amorosa verdadeira? Seria isso amor?

Imaginemos algumas crianças, entre sete e dez anos, nas mãos de

traficantes, pedindo esmolas na rua para o próprio, em troca de “crack”. Instintivamente supomos que deve estar ocorrendo a formação de numerosas conexões nervosas nessas crianças, conexões novas sedimentando, provavelmente, fontes de prazer inadequadas, conexões recém produzidas e registradas transmitindo informações relativas à falta de higiene, a ausência de cuidados com segurança, saúde, sexo, etc. (dormir na rua, comer qualquer coisa, experiências aleatórias com sexo, prostituição...). É isso que estamos entendendo como “distúrbio de conexão”: conexões que estão registrando informações inadequadas que vão deixar vias de recepção, de efetivação e ativação e, portanto, serem seguidas para o resto da vida.

Algumas dessas crianças, quando adultas, passarão por caminhos que lhe permitirão mudar seus rumos, fazendo novas conexões e, com dificuldade, tentando bloquear essas antigas. Outras, não terão a chance e serão trombadinhas e assassinos, dominantes e dominados em relação ao tráfico, causando tragédia nos lares de pessoas honestas, trabalhadoras, humildes e indefesas.

Não é culpa de toda a sociedade que se omite com aquelas crianças...?

Menos responsáveis são os próprios traficantes, os ladrões e os assassinos que, provavelmente tiveram a mesma “escola profissionalizante”...!

Quantas vezes povos e raças, que se odeiam, constroem direta ou indiretamente conexões neuronais em crianças de cerca de seis anos de idade, as quais “vibram e mostram expressões de felicidade” ao verem seres humanos serem despedaçados, queimados vivos ao caírem de grandes prédios em chamas... Adultos plantando o ódio nessas crianças, o qual será carregado quase que eternamente.

Mais são culpados os maus políticos que preferem investir muito em obras e pouco na educação, instrução e saúde das crianças: têm oportunidade de ajudar e não ajudam... entregam-nas aos traficantes e viram o rosto...

Incentivam indiretamente a formação de conexões inadequadas naquelas crianças, que carregam drogas, pedem esmolas e depois crescem, nos assaltam e seqüestram...

Se continuarmos assim, omissos, amanhã será pior...

“Então, o pai saiu para comprar remédio na farmácia para o filho que estava doente no quarto do fundo da casa. Ao sair olhou para a fachada da casa e viu que a parede desta estava descascando. Na direção da farmácia, ao invés de ter firmeza no pensamento, encontrando uma casa de ferragens, comprou uma lata de tinta da cor de seu agrado, voltou para casa, a pintou e ficou com uma casa bonitinha, torcendo para o filho ficar bom...”: assim age o mau dirigente; investe na beleza da cidade enquanto o povo se ...

Não entendemos “distúrbio de conexão” como uma patologia, mas deveríamos, toda a sociedade, lutar, insistir e investir por todos os meios legais, para estimular a formação nas crianças de conexões ligadas a valores nobres.

Deveríamos valorizar a verdade absoluta, o certo e a felicidade, e não a verdades parciais, distorcidas ou pseudo-verdades (mentiras vendidas e plantadas na sociedade como verdadeiras), ao errado (como que, por ser relativamente comum, estivesse certo) e ao prazer.

Mas, o que é a verdade, o que é o certo e o que é a felicidade?

Se apanharmos um prato e o colocarmos exatamente no meio entre o olhar de duas pessoas, de modo que suas faces estejam voltadas uma para cada indivíduo, um dirá que o prato é côncavo e o outro dirá que é convexo; quem está dizendo a verdade? Os dois, cada um está olhando um lado da verdade.

Porém, há verdades planas.

Em outros capítulos discorrei um pouco sobre isso, colocando meu modo de pensar; aqui, neste momento, entrando na relação das conexões neuronais com a fronteira da filosofia, desejo apenas colocar que:

**ACREDITO QUE, HOJE, O MAIOR CRIME QUE O HOMEM
COMETE CONTRA A PRÓPRIA HUMANIDADE É O DESCASO
COM A CRIANÇA ATÉ OS SEUS DOZE ANOS DE
IDADE.**

Não seria o caso de questionar se não se faz necessário uma forma de se criar leis onde o Estado desse um suporte significativo para, pelo menos as mães, terem cursos específicos antes de darem a luz a seus filhos até os três anos de idade (inicialmente e futuramente, prolongando o tempo, até ao sete anos), com ajuda econômica do Poder Público, parcerias e incentivos. Que as mães ficassem sem trabalhar fora de casa (exercendo, só como função básica, a maternidade) e que, continuando a freqüentar cursos de como ser uma boa mãe e como ajudar os filhos, sem pressão, facilitar a configuração das conexões neuronais deles de modo adequado?

Quantas crianças ficam horas em frente à TV ou na rua, com más companhias, durante o dia, porque a mãe e o pai trabalham fora o dia todo? Que aprendizado e conexões neuronais surgem disso na criança? E na escola onde, hoje, temos um nível bastante questionável sobre o rendimento escolar?

Acreditamos que a criança tem uma chance muito maior de ter um bom desenvolvimento do CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser) no futuro, se receber os valores da mãe, porque na rua, na televisão e na escola, a chance é de que ela cresça com muitos “distúrbios de conexão”.

A melhor forma de se mudar uma geração é instruir a mãe. Se isso fosse feito de maneira maciça poderíamos, em duas ou três gerações, melhorar incrivelmente uma série de áreas e valores em nossa pátria.

Mas não, a sociedade atual valoriza demais a produtividade, os ganhos e os lucros: o dinheiro. Este mundo só irá piorar se não nos voltarmos para o amor ao próximo e, nesse capítulo de conexões, fundamentalmente, lembramos o amor às crianças...

O que de melhor se pode fazer por uma nova vida que está chegando é cuidar de um pré-natal com o máximo de condições adequadas em nível físico e emocional; cuidar da nutrição adequada da criança após o nascimento, respeitando seu ritmo; oferecer, desde a gestação, sempre carinho e um ambiente rico e estimulante, tanto em atividades físicas como em ofertas, permitindo que seus talentos, com suas diferentes inteligências, possam aflorar, inclusive, intelecto e emoção, sem pressionar ou saturar seu desenvolvimento.

Myrna Shure (Veja, 27 de junho de 2001, pág. 94 a 95) desenvolveu um método que tem por objetivo estimular as crianças a pensar: é/não é; e/ou; por que; e igual/diferente; triste/feliz (como você está se sentindo?); agora/depois; alguns/todos; antes/depois; boa hora/má hora (o momento adequado para uma determinada coisa).

Ainda, por conta da minha criatividade e da minha imaginação, penso que as escolas deveriam ter uma matéria que batizo como “Questionática”, que acompanharia o aluno por vários anos e seria oferecida em vários níveis. Posso supor que seria mais importante do que a própria matemática, física, geografia, etc. E outra matéria que também deveria ser adicionada a todos os cursos, seria a filosofia.

Uma grande característica das pessoas inteligentes é a capacidade de questionar e filosofar sobre o que foi questionado. É verdade que quanto maior o nível de inteligência maior será o número de perguntas e menor a quantidade de respostas para o mesmo determinado assunto; mas não foi a partir da maçã que Newton chegou às suas leis? Questionando?

Há autores que relacionam o aumento médio do QI na humanidade com a felicidade. A validade e o significado da avaliação do QI têm gerado polêmicas. Testes tradicionais se baseiam em detecção da capacidade do raciocínio lingüístico, lógico e matemático, em oposição aos estudos que classificam as diferentes inteligências da mente humana.

Willian Dickens (Veja, 27 de junho de 2001, pág.96) afirma:

“o QI é afetado pelos genes e pelo ambiente”.

É preciso levar em conta que os índices detectados no QI estão relacionados, basicamente, com a capacidade de fazer operações lógicas e racionais.

Outro item importante a ser lembrado está ligado com as capacidades individuais decorrentes das conexões neuronais do ser “versus” atividade, isto é, contrastando com as funções que essas pessoas estão executando em seu trabalho: não adianta insistir em colocar um atacante de futebol para jogar de goleiro; vai ser uma catástrofe!

Há, na adolescência, um declínio da capacidade cerebral decorrente de certa baixa na quantidade de sinapses. Essa anulação de sinapses será seletiva e em diferentes proporções nas diversas áreas do cérebro, sendo maior na área que corresponde ao pensamento e à linguagem. O sistema límbico, ligado ao emocional, está ativado e as conexões ligadas à compreensão desenvolvem-se, no máximo, até os dezesseis anos.

Dos trinta anos em diante, cerca de trezentos mil neurônios deixam de atuar por mês, mas o fundamental são as conexões. Desde que as conexões sejam inúmeras, de formação múltipla, estabelecidas na infância e juventude ou, até, aumentando as conexões durante a velhice, diminuir a quantidade de células, não tem significado prático, pelo contrário; mesmo com a morte de alguns neurônios a atividade cerebral e inteligência podem estar aumentando.

Considerando que a arquitetura das conexões cerebrais, a forma como elas se constituem, a extensão e a natureza das capacidades, inteligências, habilidades, conhecimentos nos adultos e suas relações com as experiências e estímulos da infância junto às “janelas de oportunidade” e de suas interações intrincadas e múltiplas com os genes, acreditamos poder afirmar que todos os estímulos aos órgãos do sentido devem ser ativados positivamente (prazerosamente, alegremente, medo e dor seriam negativos) e, inclusive, a postura, o tom de voz, a mímica e etc. para que a criança possa, através da multiplicação das redes neurais, atingir um maior nível de desenvolvimento e aproveitando melhor a sua própria natureza, levando em conta que o rendimento desse processo todo é especialmente fantástico até os dez anos de idade.

Talvez esse fosse o período ideal para uma boa mãe não trabalhar fora de casa e, fazendo cursos e educação continuada semanal, inicialmente, e mensal ou bi-mensal, posteriormente, exercer todo o seu amor, investindo, dando-se e doando-se para a criança. Não, não esquecemos o pai, o professor e outros, mas, estes não têm a mesma sensibilidade e, geralmente, a mesma disponibilidade para uma participação tão intensa e profunda nesse período especial e fundamental para o ser vivente que vai se transformar em, no futuro, grande prêmio para a humanidade ou num ladrão, assassino, bandido, ou um profissional com valores extremamente deturpados, com uma percepção da verdade distorcida, miseravelmente.

Quando há dano e morte nos neurônios, por qualquer causa, os neurônios proximais aumentam a produção de dendritos para tentar compensar com novas conexões as que foram perdidas. Dá-se o nome a isso de “germinação dendrítica compensadora” (ref.12, pág.197). Mesmo não havendo dano neuronal, o aumento da estimulação positiva no idoso pode provocar o aumento “moderado” de dendritos ou espinhas dendríticas.

Descobriu-se que há um fator de crescimento do nervo (FCN-ref. 12, pág. 200) que parece ser produzido no sistema nervoso central e teria a capacidade de incentivar reações neuroquímicas e, também, maior capacidade de atuar em neurônios parcialmente “danificados” do que nos “não danificados”. As pesquisas ainda terão que evoluir bastante para se conhecer melhor o cérebro que envelhece. Não se encontram, em idosos saudáveis, deficiências significativas no quociente de inteligência; com o avanço da idade, nos mesmos indivíduos, certas doenças, como a doença cardíaca, tiveram, nos estudos, ligação tanto com o desempenho intelectual, como com a memória, apresentando-se diminuídos. A capacidade de raciocínio no idoso mantém-se mais estável, geralmente.

Um indivíduo idoso que apresenta um esquecimento leve ou lembrança parcial de eventos recentes, totalmente orientado, uma pequena deficiência na solução de problemas questionáveis, (semelhança/diferença); que começa a apresentar diminuição ou dificuldade no interesse em se relacionar com as pessoas as quais costumava se comunicar; que tenha “hobbies” ou interesses intelectuais que sempre teve, mantidos

ou em pequeno declínio, e que seja totalmente consciente em se autocuidar, pode estar ainda sendo considerado como normal ou limítrofe para a demência.

O cérebro precisa de estímulos relacionados aos órgãos dos sentidos e desafios intelectuais. O idoso e todas as outras pessoas devem usar e “abusar” na utilização do cérebro para conservar as conexões existentes e, para que ele mantenha a capacidade de criar novas conexões, mesmo que em menor número, com o avanço da idade.

O cérebro é, também, um órgão que sedia a mente, contendo o pensamento, a memória, as emoções e as inteligências, que utiliza de reações próprias ativas e receptivas, com “feedback” ou não, de acordo com princípios lógico-matemáticos e atua como um sistema físico-químico regulado por princípios e leis que excluem o acaso e a indeterminação.

A mente pode ser entendida como um espaço virtual do cérebro, onde se encontram as faculdades mentais, que se utiliza de seu conteúdo físico, químico e orgânico, da memória, do pensamento e da inteligência para perceber, interpretar e dirigir sentimentos, ações e reações. Em outras palavras, as faculdades mentais e o pensamento, com todas as suas potencialidades, gerando manifestações, compõem a mente, que em sua essência, é o próprio ser humano e sua alma.

A inteligência seria a capacidade de coordenar qualidades e habilidades, inatas ou adquiridas, com objetivos específicos, voluntária ou automaticamente, através da ordenação, análise e síntese do pensamento na mente.

A capacidade de arquivar fases, de uma experiência vivida pela própria pessoa, impressões, conclusões e conhecimentos, pode ser resumida como memória e é uma parte que caracteriza e diferencia um ser do outro. Uma maior capacidade de arquivar coisas em volume e em velocidade/facilidade de utilização dos dados armazenados, não tem relação direta com a inteligência.

Uma das maneiras de entender a memória supõe que seja a divisão baseada na forma como ela recebe o estímulo e o arquiva:

- sensorial: por qual via recebeu os dados;
- primária: memória rápida. A informação fica retida por minutos ou poucas horas
- secundária: tempo médio de retenção.
- terciária: atos, fatos, conhecimentos e informações sedimentadas, utilizados com constância e que podem ser guardados a vida toda.

Além dessas divisões que acabamos de citar, a doutora Maria Niures Pimentel dos Santos Matioli, Presidente do Departamento de Geriatria da AMS – Associação dos Médicos de Santos relaciona (em artigo do AMSjornal, de março de 1997, pág. 4) a seguinte classificação segundo vários autores:

- *“Memória semântica: que não está tão relacionada com o tempo e a vida pessoal. É a capacidade de reconhecer objetos ou entender um texto, por exemplo;*
- *Memória episódica: quando está relacionada com fatores de nossa vida no sentido atemporal. Ocorre quando lembramos fatos depois de certo tempo, episódicos, ocorridos durante a vida. Ex: lembrar da primeira escola;*
- *Memória processual: relacionada com a habilidade motora, ações aprendidas e que podem se repetir sem que a gente perceba. Ex: andar de bicicleta, dirigir um automóvel, usar os talheres”.*

Sobre a memória, entre outras classificações, temos dois tipos: a recente (curto prazo) e a tardia (de longo prazo). Na primeira, a pessoa liga a secretária eletrônica, esta lhe referência um número telefônico; a pessoa desliga o aparelho e faz a ligação, esquecendo esse número poucos momentos após; na tardia, se arquivam os conhecimentos para serem usados por um período prolongado ou a qualquer momento da vida.

A inteligência trabalha com os arquivos depositados na memória.

Há autores que relacionam a memória declarativa como a área ligada ao córtex cerebral que armazena dados que têm percepção consciente, mencionam vários tipos de memórias: a de curta e a de longa duração, também a visual, a motora e a verbal.

Segundo Howard Gardner (ref 5, 1999, pág. 6 a 9; ref, 31, 01 de janeiro de 1997, pág. 8 a 12; Veja, 16 de dezembro de 1998, pág. 158 a 167), o homem tem oito tipos de inteligências com possibilidade de existirem, talvez, mais duas (seriam todas elas habilidades, capacidades ou aptidões?). Vamos a elas: lingüística, corporal, lógico-matemática, musical, interpessoal (facilidade de relacionamento), intrapessoal (auto-conhecimento), espacial, naturalista (capacidade de se relacionar com a natureza), somadas a duas seguintes ainda não confirmadas: pictórica (habilidade para desenhar) e a existencial (se auto-questionar, especular sua origem, etc.).

Neste instante, quero deixar bem marcada a importância de que se entenda a correlação íntima dessa visão de inteligências múltiplas com as diferenças pessoais: cada ser humano sente e entende o mundo de acordo com os seus “filtros”, com as suas inteligências predominantes, suas fragilidades, seus valores, seus níveis de evolução, etc. É evidente que cada um tem “compartimentos” ou “territórios” nas áreas próprias do CISCAS, que lhes proporcionam uma maneira pessoal e particular de ver, perceber, interpretar a tudo que os cercam e, até, em decorrência desses fatores, pensa, interpreta e reage diferentemente de mim e de você, leitor. Inúmeras são as discórdias, divergências e desentendimentos que ocorrem porque as pessoas não conseguem entender-se entre si por não terem o alcance para essa verdade que acabei de colocar.

O respeito às diferenças pessoais de cada pessoa, é fundamental em todo o relacionamento humano, em especial o amoroso, tema central do nosso livro, porque, seja lá talento, aptidões, habilidades, capacidades ou inteligências múltiplas, seja lá o que for, o entendimento só pode ser priorizado se nos curvamos a essa máxima que vimos acima nesse último momento.

No córtex frontal ocorre a escolha resultante da análise e síntese dos dados colhidos na memória ou vindos da razão, emoção, da linguagem e da parte vegetativa e motora. A capacidade de coordenar esses elementos referidos caracteriza a inteligência do homem. Quanto mais conexões neuronais maiores são as possibilidades de uma inteligência mais desenvolvida se estabelecer e progredir.

Uma das formas de desenvolver o cérebro, em qualquer idade, é o exercício de aprender uma nova língua.

Joseph Le Doux (ref. 22, pág. 15 a 19) discute idéias, tais como:

- *“a divisão da mente em percepção, memória e emoção são interessantes para as pesquisas, mas o cérebro não tem a faculdade da emoção, e cada emoção tem um sistema de funcionamento no cérebro estruturado de forma diferente”;*
- *“as reações emocionais, geralmente, são inconscientes; que a sensação de medo diante do perigo tem a mesma importância que as respostas fisiológicas e comportamentais (tremedeira, fuga, suor)”;*
- *“os estados de consciência, como felicidade e amor, são idênticos ao da percepção de um objeto arredondado; que as emoções ocorrem e nós não decidimos ou escolhemos que elas aconteçam”;*
- *“quando o medo se transforma em ansiedade, o desejo dá lugar à ganância, uma contrariedade converte-se em raiva, e a raiva em ira; a amizade dá lugar à inveja e o amor à obsessão ou o prazer se torna um vício, as emoções começam a voltar-se contra nós”;*
- *“os sentimentos constituem as experiências subjetivas, através das quais conhecemos nossas emoções e são a marca de uma emoção do ponto de vista daquele que está vivenciando o sentimento”.*

Luciano Meccaci (ref. 24, pág. 53 a 65) faz comentários sobre o cérebro de um músico e analisa os cérebros, seus hemisférios e funções. Ele dá o exemplo de Ravel que teve um estranho quadro de amnésia, confusão e sonolência levando-o à morte em 1937. O fenômeno que ocorreu com ele é que ele separou, como consequência da doença, escutar-ouvir e compor-executar, numa mesma música. Faz considerações sobre o cérebro e a melodia, o ritmo, as mãos do músico, o sistema funcional musical e comenta Beethoven surdo, compondo.

Esses efeitos que ocorrem como consequência de doenças ou ações e reações, funcionamento e percepção da memória, e da emoção, são coisas que, também, ocorrem na natureza envolvendo o cérebro, parte

em mistério, parte em fascínio, pela grandeza, beleza e imensidão de possibilidades que contém a mente humana.

Ao analisarmos os conhecimentos que temos, no momento, sobre a mente humana, admitimos que no sistema neurológico, provavelmente, por estarem instaladas as inteligências (ou aptidões) de cada um, com predominância de uma sobre a outra (por exemplo: para um músico, a predominância da inteligência musical sobre a inteligência lógica, etc.), o “Eu Total” dependerá, entre outros fatores, do aproveitamento dos estímulos e das “janelas de oportunidade”, desde a infância, para conseguir atingir um norteamo adequado, isto é, podemos supor que isto tudo vai deixá-lo ou não em condições de ter um rendimento excelente em seus maiores potenciais e, portanto, um equilíbrio interior mais apropriado para posicionar-se favorável e positivamente no que tange à vida e, até mesmo, aos relacionamentos amorosos.

Para tentar desmembrar este pensamento, vamos pegar o exemplo de uma pessoa que nasce com tendência a usar predominantemente a mão esquerda: um canhoto. Antigamente, acontecia com alguma frequência, que o mesmo era “torturado”, porque na escola supunha-se que ele “tinha necessariamente” que aprender a escrever com a mão direita.

Analogamente, vamos imaginar uma pessoa que quando era criança, estremecida de atração por um piano e, infelizmente, por condições culturais e econômicas não cruzou com as “janelas de oportunidade”, ligadas a esse seu talento, pegando caminhos na vida que reprimiram tanto esse dom, essa inteligência musical, que chegaram ao ponto de, talvez, suprimi-la.

É evidente que isso causou desajustes significativos no CISCAS desses exemplos. O “Eu Total” passa a ter comprometimentos de maiores e de menores desenvolvimentos, aliás, julgamos que todos nós temos, vindas da nossa infância, conexões neuronais adequadas, favoráveis e alinhadas, ligadas a valores maiores, como a moral e a verdade, bem como, conexões neuronais inadequadas, desfavoráveis e desalinhadas que chamamos de “distúrbios ou desajustes de conexão”, às quais já nos referimos.

As possibilidades são inúmeras. Imaginemos as sinapses determinantes das diversas áreas do “Eu Total”, algumas se estruturaram aos três, aos cinco ou aos sete anos e foram consolidadas com o tempo, queremos dizer que, se uma conexão não é a usada até a puberdade, durante essa fase ela pode sofrer uma “poda”. Eis porque a repetição é um fenômeno da mais alta importância.

Repetição (ref. 7):

“É a reiteração de um ato; enunciação das mesmas palavras, das mesmas idéias que já tinham sido enunciadas antes”.

A repetição poderá criar conexões permanentes, por isso temos que tomar muito cuidado com as coisas negativas que podem ser vivenciadas pelas crianças (e por nós também), as quais, poderão criar conexões neuronais e consolidadas para o ódio, a maldade, o orgulho e etc. Através das conexões chegamos aos hábitos.

Se a conexão neural é usada continuamente ela tem grande chance de se tornar definitiva. Isso tudo compõe o “Eu Total”, a ponto de um dia, no futuro, ela, a sua amada, já amadurecida, poder olhá-lo e dizer: “ele é assim”.

Julgamos que cada ser humano tem grande possibilidade de ter falhas e desajustes decorrentes de desenvolvimento, parcialmente, inadequado desde a infância, levando “cada um a ser o que é”. Acreditamos, também, que todos têm várias oportunidades de se reajustarem, procurando aperfeiçoarem-se, uma vez que, em uma pessoa sadia e íntegra, a capacidade de aprendizado vai até o último de seus dias.

Os cérebros do homem e da mulher agem, pensam e sentem de formas diferentes. A emotividade e a habilidade manual são traços predominantemente femininos e a noção espacial, agressividade, e lógico-matemática, masculinos. Os homens usam a porção mais primitiva do sistema límbico (que controla as emoções) e ligado a ações físicas, e usam a porção superior associada ao ato simbólico.

A mulher, ao lembrar tragédias próprias, tem uma determinada área do sistema nervoso ativada cerca de oito vezes mais que o homem. O homem usa mais, de modo geral, o hemisfério esquerdo, ligado ao raciocínio lógico, linguagem e razão; e a mulher, tanto o esquerdo como o direito (emoções, memória afetiva, armazenamento de imagem das pessoas que têm alguma relação afetiva com elas).

Como as mulheres usam as duas porções do cérebro isso facilita sua habilidade manual. Parece que os hormônios masculinos agem no cérebro do homem com influência em seu sentido espacial, que é mais apurado que o da mulher.

No cérebro, utilizando as conexões neuronais, estão armazenados e podem ser ativados, através da memória e inteligência, os códigos de valores e de comportamento.

Para o educador Edgar Flecha Ribeiro (Colégio Adrews, ref. 5, pág. 9, 01 de janeiro de 1997) a divisão feita pelo Howard Gardner em oito inteligências é visto como, simplesmente, aptidões.

Podemos crer, através da nossa criatividade, que as aptidões podem ser variadas e classificadas em graus, de pessoa em pessoa e na própria pessoa. Assim, o indivíduo "A", num exemplo hipotético, teria aptidão espacial grau sete e musical grau três (numa escala até dez) e, o indivíduo "B", teria aptidão espacial grau três e musical grau nove. Estamos levando em conta apenas duas inteligências ou aptidões.

Não conhecemos, hoje, ainda, um método para medir essa possibilidade de graduação, mas teríamos, em havendo, a chance de escalonar um nível para determinarmos o dom (propomos entender dom como sendo a qualidade inata que se sobressai em relação a outras qualidades de uma mesma pessoa e em relação à média da população em geral). Por exemplo, um dos critérios poderia fazer uma linha de corte, um teto: vamos supor, de oito pontos. Então, no exemplo acima, o indivíduo "B" seria portador de um dom para a música e aptidão espacial de nível baixo. O indivíduo "A" ganharia uma nota de aptidão espacial alta e baixa de aptidão musical. A idéia é imaginarmos que as aptidões, todas, receberiam avaliação entre zero e oito pontos, onde estaria a média

da população, divididas ao meio: em baixa (até quatro pontos) e situando a alta de quatro a oito pontos, teríamos, como conseqüência, uma faixa para os dons, variando de oito a dez. Extrapolando, diríamos que Mozart teria nota dez para música.

Aliás, não podemos esquecer que a língua é apenas uma forma simples de comunicação, e muito falha. Sem perder muito tempo com essa informação quero destacar que, enquanto não conseguimos o nível de trocar idéias por telepatia (alguns milênios mais) sofreremos as conseqüências de falhas no entendimento e na comunicação, por interpretações pessoais e múltiplas de cada palavra: dom.

(ref. 7) – “Dom

- substantivo masculino

1 Rubrica: termo eclesiástico, história.

denominação que acompanha certos cargos eclesiásticos

2 Rubrica: história.

título honorífico que precede o nome de batismo, aplicado a monarcas e príncipes ou a membros da alta nobreza de Portugal e Espanha

3 Rubrica: história.

título concedido pelos reis a homens ilustres que prestaram grandes serviços à corte Ex.: D. Vasco da Gama

4 Derivação: por extensão de sentido.

entre espanhóis e hispano-americanos, título que precede o nome de batismo, aplicado a qualquer homem adulto a quem se quer tratar com cortesia, deferência ou respeito

5 Regionalismo: Portugal. Uso: ironia. Diacronismo: obsoleto. denominação us. sarcasticamente, precedendo expressões injuriosas

Ex.: d. falso, d. traidor

6 Aptidão inata para fazer algo, esp. difícil ou raro”.

(ref. 6) – “dom1

S. m.

1. Donativo, dádiva, presente: “Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta. / Cada sentido é um dom divino.”

2. Dote ou qualidade natural, inata.

3. *Fig. Mérito, merecimento, vantagem.*

4. *Poder, virtude, privilégio: “D. Carmo possui o dom de falar e viver por todas as feições”*

dom2

S. m.

1. *Forma de tratamento dada a reis, príncipes e nobres e dignitários da igreja católica, sempre seguida do nome de batismo: Dom Pedro I, Dom Hélder Câmara”.*

Daniel Goleman (Veja, pág.66, 15 de janeiro de 1997) comenta em seu livro “inteligência emocional” que:

“o sucesso na vida repousa numa combinação bem temperada de pensamento racional agudo com controle e autoconhecimento emocionais”.

A genética mais as primeiras experiências de vida, o aproveitamento das “janelas de oportunidade”, os estímulos e o afeto recebidos na infância são muito importantes para o comportamento emocional, mas é viável e deve haver um desejo ardente de controlar e dominar, tanto quanto possível, os impulsos negativos como a ira, a ansiedade, a depressão, o orgulho e etc.

Algumas empresas têm se interessado por trabalhar o lado emocional de seus funcionários, melhorando seu humor e, como consequência, inclusive, a produtividade, com uma melhor disposição e postura dos mesmos. Outras, na seleção, têm priorizado pessoas que têm bom relacionamento familiar, que são afáveis, gentis, compreensivas e, ao mesmo tempo, depreciado candidatos autoritários, monopolizadores e emocionalmente instáveis. A parte técnica do candidato é mais fácil de atualizar, mas a estrutura do “Eu Total” pode ser até impossível. Aí entra em cena o “Emocionômetro” da Fiat, em Betim: painel pregado na parede da fábrica onde cada funcionário coloca, ao chegar, na sua foto, um pino: pino vermelho equivale a um problema emocional, naquele dia, para essa pessoa; amarelo, ele está mais ou menos; verde, para os que estão bem.

O que está ficando bem claro, é que, modernamente, se está dando

muito maior importância para o ser humano em seu lado racional e emocional; a separação que existia anos atrás está esvaecendo.

As reações emocionais dependem, entre outros fatores, essencialmente, do processamento de sentimentos e emoções pelo nosso cérebro, que relaciona sensações externas e memória através de sua rede de conexões neuronais. No processo cognitivo, onde biologicamente se tinha a atenção voltada, principalmente, para a percepção e a memória, hoje, considera-se fundamental que se inclua a emoção.

Considera-se que as emoções são a forma como o cérebro reage como consequência da percepção de estímulos geradores das informações externas e internas que lhe são trazidas, como órgão receptor. Interpreta, decodifica, processa e, então, desencadeia uma reação. Vamos apresentar duas fases sequenciais para o fluxo dos estímulos do que acabamos de comentar:

1ª Fase:

- Estímulo desencadeante- (por exemplo: o telefonema da pessoa amada);
- Córtex auditivo e associações de áreas corticais;
- Estímulos ao sistema límbico e participação de outras áreas do cérebro: do hipotálamo e tronco Central.

2ª Fase:

- Hipotálamo e tronco central produzindo neurotransmissores que vão atuar ou na Córtex cerebral ou em regiões subcorticais;
- Estado emocional;
- Córtices somato-sensoriais.

Podemos imaginar que a fase um é a fase de recepção, e que a dois é a fase de reação, produzindo um estado emocional depois do processamento pelo cérebro.

Uma outra forma de ver esse exemplo, simplificado, é imaginar que a fase um estaria ligada a um sentimento, isto é, o indivíduo sentiu, teve a percepção. E a fase dois, seria a reação, isto é, a emoção. No nosso

modo de ver, entendemos ser interessante estudar sentimento e emoção, que nos parece ser algo não valorizado por uma parte dos autores. Vamos recorrer à nossa língua pátria:

(ref. 7)

“Sentimento- n substantivo masculino

- 1 *ato ou efeito de sentir(-se)*
- 2 *aptidão para sentir; disposição para se comover ou se impressionar; sensibilidade*
- 3 *faculdade de conhecer, perceber, apreciar; noção, senso*
- 4 *atitude mental ou moral caracterizada pelo estado afetivo*
- 5 *disposição emocional complexa da pessoa, predominantemente inata e afetiva, com referência a um dado objeto (outra pessoa, coisa ou idéia abstrata), a qual converte esse objeto naquilo que é para a pessoa; afeto, afeição, amor*
- 6 *expressão viva, animada; entusiasmo, emoção*
- 7 *experiência afetiva de desprazer; pesar, tristeza, mágoa*
- 8 *percepção íntima; conhecimento imediato; intuição, pressentimento*

Emoção - n substantivo feminino

- 1 *ato de deslocar, movimentar*
- 2 *agitação de sentimentos; abalo afetivo ou moral; turbção, comoção*
- 2.1 *Rubrica: psicologia.*
reação orgânica de intensidade e duração variáveis, ger. acompanhada de alterações respiratórias, circulatórias etc. e de grande excitação mental”.

Entendemos que tristeza é o que o indivíduo sentiu (sentimento), e as lágrimas foram o produto, a reação, a resposta do mesmo (a emoção).

Achamos que a emoção está diretamente ligada a respostas fisiológicas e comportamentais, perceptíveis ou imperceptíveis. No entanto, para uma série de colocações que se seguem, não temos a necessidade, no momento, de apreciar esse rigor.

Tem-se como verdadeiro, atualmente, que a capacidade de raciocínio está ligada diretamente, também, às emoções, isto significa que tanto uma emoção muito forte pode bloquear/incentivar o raciocínio quanto a ausência da mesma.

Através de uma tecnologia moderna os cientistas estão conseguindo “mapear” as emoções, assim, detectaram que determinadas áreas do cérebro ficam ativas em certas situações; que as redes de conexões neuronais existem tanto para o pensamento como para as emoções.

Hoje, tem-se como certo que a emoção não está restrita a uma área do cérebro, mas sim a uma verdadeira rede. Assim, o indivíduo apaixonado apresenta alterações físico-químicas-biológicas no cérebro, na mente, na sensibilidade e no comportamento. Valoriza-se, modernamente, o binômio razão-emoção, considerando-os, quase, como indissolúveis.

Preparei, para encerrar este capítulo, alguns segmentos e comentários de trabalhos do Prof.Dr. Wilson Luiz Sanvito (ref..Jornal da APM,1991 e Arq Neuropsiquiatr- S. Paulo – 49 (3): 243 – 250, dezembro/2000):

“O complexo cérebro-mente é um sistema aberto, que tem plasticidade própria - com grandes variações comportamentais - e lida com a precisão/imprecisão, exatidão/ambigüidade, completo/incompleto e a ordem/desordem”.

Pode sintetizar soluções, ordenar arranjos de decisões ou escolhas e criar novas associações com os dados existentes.

O autor diz:

“O complexo-cérebro mente é um sistema indivisível que funciona com propriedades emergentes e em vários níveis hierárquicos de organização, irreduzíveis uns aos outros.

Os níveis hierárquicos de organização estão profundamente integrados num plano interacional, e são pelo menos três:

- ***a - o nível neuronal**, que tem como substrato células nervosas e organizadas segundo a neurobiologia do*

desenvolvimento;

- ***b - o nível funcional***, *que tem como seu substrato dinâmico redes neuronais, cuja organização é proporcionada por mecanismos conexiais;*
- ***c - o nível conceitual***, *baseada numa rede semântica que lida com símbolos dentro de conceitos."*

O cérebro humano utiliza reações químicas e impulsos elétricos para executar e interpretar suas principais funções. Segundo MacLean, a evolução do cérebro, que hoje compõem o cérebro humano, é a somação destes três:

- **1 - cérebro reptiliano** - porção alta do tronco e gânglios da base - ligados à procriação, predação, instinto de território, modo de vida gregário, relações internas do organismo: viscerais e glandulares, e é responsável pelo ciclo vigia-sono.
- **2 - cérebro paleomamífero** - aprendizado e soluções relacionadas às experiências bem recentes; comportamento emocional (sistema límbico).
- **3 - cérebro neomamífero** - verbalizar ações e sentimentos; operações lógicas; linguagem.

O cérebro tem a capacidade de aprender por si próprio sem o desejo pleno da vontade do ser humano;

"Ele está equipado no sistema límbico, com estruturas para ativar os mecanismos de reforço dos comportamentos eficazes. São chamados mecanismos de recompensa"

(ainda no sistema límbico há também os mecanismos de punição).

Sanvito cita Schwob - três cérebros do amor:

- **1 - hipotálamo** - ligado às emoções, desejo sexual regulando secreção de hormônios sexuais e, até, atividades de sedução, controle do humor amoroso;
- **2 - sistema límbico** - centro do orgasmo, registro de vivências afetivas, coordena os aspectos sensuais e sentimentais da vida sexual;

- **3 - neocórtex** - fantasias para o sentimento amoroso, cultura erótica, refinamentos estéticos, tabus, sensação de culpa”.

Tudo de prazeroso que dividimos com a amada é armazenado no sistema límbico e pode ativar os centros de prazer que ficam, da mesma forma, principalmente, no sistema límbico e hipotálamo. Também pode ocorrer de modo inverso, decepções e desilusões ativando os centros de desprazer. Uma simples ligação telefônica ou uma lembrança visual (foto) ou mental podem ativar o centro de prazer. Momentos de ciúmes, desconfiança ou, até, um atraso a um encontro marcado, por exemplo, ativa o centro de desprazer ligado a ansiedade, que pode causar uma situação de stress, conflito e insegurança.

A comunicação entre um neurônio e outro, na fenda sináptica, se dá através da seguinte seqüência: neurônio - impulso elétrico no axônio - descarga de neurotransmissores - nas sinapses - “captação da mensagem” pelo corpo do neurônio seguinte, gerando novo impulso elétrico e assim sucessivamente.

Vamos colocar dois conceitos:

- **1 - Neurotransmissores** são substâncias químicas expelidas das microvesículas da extremidade distal do axônio - acetilcolina, dopamina, serotonina, etc.
- **2 - Neurohormônios** são substâncias químicas que, além de atuarem na sinapses, atuam também à distância encontrando outro receptor que lhe acolha quimicamente, geralmente glândulas (exemplo hipófise) - endorfinas, encefalinas, hormônios hipotalâmicos-hipofisários.


Após o ato sexual, se encontra uma quantidade importante de endorfinas na circulação sanguínea. Parece que, principalmente, na paixão, tanto neurotransmissores como neurohormônios têm uma função significativa com reflexos complexos e diversos, tanto físicos, como psíquicos. Então, os amantes têm o aumento dos batimentos cardíacos, rubor facial, aumento da sensibilidade tátil, etc. e uma sensação de encanto e bem-estar, em momentos agradáveis do relacionamento, tanto estando próximos como à distância, até mesmo um e-mail, telefonema, e etc. podem desencadear esse processo. Também ocorre o contrário: a ausência

ou a ruptura provocando sudorese (suores geralmente frios) e sensação de mal-estar, insônia, depressão e etc.


Tudo o que comentamos, até aqui, tem importância, mas é preciso que se fixe a idéia que toda essa complexidade de ações, reações, funções, desdobramentos, impulsos recebidos, desencadeados, decodificados, estimulados ou emitidos pelo cérebro, no relacionamento amoroso, que ocorre intensamente na paixão e moderadamente no amor mais “maduro”, tem um efeito nos amantes semelhante ao de drogas, tal a estimulação freqüente e intensa do centro de prazer, e que, em caso de ruptura, provoca neles reações semelhantes à de uma abstinência às drogas.

Um efeito semelhante sobre as endorfinas ocorre, provavelmente, com relação a novidade. Parece que a novidade, desde que agradável, cria uma situação de fascínio e bem-estar semelhante àquela que acabamos de citar acima.

Encerrando, posso dizer que acrescentamos ao nosso conhecimento o valor dos componentes orgânicos, físicos, químicos, elétricos, hormonais, psicológicos, mentais, espirituais, estruturais, genéticos, temperamentais e a importância da formação e da reestruturação das conexões neuronais, seus mecanismos e ramificações, tudo isso entrelaçado com toda a estrutura do cérebro, suas funções e efeitos no relacionamento amoroso.



As pessoas, geralmente, estão bem preparadas para a alegria, a diversão e o prazer, mas o amor será testado, verdadeiramente, nas dificuldades e na dor.





A felicidade, “geralmente”, existe em alguns momentos, o prazer também. Ela está ligada ao amor e a um estado de espírito, ele à carne.



Às vezes o bêbado não é culpado de o ser. Despreparado, tantas frustrações fizeram com que a bebida fosse o único refúgio, a única fuga. Bebendo ele morre, mas é a única forma de continuar vivendo...



No casal, o contato, o carinho, o toque físico, sexuado ou assexuado, é o elo entre o concreto e o abstrato, entre seus corpos e suas almas. Sem ele, a desconexão, provavelmente, será questão de tempo. Ele e ela estarão em posição oposta à da atração e tenderão a caminhos divergentes.



A imagem que fazemos de nós próprios, de fato, não é a verdadeira. Via de regra nos consideramos, inconscientemente, superiores ao que realmente somos.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

SOBRE O CIS E O CAS (CISCAS)

abalável
abnegado
absorvente
abúlico
acolhedor
adaptável
admirável
afetuoso
agressivo
alegre
altivo
ambicioso
amigável
amoroso
analítico
angustiado
animado
ansioso
antipático
apaixonante
apaixonável
apático
aplicado

Diversos autores, discorrendo sobre caráter e personalidade, apresentam definições parcialmente coincidentes, semelhantes, paralelas, proporcionais, divergentes ou frontalmente antagônicas.

Quando comecei amadurecer a idéia de compor este livro, imaginava, há muitos anos, fazer dois capítulos separados: “sobre a personalidade”; “sobre o caráter”. Pois, tudo o que vai ser construído no amor, está alicerçado e estruturado sobre o que adotamos com o termo designado “Eu Total” (Ângela Maria La Sala Batà – ref. 3, pág. 29).

Na página, 25 fig. 01, temos a representação esquemática do “Templo do Amor” que tem na base o “Eu Total”.

O “Eu Total” é uma estrutura completa do ser envolvendo espírito, alma, corpo, mente, modo de ser, de agir, comportamento, conduta, postura, impulsos, instintos, temperamento, personalidade, caráter, id, ego, superego, “propium”, consciente, subconsciente, etc., enfim tudo que pudermos

compreender como fazendo parte e compondo o todo do indivíduo, tal que, o mesmo, com essa “bagagem”, tenha reações próprias, diferenciadas, específicas, por vezes previsíveis e de perspectivas, por vezes não, para ativar toda a função interna ou externa, atuar na vida e numa relação amorosa e, especialmente, crescer no amor e atingir níveis mais elevados do mesmo ou, dada a escassez de elementos, de componentes, estrutura inadequada, ser incapaz de assim se desenvolver.

Seria interessante e extremamente produtivo que nós fizéssemos um estudo comparativo envolvendo os diversos autores a respeito da personalidade e do caráter. A imensidão desse estudo seria infinitamente positiva para o entendimento profundo desses dois componentes do ser que são tão vastos, intrincados, complexos e, até, polêmicos.

Já falei que seria maravilhoso se pudéssemos juntar algumas “cabeças pensantes” para formar um grupo de trabalho, de modo que essas pessoas, aos pares, lessem um livro. Então, se tivéssemos trinta pessoas, teríamos quinze livros lidos em um espaço relativamente curto de tempo. Essas pessoas debateriam, profundamente, esses temas durante um, dois, três meses e, depois, outros temas, de modo que cada vez mais houvesse um direcionamento para os conhecimentos íntimos relativos ao caráter e a personalidade.

É óbvio que os inúmeros mecanismos, conceitos, as variações de visões, as possibilidades de combinações e as diversidades de compreensão tornariam este trabalho como uma jornada de alta complexidade, mas, também, permitiriam o aumento do entendimento significativo das ações,

aproveitador
arrogante
arrojado
ativo
atlético
atraente
atravessador
audacioso
ausente
austero
autêntico
autoconfiante
autoritário
avaliador
avarento
aventureiro
bajulador
bem-humorado
bem-sucedido
benevolente
bom
bonançoso
bonito
bradi-psíquico
calmo
caloroso
carinhoso
carismático
caritativo
cativante
cauteloso
chorão
circunstancial
ciumento
claro
colérico
combativo
comodista

companheiro
compasso
compenetrado
competente
competitivo
complexo
complicado
compreensivo
compulsivo
comunicativo
comunitário
concentrado
confiado
confiante
consciente
conservador
consolador
contemplativo
contente
contido
controlado
convencido
corajoso
cordial
cortês
covarde
credível
crente
criativo
curioso
decidido
dedicado
defensivo
definido
dependente
depreciativo
depressivo
desafinado

reações, comportamentos, posturas, capacidades, temperamentos, etc. diante do amor.

Para fins de transmitirmos imagens, pensamentos, hipóteses, teses, possibilidades mais ou menos consistentes, idéias ou lucubrações imaginativas;

Considerando a diversidade de correntes filosóficas, psicológicas, psiquiátricas, biológicas, etc.;

Considerando que o caráter é, muitas vezes, visto como uma parte da personalidade por alguns autores;

Considerando as dificuldades para a definição desses elementos pelos mesmos, visto que, algumas vezes, o exemplo de caráter se encaixa perfeitamente na definição de personalidade e vice-versa, confrontando-se certos autores;

Considerando que vários autores, todos, sem exceção, apresentam trabalhos importantíssimos sobre visões diferentes, isto é, com faces diferentes da verdade, que aborda em obras diferentes, áreas diferentes, sobre o “Eu Total”;

Proponho idealizar uma maneira diferente de dividir o “Eu Total”, simplificada e ampla ao mesmo tempo, voltada exclusivamente para o nosso objetivo que é tentar entender o amor na amplitude maior que pudermos alcançar no momento, posto que é um campo infinito e certamente será incrementado, indefinidamente, pelos que nos sucederem em interesses pelo mesmo conhecimento/entendimento; assim sendo, em nossa criatividade, dividimos, basicamente, o degrau inicial do “Templo do Amor”

em “Componentes Inatos do Ser - CIS e Componentes Adquiridos do Ser – CAS (CISCAS)”, como as duas partes, únicas e essenciais, compositivas do “Eu Total”, mencionado acima.

Essa, como todas as outras classificações, não deixa de ter observações desfavoráveis, visto aqui que alguns elementos analisados apresentarão uma dificuldade importante para serem colocados em uma ou em ou outra coluna, isto é, inatos ou adquiridos. De qualquer modo, fiz para este capítulo, em ordem alfabética e aleatória, uma coluna, ao lado, que traz, entre muitas, algumas situações, estados, posturas, temperamentos, características, traços, capacidades, habilidades, qualidades, etc. do ser, que poderão receber, numa outra edição, separações e divisões específicas por critérios previamente convencionados ou definidos.

Cada item dessa coluna deve ser considerado, essencialmente, como predominante. Entendemos que, desde que não sejam antagônicas, as escolhas de cada item, via de regra, as combinações para compor um ser, serão quase infinitas e, eventualmente, beirarão ou atingirão a patologia, alternando, até mesmo, estados opostos (maníaco-depressivo; obsessivo-compulsivo).

Com a única finalidade de termos noções bastante superficiais a respeito do caráter e da personalidade e componentes ou segmentos correlacionados, direta ou indiretamente, vou apresentar algumas definições e divisões propostas por alguns autores ou “desintrincadas” por mim (e me desculpem se as interpretações não são precisas), para certos tópicos relacionados às diversas correntes, idéias e possibilidades que mencionei pouco acima.

desajeitado
desajuizado
desanimado
desconfiado
descontente
descontraído
descontrolado
descrente
desembaraçado
desequilibrado
desleal
desligado
despreocupado
destemido
desumano
detalhista
determinado
difuso
digno
dinâmico
disciplinado
displicente
dissimulado
distante
distraído
ditador
divertido
dominador
duro
educado
eficiente
egocêntrico
egoísta
embaraçado
emotivo
enérgico
enfraquecido
enganador

engraçado
equilibrado
escravizante
escrupuloso
especulador
esperançoso
esperto
espiritualista
espontâneo
esquizóide
estabanado
estênico
estressado
estúpido
exagerado
explorador
explosivo
expressivo
farto
feio
feliz
fidedigno
fiel
fingido
fleugmático
forte
fraco
frágil
fraternal
frio
frívolo
frouxo
fútil
ganancioso
generoso
gozador
gracioso
grosseiro

• **Consciente:**

um dos três sistemas do aparelho psíquico ao lado do pré-consciente e do inconsciente. É relativo a um conteúdo psíquico a ele relacionado ou uma atividade e podem intervir fatores limitantes, de complexidade, de dificuldade, de automaticidade e de verbalização. Num outro sentido, o consciente permite perceber e trocar informações sobre sensações, sentimentos, pensamentos e sua capacidade de expressar-se, dentro de si próprio ou com outras pessoas.

• **Inconsciente:**

não tem percepção do conhecimento. Está ligado às operações mentais do indivíduo e várias imagens representativas e inacessíveis, nesse estado, à consciência do mesmo. Várias escolhas e atitudes do indivíduo estão ligadas ao inconsciente, por exemplo: busca e tratamento de dados armazenados na memória, avaliação e seleção de estímulos, percepção subliminar, variações na atenção e etc.

“Há dois planos em sua mente - o consciente ou racional e o subconsciente ou irracional. Você pensa com a mente consciente - o que quer que comumente pense será absorvido por sua mente subconsciente (geralmente aceito como sinônimo de inconsciente), que cria imagens de acordo com a natureza dos seus pensamentos”; “o seu subconsciente aceita tudo que lhe é impresso ou aquilo em que você conscientemente acredita. Ele não especula sobre as coisas, como a sua mente consciente, e não lhe apresenta argumentos de controvérsias”, Dr. Joseph Murphy (ref. 23, pág. 30 e 31).

O subconsciente controla processos do tipo de circulação, respiração, batidas do coração, e etc.

• **Consciência:**

“consciência é o processo que controla impulsos transitórios e ajustamentos oportunistas no interesse de um objetivo de longo alcance e da coerência da auto-imagem”, Gordon W. Allport (ref. 13, pág. 91).

• **Auto-imagem:**

é como cada um se vê. Ela tem um aspecto interessante e significativo: - pode ser alterada. Está ligada a maneira pela qual a pessoa se sente e como deseja desenvolver-se; como se situa em relação aos próprios valores e os dos outros; como tem a percepção de si própria e se vê de acordo com a realidade, ou não; suas metas, sonhos e esperanças.

Ela leva um tempo variável para ser modificada, por exemplo: numa cirurgia plástica de nariz, após o resultado estético favorável, a pessoa ao se ver no espelho, leva três a quatro semanas para incorporar aquela nova forma da sua própria imagem. Essa é uma colocação apenas corpórea e, portanto, que apenas coloca um paralelo entre a parte física e o que pode ocorrer na mente humana, essencialmente quando se imagina algo mais complexo, como mudar um vício ou um defeito, o que certamente levaria um tempo muito maior (alcoolismo, orgulho, etc.).

• **Id/isso:**

para Groddeck (ref. 15, pág.143 – 145), inconsciente é o mesmo que Id (o *“Id nos fala”* o *“Id nos vive”* - Lacan), comentado por Laplanche que, em outro trecho, diz:

“somos vividos pelo Id, as manifestações singulares são tão-somente passividade (no

guloso
harmônico
hedonista
hesitante
hiperativo
hipócrita
histérico
honesto
hostil
humilde
idealista
idiota
imaginativo
imaturo
impaciente
impassível
imperturbável
implicante
impressionável
imprudente
impulsivo
imutável
inabalável
inadaptável
incompleto
incompreensível
inconfidente
inconformado
inconsciente
inconstante
indefinido
independente
indiferente
indignado
indigno
indolente
ineficaz
ineficiente

inerte
inescrupuloso
inferiorizado
infiel
inflexível
ingênuo
inibido
injurioso
inovador
insaciável
inseguro
insensível
insuficiente
inteligente
intocável
intolerante
intranquilo
invejoso
irascível
irônico
irredutível
irresponsável
irritadiço
isolacionista
justo
liberal
libertador
libertino
libidinoso
líder
livre
luxuriante
macabro
maduro
magro
mal-humorado
malicioso
manso

sentido Espinozista) em relação a potência ativa universal”.

O Id apresenta certa diferença com o inconsciente por ter uma ação perceptiva e motora com a realidade. Freud o considerava como um depósito de pulsões.

(Houaiss: “pulsões - processo dinâmico, força ou pressão, que faz o organismo tender para uma meta, a qual suprime o estado de tensão ou excitação corporal que é a fonte do processo”).

Podem tanto estarem antagônicos como trabalharem em conjunto na formação do ato psíquico onde, como o superego/supereu, por ser uma divisão do ego/eu, apresenta ligações profundas com este último, acaba fazendo com que os três se comuniquem (ref. 35, pág. 401).

• Ego/eu:

“podemos conceber o caráter do ego - talvez o ego freudiano em geral - como a couraça que protege o Id de outros estímulos do mundo externo”, Reich (ref. 36, pág.167).

O ego/eu, junto com o Id/isso e o superego/supereu formam os três componentes essenciais da personalidade. O ego/eu tem uma exigência de síntese; está relacionado com a adaptação à realidade e controle da coerência do próprio ser. Ele pode ser considerado como sede da consciência e responsável pelo processamento dos dados conscientes e inconscientes. É extremamente controverso e discordante entre os autores:

“J. Lacan, na França, enfatizando a dimensão subjetiva do ego/eu, desenvolveu a teoria segundo a qual o ego/eu, é o engodo imaginário e, exerceria uma função de desconhecimento em relação à vida psíquica inconsciente” (D. Widlöcher – ref. 35, pág. 270).

“Freud descreveu, de maneira muito clara, a luta que o ego, como um pára-choque entre o Id e o mundo externo (ou o Id e o superego) tende a assumir”. O mais importante dessa luta é que o ego, em seus esforços para ser o mediador entre as partes hostis a fim de sobreviver, introjeta os objetivos repressivos do mundo externo - na realidade, precisamente os objetos frustram o princípio de prazer do Id - e os retém como árbitros morais, como superego. Portanto a moralidade do ego é um componente que não se origina no Id...”, Wilhen Reich (ref. 36, pág. 166).

A regulação entre os impulsos inconscientes do ser integral e o mundo exterior está sob a responsabilidade do ego, em outras palavras, o ego deve reconsiderar o planejamento ou para defesa em tudo o que conflita; por dentro, na consciência ou nos instintos e, por fora, o meio externo, ambiental, etc.

- **Superego/supereu:**

responsável pelo julgamento moral e reprimendas do ego/eu. Lida com seus ideais, a realização e a conscientização dos anseios.

Alguns autores o relacionam com o complexo de Édipo; outros acreditam que a sua atuação é muito mais precoce, ligada a comportamentos e mecanismos psicológicos.

maquiavélico
masoquista
materialista
meditador
medroso
melancólico
melindroso
mentiroso
metódico
mole
moralizador
motivado
musculoso
negligente
nervoso
neutro
objetivo
obsessivo
obstinado
ocioso
oportunista
orgulhoso
otimista
ousado
pacato
paciente
pacífico
pacifista
passional
passivo
pegajoso
pensador
pensativo
perdedor
perfeccionista
perseverante
persistente
perturbável

pessimista
petulante
pobre
polido
pontual
possessivo
pragmático
prático
prazeroso
preciso
preguiçoso
preocupado
presente
previdente
produtivo
prolixo
próspero
protestativo
protetor
provocador
prudente
punidor
puro
queixoso
rabugento
raivoso
rancoroso
ranzinza
realista
realizado
receoso
reflexivo
refratário
rejeitável
reprimido
repugnante
resmungão
resolvido

Nesses conceitos todos é preciso que não esqueçamos que o organismo tanto modifica o ambiente através da tecnologia e da civilização como, também, procura adaptar-se adquirindo novas formas de enfrentar o mundo e a vida, para garantir a sobrevivência.

• **Capacidade:**

Pode ser verificada diretamente em vários contextos. As aptidões primárias são segmentos das capacidades. Capacidade para uma determinada coisa pode fazer surgir uma habilidade para essa mesma coisa e permite uma ampla gama de opções em direção ao sucesso e ao progresso individual, significando competência.

• **Habilidade:**

“conjunto circunscrito de competências que se atualiza em comportamentos eficazes, e que geralmente resultam da aprendizagem, eventualmente favorecida por disposições ou aptidões inatas”, M. Richelle (ref. 35, pág.382).

• **Qualidade:**

Aurélio (ref. 6) – “propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas capaz de distingui-las das outras e de lhes determinar a natureza; numa escala de valores, qualidade permite avaliar e, conseqüentemente, aprovar, aceitar ou recusar, qualquer coisa; disposição moral ou intelectual das pessoas; dote, dom, virtude”.

• **Característica: -**

Houaiss (ref. 7) – “traço, propriedade ou qualidade distintiva fundamental”;

Ou

“característica universal é a arte de formar e de ordenar os caracteres de modo que se refira aos pensamentos, isto é, de modo que tenham entre si a mesma relação que existe entre os próprios pensamentos”; “Todos os pensamentos humanos podem ser reduzidos a poucas noções primitivas; se tais noções forem expressas com caracteres, isto é, com símbolos, é possível formar os símbolos de noções derivadas e, assim, passar a deduzir tudo que está implícito nas noções primitivas e nas definições. Desse modo, será possível proceder com certeza matemática tanto à aquisição de novos conhecimentos quanto ao controle dos já possuídos e, também, será possível determinar antecipadamente que experiências ou novas noções são necessárias à ulteriores desenvolvimentos do conhecimento.” (ref.29, pág.115).

• **Comportamentos:**

exclui consciência, pensamentos, sentimentos, representações, atividades interiores. Pode ser visto como o resultado da análise, escolha ou decisão de questionamentos interiores exteriorizado como movimento, postura ou atitude observável. De acordo com o referencial utilizado, para classificar os comportamentos, eles podem ser (exemplo de uma classificação entre muitas):

Sheldon (ref. 25, pág.33):

- 1-Viscerotônico;
- 2-Somatotônico;
- 3-Cerebrotônico.

Sem especificar cada um desses tipos vamos citar alguns traços dos mesmos, aleatoriamente: em relação ao estilo de vida, um gosta de comodidade, o outro de exercício físico e um terceiro de

respeitador
responsável
ressentido
retraído
reverente
rico
rigoroso
risonho
romântico
sádico
safado
sapeca
satisfeito
saudável
seguro
sensato
sensibilizado
sensível
sentimental
sequioso
sereno
sério
serviçal
servil
severo
simpático
simples
sincero
sociável
solidário
solitário
sonhador
sortudo
sossegado
submisso
superficial
taqui-psíquico
teimoso

tenaz
tenso
teórico
tímido
tirânico
tolerante
traíçoeiro
tranquilo
trapaceiro
traquina
travesso
triste
vacilante
valente
vencedor
vibrante
violento
virtuoso
voluntarioso
volúvel
abalável
abnegado
absorvente
abúlico
acolhedor
adaptável
admirável
afetuoso
agressivo
alegre
altivo
ambicioso
amigável
amoroso
analítico
angustiado
animado
ansioso

intimidade; nas relações interpessoais, alguns podem ser sociáveis e agressivos, introvertidos ou extrovertidos; em relação à afetividade, podem ser carente, pouco sensível, controlado e etc.

Vamos considerar, apenas para registro, áreas de comportamentos: social, afetivo, moral, sexual, de ligação, parental, etc.

• **Caráter:**

“um modo de ser e de comportar-se habitual e constante de uma pessoa, à medida que individualiza e distingue a própria pessoa”;

“Teofrasto deixou-nos, no texto intitulado os caracteres, a descrição de trinta tipos de caracteres morais (importunos, vaidoso, descontente, fanfarrão, etc.)”; “Jung considera o caráter como uma orientação predominantemente inconsciente, devida a disposições orgânicas ou ao fundamento instintivo. O caráter de um homem é a direção em que ocorre o encontro entre esse homem e o mundo, ou entre esse homem e a sociedade: é o complexo de atitudes ou disposições para agir ou reagir em certa direção. Ora, no encontro entre o homem e o mundo, são possíveis duas atitudes fundamentais: o homem procura dominar o mundo, isto é, os objetos externos, assumindo uma atitude ativa, positiva, criadora, ou então procura simplesmente defender-se dele, fechando-se em si o mais possível; a primeira atitude é a extrovertida, que produz abertura, sociabilidade, isto é, frequência de relações com os outros; a segunda é a introvertida, que indica fechamento, timidez e, em todo caso, relutância em relacionar-se com os outros e com as coisas”, Nicola Abbagnano (ref. 29, pág.115 e 116).

- Fatores caracteriológicos,
segundo G.G. Nova (ref. 14, pág.40 a 60):

"1 - Emotividade;

2 - Atividades (forças orgânicas potenciais);

3 - Primariedade e secundariedade (facilidade de adaptação – plasticidade);

4 - Largueza ou estreiteza do campo de consciência;

5 - Tipo de inteligência (concreta e abstrata);

6 - Polaridade (é postura ligada ao próximo - nada a ver com sexo);

7 - Sociabilidade - isolamento;

8 - Ternura ou secura afetiva;

9 - Avidéz (ter cada vez mais);

10 - Interesses sensoriais - indiferença sensorial (busca prazer nos sentidos)".

Eles também apresentam oito tipos de caráter:

"1 - Passional;

2 - Colérico;

3 - Sentimental;

4 - Nervoso;

5 - Fleumático;

6 - Sanguíneo;

7 - Apático;

8 - Amorfo".

- Personalidade:

"é a organização do equipamento singular de comportamento que um indivíduo adquiriu através de condições especiais de seu desenvolvimento", R.W.Lundin (ref. 30, pág.08). e

"Condição ou modo de ser da pessoa"; "é a organização que a pessoa imprime à multiplicidade de relações que a constituem";

"H.J.Eysenck diz: é a organização mais ou menos

antipático
apaixonante
apaixonável
apático
aplicado
aproveitador
arrogante
arrojado
ativo
atlético
atraente
atravessador
audacioso
ausente
austero
autêntico
autoconfiante
autoritário
avaliador
avarento
aventureiro
bajulador
bem-humorado
bem-sucedido
benevolente
bom
bonançoso
bonito
bradi-psíquico
calmo
caloroso
carinhoso
carismático
caritativo
cativante
cauteloso
chorão
circunstancial

ciumento
claro
colérico
combativo
comodista
companheiro
compassivo
compenetrado
competente
competitivo
complexo
complicado
compreensivo
compulsivo
comunicativo
comunitário
concentrado
confiado
confiante
consciente
conservador
consolador
contemplativo
contente
contido
controlado
convencido
corajoso
cordial
cortês
covarde
credível
crente
criativo
curioso
decidido
dedicado
defensivo

estável e duradoura do caráter, do temperamento, do intelecto e do físico de uma pessoa: organização que determina sua adaptação total ao ambiente. Caráter designa ao sistema de comportamento conativo (vontade) mais ou menos estável e duradouro da pessoa. Temperamento designa seu sistema mais ou menos estável e duradouro de comportamento afetivo (emoção); intelecto seu sistema mais ou menos estável e duradouro de comportamento cognitivo (inteligência); físico, seu sistema mais ou menos estável e duradouro de configuração corpórea e de dotação neuro-endócrina” (ref. 29, pág.758).

• “Propium”:

Gordon W. Allport (ref. 13, pág. 59 a 82) o relaciona com a unidade interna do ser controlada por todos os aspectos da personalidade e, também, o que está perto de nós que consideramos especialmente nosso. Inclui a percepção do corpo, a auto identidade, a valorização do eu, a extensão do ego, o agente racional, a auto-imagem, os esforços do propium e o eu cognoscente.

• Tipologia:

É o exercício de classificar em tipos algumas funções, aspectos do temperamento. Ângela Maria La Sala Batà (ref. 03, pág.35 e 36) diz que Jung apresenta uma classificação onde uma das quatro funções fundamentais, de cada tipo, se sobrepõem às outras:

- 1- Sensorial extrovertido;
- 2- De sentimento extrovertido;
- 3- De pensamento extrovertido;
- 4- Intuitivo extrovertido

e

- 1- Sensorial introvertido;
- 2- De sentimento introvertido;
- 3- De pensamento introvertido;
- 4- Intuitivo introvertido.

Diz a autora:

“na verdade, o homem possui, potencialmente, todas as funções psíquicas, todos aspectos, e chega o momento em que deverá manifestá-los e desenvolvê-los. Não devemos esquecer que as funções psíquicas não são outra coisa se não “energia” e como tal são vivas e dinâmicas e, mesmo que ainda estejam em estado latente, mais cedo ou mais tarde elas fazem sentir sua presença e exigem uma forma de manifestação”.

• **Temperamento:**

“disposição do homem a agir de um modo ou de outro segundo a mescla de humores que componham seu corpo”, Nicola Abbagnano (ref. 29, pág. 944).

O temperamento tem um aspecto fisiológico que está ligado com a estrutura forte ou fraca e pela compleição do corpo do indivíduo e, a um aspecto psicológico, relacionado ao poder afetivo e repetitivo, sentimentos e desejos relacionados a causas físicas e motoras na visão de Kant. Na área da psicologia, no século dezanove, alguns autores passaram a utilizar a palavra caráter ao invés de temperamento.

De acordo com o referencial utilizado para classificar os temperamentos eles podem ser:

definido
dependente
depreciativo
depressivo
desafinado
desajeitado
desajuizado
desanimado
desconfiado
descontente
descontraído
descontrolado
descrente
desembaraçado
desequilibrado
desleal
desligado
despreocupado
destemido
desumano
detalhista
determinado
difuso
digno
dinâmico
disciplinado
displícite
dissimulado
distante
distraído
ditador
divertido
dominador
duro
educado
eficiente
egocêntrico
egoísta

embaraçado
emotivo
enérgico
enfraquecido
enganador
engraçado
equilibrado
escravizante
escrupuloso
especulador
esperançoso
esperto
espiritualista
espontâneo
esquizóide
estabanado
estênico
estressado
estúpido
exagerado
explorador
explosivo
expressivo
farto
feio
feliz
fidedigno
fiel
fingido
fleugmático
forte
fraco
frágil
fraternal
frio
frívolo
frouxo
fútil

Viola –

- 1- *Normotipo;*
- 2- *Longitipo microsplâncnico e*
- 3- *Braquitipo megalosplâncnico.*

Pende –

- 1- *Morfológico;*
- 2- *Dinâmico-humoral;*
- 3- *Intelectual;*
- 4- *Afetivo.*

Kretschmer –

- 1- *Pícnico;*
- 2- *Leptossômico;*
- 3- *Atlético.*

Kretschmer -

- 1- *Esquizotímico;*
- 2- *Ciclotímico.*

C. Sigaud –

- 1- *Cerebral;*
- 2- *Digestivo;*
- 3- *Respiratório;*
- 4- *Muscular.*

Kretschmer (ref. 25, pág. 28) relacionou algumas características fisiológicas, por exemplo, tempo pessoal: pode ser lento ou veloz; a atenção: pode ser de boa quantidade e de má qualidade em um indivíduo e ao contrário no outro. Um teria tendência à síntese e à globalidade, o outro teria tendência para análise e concentração no particular. Na parte comportamental um, em relação à excitação, seria explosivo e o outro controlado (Considerando a classificação ciclotímico/esquizotímico).

Posso dizer que esses são alguns dos traços que estariam relacionados com algumas dessas classificações. Todas elas são importantíssimas porque estão levando em conta diferentes fatores que, na verdade, interferem no “Eu Total”. Um indivíduo que tem obesidade, baixinho, vai ter dificuldade para algumas coisas e facilidade para outras em relação a um indivíduo magro e alto ou a um indivíduo atlético. Considerando características hereditárias, o tipo morfológico influencia o crescimento e o desenvolvimento, desde a infância.

Alterações hormonais acabam influenciando, também, o “Eu Total”: o indivíduo que tem uma predominância de secreções de hormônios da tireóide vai ter, em toda a sua vida, reações mais intensas do que um outro que tenha predominância de atividade de uma outra glândula., e assim sucessivamente. Todas as observações que os autores apresentam e todas as classificações feitas que tivemos a oportunidade de observar, fizeram com que nós as considerássemos de extrema importância, mas a complexidade de lidar com essa diversidade me fez montar esse capítulo dessa forma, isto é, citando definições e divisões para depois polarizar as atenções no CIS e no CAS (CISCAS).

Essa é a idéia e por entendermos que todas as classificações, divisões e subdivisões (temperamento, comportamento, caráter, personalidade, tipologia e etc.) apresentadas pelos autores têm uma boa porcentagem de itens que se encaixam em cada tipo, mas tem, talvez, entre dez, trinta por cento ou mais que não se encaixam. Mario Fideli (ref. 25, pág. 51), por exemplo, descreve elementos característicos do indivíduo de temperamento hipotireóidico, segundo Pende:

ganancioso
generoso
gozador
gracioso
grosseiro
guloso
harmônico
hedonista
hesitante
hiperativo
hipócrita
histérico
honesto
hostil
humilde
idealista
idiota
imaginativo
imaturo
impaciente
impassível
imperturbável
implicante
impressionável
imprudente
impulsivo
imutável
inabalável
inadaptável
incompleto
incompreensível
inconfidente
inconformado
inconsciente
inconstante
indefinido
independente
indiferente

indignado
indigno
indolente
ineficaz
ineficiente
inerte
inescrupuloso
inferiorizado
infiel
inflexível
ingênuo
inibido
injurioso
inovador
insaciável
inseguro
insensível
insuficiente
inteligente
intocável
intolerante
intranquilo
inveioso
irascível
irônico
irredutível
irresponsável
irritadiço
isolacionista
justo
liberal
libertador
libertino
libidinoso
líder
livre
luxuriante
macabro

“a lentidão dos movimentos e a redução da velocidade do circuito mentais (bradipsiquismo). A inteligência, no entanto, não é de todo insuficiente; a memória boa, a vontade, discreta. A emotividade é, sem dúvida reduzida. O hipotireóidico é calmo, pacato, sereno; nos casos mais evidentes, pode chegar até a apatia e ao desinteresse por qualquer atividade”.

Aceitamos a importância da descrição dessas características desse indivíduo, porém, imaginamos que, como as variáveis que acabam influenciando no indivíduo são inúmeras, e a maior parte dessas classificações estão sedimentadas na prevalência de uns fatores sobre outros, então, passamos a ter um indivíduo que se encaixa num grupo, em determinada porcentagem e, em outro grupo, simultaneamente, numa quantificação menor, por exemplo. Ele seria, digamos, cerebral e digestivo, em proporções diferentes e ao mesmo tempo.

Isso ocorre porque há uma imbricação inevitável de uma área em outra: classificação antropométrica, hormonal, emotiva, temperamental, comportamental e etc. O “Eu Total” é tão imenso que dividi-lo em grupos nos parece menos exato, não é o meu objetivo neste livro, por isso que vamos caminhando neste nosso texto, na direção de utilizar o significado final (coluna ao lado) que vê a última propriedade ativa da unicidade do mesmo. Isso nos permite, admitindo essa forma de pensar, definir um ser humano de forma horizontalizada com uma tipificação pormenorizada e primariamente específica e individualizada, sem colocá-lo em grupos ou subgrupos.

Também nos anima, a ter esse modo de imaginar, essa proposta, a discordância e a variedade

extraordinária de definições e posições apresentadas pelos autores nos diversos tópicos.

A base do estudo do amor deste livro é a relação entre homem e mulher, o amor HM; daí a importância fundamental deste capítulo: ele e ela irão cada um com a sua “bagagem” (do CISCAS) para o relacionamento amoroso.

Vou tentar excluir daqui por diante as palavras “caráter” e “personalidade” do nosso texto, por dois motivos:

- um, porque as definições desses dois termos são muito contraditórias de autor para autor e, portanto, cada um acaba tendo um entendimento diferente do que se está tentando dizer;
- dois, porque ao propormos dividir o “Eu Total”, em CIS e CAS (CISCAS), a nosso ver, transmitimos a idéia de que esses componentes se situam na base da estrutura do “Eu Total”, nos dando a possibilidade de, para o objetivo deste livro, fazer evoluir o pensamento e o entendimento da postura amorosa do ser humano.

Voltando a ele e ela, o que eles contêm no CIS e no CAS (CISCAS) vão ser colocados nos encontros, desencontros, confrontos e etc., na vida a dois. Vamos imaginar que ele e ela estão frente a frente, cada um com suas “malas”: uma na mão direita, o CIS; e outra na mão esquerda, o CAS. Eles vão se ajoelhar um ao lado direito da cama de casal e outro ao lado esquerdo da mesma; abrir suas “malas” e misturar desordenadamente suas roupas enovelando gravata com “soutien”; chuteira com “bobs”; calcinha com cueca, ou melhor: qualidades, defeitos, capacidades, habilidades, vícios, hábitos, virtudes, gostos, fraquezas, complexos, conflitos, segredos, sentimentos predominantes, frustrações,

maduro
magro
mal-humorado
malicioso
manso
maquiavélico
masoquista
materialista
meditador
medroso
melancólico
melindroso
mentiroso
metódico
mole
moralizador
motivado
musculoso
negligente
nervoso
neutro
objetivo
obsessivo
obstinado
ocioso
oportunista
orgulhoso
otimista
ousado
pacato
paciente
pacífico
pacifista
passional
passivo
pegajoso
pensador
pensativo

perdedor
perfeccionista
perseverante
persistente
perturbável
pessimista
petulante
pobre
polido
pontual
possessivo
pragmático
prático
prazeroso
preciso
preguiçoso
preocupado
presente
previdente
produtivo
prolixo
próspero
protestativo
protetor
provocador
prudente
punidor
puro
queixoso
rabugento
raivoso
rancoroso
ranzinza
realista
realizado
receoso
reflexivo
refratário

traumas, dúvidas, inquietações, medos, respostas e reflexos pré-concebidos, bloqueios, nível de evolução e amadurecimento, nível cultural, anseios, sonhos, esperanças e etc.

Apesar dessa confusão, que é o relacionamento entre o homem e mulher, a quantidade de casais que se separam é muito menor do que se poderia supor e, isto, entre outros fatores, está ligado à força do amor que é muito maior, ainda, em outros níveis de amor, porque, justamente, abole, supera, ignora, resolve, sublima e/ou desconsidera a maior parte dos entraves.

Em relação à nossa coluna da esquerda e a utilização do CIS e do CAS, vamos pegar uma frase (pag. 225) que foi construída com o desenvolvimento de uma tipologia acima relativa aos temperamentos, e deixar entre colchetes a palavra que pode substituir o item do referido: “Um teria tendência à síntese e à globalidade [pessoa objetiva-objetividade]; o outro teria tendência para análise e concentração no particular [pensador e detalhista]. Na parte comportamental um, em relação à excitação, seria explosivo [agressivo ou impulsivo] e o outro controlado [contido]”. Então, usaremos cada item ao lado ou cada palavra da coluna ao lado para designar um, e apenas “um indivíduo individualizado”. As combinações são tantas que talvez tivéssemos muita dificuldade em montar um quebra-cabeça que conseguisse dois indivíduos iguais.

Naturalmente essas palavras que estão ao lado são apenas uma parte do universo de possibilidades e, na minha forma de pensar, uma evolução dessa visão seria a classificação e subclassificação desses itens, não dos grupos como

vimos acima e que, repetimos não é o objetivo deste trabalho, mas de maneira resumida e simplificada, apenas para manifestar esse pensamento, vou distribuir rapidamente alguns tópicos:

CIS:

1 - **temperamento**, Mario Fidelis (ref, 25, pág. 17): emotividade, libido, agressividade e timismo - ligado ao humor;

2 - **dons**;

3 - **hereditariedade**, e dentro desta, como outra subdivisão, a genética (tipo morfológico, predominância hormonal, etc);

4 - **tendência à depressão e à ansiedade**, ao pessimismo e ao otimismo; podem estar ligadas à predominância hormonal;

5 - **características da pessoa**, como timidez e irritabilidade;

6 - **alterações, influências ou patologias** provocadas por um **pré-natal malfeito**;

7 - Alguns fatores do CIS seriam bastante discutíveis, mas vou citar um deles apenas na intenção de exemplificar: **astrologia**. Do mesmo modo que a lua interfere em várias coisas aqui na terra, teriam os astros alguma importância na disposição das moléculas do feto durante a gestação? Ou formulando a questão de outra maneira: se esse mesmo espermatozóide e esse óvulo tivessem dado origem a um novo ser a partir de janeiro ao invés de julho, teria essa pessoa alguma forma de alteração física em sua constituição, sob a influência dos astros?

rejeitável
reprimido
repugnante
resmungão
resolvido
respeitador
responsável
ressentido
retraído
reverente
rico
rigoroso
risonho
romântico
sádico
safado
sapeca
satisfeito
saudável
seguro
sensato
sensibilizado
sensível
sentimental
sequioso
sereno
sério
serviçal
servil
severo
simpático
simples
sincero
sociável
solidário
solitário
sonhador
sortudo

sossegado
submisso
superficial
taqui-psíquico
teimoso
tenaz
tenso
teórico
tímido
tirânico
tolerante
traíçoeiro
tranquilo
trapaceiro
traquina
travesso
triste
vacilante
valente
vencedor
vibrante
violento
virtuoso
voluntarioso
volúvel
abalável
abnegado
absorvente
abúlico
acolhedor
adaptável
admirável
afetuoso
agressivo
alegre
altivo
ambicioso
amigável

8 - Capacidades- vou citar algumas capacidades de acordo com o conceito que discorrerei um pouco mais abaixo, com a intenção de apontar uma área importante do “Eu Total”: capacidade de adaptar-se; de concentrar-se (concentração é um esforço supremo do ser que em seu cérebro coloca todas as áreas cabíveis e tem a atenção máxima e constante dirigida a um determinado objetivo); de relacionar-se; de disciplinar-se; de controlar-se nos diversos segmentos; de compreender; de amar; de realizar operações lógico-matemáticas (e outras inteligências também consideradas como capacidades em suas variações e predominâncias internas. Síntese, conclusão e execução a partir de dados da memória e etc.); capacidade de comandar o domínio corporal e espacial; de questionar; de entender, emocional, artística, motora, física e/ou organizacionalmente; de lidar com a liberdade/vontade, capacidade imaginativa, capacidade de percepção, capacidade de reflexão e etc.

Ao colocar esses itens dentro do CIS imaginamos uma base constitucional que poderá ser desenvolvida, aprimorada ou anulada no CAS. Há também uma outra forma de encararmos o CIS: aptidão para a música, fala - dialética, escrita-composição, contas-números, esportes, intelectualidade, sensibilidade, emotividade, artes, sensualidade, dinamismo, apatia, predominância MI (mente-instinto) ou IM (instinto sobre a mente), RM (razão-memória) ou MR (memória sobre a razão), etc.

CAS:

1 - Comportamento, postura (podemos ter tanto ações positivas como negativas: de esperança ou desesperança; de humildade ou arrogância e

presunção; de sinceridade ou falsidade; de candura ou malícia; de beneficência ou má fé; de buscar aperfeiçoar-se ou persistir no erro, julgando-se acima de tudo e de todos, etc.). Há pessoas que desejam o mal a outrem, que não se preocupam em não magoar, em respeitar o direito do próximo ou oprimir, e que difundem a dor e o sofrimento...

2- Alguns fatores ambientais parecem sofrer forte influência da mãe no modo de ser, de viver, de pensar, de agir, filosofia de vida, fé religiosa, hábitos, credence, costumes, erros, folclórico, neuroses, valores pessoais e maternos e de outros “adultos significativos” influenciando, interferindo, criando, traumatizando, fazendo, desfazendo. Sobre esse tópico citamos John Bowlby (ref. 19, pág.178):

“O ponto fundamental de minha tese é que existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos, e que certas variações comuns dessa capacidade, manifestando-se em problemas conjugais e em dificuldades com os filhos, assim como nos sintomas neuróticos e distúrbios de personalidade, podem ser atribuídas a certas variações comuns no modo como os pais desempenham seus papéis.”

3 - Habilidades;

4 - Defeitos, vícios;

5 - Juízo de valores;

6 - Virtudes;

7 - Hábitos;

amoroso
analítico
angustiado
animado
ansioso
antipático
apaixonante
apaixonável
apático
aplicado
aproveitador
arrogante
arrojado
ativo
atletico
atraente
atravessador
audacioso
ausente
austero
autêntico
autoconfiante
autoritário
avaliador
avarento
aventureiro
bajulador
bem-humorado
bem-sucedido
benevolente
bom
bonançoso
bonito
bradi-psíquico
calmo
caloroso
carinhoso
carismático

caritativo
cativante
cauteloso
chorão
circunstancial
ciumento
claro
colérico
combativo
comodista
companheiro
compassivo
compenetrado
competente
competitivo
complexo
complicado
compreensivo
compulsivo
comunicativo
comunitário
concentrado
confiado
confiante
consciente
conservador
consolador
contemplativo
contente
contido
controlado
convencido
corajoso
cordial
cortês
covarde
credível
crente

8 - Fragilidades e etc.

Também podemos expressar os itens como positivos (compreensão, bondade, paciência, compaixão, subserviência, perseverança, esperança, dedicação, mansidão, prudência, etc.) e negativos (ira, orgulho, teimosia, mentira, medo, violência, preguiça, luxúria, etc.)

No CAS precisamos, tanto quanto possível, ter o objetivo de buscar, com prudência, as escolhas a serem feitas, procurar dedicar-se com humildade a aperfeiçoar-se, buscar a verdade, praticar a justiça e a autodisciplina, controlando-se para não descambar para os prazeres e os vícios; ser perseverante nesses escopos, sem esmorecer.

Outros fatores podem ser inseridos como uma seqüência em cadeia: a verdade e a felicidade devem estar categorizadas com prioridade máxima, lembrando que entendemos não existir felicidade sem amor.

Para se aproximar da verdade, o caminho mais lógico, talvez, seja este:

1 - **Instruir-se**, aumentando o conhecimento em todas as áreas que forem possíveis para um determinado indivíduo (matemática, filosofia, lógica, artes, ciência, etc.);

2 - **Ter discernimento** e, até, algum temor (que funcionaria como um limitador) de forma que possa se auto-analisar e se julgar culpado de algum ato errado ou inadequado por si ou por outrem;

3 - **Avaliar os novos conhecimentos** e, meditando sobre eles, ordená-los;

4 - **Encontrar respostas**, tirar conclusões e **aumentar o entendimento** das proposições e quesitos;

5 - Ser, nesse roteiro, rico em honestidade e pureza para trilhar **com retidão** a busca pela verdade absoluta sem induzir-se à “verdade desejada” por si (acreditar que é “assim”, e forjar argumentos para convencer-se e aos próximos da “verdade de cada um”, consolidando pseudo-verdades);

6 - Ser perseverante com **pureza de espírito** na procura da verdade, objetivando a sabedoria;

7 - Alcançando a **sabedoria** e aumentando o seu nível de evolução espiritual a proximidade da verdade se estabelece progressivamente e assim sucessivamente...

Dependendo da definição que escolhermos e da referência, qualidades, propriedades e características, podem estar relacionadas tanto no CIS como no CAS, por exemplo, poderíamos dizer que a qualidade de um indivíduo no tocante a sua postura pode ser: educado, cortês, e etc.; quanto à atitude: justo, maldoso etc.; quanto à perspectiva: pessimista, otimista e etc.; quanto à agressividade: agressivo, sádico, passional, violento e etc.; quanto ao humor: irritabilidade, ânimo, etc. Quando damos maior atenção às características, propriamente ditas, ficamos mais ligados ao CIS.

Já, quando encaramos a capacidade procuramos entender que ela é a condição contida no ser que, em potencial, tem possibilidade de ser desenvolvida. Digamos que a criança nasce (inato) com alguns reservatórios que contém as cores do arco-íris. Um reservatório terá mais daquela cor, em quantidade variável, do que outro. Por outro lado entendemos a habilidade como a forma de desenvolver as capacidades, isto é, dosar, distribuir e escolher a tonalidade das cores...

O indivíduo nasce com a capacidade de ser

criativo
curioso
decidido
dedicado
defensivo
definido
dependente
depreciativo
depressivo
desafinado
desajeitado
desajuizado
desanimado
desconfiado
descontente
descontraído
descontrolado
descrente
desembaraçado
desequilibrado
desleal
desligado
despreocupado
destemido
desumano
detalhista
determinado
difuso
digno
dinâmico
disciplinado
displicente
dissimulado
distante
distraído
ditador
divertido
dominador

duro
educado
eficiente
egocêntrico
egoísta
embaraçado
emotivo
enérgico
enfraquecido
enganador
engraçado
equilibrado
escravizante
escrupuloso
especulador
esperançoso
esperto
espiritualista
espontâneo
esquizóide
estabanado
estênico
estressado
estúpido
exagerado
explorador
explosivo
expressivo
farto
feio
feliz
fidedigno
fiel
fingido
fleumático
forte
fraco
frágil

um músico (CIS), se esta for altíssima a chamamos de dom e ele a desenvolverá (CAS) muito bem se receber na “janela de oportunidade” conhecimentos, informações e estímulos satisfatórios ou intensos seguidos das chances favoráveis oferecidas pela vida até o fim de seus dias.

As divisões feitas dessa forma têm a finalidade apenas de fazer um mapeamento visual e didático, até porque, supomos que existe muita coisa dinâmica e não estática no “Eu Total”, inclusive, por alguns momentos, determinados itens têm segmentos nas duas colunas e, acreditamos, que isso não invalida a visão do “Eu Total” através do CIS e do CAS porque, talvez, esses componentes estão começando numa coluna como inatos e passando depois a se desenvolver na outra como adquiridos.

Entendemos que cada ser humano é composto no seu “Eu Total” através do CIS e do CAS e que cada item deve, na nossa hipótese, ser incluído particularmente para cada indivíduo, também em diferentes épocas da vida, com raros itens se alternando dinamicamente, tanto de importância em função, comparada com outros, como em predominância de atividade. Alguns incorporados ao ser, do início ao fim da sua vida; e outros, sendo modificados e deixando de existir a partir de um determinado tempo.

Vou tentar expressar melhor o que coloquei através de um exemplo: imagine que você vai escolher, no computador, uma pessoa composta por blocos ou compartimentos, áreas, posturas, estado de espírito, capacidade, habilidade, inteligência ou outros itens. Alguns estão relacionados na coluna ao lado. É lógico que você escolha, quando for possível, um pouco mais de virtudes do que de

defeitos ou um número maior de pontos positivos acima de cinquenta por cento e um número um pouco menor de pontos negativos, menos da metade ou em porcentagens iguais, em situações excludentes. Você escolhe a forma prevalente. Estamos incluindo defeitos porque você também os tem. Você não vai encontrar ninguém perfeito, todos nós temos defeitos (vamos entender defeitos como sendo componentes que não estão voltados, essencialmente, ao amor próprio, ao amor de forma geral e ao amor ao próximo, de forma específica).

Tentarei expressar esses conceitos na forma de um exercício, através de uma analogia. As inteligências podem ser: lingüística, corporal, lógico-matemática, musical, interpessoal (facilidade de relacionar-se), intrapessoal (auto-conhecimento), espacial, naturalista. Este é um exemplo de excludente; você escolhe uma inteligência predominante e, portanto, valoriza-a mais do que as outras. Neste caso, digamos, você escolheu interpessoal.

Quanto ao temperamento, entre estas opções: alegres, lento (tempo psicomotor), introvertido, explosivo, cordial - você escolheu alegre, cordial, lento.

Quanto ao comportamento, entre estas opções: aventureiro, sensível, solitário, arrogante, tenso - você escolheu aventureiro, sensível e solitário.

Quanto à agressividade, entre estas opções: reprimidos, sádico, passional, auto-destrutivo - você escolheu reprimido e passional.

Bem, quanto à inteligência, temperamento,

fraternal
frio
frívolo
frouxo
fútil
ganancioso
generoso
gozador
gracioso
grosseiro
guloso
harmônico
hedonista
hesitante
hiperativo
hipócrita
histérico
honesto
hostil
humilde
idealista
idiota
imaginativo
imaturo
impaciente
impassível
imperturbável
implicante
impressionável
imprudente
impulsivo
imutável
inabalável
inadaptável
incompleto
incompreensível
inconfidente
inconformado

inconsciente
inconstante
indefinido
independente
indiferente
indignado
indigno
indolente
ineficaz
ineficiente
inerte
inescrupuloso
inferiorizado
infiel
inflexível
ingênuo
inibido
injurioso
inovador
insaciável
inseguro
insensível
insuficiente
inteligente
intocável
intolerante
intranquilo
invejoso
irascível
irônico
irredutível
irresponsável
irritadiço
isolacionista
justo
liberal
libertador
libertino

comportamento e agressividade entre outros compartimentos do “Eu Total”, você escolheu (“criou”) um indivíduo que tem uma inteligência predominante, com uma capacidade muito grande de se relacionar com as pessoas e que é alegre, cordial, lento, aventureiro, sensível, solitário, reprimido e passionai. Isto é uma amostra representativa e resumida do que estamos tentando transmitir.

Expressamos, a seguir, algumas situações práticas no sentido de espelhar o porquê de acreditarmos que o CISCAS (cremos poder usar a sigla expressando-a dessa forma) tem uma consequência direta no que vamos comentar abaixo:

- é o comentário breve a respeito da **motivação**: esta depende essencialmente da emotividade auto-controlada que atua como um dínamo, colocando em funcionamento convergente as energias do ser, aumentando o interesse da ação a ser executada. Não devemos confundir emotividade, afetividade e excitabilidade; o indivíduo pode ser intolerante, emotivo e violento e ter um coração adocicado para tomar decisões afetivas e vice-versa. A excitabilidade é a liberação da carga emotiva específica daquela pessoa em nível psicomotor.

- o **fator anti-amor** descrito por Flávio Gikovate (ref. 11, pág. 58 a 72):

“que existe em todos nós de um enorme anseio para a fusão romântica e que, também, existe em quase todos nós como ingrediente interno que se opõe a esse desejo”.

Isto está relacionado ao medo e, portanto, tem um forte componente adquirido, principalmente.

- **senso do dever:** há pessoas que têm e há pessoas que não. Quem tem, procura fazer o que precisa ser feito, independente de querer ou não, isto é, escolher o sentir-se obrigada a realizá-lo.

- **senso de gratidão** associado ao desejo de retribuir um bem feito, um prazer, um carinho proporcionado. Uns praticam isso fluentemente, outros não.

- há pessoas que respeitam regras e têm essas **regras incrustadas em sua alma e as praticam**; outras não têm regras, seguem o primeiro impulso, instinto, suposições ou idéias imaginativas e fantasmagóricas que habitam sua alma, ou se prestam e se dedicam a realizar ações que angariam vantagens políticas, independente de serem ou não humanas e justas.

- há pessoas que vêem a **realidade muito distorcida**, tanto ao seu redor como a si próprias. Externamente cometem erros grosseiros de interpretação dos fatos, das atitudes, das palavras ditas pelas pessoas, e seus “filtros” inatos e adquiridos não lhes ajudam a enxergar outra posição ou, até, por acomodação fogem da realidade. Aplicam nos outros, na verdade, o “como são”: se são traiçoeiros, enxergam os outros, também, em sendo assim; se são vingativos, também sentem os outros dessa forma e etc. Como conhecer a si próprio é muito difícil, acabam tendo uma imagem de si próprios aumentada em relação à realidade.

Se fosse possível olharem-se de fora de seus corpos teriam mais consciência da própria pequenez

libidinoso
líder
livre
luxuriante
macabro
maduro
magro
mal-humorado
malicioso
manso
maquiavélico
masoquista
materialista
meditador
medroso
melancólico
melindroso
mentiroso
metódico
mole
moralizador
motivado
musculoso
negligente
nervoso
neutro
objetivo
obsessivo
obstinado
ocioso
oportunista
orgulhoso
otimista
ousado
pacato
paciente
pacífico
pacifista

passional
passivo
pegajoso
pensador
pensativo
perdedor
perfeccionista
perseverante
persistente
perturbável
pessimista
petulante
pobre
polido
pontual
possessivo
pragmático
prático
prazeroso
preciso
preguiçoso
preocupado
presente
previdente
produtivo
prolixo
próspero
protestativo
protetor
provocador
prudente
punidor
puro
queixoso
rabugento
raivoso
rancoroso
ranzinza

que, aliás, envolve todos os seres humanos, todos nós. Também somos pessoas maravilhosas capazes de atos magníficos de amor, bem como de ações desumanas e miseráveis. Essa bipolaridade deveria ficar bem viva em nossas mentes: maravilhosos-insignificantes, então seríamos capazes de aumentar a nossa humildade e fazer crescer o amor uns aos outros.

- **sabor:** há pessoas que quando experimentam alimentos do tipo de hortelã, pimenta, menta, aniz, ficam com impressões gustativas, às vezes, por mais de vinte e quatro horas, isso é inato. Este exemplo mostra como um indivíduo pode sentir algo de forma tão diferente do outro, e isto ocorre não só com o sabor, mas com as mágoas, com as frustrações do convívio amoroso, com a dor, etc. Com alimentos em pratos prontos isto pode se manifestar de forma diferente: essa mesma pessoa viaja pelo mundo e, nos diversos países, acaba repudiando a culinária da maior parte deles, agora é adquirido: “A comida daquele país é horrível”. Bem, o que aconteceu é evidente: essa pessoa está habituada com alimentos diferentes; é apenas um hábito adquirido, através de muitos anos, e que pode ser modificado.

- **manifestamos nossa concordância** quando fazemos uma ligação do **alcoólatra** e o **CIS**. Há pessoas que não conseguem se controlar em contato com álcool, o limiar é muito baixo e qualquer destempero na sua vida o leva a ultrapassar esse limite e voltar a beber, cada vez mais. Quando começam a ingerir suas doses, não conseguem parar; querem mais e mais... Outros, com pequena quantidade a mais, até mesmo, “dois dedos” de champanhe, já se sentem tontos, com mal estar e param de beber. Para este último o que vale não é o

mérito, é fácil parar de beber é, até, necessário (CIS). Para o primeiro, devido ao fator constitucional, o esforço tem que ser maior para o domínio do ato de beber álcool. Isso acontece também para o fumo e, cremos que, também, para outros fatores do CISCAS, interferindo, principalmente, no comportamento e no relacionamento das pessoas.

- alguns indivíduos têm facilidade muito grande para utilizarem-se da **localização espacial**, isso está ligado ao seu cérebro na inteligência espacial; segundo alguns autores, é inato. Às vezes, ocorre que um grupo de rapazes estão se locomovendo na floresta ou, até mesmo, na cidade, e um deles acaba se perdendo, os outros lhe tratam como se fosse um tolo, humilhando-o. O conceito que estou tentando transmitir é que o simples fato de alguém ter facilidade para localizar-se e dirigir-se há algum lugar, por ser dotado de uma inteligência espacial privilegiada, não o torna superior a ninguém. Você não é melhor do que a sua namorada porque consegue fazer isto e aquilo, e ela não. “Cada um sente o que sente, é o que é; cada um é cada um”. Essas frases parecem superficiais e redundantes, mas os que puderem entendê-las, verdadeiramente, terão a percepção da profundidade do que estou tentando fixar. Cada ser humano sente, interpreta, percebe, reage de forma diferente às mesmas ações, fatos ou palavras; tudo depende do CISCAS.

Condições inatas representam uma dificuldade maior para serem modificadas. A individualidade da pessoa vai ser fundamental para ela querer ou não se modificar. No exemplo do sabor, quando ao experimentar um dropes de menta, aquela pessoa sente arder a língua e permanece uma sensação desagradável na boca, até o dia seguinte;

realista
realizado
receoso
reflexivo
refratário
rejeitável
reprimido
repugnante
resmungão
resolvido
respeitador
responsável
ressentido
retraído
reverente
rico
rigoroso
risonho
romântico
sádico
safado
sapeca
satisfeito
saudável
seguro
sensato
sensibilizado
sensível
sentimental
sequioso
sereno
sério
serviçal
servil
severo
simpático
simples
sincero

sociável
solidário
solitário
sonhador
sortudo
sossegado
submisso
superficial
taqui-psíquico
teimoso
tenaz
tenso
teórico
tímido
tirânico
tolerante
traíçoeiro
tranquilo
trapaceiro
traquina
travesso
triste
vacilante
valente
vencedor
vibrante
violento
virtuoso
voluntarioso
volúvel
abalável
abnegado
absorvente
abúlico
acolhedor
adaptável
admirável
afetuoso

é mais óbvio que essa pessoa não queira se modificar e que, em respeito à sua individualidade, ninguém, também, tente modificá-la. O mesmo ocorre com o exemplo da inteligência espacial e, quanto ao alcoolismo, apesar de um provável componente inato, o tratamento e a dedicação que vamos oferecer precisa ser diferente. Isso tudo só reforça a importância da coluna ao lado porque podemos “montar” um indivíduo com as mais diferentes combinações e, que, em atenção às suas próprias características, deveremos respeitá-lo numa intensidade infinita para, também, poder amá-lo cada vez mais.

- muitas vezes temos condutas que aprendemos na infância, que são atitudes infantis e acabam por gerar, em nós, conflitos íntimos, na relação amorosa. O **amadurecimento de cada um** é diferente tanto em profundidade como em velocidade, e acaba influenciando no desenvolvimento da afetividade do casal e no seu nível de amor. É imprescindível um espírito de honestidade interior significativa para encarar as infantilidades na vida em comum e superá-las. Diz sobre isso Jacques Salomé (ref. 16, pág. 28):

“o amor exige muita humildade para respeitar em si e no outro a presença de uma criança que grita, chama, reclama segurança, confiança e aceitação incondicional”.

- parece que as pessoas desenvolvem, através da vida, um **código natural** com o qual nasceram e cresceram, incrustado nas mentes e nas almas, relativas ao bem e ao mal. Quero dizer com isso que se ela bate a cabeça na parede e sente dor, ela sabe, por analogia, que batendo com um objeto na cabeça de outra pessoa, a sensação que esta última

estará sentindo não será agradável. No fundo de sua alma ela tem consciência que agredindo alguém não está difundindo o bem. No seu crescimento, com muitas experiências se sucedendo, com valores de ódio, maldade, “esperteza” (levar vantagem em tudo por quaisquer meios), vai enterrando sentimentos nobres e vivificando os sub-valores: ações carregadas de maldades que disseminam sofrimento e passam a ser tão corriqueiras que são vistas, por eles, como normais. Nas profundezas de sua alma, no entanto, cruza, inevitavelmente, com valores nobres relativos ao amor. Seja assassino, bandido, traficante, político, prostituta, médico, lixeiro, todos têm uma mãe e muitos têm um filho para trocar amor ou, até mesmo, um cachorro. Muitos conseguem ter sentimentos e emoções ligados a uma flor, à natureza com os pássaros e à música, mesmo sendo maldosos, mesmo por poucos segundos, esse tipo de pessoa sente a dúvida na sua opção pela maldade: é inevitável. Todos têm algo de bom e de bem, também de mal e de mau dentro de nosso CISCAS, em nossas entranhas; uns pendem mais para cá, outros mais para lá. Então, cada um faz e elege suas opções. A vida é feita de escolhas. Nós ganhamos, na infância, um livro virtual, em branco, para escrever nossa vida e nossas histórias de amor através das escolhas...

Todos têm opções dentro de limites mais ou menos amplos; dentro de uma estrada com duas pistas de direções contrárias, seguida de cruzamentos ou em uma via expressa de mão única com cinco faixas de rolamento. De acordo com o que nascemos (inato) e adquirimos, relacionando com as nossas escolhas, vamos traçando a nossa vida dentro de uma “faixa de destinação” ou, para usar outro termo com a nossa língua portuguesa: “faixa de futuridade”.

agressivo
alegre
altivo
ambicioso
amigável
amoroso
analítico
angustiado
animado
ansioso
antipático
apaixonante
apaixonável
apático
aplicado
aproveitador
arrogante
arrojado
ativo
atletico
atraente
atravessador
audacioso
ausente
austero
autêntico
autoconfiante
autoritário
avaliador
avarento
aventureiro
bajulador
bem-humorado
bem-sucedido
benevolente
bom
bonançoso
bonito

bradi-psíquico
calmo
caloroso
carinhoso
carismático
caritativo
cativante
cauteloso
chorão
circunstancial
ciumento
claro
colérico
combativo
comodista
companheiro
compassivo
compenetrado
competente
competitivo
complexo
complicado
compreensivo
compulsivo
comunicativo
comunitário
concentrado
confiado
confiante
consciente
conservador
consolador
contemplativo
contente
contido
controlado
convencido
corajoso

Pelo CISCAS nós recebemos certa limitação que jamais chega a ser uma linha rígida de destino: não existe destino. No máximo existe fatalidade ou acidentalidade, o que é muito diferente. Eis porque estamos insistindo em uma “faixa de futuridade”; porque dentro dessa estrada temos múltiplas escolhas para tentar aperfeiçoar-nos progressivamente, evoluir espiritualmente e assim nos prepararmos cada vez mais para elevar o nosso nível de amor.

As ações de um indivíduo vão se manifestar e serem firmadas pelos componentes inatos e adquiridos, isto é, os inatos vão interferir na forma de sentir e reagir aos estímulos associados às inúmeras variáveis (cultura, meio, a vida familiar desde a infância, quantidade, qualidade de conhecimentos, valores adquiridos, estímulos, oportunidades, etc.) que acrescentaram “nódoas” aos “conjuntos” (territórios, áreas ou compartimentos maleáveis do ser): postura, comportamento, capacidades, habilidades, temperamento, etc., e vão sendo adquiridos e incorporados ao “Eu Total”, fazendo o limite de sua individualidade. Repetimos, não há um imperativo que torne, em função de tudo que foi dito, o indivíduo formado numa estrutura rígida, que o impeça de aperfeiçoar-se.

Comentei acima a respeito do relacionamento entre ele e ela quando os dois com a sua “bagagem” abrem a mala e confrontam seus componentes do CISCAS. Sobre isso diz Roberto Shinyashiki (ref. 34, pág. 86), quando se refere ao assunto:

“diferenças não são defeitos”: sendo cada ser humano único e diferenciado, só existe um modo de possibilitar a vivência a dois: o conhecimento e o respeito das diferenças de cada um, que precisam ser aceitas e ajustadas pelo casal. Só

assim a riqueza das diferenças do casal pode criar algo novo e especial na relação. Se duas pessoas são distintas, pensam de modos diferentes e atuam em estilos diversos, sua união pode oferecer mais alternativas e maiores possibilidades, já que a soma das experiências e características do casal é bem maior do que seria, caso os companheiros fossem muito parecidos”.

Uma pessoa hoje é de uma forma determinada, específica. Não importa muito se ela nasceu assim (inato) ou se se tornou assim (adquirido). Esta é a realidade atual com a qual o parceiro no relacionamento amoroso terá que lidar. Aceitar o que tem que ser aceitado e ajudar a melhorar o que puder ser aprimorado, dentro dos limites de cada um, em si e no outro, é que vai permitir um maior desenvolvimento e maturidade desse amor.

Esta é a nossa proposta: o ser humano é composto por incontáveis componentes inatos e adquiridos que, por qualquer que seja a divisão que se escolha, estão relacionados nessa coluna ao lado (há evidentemente muitos itens a serem acrescentados). Esses itens são a linha final, qualquer que seja a classificação, assim, estamos valorizando uma forma plana de conhecermos o “Eu Total”.




Devaneando um pouco mais, podemos ver o “Eu Total” como um quadro grande colocado no piso de mármore, esculpido pela natureza, através dos séculos, no sagrado “Templo do Amor”; uma pintura especial que envolve a arte de viver e de amar; a vida é o pintor e a pintura é feita nas diversas cores e nos diversos tons, pelo método de escorrer tinta através de espátulas grossas, desde a infância.

cordial
cortês
covarde
credível
crente
criativo
curioso
decidido
dedicado
defensivo
definido
dependente
depreciativo
depressivo
desafinado
desajeitado
desajuizado
desanimado
desconfiado
descontente
descontraído
descontrolado
descrente
desembaraçado
desequilibrado
desleal
desligado
despreocupado
destemido
desumano
detalhista
determinado
difuso
digno
dinâmico
disciplinado
displícite
dissimulado




distante
distraído
ditador
divertido
dominador
duro
educado
eficiente
egocêntrico
egoísta
embaraçado
emotivo
enérgico
enfraquecido
enganador
engraçado
equilibrado
escravizante
escrupuloso
especulador
esperançoso
esperto
espiritualista
espontâneo
esquizóide
estabanado
estênico
estressado
estúpido
exagerado
explorador
explosivo
expressivo
farto
feio
feliz
fidedigno
fiel

Cada cor estaria, na nossa analogia, representando um segmento, área, compartimento ou território do ser; teria formas irregulares em seus bordos e, ainda nestes, teria um entrelaçamento e mixagem com as cores ao seu redor. Alguns riscos de linhas de tintas uniriam segmentos não contíguos. As cores seriam: alma, corpo, mente, modo de ser, de agir, comportamento, conduta, postura, impulsos, instintos, temperamento, personalidade, caráter, id, ego, superego, “propium”, consciente, subconsciente, etc.




Acreditamos que essa idéia possa ser amadurecida através dos anos...






Se nos lembrássemos, com maior frequência, da idéia de que podemos morrer amanhã, daríamos um amor mais produtivo, a cada segundo...






O ser humano jovem tem muita dificuldade de, ao encontrar uma pessoa com a qual deseja construir um amor, não tentar encaixá-la na própria vida como um objeto na estante.



A felicidade está ligada ao que fizemos, ao que queremos, e ao que conseguimos.



A capacidade que o casal tem de superar as adversidades acaba determinando a consistência e o nível de relacionamento, no amor, que os mesmos têm.



Imbuídos de um “espírito” que os faz pensar que são salvadores do mundo, alguns indivíduos fanáticos tentam fazer com que os outros pensem como eles, sem respeitar o livre arbítrio de cada um.

CAPÍTULO VINTE E SETE

SOBRE OS FATORES INIBIDORES DO AMOR

Entendo por fatores inibidores, negativos ou destrutivos, os que podem diminuir a união, a estabilidade, o amadurecimento, a harmonia e o entendimento, bem como, a intensidade, a profundidade e a amplitude de vários componentes do amor.

À primeira vista podemos supor que basta apenas imaginar o contrário dos fatores potencializadores do amor, isto é, em parte, verdadeiro. Mas, existe uma forma de abordar este assunto mais específica e nós vamos tentar fazê-lo.

Com o único intuito de apresentar pensamentos dominantes a respeito da análise que vamos fazer, proponho uma classificação exageradamente simplificada e que tem valor parcial, uma vez que não poderemos aplicar com facilidade em cada fator porque eles se imbricam com muita frequência. Vamos dividir os fatores inibidores do amor, baseados nos erros que cometemos, em voluntários e involuntários. Voluntários poderiam ser: ativos, quando é feito algo negativo deliberadamente; e por omissão, quando se deixa de fazer algo positivo, também propositadamente. Involuntário é algo feito sem percepção ou, como já se cometeu esse erro antes, por falta de concentração, mas não intencional.

Inibições Contagiantes

Um dos parceiros, na relação entre o homem e a mulher, tem tanto medo de que o filho se machuque de uma forma específica, e insiste tanto em falar sobre isso, que o outro parceiro acaba assimilando esse medo, sofrendo essa influência negativa.

Muitas vezes, sem perceber, as pessoas acabam aplicando nos outros sua forma de ser, de agir e de pensar, então, podemos substituir o filho, do exemplo que acabamos de citar, por traição. Digamos, ele seria capaz de trair em determinada situação; quando, com sua parceira, no trabalho, por exemplo, ocorre a mesma coisa, ele imagina que ela o está traindo. Essa forma de inibir o amor pode ser contagiante; ela que não pensava dessa forma antes, começa assimilar esse jeito de ver as coisas.

As influências são “automáticas” porque elas são conseqüências das interações próprias da convivência humana; assim, se ele namorar com a mulher “A”, ela irá ensinar a ele, e aprenderá dele desta forma de proceder, de beijar, de namorar, de pensar, de agir. Se depois dessa relação que findou, ele namorar com a mulher “B”, as trocas serão outras, tanto em âmbito físico, como mental, cultural, educacional, etc.

Isso ocorre com qualquer relacionamento, amizade, colóquios ocasionais, festivos, esportivos, profissionais e etc. A diversidade de pensamentos, de possibilidades e de combinações de fatos, atos, hipóteses e interpretações torna as interações inevitáveis. Se a pessoa tem uma base sólida de seus valores, conceitos definidos bem situados, existe uma limitação de opções nessas interações; senão, as alternativas são inúmeras. É como um indivíduo que tem um time de futebol e torce desde a adolescência por esse time; dificilmente trocará de time na maturidade ou na terceira idade. Porém, se mesmo adulto, não tem ainda um time definido pelo qual ele torça, poderá ficar experimentando um a um.

Podemos extrapolar isso para os valores. Os valores de cada um são particularmente diferentes em níveis e em “territórios” (“compartimentos”) do CISCAS e do “Eu Total”.

Uma pessoa pode experimentar várias profissões, uma hora atua em uma profissão, em outro momento experimenta trabalhos diferentes, e ser fiel a esposa, ter com ela relações convencionais, com fidelidade a vida toda. Podemos, porém, imaginar que ele não encontrou adequadamente seu rumo profissional, mas no casamento ele foi bem-sucedido. Um indivíduo pode ter uma única profissão, a vida toda e, mesmo amando a esposa, não conseguir se controlar sexualmente, traindo-a em muitas oportunidades (Leia: “A Insustentável Leveza do Ser” - M. Kundera). Cada “território” do CISCAS ocupa em cada indivíduo valores diferentes, está em estágios evolutivos diferentes e provoca reações, sensações e conflitos diferentes.

Para pessoas mais amadurecidas há uma quantidade de valores maiores, mais definidos e estabilizados. Para outras pessoas, em outro nível de evolução, talvez, esses valores estejam sendo avaliados, reavaliados, experimentados e consolidados ou não. Esses valores podem estar situados no âmago da pessoa como desconhecidos, a serem estabelecidos como verdades parciais ou como verdades absolutas. Podemos dizer que há muita coisa “diluída” e em movimento dentro da jarra do “Eu Total” e alguma coisa sedimentada, que pode até, em situações especiais, entrar em dispersão. É fácil imaginar que ele e ela têm valores diferentes, em estágios diferentes, em “territórios” diferentes, e que, por isso, é preciso muito amor para tratar os conflitos, as discórdias, as divergências ou “traumatismos” e complexos da infância, as decepções e os desencantos que podem ter levado até às neuroses traumáticas que advieram dessa imensa gama de variáveis.

Omissão

Entre os vários desatinos que podemos cometer no amor este é um dos mais relevantes, senão, o mais grave.

Cabe aqui fazer uma pequena distinção entre omissão e postura expectante. Entendemos por omissão a inércia e a inatividade proposital, consciente (“ah! Que se dane!”). A postura expectante é diferente: a pessoa que assume essa condição, está aguardando que algumas coisas

se definam para depois aplicar suas conclusões e ações (“vou esperar o término daquilo para depois escolher direita ou esquerda”).

Analizamos algo sobre omissão no capítulo do perdão, por que a omissão é um erro gravíssimo.

Termos a consciência que poderíamos ter ajudado ao nosso amor, à pessoa amada; ter condições e se acomodar, se esconder, se ausentar e ignorar significa um abandono, uma rejeição, um desrespeito, um desprezo ao relacionamento e ao ser, objeto do nosso amor. Acomodar-se por preguiça ou descrença é extremamente sério. Deixar o outro com as suas próprias mágoas e as suas dores, voltando-lhe as costas, sem procurar limpar as manchas, buscar o entendimento, diminuir os momentos de dor e sofrimento do parceiro, é um crime contra o amor.

Posturas, Pensamentos e Tendências Dominantes

- O desejo consciente de **dominar o outro**, de influenciá-lo, de dirigi-lo, de tentar fazer com que o outro tenha as mesmas expectativas e sinta as mesmas necessidades.
- **Alimentar tensões**, pensamentos negativistas como estes: desesperança (“ ah! Não adianta mesmo “).
- **Ressentimentos** ocultos conscientemente, bloqueios, escudos.
- **Desinteresse** - Entregar-se para as várias ações do relacionamento amoroso de forma limitada ou desinteressada.
- **Pirraça e vingança**.
- **Ingratidões**, incompreensões e injustiças praticadas por ações ou palavras.
- **Insegurança e ciúme** exagerado.
- **Acomodamento**: entre outras coisas é muito grave aceitar a

monotonia e a rotina sem criatividade e sem preocupar-se com a renovação.

- **Retrações.**

- **Orgulhos** com posturas inflexíveis (“nunca mais vou fazer isto porque ela não valorizou”; “não vou ceder nunca, disto não abro mão”; “pedir perdão? Nunca!”; “jamais peço desculpas”). Como o orgulhoso nunca erra, chega a transferir a culpa ao outro, inclusive, por provocação. Pode alcançar o nível de procurar “um pé de briga” para descarregar no outro suas frustrações, suas fragilidades e seus defeitos.

- **Sutileza**

Utilização da sutileza em sua face negativa (“ele tem que descobrir o que eu quero que ele faça sem que eu peça”) não dizendo claramente ao parceiro, o tempo todo, o que quer (“ele que adivinhe!”). Ignorar o parceiro, essa é uma das formas mais terríveis de sutileza porque está desprezando, dizendo que outra pessoa não deve se aproximar, mostrando que não quer o entendimento, sem dizer uma palavra, muitas vezes está até castigando. Quem executa uma ação desse tipo julgou o outro, condenou, decretou e aplicou a pena sem dar chance de defesa e sem anunciar.

- **Desleixo**

Bloqueio dos componentes do amor: caridade, confiança, respeito, amizade, o cuidar e etc.

- **Iniciativa**

Falta de dedicação, de iniciativa, de preocupar-se com as coisas importantes no relacionamento, com os sentimentos do outro, etc.

- **Domínio pela humilhação**

Intimidar, constranger e ameaçar (entrar em uma discussão sem respeitar o direito dela de dizer “sim” ou “não”).

- **Postura de superioridade inibitória:** tem a finalidade de mostrar que quem pratica é muito superior ao outro. Seria uma situação em que, quem assim está atuando, realizou uma atividade ou uma ação que ela

tem facilidade para executar, isto é, sabendo que o parceiro tem muita dificuldade nesse mesmo campo. Obsessão por pedir ao outro, coisa que o outro não tem capacidade de executar, para humilhá-lo e baixar sua auto-estima.

- **Rotina**

José Ângelo Gaiarsa (ref. 20, pág. 59)

“A coisa mais difícil do convívio a dois, mesmo de duas pessoas que se querem muito bem, é você evitar a gradual rotinização do convívio, é impedir que se torne automático.”

- **Inveja e competição.**

Desrespeito ao jeito de ser do outro, à sua individualidade, privacidade. Seu momento de solidão, reflexão e isolamento.

- **Pedir sem pedir**

Abusar de comunicações indiretas por exemplo: “o que você vai fazer agora?”. Utilizar sempre essa pergunta antes de pedir alguma coisa porque tem muita dificuldade para pedir. Peça ou não peça e aceite sim ou não, muitas vezes, esta é a melhor conduta.

- **Atitude selvagem**

Grosserias e falta de cortesia, falta da preocupação de ser gentil, cavalheiro, romântico e amoroso.

- **Sufrimentos evitáveis**

Não terem a percepção de que estão causando sofrimentos desnecessários (evitáveis), em ambos, por “deduções” inadequadas em virtude de interpretações errôneas de atos e palavras de um e de outro.

Ruídos de comunicação e falta de transparência.

Uma observação sobre sofrimentos desnecessários (evitáveis): existem na vida sofrimentos inevitáveis que são conseqüências de fatores que nós não dominamos, relativos às profissões, circunstâncias, acidentais e aleatórios, saúde, morte de amigos ou parentes e etc. Os sofrimentos desnecessários (evitáveis) são aqueles que poderiam ser contornados, anulados, bloqueados ou impossibilitados de ocorrer com uma postura diferente; dando-se valor ao que tem valor real, verdadeiro e absoluto e, desprezando, ignorando ou “fingindo” ignorar as ações ou palavras que

vão se perder no vento, que não vão ter influência nem significado ou desenvolvimentos indesejados na relação amorosa ou no estado emocional de cada um.

A palavra-chave é: **superar** (por amor).

Discutir por coisinhas que podem virar uma bola de neve e provocar momentos amargos com desdobramentos imediatos e futuros, beira a idiotice e, em benefício do amor, devem ser combatidos consciente e tenazmente.

A humildade, a tolerância, a paciência, o perdão, a transparência, a boa vontade, o desejo intenso de não magoar o próximo e de querer ajudar, entre outros fatores, contribuem de maneira mágica, magnânima e apaixonante para este objetivo: minimizar com todas as forças os sofrimentos, não só de quem se ama, mas de todos os seres humanos. Já, coisas relativas à moral, à confiança, ao respeito e a outros componentes fundamentais e essenciais do amor, não podem ser relevados.

• Fuga pela mentira

Postura de quem sempre encontra uma desculpa para não dar carinho, amor e atenção, para não ser cúmplice, para dividir momentos especiais tanto de alegria como de tristeza, priorizando (usando a desculpa de...) o dever, o tempo, a profissão, as contas a pagar, "hoje estou cansada, com dor de cabeça...", etc.

• Script e expectativas

Um dos erros mais comuns no relacionamento amoroso é que durante a infância e adolescência se formou um "molde", inconsciente, de como deveria ser o (a) namorado (a) ideal. A partir daí foi também criado um "script" que, sem perceber, ambos tentam aplicar no parceiro. Essas expectativas são extremamente danosas para o relacionamento porque não enxergam a pessoa como ela é, interferem na sua individualidade e constroem castelos de areia. A falta de adaptação à realidade através da paciência, da compreensão, da boa vontade e da dedicação vai levar à decepção e depois à ruptura. O amor tem que ser um livro em branco, escrito a dois, página por página, a cada momento.

• Transparência contida ou anulada

A ausência do entendimento da importância da transparência também acaba fazendo com que as pessoas criem expectativas irreais. Se

a transparência é sincera, real, bilateral e progressiva, cada um conhece mais o outro a ponto de poder prever, aproximadamente, como serão as ações e reações nas mais diversas atividades e nos possíveis conflitos e discórdias, nas adversidades e vicissitudes da vida.

Ainda sobre esse assunto precisamos lembrar de duas outras situações lamentáveis: uma é a castração, onde, por exemplo, ele, aplicando o “script”, impede que ela faça algo, a ponto de limitá-la em seu desenvolvimento pessoal, prejudicando a sua individualidade e levando, por vezes, a fragilizada “amada” à neurose. Outra situação, por um lado, é semelhante a essa, por outro, pode ser proveniente de um desejo profundo e espontâneo por parte dela, de se “metamorfosar”, moldando-se ao gosto dele, tanto para conquistá-lo, como para mantê-lo, chegando até o nível de uma possível auto-anulação.

- **Comparação**

A comparação por um lado é inevitável; aprendemos muito por comparação. Podemos dizer até que ela é referência para quase todas as áreas, “territórios” ou “compartimentos” do ser. No entanto, quando essas comparações tomam a forma de paralelismos, tentando fazer com que esta amada faça as coisas boas que a outra anterior, de um relacionamento antigo, fazia, obviamente, o resultado será negativo.

- **Projeções**

Projetar no outro parceiro o que se deseja, quer seja do “script”, ou das comparações, as duas situações irão criar condições desfavoráveis para a evolução e o amadurecimento do relacionamento.

Situações onde se espera que ele ou ela ajam como se fosse o pai ou a mãe.

- **Transferências**

Já, relativo às transferências, quero destacar fatos não tão frequentes, porém, extremamente ilusórios e geralmente de fim dramático ou trágico, em que ele, sendo desprezado, sentindo-se humilhado e fragilizado (auto-estima baixa, amor próprio e estabilidade emocional comprometidos), saindo do relacionamento “A”, em uma ruptura não consensual, em espaço curtíssimo de tempo, deságua toda aquela energia represada em um relacionamento novo, de forma impulsiva e volumosa, perdendo todo bom senso como se, inconscientemente, estivesse tentando

provar para “A” que ela perdeu aquilo tudo “maravilhoso” que ele está dando para “B”... ou seja, ele tentou “construir um grande amor com ela” e quando esse relacionamento terminou “transferiu” tudo para a primeira mulher que apareceu (como se isso fosse possível).

Também há casos em que o afeto que tinha por aquela mulher que não se entregava para recebê-lo (carinho), apesar de viverem em harmonia como companheiros, quase fraternalmente, passou a ser transferido para alguns animais e começou a criar cachorros...

• Estratégias inadequadas

Algumas pessoas usam estratégias com esse pensamento: “não se exponham muito, não demonstre muito amor, que é para ele não se sentir seguro e abusar; finja, às vezes, não gostar dele” ou outras artimanhas, assim: “quando você ama uma mulher você tem que considerá-la como uma bolinha de tênis que você está jogando no paredão; você bate-a suavemente contra a parede, e a bolinha volta; se você bater muito forte, a restituição do paredão pode ser também muito célere e ela, talvez, passe velozmente, terminando por você perdê-la”.

• Chantagem emocional

Chantagem emocional é outra coisa de duração efêmera. Vai funcionar algumas vezes até que depois a pessoa que está sendo enganada acaba cansando e simplesmente passa a ignorar. Às vezes essa situação se torna um ciclo vicioso que vai cada vez mais se aprofundando levando a bulimia e, até, tentativas (freqüentemente pseudo tentativas) de suicídio.

Precisamos fazer uma ressalva aqui, no sentido de lembrar condições que beiram a patologia ou pessoas que já estão com a patologia instalada. A chantagem emocional pode ser apenas uma estratégia inadequada ou pode ser reflexo de uma alteração psíquica pedindo tratamento psicológico ou psiquiátrico. Cabe, agora, relembrar a definição de codependente proposta por Robert Hemfelt e cols.(ref. 32, pág.06 e 07):

“a codependência é a ilusão de tentar controlar os sentimentos interiores através do controle de pessoas, coisas e acontecimentos exteriores”.

E adiante:

“o conceito de dependência e codependência não se restringe ao álcool; ele inclui toda uma gama de substâncias químicas: cocaína, maconha, tabaco, heroína e outras. Esse “outras” inclui na prática qualquer obsessão compulsiva, uma coisa como um comportamento levado ao extremo. O distúrbio na alimentação (bulimia e anorexia, por exemplo), ninfomania, ataques de raiva, apego doentio ao trabalho, a compulsão de consumo, um modo de vida com leis super-rígidas, a compulsão de lavar as mãos cinqüenta e cinco vezes por dia - estas e outras adições foram colocadas no mesmo patamar do alcoolismo”.

Por vezes, a terapia de casal é a única chance de ambos reencontrarem um relacionamento progressivo positivamente, saudável, harmônico, afetivo e, de fato, amoroso, ou acordá-los para uma nova direção que consolide uma ruptura, porque aquele relacionamento foi um grande equívoco.

• E assim por diante...

Ocorre que nós entendemos que o amor não é um jogo, é um templo onde você irá construir alicerces, colunas, paredes, telhados, portas e janelas ou, se preferir, é uma sementeira onde você vai regar com água azul e ela com água cor-de-rosa a plantinha e que, desde que bem cuidada, crescerá forte e dará bons frutos (a plantinha do amor, não vamos esquecer, não cresce com um tipo só de água: precisa das duas cores).

Imaginar que estratégias programadas poderão levar um amor para a eternidade é um engano. Ao nosso redor temos casos em que a argumentação extremamente inteligente de um dos parceiros, porém, inconsistente, mantém um relacionamento aparentemente bem estruturado por um determinado tempo: um ano, sete anos, vinte anos, trinta anos e depois se arreventa. Foi um período de lutas e estratégias para assegurar uma convivência falsa, fantasiosa e fraudulenta que, certamente, mais dia menos dia, terminaria em cinzas.

O amor tem que ser autêntico, sincero, verdadeiro e sedimentado na evolução de todos os componentes citados em outros capítulos, sempre procurando levantar templos à virtude e cavar masmorras aos vícios,

sempre buscando o aperfeiçoamento individual e da relação. É louvável que se use a criatividade para enriquecer os momentos e combater a monotonia, uma vez que é sabido que a coisa mais fascinante que existe para o ser humano é a novidade e as coisas habituais acabam levando a uma “relação anestesiada”. Criar e renovar tem seu valor incontestável, trapacear nunca.

• Estabilidade

Estabilidade e ponto de equilíbrio na relação é uma coisa muito relativa porque, ainda analisando por base o amor entre o homem e mulher, como na maior parte dos capítulos, de fatores potencializadores e inibidores do amor, a convivência pode encontrar uma harmonia que, medida no “amorímetro”, pode, também, estar bem abaixo da metade. Vou citar um exemplo extremamente comum de ponto de equilíbrio ou estabilidade: ele e ela acabam criando, sem consciência plena, uma instituição chamada “Família S.A.” onde cada um cumpre o seu dever; as tarefas são divididas, os dois trabalham, o sistema é de caixa única, o egoísmo é limitado, mas o calor humano, a afetividade, o carinho, o romancismo, as emoções e os sentimentos estão longe de algo que possa ser chamado de uma relação amorosa entre o homem e a mulher. Parecem dois sócios, companheiros e amigos, que se entendem bem, cuidam do patrimônio e dos filhos com muita responsabilidade, mas como esposo e esposa não se confirmam, não convencem. Outras vezes estão mais para fraternal do que sponsal. Então, apesar da harmonia, da estabilidade, do ponto de equilíbrio, nem sempre encontramos um amor verdadeiro como daqueles dois velhinhos passeando na praia de mãos dadas como dois namoradinhos apaixonados, que já mencionei em algumas partes deste livro. Se esse ponto de equilíbrio ocorrer por um período transitório, onde as partes estão procurando consolidar conceitos com reflexão, meditação e diálogo, aí sim, temos uma situação construtiva. Mas, se essa situação está criando uma convivência por cinco, dez anos ou mais, acreditamos que está mais para comodismo do que para matrimônio.

“Lavar Roupa Suja”

Comentamos em outras partes deste capítulo e do próximo a respeito dos fatores potencializadores do amor, que certos comentários são muito difíceis de situar apenas como inibidor ou potencializador,

porque por um lado é negativo e por outro, positivo. Estamos renovando o conceito porque lavar roupa suja é extremamente construtivo se ambos tiverem o espírito humilde e amadurecido o suficiente para chorarem juntos, quando necessário, e subirem os degraus da evolução individual e da relação. Já abordamos este item e vamos, agora, reforçá-lo.

Se ficarem jogando sujeira para debaixo do tapete, vai chegar uma hora que a podridão e os “ratos” acabarão destruindo tudo.

A expressão “lavar roupa suja”, acredito ser extremamente feliz e fidedigna, porque torcer a roupa suja, chacoalhá-la, surrá-la contra o tanque, torcer de novo e colocar para secar, são etapas muito desagradáveis e amargas, mas depois, pegamos o ferro de passar roupa e teremos um resultado extremamente produtivo, bonito e agradável.

No amor, falar sobre o defeito do outro, que nos incomoda, é mais simples do que escutar o outro falando dos nossos defeitos. Nós não notamos os nossos defeitos e, via de regra, temos uma visão sobre nós mesmos que não corresponde à realidade: julgamo-nos melhores do que somos. O difícil é reconhecer isso.

Ouvir o parceiro que amamos apontar o nosso defeito e “puxar a nossa orelha”, mesmo que suavemente não é agradável, daí a necessidade de colocar o espírito com a humildade exacerbada de modo a conseguirmos atenuar nossas falhas, melhorar nossas ações e evoluir individualmente e no relacionamento amoroso.

É interessante observar que esse processo todo, no relacionamento amoroso, deve ser evitado no momento da explosão emocional, mas após um período curto de silêncio sobre esse assunto, é fundamental que ambos se assentem, que coloquem suas posições, seus comentários, suas críticas e suas sugestões construtivas, no sentido de evitar que aquela mesma situação se repita no futuro próximo ou tardio. É preciso que exista uma autodeterminação direcionada para um ideal comum ligado à fusão, à união.

Uma relação de duas pessoas que se amam tem que, forçosamente, encontrar o consenso. Ambos devem sentar-se à mesa de negociações com o espírito predisposto a encontrar a solução. Tem que haver uma

postura prévia de flexibilidade de ambos, isto é, eles devem estar preparados para ceder quando for necessário e buscar o melhor caminho para ambos. É óbvio que não existe uma regra geral absoluta de como proceder nas discórdias, divergências e desentendimentos, mas existem parâmetros e referenciais. Cada casal deve, conscientemente, definir seus limites e colocar como fundamental o que não deve ser feito: falar de “cabeça quente”, não magoar, não desrespeitar, não fingir, não mentir, não se exaltar, não descambar para o palavrório (“bate boca”), não agredir nem com palavras ásperas, etc.

Quando, em situações críticas, não se consegue visualizar algo bom de fazer para aprimorar o relacionamento, é fundamental que se tenha conscientemente vivo o que não fazer: se não se pode melhorar, que se preocupem, os parceiros, em não piorar. Nunca diga para você mesmo: “pior do que está não fica”; isso atrai o pior e, sempre tem um pior do que está...

As palavras usadas, os gestos, a introspecção, a exacerbação da humildade e o rebaixamento do orgulho ao nível menor possível, são essenciais para essa jornada, bem como, a busca do momento e do clima adequado (seria bom se acabasse sempre em beijos, abraços....).

Fugir dessa etapa, evitar “lavar roupa suja”, de forma perene, significa erguer paredes entre um e outro que acabarão sendo intransponíveis e levarão, certamente, à separação, mesmo que continuem lado a lado.

————— ● ————— ————— ● ————— ————— ● —————

Todos nós, adultos, somos pequenininhos: cada um a seu modo, com seus defeitos e limitações.

Insano é quem não consegue alcançar isso.

A gente não tem que desejar que a verdade seja a que a gente gostaria que fosse; a gente tem que buscar a verdade que existe sem tentar adaptá-la aos nossos anseios, com pureza.

A verdade absoluta não pode ser “moldada”.

Ela é.

Ela existe!

Se formos honestos e puros, a encontraremos.

A unicidade do casal é facilmente exercida no prazer, mas será prova de amor se for exuberante também na dor.

A verdadeira caridade está em dar, até, o que te fará falta e não o que te sobrou.

Quem tem sensibilidade para o amor é vulnerável ao sofrimento. Quem tem coração duro não “sofre”, mas também não ama.

CAPÍTULO VINTE E OITO

SOBRE OS FATORES POTENCIALIZADORES DO AMOR

Entendemos por fatores potencializadores, positivos ou construtivos, os que podem aumentar a união, a fusão, a estabilidade, o amadurecimento, a harmonia e o entendimento, bem como, a intensidade, a profundidade e a amplitude de vários componentes do amor.

Poderíamos classificar esses fatores de uma forma sucinta em duas categorias: gerais e específicos. Os primeiros iriam falar de todos os níveis de amor de uma maneira genérica, e os segundos, seriam próprios de cada nível de amor. Quando falamos de forma genérica alguns tópicos são comuns às duas classificações.

Algumas vezes nos prenderemos em analisar, basicamente, o amor entre o homem e a mulher, incluindo fases desse relacionamento, que se iniciam no namoro e evoluem durante o matrimônio. Grande parte desta situação se inclui na primeira categoria: “gerais” e, predominantemente, vários fatores serão vistos de forma genérica, alguns com maior profundidade e outros serão apenas citados.

A análise dos fatores será aleatória e tem a finalidade de tornar cada fator mais compreensível ou, pelo menos, fazer emergir sobre ele alguma polêmica. Como em outros capítulos deste livro, aqui também admito o entrelaçamento de pensamentos e conclusões entre esses mesmos fatores.

• Convivência

A convivência, a disponibilidade, a constância e a frequência dos contatos entre duas pessoas que se amam têm um valor significativo porque, na verdade, o ser humano tem a necessidade da repetição, nos mais variados campos: um pianista para executar bem as suas músicas necessita treinar diariamente. Quanto mais ele exercitar as músicas escolhidas, de forma melhor ele as executará. O treinamento dele não é nada mais nada menos do que repetição. Um bom cirurgião cardíaco será tanto melhor quanto mais cirurgias diárias ele fizer.

Não é diferente no amor. A frequência dos contatos favoráveis e positivos cria, inclusive, “vínculos” físico-químicos a nível orgânico, no cérebro, além dos psíquicos.

Na relação da mãe com seu filho, costuma-se dizer que, como a mãe trabalha fora, é fundamental a qualidade do contato, uma vez que ele apresenta um tempo de permanência curto. Entendemos que a qualidade realmente representa fator essencial, mas existe um limite: qual seria esse limite de tempo? Uma hora por dia? Um contato uma vez por semana basta? Uma vez por mês? Uma vez por ano?

Se a mãe chega à noite cansada e dedica uma a duas horas por dia para a criança, é muito claro que essa criança teve contatos na escola, na rua, com a empregada ou com a televisão por um período de tempo muito superior ao que teve com quem a ama. Isso tem reflexos não só no sentimento de amor do filho para a mãe, como também na formação e na educação da criança.

Na relação entre o homem e a mulher, dentro da convivência, tem uma palavra mais específica chamada intimidade. Vamos entender como intimidade a situação em que só ele e ela estão presentes, em ambiente favorável, para desenvolverem ações particulares, privadas, relativas aos seus sentimentos e às suas emoções, a sexualidade, exercitando a transparência, “lavando roupa suja”, etc.

Outra expressão fundamental é esta: “fazer juntos”. O que os dois fazem juntos, não lado a lado. Vão ao cinema? Fazem caminhadas sozinhos ou acompanhados? Trabalham juntos? Cozinham juntos? Lavam a louça juntos? É fácil entender que durante os momentos em que eles estão fazendo coisas juntos estarão exercitando e avivando alguns componentes do amor, como por exemplo: amizade, companheirismo, tolerância, etc.

• Conscientização

Na verdade, este item é uma postura e tem que ser aplicada em diversos fatores. Cada pessoa vive com seus defeitos e virtudes, suas habilidades e deficiências, seus talentos e limitações, seus conflitos, suas carências, seus sonhos, suas expectativas afetivas e profissionais, seus medos e sua percepção, a seu modo, na realidade.

Poucos indivíduos param para pensar que cada um tem no CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser) “regulagens” incrivelmente diversificadas para tudo. Cada um sente um mesmo fato, uma mesma informação, uma mesma situação, até nas coisas mais simples, de forma diferente. Posso acrescentar, também, que de acordo com o CISCAS de cada um, e tentando fazer projeções e paralelismos com este exemplo que vou citar, diríamos que o pintor sente com o olho, um músico com o ouvido, o escultor com o olho e com o tato, e etc. Para o músico, que tem um ouvido muito sensível, uma bronca do maestro chocando a batuta contra o suporte da partitura o deixaria mais atônito do que a um escritor tomando uma bronca do seu editor ao mesmo tempo em que este dá uma tapa na mesa, porque o autor de obras literárias, um intelectual, não se sensibiliza tanto pelos gestos e pelo som, mas sim pela conformação das frases e pelo significado das palavras.

Aí que entra a conscientização: é imperioso, por exemplo, no amor entre o homem e a mulher, que ambos tenham plena consciência da sua individualidade com essas coisas que acabamos de citar. Então a paciência e a tolerância com os defeitos, os limites e a sensibilidade própria dos parceiros, têm que ser levadas ao nível do entendimento. É necessário que ambos tornem claro na própria mente a existência dos seus defeitos para também tolerarem os defeitos do outro.

Ainda sobre este tema devemos lembrar que cada pessoa deve procurar trazer do fundo de sua mente para o pensamento vigente, isto é, consciente, algo que alterou o seu humor e está “esquecido”. É um treinamento de desenvolvimento pessoal: um fato pela manhã deixou a pessoa magoada e, a partir daí, ela começou a agir com mau humor em situações diferentes, no trabalho, no esporte, em casa etc.; passou a agir depois daquele fato, sem plena consciência, como quem está “chutando” tudo. Quando chega à noite sua postura com a pessoa amada acaba sendo agressiva, gerando discórdia. O começo das ações da própria pessoa que está sofrendo esse mau humor parte da tradução do sentimento

dominante: “Como eu estou me sentindo?”; “Qual o sentimento ativo acima dos outros sentimentos em mim?”; “Eu estou magoado?”; “Desde quando?”; “O que foi que aconteceu?”; “Quem fez aquilo comigo?”; “Foi justo?”.

É preciso autocontrole para não descarregar essa mágoa em pessoas inocentes ao redor.

Aprender a lidar com os próprios conflitos é fundamental no relacionamento amoroso. Nessa situação, um pode discutir com o outro a partir de diálogos francos, as dificuldades de cada um, o que acaba aumentando a intimidade, a paciência e a compreensão entre ambos. Isto termina por fazer com que cada um não apenas entenda o outro, mas “sinta” o outro e até comece a prever suas reações. Se existe a intenção de amar e de agradar, fica mais fácil elevar o nível do amor e aproximar-se de uma fusão: os dois sendo um só.

- **Preocupar-se**

Procurar a harmonia, o entendimento, o bom-senso, exercitar a prudência, a fortaleza, a temperança, a ponderação.

Algumas perguntas devem ser feitas como um exame de consciência: “O que está acontecendo neste momento na nossa relação amorosa?”; “Se continuarmos assim, com essas ações e essa postura, amanhã estaremos mais próximos ou mais distantes?”

Preocupar-se em ser melhor do que ontem. Reconhecer, humildemente, os seus erros e procurar corrigi-los. Discutir suas dificuldades sinceramente e abertamente com o parceiro.

Preocupar-se em não magoar. Procurar agradar, servir.

Preocupar-se em exaltar e elevar os componentes do amor, tais como transparência, caridade, confiança, afetividade, respeito, etc.

Preocupar-se em olhar, vendo o outro; ouvir, escutando o outro. Ao olhar, transparecer, elogiando o modo de vestir, uma postura, uma ação, a maquiagem, o sucesso profissional. Ao escutar, solidarizar-se, colocar-se ou calar-se nos momentos certos, acolher, consolar, enaltecer e etc.

Preocupar-se em apresentar um humor agradável ao parceiro nas mais variadas situações.

Preocupar-se com a aproximação, após os conflitos na relação; não permitir que esse tempo se estenda demasiadamente, além de uma pausa, para que os ânimos se acalmem. Fazer crescer a humildade e asfixiar

dentro de si o orgulho.

Preocupar-se com as palavras que podem ser ditas, que podem escapar nos momentos de discórdia: nessas condições (emoções descontroladas), às vezes, dizemos coisas que não queríamos dizer ou usamos palavras pesadas demais e inadequadas que acabam magoando profundamente a parceira.

Preocupar-se em desenvolver, de comum acordo, maneiras lógicas, sensatas e racionais de tratar discórdias e divergências, no sentido de evitar as explosões emocionais.

- **Boa vontade**

Boa vontade e iniciativa são posturas muito próximas. Algumas pessoas não pedem coisas ao parceiro por motivos variados: umas, por orgulho; outras porque entendem que têm que ser um movimento espontâneo do outro. Ocorre que certas pessoas são extremamente introvertidas e/ou vivem dentro de si com pensamentos que, boa parte das vezes, não têm nada a ver com o lugar em que está, nem com a situação que transcorre. Então, as pessoas que não pedem deixam de combater uma barreira em crescimento que, com o tempo, acaba se transformando em uma parede intransponível. Vamos imaginar um exemplo: ela está limpando a sujeira que o cachorro fez no quintal e ele pensando em problemas do trabalho, sentado em frente à televisão, alheio. Outra hora é um frasco de xampu que caiu no banheiro e ela, sozinha, cata os cacos e limpa o chão, ele, apesar de presenciar o fato, permanece inerte não se oferecendo para ajudar. Poderíamos imaginar situações das mais diversas para exemplificar o que estamos tentando abordar, mas que é significativo é que, por parte dele, é preciso maior atenção e concentração, isto significa cuidar da relação. Por parte dela é preciso compreensão e uma postura, até certo ponto de humildade, pedindo ajuda e não propriamente cobrando.

A iniciativa e a boa vontade representam a disposição espontânea em ajudar.

Filosoficamente pode-se entender a boa vontade como uma vontade de alta qualidade que poderá estar ligada ao querer e ao possuir, de modo a criar uma vida feliz, Agostinho (ref. 1, pág.61):

“dissemos ser ela a vontade pela qual desejamos viver justa e honestamente”; “todo aquele que quer viver conforme a retidão e honestidade, se quiser por esse bem acima de todos os bens passageiros da vida, realiza tão grande conquista, com tanta facilidade que, para ele, o querer e o possuir serão um só e mesmo ato.”; “pois bem, essa mesma alegria gerada pela aquisição de tão grande bem, ao elevar a alma na tranqüilidade, na calma e constância, constitui a vida que é dita feliz”.

Uma coisa muito próxima do que acabamos de tratar é a dedicação: inclui boa vontade e iniciativa, acrescentadas da constância. Uma pessoa dedicada é aquela que tem concentração, atenção, iniciativa e boa vontade para o objetivo de momento e que se repete sempre ao se deparar com situações semelhantes. A dedicação envolve trabalho e desgaste em algumas fases dessas ações, mas ela é extremamente construtiva.

• Agradar

Também envolve algumas coisas que já dissemos acima, mas vamos destacar, entre outras coisas, o mimar, isto é, “paparicar”. Sempre existe uma criança dentro de nós e essa criança, às vezes, apresenta momentos de manha. Não sempre, mas algumas vezes, momentos de mimo fazem um bem extraordinário para a relação. Eles podem ser por palavras, por toques, por ações, por presentes, etc.

O que significa agradar? Agradar significa valorizar o outro. Logicamente estamos falando de sentimentos sinceros e verdadeiros, estamos falando de amor. Quando agradamos alguém estamos dizendo: “você é importante para mim”; “quero realizar ações que lhe deixem feliz”; “o que você quer que eu faça?”.

Agradar pode até alcançar o nível da obediência.

Comunicação

Existem livros que abordam este tópico, um deles, o de James J. Tompson (ref. 18, pág 12) com esta definição:

“várias espécies de comportamento que têm lugar entre organizações e que modificam o comportamento tanto das

organizações que lhes dão origem como das organizações receptoras”.

Não com o propósito de nos aprofundarmos no tema, mas apenas para termos alguma noção dos mecanismos que envolvem a comunicação, vamos defini-la sucintamente como a soma dos comportamentos trocados entre o emissor e o receptor. O emissor vai enviar uma mensagem através da voz, de um toque ou de um gesto; o receptor irá receber a mensagem e enviar ou não uma resposta. O que nos interessa, neste momento, é saber que existe uma mensagem verbal e não verbal a ser trocada dentro de um relacionamento.

Precisamos ressaltar que a interpretação da mensagem pelo receptor pode ser diferente daquela que originalmente o emissor lhe teria atribuído. A linguagem é um meio de comunicação bastante complexo e falho, sujeito a interpretações incrivelmente diversificadas, quer porque as palavras na língua portuguesa podem ter significados diferentes e, até, opostos, quer porque a pessoa que recebe a mensagem “enxerga” dentro dela um significado “sutil” embutido, que pode fazer com que o receptor considere como uma colocação maliciosa.

Vamos dar um exemplo: duas pessoas se conhecem bem, com uma intimidade verbal capaz de trocar segredos. Durante meses elas se comunicam trocando e-mails. Um dia, ele diz a ela que preferiria receber dela apenas e-mails com mensagens filosóficas ou comentários pessoais próprios dela. A intenção dele era não receber uma quantidade grande de mensagens que ficam voando pela Internet, porque além do risco de vírus, ele não teria tempo para ler tudo. A interpretação dela foi diferente. Ela pensou assim “ele não quer receber mais e-mail de mim”, e não mais os enviou.

É comum as pessoas, com receio de serem enganadas, passarem por intrometidas, inconvenientes, tolas ou por medo e em defesa própria e, até ou mais que isso, desejarem ser espertas, fazerem “leituras” com decisões demonstrativas de suas capacidades de presciência, isto é, elas querem anunciar veladamente que perceberam até onde aquela pessoa, que disse “aquela dica”, quer chegar. Na verdade, seu orgulho está falando mais alto. Não há a humildade para esclarecer alguma dúvida e também

existe uma desvalorização precedida de julgamento e determinação da pena da pessoa que ousou fazer aquele comentário para ela.

Ah! Sim, com diálogo isso pode ser consertado, ocorre, no entanto, que vários fatos desse tipo, mesmo pequenos, vão se somando, aumentando a distância entre essas pessoas, até, muitas vezes, encontrarem uma situação de equilíbrio, onde, a partir deste momento, elas passarão a andar lado a lado, definitivamente. Este “lado a lado” no nosso entender é de um paralelismo que pode significar, para sempre, a ausência de convergência. E depois, a tendência será cada um se afastar mais do outro.

O diálogo é fundamental, mas ele só vai ter um efeito consistente se estiver acompanhado da transparência, da confiança, da sinceridade, da humildade, da boa vontade, da iniciativa e do amor, lógico!

É nossa intenção evidenciar que a comunicação é um processo muito mais complexo do que a maioria das pessoas têm consciência, porque todos nós vivemos continuamente trocando dados e informações com todos e com tudo o que nos cerca. Vejamos um exemplo extremamente simples: eu abaixo a alavanca à esquerda da coluna de direção do meu carro (seta); estou pedindo para o meu carro ligar a lâmpada do pisca-pisca para informar ao mundo que vou virar à esquerda. Podemos ir mais longe. James J. Thompson (ref. 18, pág. 257) nos diz:

“todos os comportamentos com que um indivíduo forma, sustenta, interfere, corrige e integra seu relacionamento com o ambiente nos diz alguma coisa sobre o estado físico e psíquico do comunicador”.

No exemplo do escritor e do músico que citamos, quando falamos da conscientização houve comunicação verbal, gestual e sonora. Houve, até, a transmissão de uma “energia negativa” relacionada com a ira.

Algumas formas de comunicação na relação amorosa entre o homem e a mulher podem se beneficiar com a criatividade:

Verbal - palavras românticas, elogios, cochichos, sussurros e gemidos em seus momentos adequados. Colocações desagradáveis, sobre situações especiais do relacionamento, colocadas de forma suavizada e minimizada, tentando não magoar e valorizando a importância para o amadurecimento da relação. Ninguém gosta de ser chamado a atenção, de tomar um “puxão de orelhas” mesmo merecido. No entanto, se o comentário é procedente, se torna fundamental que seja vencido esse momento. Não dizer nada é jogar sujeira para “debaixo do tapete”. Também é importante que esses momentos sejam por razões imprescindíveis e justificadas, que não ocorram por bobagens.

Telefonemas - para mostrar solidariedade, preocupação, para compartilhar emoções, alegrias e dores, para declarar amor, para pedir perdão ou, simplesmente, para ver como está sendo o dia do outro no trabalho ou em outra situação, sempre com a preocupação de não dar a sensação de controle ou de desconfiança (contatos freqüentes, repetição).

Fita cassete - Deixar uma fita cassete gravada com um discurso sobre um tema relevante, ou como surpresa para um aniversário de casamento (ou CD ou DVD).

Mensagens - “embutidas” no meio da novela, através da fita de videocassete, acionadas pelo controle remoto, de surpresa.

Disk mensagem e coisas do gênero.

Gestual - movimentos das mãos, do rosto, nas pálpebras, do corpo. Aquele movimento sensual convidando... Aquela piscadela unilateral demonstrando cumplicidade ou manifestando uma ironia. As emoções extravasando através dos gestos: sorrisos, a face triste embargada, lágrimas, “sorriso amarelo”, postura física, aprovação e desaprovação.

Escrita - bilhetinhos surpresa na agenda, no pote de arroz, na bolsa, na gaveta... Cartas enviadas pelo correio ou telegramas, anúncio no jornal, faixas na rua pelo aniversário, cartazes...

Toques - quando alguém que amamos toca o nosso corpo sentimos existir. Tem que ser oportuno, e dentro desse quesito, constante.

Um tipo de toque merece uma referência especial: o toque incondicional. Na relação amorosa entre o homem e a mulher, existe sempre um que tem mais apetite sexual do que o outro: aí está o perigo. Se aquele que for mais sensual, não souber usar com frequência o toque incondicional, acabará fazendo com que o outro parceiro, que nem sempre têm vontade de sexo, evite o contato para se “livrar” de uma relação sexual. Se amamos, devemos entender que a ausência de carinho (toques assexuados) leva ao distanciamento. Se isto for uma rotina, se transformará em rejeição. É melhor sexo sem vontade do que a ausência de carinho. O toque é fundamental. O bebê recém-nascido se comunica intensamente com a mãe através do toque. Há toque de um abraço apertado, saudoso; há toque de um abraço afetuoso; há o toque de um abraço consolador e etc.

Andar de mãos dadas, assistirem a um filme de mãos dadas ou com um leve abraço, acariciar o cabelo e a face.

Tocar o corpo com outras partes do corpo.

Massagear.

Beijar a mão, a testa, bochecha, etc. O beijo na boca na relação amorosa, entre o homem a mulher, é muitíssimo importante porque sedimenta uma aceitação. Se duas pessoas que se amam, durante uma relação sexual, evitam o beijo na boca, é necessária uma reavaliação da relação, porque o significado disto é uma rejeição.

Como é difícil olhar de frente a transitoriedade desta existência e encarar o fato de que a posse é uma utopia e o único parâmetro transcendental é o amor e a caridade em suas maiores dimensões.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

SOBRE AS FASES DO AMOR

Podemos imaginar inúmeras maneiras de dividir as fases que podem ocorrer no amor porque existe uma quantidade muito grande de variáveis. Por exemplo, as transformações que ocorrem no relacionamento amoroso entre o homem e a mulher, são conseqüências de fatores individuais de cada um, do CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser), nível de evolução, do nível de maturidade, da capacidade de amar, de circunstâncias ambientais, econômicas, políticas, sociais, culturais, etc.

Neste capítulo, como em outros, não devemos esquecer que os fatores e os elementos que envolvem os vários tipos e níveis de amor, se entrelaçam com frequência, e é por isso que a divisão em fases não pode ser dotada de grande exatidão.

Vou citar alguns elementos apenas para imaginarmos parte dessa complexidade que pode incluir, no raciocínio, também fatores potencializadores e inibidores do amor. Começo pelo porquê se procura um par no relacionamento homem-mulher e frações dessa seqüência:

1 - Combater a solidão: no desejo de enfrentar essa situação a pessoa procura uma companhia para dividir momentos tristes e alegres, para dar carinho e receber. Quando falamos em solidão é preciso fazer a ressalva que cada pessoa a enfrenta, de acordo com o espaço e grandeza

que esse fantasma ocupa em seu íntimo. Então, algumas pessoas sofrem pouco com a solidão ou a enfrentam com facilidade, outras ficam totalmente apavoradas chegando ao ponto do desespero. Eis aí o risco: nesta última situação é pouco provável que se encontre um parceiro que apresente chances reais de sucesso para o relacionamento almejado, mesmo porque, o que determinou a busca, primariamente, não foi o desejo de construir um relacionamento, mas sim de livrar-se do sofrimento da solidão. Masters e Johnson (ref. 27, pág. 224 e 225) falam em *“prontidão para o amor”*, que é diferente de combater a solidão e envolvem amar e ser amado, trocar intimidade, companheirismo e sexo.

2 - Aplicar o “molde” e o “script”. Falamos em outro capítulo sobre o “molde” que é um modelo não consciente formado para o “príncipe encantado” desde a infância até, talvez, a juventude, baseado nos relacionamentos observados nos pais, parentes, vizinhos, mídia e etc. e/ou vivenciados durante parte desse tempo. E o “script” que é a história de amor previamente escrita virtualmente determinada, geralmente também de forma não consciente, para ser aplicada no “molde”. Digamos que o “molde” é o modelo do sapato com desenho próprio, salto, laçinho, bico, etc., de número trinta e sete, e o “script” é o caminho que esse sapato vai percorrer depois de calçado (aceito e escolhido) pela pessoa que está “procurando” um amor.

A idealização, assemelhada, mas não exatamente igual ao que mencionamos acima, pode ser entendida como a aplicação de um sonho em outro indivíduo ou/e no relacionamento. Ela estaria aglutinando ficção, “molde” e “script”.

Que existem frases embutidas em alguns pensamentos que determinam especificações de posições, tais como: “espero que a minha futura esposa faça isto e aquilo”; “para mim todo homem tem que fazer isto e não pode fazer aquilo”.

3 - Vivenciar, outra vez, sentimentos e emoções que um relacionamento anterior, já findo, lhe havia proporcionado. Algumas vezes essa situação busca tornar a vida novamente colorida, pois que, quando aquele relacionamento terminou, ficou acinzentada. Essa projeção, tentando fazer com que a pessoa e o novo relacionamento sejam o motivo de viver, tem alta probabilidade de causar sofrimentos e decepções, às vezes, até a curto prazo.

4 - Comparar: já foi comentado que muito do aprendizado do ser humano se faz por comparação, o que até certo ponto é uma continuidade do aprendizado, das tentativas de acerto e erro. Um ato que não foi bem sucedido, no relacionamento anterior, tende a ser modificado, buscando o sucesso. A comparação é inevitável, quase sempre não consciente, mas, enquanto não tiver um entrelaçamento com o racional, terá a tendência de não respeitar a individualidade. Estará embutido um pensamento deste tipo: “aquela fazia isto melhor que esta”, “este é mais inteligente do que aquele”, etc. A reação a seguir será tentar buscar um caminho para aquele que desempenhava melhor a tal função ou que tinha melhor qualidade, isto é, fazer com que este desenvolva as propriedades que o outro tinha.

Podemos questionar uma área paralela a este assunto que, também, pode mexer com a individualidade: é válida, sem dúvida alguma, a busca por compartilhar áreas comuns, mas até que ponto? As áreas comuns vão estimular o “fazer juntos” e impulsioná-los para o ideal comum, mas se alcançar o nível de ignorar os desejos próprios que não se enquadrem nas preferências do parceiro, haverá um dano prejudicando esse relacionamento. Não estamos imaginando uma despersonalização, mas sim, uma indução, talvez, ativa e inconsciente, como consequência da ansiedade de fortalecer a relação.

5 - Constituir uma família: um dos valores mais nobres que existe na sociedade é a família. Algumas pessoas têm esse valor incrustado em suas almas e, a partir de uma determinada idade, muito variável de pessoa para pessoa, procuram isso como que cumprindo uma necessidade interior. É interessante fazer a observação de que existe uma variável muito grande nas diferenças das culturas, por exemplo: o índio, há muitos anos, em sua cultura, tinha o hábito do casamento, após rituais e autorização do cacique, com idade em torno de catorze a dezesseis anos, em média. Isto significa que na adolescência, com pleno vigor físico e sexual, com a autorização dos superiores, bastava “matar um boi”, pegar o couro, fazer uma tenda, terem seus filhos e viverem juntos para sempre...

Hoje, o fator cultural e sócio-econômico reprime os jovens a tal ponto que acabam praticando o sexo em busca do prazer, como consolo para suas frustrações e complexos, renegando a responsabilidade de um relacionamento verdadeiro em busca do amor, não para o segundo plano, mas para um quinto, sexto plano...

Não existe vida sem água. A água é formada por três átomos: dois de hidrogênio e um de oxigênio. A água pode ser considerada, dentro de certa proporção, como a sociedade. Do mesmo modo que não existe vida sem água, não existe uma sociedade sem família e, por isso, não há país sem a existência da família. Não é difícil supor que sem a família não nascerão novos indivíduos (desde que se respeite a moral e ética - a ressalva admite a possibilidade de que, dentro de algum tempo, tenhamos clones criados e desenvolvidos em úteros artificiais: teremos então uma sociedade digna?) e que os existentes serão idosos que caminharão para a morte.

6 - Necessidade de dar e receber: carências afetivas, sexuais e a necessidade de dar amor. Tem gente que tem um amor represado, transbordante e não consegue canalizar esse volume imenso na direção de uma possível sublimação, ou outro sentido, fazendo-se mister o relacionamento amoroso. Mais raras são as situações onde pessoas nessas condições, subtraem a sexualidade em favor de compromissos benéficos em associações filantrópicas, religiosas, etc.

Podemos tecer alguns comentários abaixo a respeito de situações que podem ocorrer tanto no início como no desenvolvimento do relacionamento amoroso, que demonstra a dificuldade de tentarmos separar o amor em fases de uma maneira mais precisa:

1 - Nível de evolução espiritual de cada um: certamente, uma pessoa vai utilizar mais do racional, do emocional, do seletivo e da própria vivência, do que outra, dentro da relação e, dependendo do desenvolvimento e da maturidade que cada pessoa já alcançou, a interpretação de cada fato, de cada ato, de cada acidente ou novidade que ocorrer nessa mesma relação, provocará reações diferentes em um e outro.

Além de tudo, cada um tem a sua própria “bagagem” do “Eu Total”, e o que está contido dentro dessa “mala”, quer seja apropriado ou inapropriado, maturo ou imaturo, experiente ou inexperiente, adequado ou inadequado, será usado como ferramenta para as respostas, ações e reações, retrações e expansões, ajustes ou desajustes no relacionamento.

2 - Ansiedade descontrolada: no início do relacionamento algumas pessoas têm tanta vontade que dê certo esse namoro que, provavelmente de uma maneira não consciente, bloqueiam os pontos (isto é, não querem enxergar) que lhe desagradam nas atitudes do parceiro. Outras vezes é o contrário que acontece, o desejo de se “moldar” aos anseios do parceiro acaba levando a bloqueios na própria pessoa, desejando ser e se transformar naquilo que ele deseja; ser o que o outro gostaria que ela fosse, a ponto de chegar a uma “despersonalização”.

3 - Ocultamento interior: próximo a essas idéias que acabamos de mencionar, existe também a “exposição parcial” que seria, principalmente, mas não exclusivamente, no início do namoro algo como esconder o que poderia comprometer o crescimento da relação, sem distinguir pontos fundamentais relacionados aqui neste livro nos capítulos dos componentes do amor, e que vão causar prejuízos posteriormente.

4 - Percepção inadequada da realidade: podemos, também, apontar indivíduos que têm uma visão “distorcida e acomodada” da realidade, que acabarão interpretando tanto o que sentem de “dentro para fora” como o que percebem “de fora para dentro” de forma imprópria a ponto de construir um “castelo de cartas”, isto é, um relacionamento sem base que ruirá ao menor vento.

5 - Interação positiva ou negativa: sedução, artimanhas e elucubrações maquiavélicas com o intuito de manipular a relação através desses artifícios ou do envolvimento e da exibição de atributos físicos, mentais, organizacionais, familiares, culturais, econômicos, domésticos, etc.

Há pessoas que têm uma capacidade extraordinária relacionada com a própria inteligência e a íntima deformação do juízo de valor, de elaborar argumentos semelhantes a elos de uma corrente, que acabam levando pessoas, não tão esclarecidas, ingênuas e puras ou pouco privilegiadas, a serem arrastadas por anos a fio (sete a dez anos, por exemplo) em um relacionamento, onde ele desfrutou racional, consciente e prazerosamente do trabalho e das emoções dela que chegou a amá-lo, verdadeiramente e, só tardiamente, percebeu quão artificial era tudo o que existia entre eles.

O que tento explicar é que é muito difícil colocar essa situação em uma determinada fase do amor, dependendo, inclusive, do referencial e levando em conta que este tipo de situação pode ter ocorrido desde o início do relacionamento, até o seu final, ou na primeira metade do relacionamento e que depois teria se deteriorado, ou na segunda metade do período imaginado corrompendo e determinando o fim do relacionamento.

Isto que acabei de analisar é diferente da interação positiva, quero dizer que a interação ocorre com frequência em qualquer relacionamento entre os seres humanos. Quando ela tem características que respeita o livre arbítrio, despreza artifícios carregados de subterfúgios e estratégias escusas, evita dirigir-se para o rumo da submissão, se apresenta de forma clara e não velada, evita pressionar, induzir ou manipular, então ela é altamente positiva.

6 - Desejo de agradar: até que ponto podemos considerar natural e legítimo um desejo de agradar que seleciona o que vai mostrar em idéias, posturas e ações, de modo que possa aumentar a probabilidade de causar fascínio e encanto, apresentando elementos filtrados para conseguir uma “fácil digestão” (para o outro engolir com facilidade o que está sendo apresentado)?

O desejo de agradar é coisa fundamental no amor, mas ele precisa ser espontâneo e puro porque, senão, acaba se transformando em uma maneira de tentar manusear o outro.

Vamos citar agora outros tópicos que poderiam também servir, dependendo do referencial, como limítrofes para as fases do amor:

1 - Capacidade de enfrentar conflitos e discórdias do casal, favoravelmente, através de correções freqüentes de rumos, buscando uma maior solidez no relacionamento, harmonia e minimizando o sofrimento, a ponto de diminuir a ocorrência e a duração dos períodos de desentendimentos.

2 - Descobertas de verdades que eram reais e não foram enxergadas anteriormente. Visão parcial e real de posturas e colocações dos parceiros. O interior de um dos parceiros, por exemplo, acaba sendo descoberto no dia-a-dia por não ter sido revelado por transparência, anteriormente. Na

relação amorosa não se consegue, por muito tempo, esconder fraquezas e misérias da alma, mesquinha, orgulho, etc.

3 - Percepção progressiva, através da sensibilidade, dos defeitos, qualidades, anseios, sentimentos e emoções de cada um dos parceiros, e a absorção, incorporação e aceitação desses fatores, na direção do amadurecimento da relação para atingir o nível de aceitação do outro, como ele realmente é.

4 - Disputa de territórios, de domínios ou de posições muitas vezes inflexíveis, determinando uma “guerra dos sexos” entre ele e ela. Posturas ditatoriais afetando a individualidade, privacidade e, até, tentando bloquear o livre arbítrio. Comprometimento significativo em baixo nível da evolução espiritual de um, do outro ou dos dois parceiros.

5 - Espontaneidade e naturalidade para assumir tarefas, e responsabilidades por parte de cada parceiro: quem pode “carregar mais peso” assume essa função sem que lhe seja imposta, induzida ou solicitada. Nível de preocupação em solidarizar, ajudar, dividir, participar e “estar junto”.

6 - Conscientização (cada um em si e um com o outro) **da velocidade de evolução**, amadurecimento e crescimento de cada um e de ambos os parceiros. Se um “cresce” em dois anos e o outro só adquire o mesmo entendimento, sobre um tópico, depois de oito anos, esses seis anos de defasagem serão envoltos por turbulências e conflitos nesses “territórios” (compartimentos do CISCAS) em que houve evolução mais rápida em um do que no outro parceiro.

Quando falamos em “territórios” ou “compartimentos” do CISCAS nos referimos principalmente as áreas principais de desenvolvimento de um ser: vamos imaginar três círculos:

- O primeiro delimita o núcleo e seria o compartimento espiritual. Refiro-me com frequência ao nível de desenvolvimento espiritual porque considero este como sendo o núcleo do ser, que, depois, juntando todas as possibilidades vai compor o “Eu Total”.

- O segundo círculo, imediata e simetricamente circuncírculo ao núcleo, englobaria o compartimento moral do ser.
- Entre o segundo círculo e o terceiro imaginemos diversas fatias como se fosse um queijo, sendo que uma fatia pode ter um espaço maior do que outra, variando de pessoa para pessoa, e da época da vida do próprio indivíduo. Seriam setores ligados à parte física do ser, intelectual, afetiva, social, vocacional (ou profissional), artística, cívica e crítica, ou podemos distribuir os tipos de inteligências (ver capítulo “Sobre o Cérebro”).

7 - Capacidade de preocupar-se com a felicidade do outro: acreditamos que um dos elementos mais significativos que pode avaliar os tipos, níveis e fases do amor, está relacionado com este item. Uma boa mãe deseja tanta felicidade ao seu filho que, para o bem dele, aceita e até deseja que, se for necessário, ele vá trabalhar em um outro país.

Um homem pode amar tanto uma mulher a ponto de, percebendo que não está conseguindo fazê-la feliz, afastá-la de si ou permitir que ela se afaste espontaneamente, no desejo que pelo menos ela alcance a felicidade.

8 - Capacidade de aperfeiçoar-se: desejo sincero, verdadeiro e permanente, de modificar-se para uma nova realidade e adaptar-se em benefício do relacionamento. Desejo de ultrapassar os limites individuais dessa adaptação. Interesse verdadeiro em desenvolver essa capacidade.

Veja um exemplo: ninguém ensina alguém a deixar de fumar; quem pára de fumar decide por si e aprende por si. Ensinos exteriores só dão um impulso de pequena porcentagem no todo.

Ninguém transmite uma verdade a alguém, ela é apresentada e alguém alcança ou não, dependendo do seu nível de evolução.

Modificar-se exige humildade suficiente para saber que não é perfeito, que tem defeitos, e o desejo intenso de querer melhorar. É uma atitude de “dentro para fora”, que necessita de muito boa vontade, e causa um desgaste e um trabalho interior significativo.

Vou citar apenas poucos autores, a título simplificado de exposição das possibilidades, nas quais os mesmos apresentam referenciais diferentes, para dividir as fases do amor:

- Mira Y Lopez menciona a fase de iluminação, de insinuação e exploração, de correspondência e vivência do “eco” e a fase de elevação e criação, entre outras (ref..28, pág. 133 a 146).

- Masters e Johnson mostram fases da transição do amor romântico para o amor companheiro (ref.27, pág. 226 e 227).

- Shinyashiki aborda a atração, a fase romântica, de ambivalência, da rotina, da luta de poder, de desilusão e afastamento, de transformação, de estabilidade e compromisso e, finalmente, de expansão (ref 34, pág. 122 a 125).

Outros autores também apresentam divisões e análises bastante inteligentes com referenciais diferentes. Podemos repetir o que já foi dito antes: cada autor está enxergando uma parte maior ou menor desse gigante chamado amor e todos estão palpando uma parte da verdade.

Vamos destacar que relacionamos acima vários “pacotes” (porque eles têm um conteúdo misto) que poderiam ser batizados um a um da seguinte forma, por exemplo: fatores determinantes da busca pelo amor, fatores de desenvolvimento individual, de posturas (potencializadoras e inibidoras), de capacidades (de amar, de querer agradar, de lutar pelas felicidade do outro, de modificar-se...), de qualidades pessoais, de habilidades individuais e direcionais (meta - objetivo de cada um no relacionamento nos diferentes momentos da relação) e etc. Cada “pacote” que acabamos de citar têm em seus conteúdos elementos específicos ou inespecíficos que poderiam ser aplicados as diversas fases do relacionamento ou aos limites das mesmas.

Na figura 8, pág. 283, e na figura 9, pág. 284 estou simulando uma divisão em quatro fases utilizando referenciais diferentes. Tanto os componentes do amor como os “pacotes” mencionados neste capítulo, irão variar de um casal para o outro e de uma fase para outra: quero dizer com isso que não poderíamos ter uma regra absoluta que abrangesse todos os casais para situá-los em cada fase, de forma rígida.

Acredito que alguns poucos componentes e “pacotes”, provavelmente, estariam localizados mais próximos de um limite (uma

faixa limítrofe, não uma linha), entre uma fase e outra, na maioria dos casais.

Nesses dois exemplos utilizamos como base a figura 1, pág. 25, do “Templo do Amor”, que tem em sua base um espaço mais amplo para os primeiros degraus da pirâmide. A idéia é visualizar que os componentes são dinâmicos nas diversas fases do amor, eles mudam de posição na pirâmide e na vida real.

A sexualidade e a afetividade têm uma importância maior, estão em primeiro lugar na representação que criamos (figura 8), o que corresponderia a recém-casados. Nesse mesmo casal, velhinhos, a sexualidade estaria em décimo lugar sendo menos importante para o relacionamento deles. Na fase quatro eles teriam como importância maior a afetividade, o respeito, a caridade entre eles, agradar e se preocupar com a felicidade do outro, num outro referencial estariam ocupando o mesmo plano, em superposição.

Esse mesmo raciocínio vale para os outros componentes e pacotes exemplificados e assim sucessivamente poderíamos distribuir, numa tabela gigante, todos esses elementos com várias possibilidades e variações, para entendermos mais a respeito do relacionamento amoroso e suas fases.

Nem todos os tipos e níveis de amor apresentam esses mesmos valores em diferentes fases (alguns nem existem, por exemplo: amor comunitário e sexualidade) e, por conseguinte, ocupariam lugares diversos na distribuição de cada uma delas: a divisão para a situação “A” seria totalmente diferente da situação “B”, e assim sucessivamente, “C” ...

Nos diversos livros que existem sobre o amor se observam vários ângulos de abordagem para aumentar o entendimento da evolução do amor, de suas fases. No nosso modo de ver todos os autores têm uma contribuição significativa e importante para aprofundar o nosso conhecimento sobre o tema. No entanto, depois de observarmos a complexidade que existe para dominarmos a classificação das fases do amor, apresentamos, fixando alguns parâmetros, uma proposta simplificadora:

Fases do Amor

Poderíamos dividir o amor em quatro fases ou mais, como nos exemplos já citados. Mas nos parece suficiente apresentarmos estas três:

1 - Menoridade

Inclui, entre outros, a paixão, a convivência, a admiração e a atração, o conhecimento do outro (autodeterminação, confiança, afetividade), a adaptação e a revisão.

Entendemos por revisão um momento semelhante à idade crítica dos primeiros sete anos de casamento. É a linguagem corrente que nessa idade costumam ser comuns algumas crises.

Alguns autores dizem que a paixão pode durar de algumas semanas até quatro anos. Ora, todos sabem que a paixão é cega e normalmente os primeiros anos de casamento são anestesiados pela novidade, pela sensualidade e sexualidade, então os dois começam a ter problemas do cotidiano e a perceberem, mais próximos da realidade, **os defeitos** do outro. Daí eles começam a rever seus valores e o próprio relacionamento. **Revisão ou reavaliação** da relação é o parâmetro que escolhemos para situar, numa faixa limítrofe, a fronteira entre a primeira fase e a que vem a seguir.

Essa amostra que escolhemos não pretende, de forma alguma, relacionar as fases do amor com o tempo, mesmo porque o amor entre o homem e a mulher não nasce a partir do casamento, porque já existiu o namoro, o noivado e, por vezes, já estão até “quase casados”, de tanta convivência e intimidade.

2 - Maioridade

Uma vez feita a revisão os dois começam a se aceitarem mais, percebendo os limites, as qualidades, os defeitos e etc. do outro. Vários conflitos foram superados, conceitos reavaliados. Degraus importantes foram galgados no aperfeiçoamento da relação.

Sabemos, também, que alguns componentes podem deixar de existir, uma vez que já se solidificaram, por exemplo: nesta fase do amor,

geralmente, não existe mais a escolha, já exercida e consolidada em momentos anteriores da relação amorosa, nem imaginamos que possa existir a paixão, o que é diferente de existir romantismo.

E assim os componentes e os “pacotes” vão subindo e descendo ocupando espaços mais adequados a cada fase.

Escolhemos, agora, como parâmetro divisório entre a segunda fase e a terceira, também situado em uma faixa, **o perdão**.

Entendo que quando o perdão atinge o nível da tolerância, e isto é um dos mais altos níveis, ou próximo disso, então, podemos pensar na próxima fase.

3 - Maturidade

Novamente destaquei vários componentes das primeiras fases, ou então eles estão minimizados sensivelmente. Vou citar alguns deles: apego, sexualidade, escolha, aceitação e, ao contrário, a amizade e a caridade, existindo em grau altíssimo bem próximo destes dois pacotes: agradar o outro e lutar pela felicidade do outro.

No amor entre um homem e uma mulher, onde o perdão, praticamente, não precisa ser exercido e se o for é de forma natural e automática, sem esforço, apenas como próprio de um ato de amor; onde agradar o outro, lutar pela felicidade do outro, num clima de amizade e de caridade intensa entre eles, é meta essencial ao casal, podemos dizer que é um amor maduro. Quanto mais esses valores forem exaltados, maior maturidade existirá.

Acredito que outros componentes e pacotes se encaixem nesse modelo conceitual e que, talvez, possamos, no futuro, aplicá-los e enriquecer mais este capítulo...

Vamos fazer um exercício tentando imaginar um casal que passou por quatro fases de seu relacionamento amoroso: referencial - componentes do amor:

Graduação (O que vem em 1º lugar)	FASE I	FASE II	FASE III	FASE IV
10º				Sexualidade
9º				
8º			Afetividade	
7º				
6º	Caridade	Caridade	Sexualidade	
5º		Amizade	Caridade	
4º	Amizade	Afetividade Respeito	Amizade	
3º	Respeito	Serenidade		
2º			Respeito	Amizade
1º	Sexualidade Afetividade			Afetividade Respeito Caridade

Figura 8

Vamos fazer outro exercício tentando imaginar um casal que passou por quatro fases de seu relacionamento amoroso: referencial - “pacotes”

Graduação (O que vem em 1º lugar)	FASE I	FASE II	FASE III	FASE IV
10º				“Guerra dos sexos”
9º				
8º	Modificar-se	Modificar-se		
7º		Agradar	Modificar-se	
6º		Felicidade do outro	“Guerra dos sexos”	
5º	“Guerra dos sexos”			Modificar-se
4º	Felicidade do outro		Felicidade do outro	
3º	Agradar		Agradar	
2º		“Guerra dos sexos”		
1º				Agradar Felicidade do outro

Figura 9

CAPÍTULO TRINTA

SOBRE OS TIPOS E NÍVEIS DE AMOR

Quando falo em tipos de amor tenho que, inicialmente, fazer alguns questionamentos que possam estar relacionados com fatores e parâmetros dirigidos para classificações diversas.

Quais são os objetivos de dividirmos o amor em tipos? Quais são os objetivos do amor? Quais os pré-requisitos? Quando temos um tipo de amor e uma variante ou subdivisão desse amor? As características que podem envolver o amor são especificamente individualizadas ou podem ser mistas? Tipos de amor diferentes podem ter algumas características comuns? Quais dessas características realmente diferenciam um tipo de amor de outro? Quais podem ser comuns e quais não podem? Qual a definição básica de amor relativa aquele modo de classificação? Para uma pessoa amar outra existem condições pré-estabelecidas pela primeira? Quando? Quais? Por quê? Os componentes do amor têm a mesma intensidade em todos os tipos de amor? Quando o amor é mais intenso? Quando o amor é superior, mais elevado, mais maduro? Existe limite para o amor? Podemos amar a coisas? A natureza? Os animais? O gostar é um tipo de amor? Paixão é um tipo de amor? Qual o conceito de amor de cada pessoa? Qual seu nível de evolução e maturidade espiritual, intelectual e mental para vivenciar o amor? Quando podemos imaginar que uma pessoa está preparada para o amor? Como ela sonha ou imagina que será sua relação amorosa? Qual a diferença do amor que ela sonhava e do amor que ela conseguiu? O que é mais importante: amar ou ser amado?

Há percepções diversas sobre o amor que abordam ângulos diferentes de profundidades variadas a ponto de expressar facetas filosóficas, espirituais ou transcendentais, Martin Claret (ref.26, pág. 55-56):

“O maior patrimônio que existe na alma humana chama-se... “Amor”. Somente o Amor revela o caminho do Bem e ilumina as trevas”; “o amor é de essência divina e todos nós possuímos, no fundo do coração, esta centelha sagrada”; “não acreditem na esterilidade e no endurecimento do coração humano, pois cedo ou tarde todos terão de ceder ao Amor”; “Amem! Amem muito para serem amados! Somente na força e na pureza do Amor é que podemos encontrar tudo que conforta, acalma, dignifica e ameniza as penas de cada dia”. Alan Kardec.

O que tento colocar neste momento é que, por exemplo, diferentes visões ou definições de amor terão, obviamente, diferentes classificações, isto é, diferentes tipos de amor, porque estarão lidando com referenciais, pelo menos, parcialmente diferentes.

Vamos raciocinar com uma forma simples: “amar é dar; doar-se”. A partir dessa definição podemos imaginar uma classificação baseada em fluxo, isto é, quem ama dá de si para alguém. Nota-se que há sentido, uma direção para o amor: de quem ama para quem recebe. Podemos encaixar, nessa situação, a mãe amando um recém-nascido: o amor que ela flui para o filho é de uma intensidade incrivelmente superior ao amor que o bebê “devolve” para a mãe. Na linha seguinte deste raciocínio teríamos uma classificação envolvendo dois itens: amor unidirecional ou bidirecional. Um exemplo deste último item é o amor entre um homem e uma mulher onde há fluxo e refluxo, queremos dizer com isso que ela dá e recebe amor e ele idem. Ainda dentro deste mesmo pensamento podemos visualizar intensidades diferentes do fluxo. Agora a divisão desta forma de amor estaria bifurcada em unidirecional intenso ou atenuada. Idem para o bidirecional.

É desejado que em uma definição tenhamos algumas características específicas: que seja clara, concisa, inequívoca, objetiva, etc... Seria também fantástico se nós pudéssemos ter uma definição de amor que

fosse também completa, abordando todos os ângulos possíveis. No entanto, seria preciso que entendêssemos que definir definição é uma coisa complicadíssima (ref. 29, pág. 235 a 237): Aristóteles se prendia a essência e à substância; Spinoza dizia que a verdadeira definição de uma coisa qualquer não implica nem exprime nada além da natureza da coisa definida; e assim poderiam ser citados inúmeros autores, pensadores e filósofos e estaríamos saindo totalmente dos objetivos deste livro, mas, achamos interessante citar alguns exemplos na classificação das definições apenas para termos uma noção da complexidade do tema.

Podemos, então, ter definição nominal, essencial e científica; definições nominais divididas em essenciais, acidentais e reais; ou lembrar Cícero e Boécio citando tipos de definição, a saber: substancial, nocional, qualitativa, descritiva, verbal, por diferença, por metáfora, por privação do contrário, por hipotipose, por comparação, por falta de plenitude no mesmo gênero, laudativa, por analogia, relativa e causal.

Outra forma de encararmos a definição depende das áreas questionadas para o significado do termo, então, a definição vai buscar o objetivo previamente determinado. Ainda podemos ter definições com predominância da ciência, da filosofia, da psicologia, da linguagem popular ou corrente.

Em uma forma muito mais simples podemos apenas convencionar, e teremos uma definição estipulada.

Agora, na seqüência do raciocínio vou citar autores diversos, sem no momento entrarmos no detalhe das definições de cada tipo.

Mira y Lopes (ref. 28, pág. 147-160) discute amor puro e impuro, passageiro e duradouro, egoísta e generoso. Depois propõe amor centrífugo e centrípeto, sádico e masoquista, ativos (sucessivos) e passivos (protetivos) considerando nestas três últimas classificações que nos primeiros há o desejo predominante de amar e nos segundos há um desejo predominante de serem amados. Apresenta considerações a respeito do tipo constitucional que vai fazer com que cada pessoa ame de acordo com sua estrutura pessoal (astênico e estênico, ciclóide e esquizóide, paranóide e obsessivo e o histérico e o angustiado), isto é,

não amam de maneira idêntica. Expõe uma classificação psiquiátrica: amor esquizóide, paranóide, hipomaniaco, melancólico, compulsivo, ansioso. Divide amores monócórdicos em amor nutritivo, mortal, imperialista (sádico e tirânico ao mesmo tempo), narcisista, lúbrico, intelectual (e criador ao mesmo tempo) e amor bifásico em: amor vai e vem, “sacadé” ou explosivo e coloca o amor em três tempos: atração (genital), pugna (de ciúme) e aversão (agressiva).

Jaques Salomé (ref. 17, pág.157-159) diz que:

“há diferentes estados amorosos e, portanto, diferentes implicações do amor proposto, solicitado e compartilhado”.

Coloca amor de sonho, amor de necessidade e amor de desejo, relacionando tudo com a ternura.

Masters e Johnson (ref. 27, pág.222-223; 228) discutem o amor romântico e o amor companheiro. Mencionam John Alan Lee e seus tipos de amor: eros, ludus, storge, mania, pragma, ágape.

Erich Fromn (ref. 9, pág.71-111) discute amor fraterno, materno, paterno, infantil, maduro, imaturo, amor erótico, idolatra, sentimental, neurótico, amor próprio e o amor a um Ente Perfeito, Superior, Infinito e Eterno (Epsie – conotação minha).

J. Kentenich e M. A. Nailis (ref. 21, pág. 66-67; 84-88; 284-333) discutem o amor sensitivo (que é primitivo, mesquinho e egoísta), natural, sobrenatural, amor próprio, amor ao próximo, amor do homem para um Ente Perfeito, Superior, Infinito e Eterno (Epsie) que pode ser amor de correspondência dividido em vários graus: amor de concupiscência, de complacência, de benevolência, de amizade, de concordância e, finalmente, do amor de um Ente Perfeito, Superior, Infinito e Eterno para o homem sendo este amor subdividido em obsequioso, cordialmente afetuoso e magnânimo.

Se fôssemos entrar nas características de cada tipo de amor que acabei de citar, faríamos um tratado a parte o que não é nosso objetivo. Sabemos que inúmeros outros autores, que aqui não estão sendo citados,

certamente só teriam a enriquecer este capítulo. Acredito que todas essas classificações são muito importantes para entendermos as variáveis que abrangem o amor e que, vistas por ângulos diferentes, nos mostram características, possibilidades, qualidades, defeitos, circunstâncias e fatores dos mais diversificados que podem interferir no amor. É próprio da nossa compreensão que, no desejo de, em parte simplificar e em parte ampliar a profundidade do nosso entendimento, classifiquemos o amor em níveis, restringindo a classificação de tipos, de certo modo, como genéricas, ordenadas, claras e preceituadas.

Agora colocarei uma definição minha:

Amor é um estado de espírito formado por um complexo de sentimentos, valores nobres e puros, que tem por essência fluir o bem excelso em si ou direcionado à paz e à felicidade.

Amar é a disposição e postura afetiva, seguida ou não de ação correspondente, que tem sua essência no estado de espírito formado por um complexo de sentimentos, valores nobres e puros, visando fluir o bem excelso em si ou direcionado à paz e à felicidade do objetivo especificado.

Sentimentos nobres e valores verdadeiros e absolutos são expressões que decorrem de discussões deste e de outros capítulos, inclusive os relativos aos componentes do amor e ao apêndice filosófico.

Entendemos que “bem” tem uma ligação íntima e prioritária com a vida e, portanto, o que sentimos quando dizemos que amamos o mar, a lua, a natureza mineral, na verdade, estamos expressando um grande encantamento por coisas dessas categorias e não amando propriamente. Se ele diz: “eu amo meu cachorro”, a situação está classificada de outra forma porque entre o ser humano e o seu cachorro existem alguns componentes do amor visivelmente ativos e um fluxo bidirecional, detectável.

Um breve parêntese para falar superficialmente de alguns objetivos do ser:

1 - Superiores: seriam relativos ao desenvolvimento e amadureci-

mento do “Eu Total” em busca da perfeição, da paz interior, exterior e da felicidade (pode-se ter amor e se ser infeliz, no entanto é impossível ser feliz e não se ter amor) incluindo a promoção da saúde (saúde é o bem-estar físico, mental, social e espiritual);

2 - Inferiores: seriam materiais, corporais (aqui relativo a prazeres, cultura física com a finalidade estética, etc.), sociais, profissionais...

Feitas as considerações acima, sinto-me em condições de colocar poucos tipos de amor em categorias relacionadas com referenciais específicos.

Escolhemos as seguintes divisões:

- 1 - Eminente (entre pessoas) e ífero (animais, vegetais e a natureza);
- 2 - Bidirecional e unidirecional (já comentadas no início do capítulo);
- 3 - Pleno (cheio, completo durante o fluir) e parcial;
- 4 - Irrestrito e restrito (limitação de tempo e pessoal-procupações limitando o fluir);
- 5 - Condicional e incondicional;
- 6 - Etéreo (envolve o Epsie) e natural;
- 7 - De nível (ou gradual).

Para as primeiras divisões vou apenas citar um exemplo: a mãe que ama o bebê apresenta um amor eminente, predominantemente unidirecional, pleno, geralmente restrito, quase sempre incondicional e natural (sobre o enquadramento deste amor de mãe para o bebê na última divisão-gradual, vamos falar com mais detalhe assim que a abordarmos).

Condicional e Incondicional.

O amor condicional tem algumas características baseadas nestes itens: liberdade para escolher se quer o amor condicional ou não, mas que exclui escolher o que quer desse “pacote”, o “como” e o “quando”; pré-requisitos; contatos freqüentes; respeito; obediência perene; cobrança e mérito. “Você tem o meu amor se fizer isto, e isto, e isto...”. É

interessante realçar que se a pessoa que estiver aceitando as condições para amar, torná-las totalmente incorporadas ao seu ser, esse amor estará se igualando ao incondicional. Este amor acaba por gerar um desenvolvimento e um amadurecimento de quem o está recebendo. Existe a necessidade de um esforço para merecer o amor do pai, por exemplo. Na verdade, um bom pai deseja que o seu filho vá mais longe do que ele, que sofra menos do que ele, que seja mais feliz do que ele e está disposto a “aplicar lições e correções” para que seu filho obtenha sucesso na vida.

O amor incondicional, na verdade, exclui toda e qualquer condição, exceto uma: suporta tudo que possa ser feito a ponto de machucar ou magoar a pessoa que está vivenciando o amor incondicional pela outra, desde que, mesmo distante (geograficamente), não se aparte dela, não a rejeite, não a ignore, nunca (isto significa, pelo menos, uma condição, então, não é tão incondicional assim e essa condição não é explicitamente anunciada).

Entretanto, se ocorrer e houver reaproximação, haverá o perdão. Perdoa sempre, incondicionalmente. “Te amo e sempre vou te amar porque você é meu filho” (essa frase para a maioria das mães não admite discussão); mesmo que tente impor outra condição, não a cobra. Isto causa um certo relaxamento no filho (ela sempre vai me amar, quer eu lhe agrade, quer não) e não cria uma via de amadurecimento nítida, esta só aparece pela responsabilidade, respeito e maturidade.

Gradual - Níveis de Amor

Aqui estou colocando que, em nossa maneira de analisar o amor, nas facetas que conseguimos alcançar, com nossas limitações de seres humanos, contornaríamos as classificações citadas por outros autores, no início deste capítulo, para apenas estratificar níveis de amor colocando-os, por exemplo, como amor de primeiro grau, de segundo grau, etc. ou simplesmente dispendo-os em seqüência hierárquica. Acredito que os componentes do amor citados permitem ao ser uma variedade de quantidade, de qualidade e de intensidade capaz de diferenciar, de uma maneira genérica, um nível de amar do outro. O que acabei de dizer tem uma implicação imediata: à medida que uma pessoa amadurece, incorpora outras verdades no seu ser, abraça valores mais nobres e superiores, aumenta o nível de evolução de seu espírito, seu conhecimento, sua

sabedoria e seu entendimento, ela tem condições de “subir” alguns degraus, galgando níveis de amor mais elevados.

Agora comentaremos um “novo aparelho” da tecnologia moderna: o “AMORÍMETRO”. Ele “funciona” a dois metros de distância da pessoa como se fosse um Rx, emite ondas em todas as frequências e avalia o “Eu Total”. Como é computadorizado e com alto nível de sensibilidade e processamento, aplica filtros dos mais variados em todos componentes do amor, levando em conta, inclusive, genética, tipo morfológico, memória, inteligência, conexões neuronais (o CISCAS – Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser) e é capaz, inclusive, de decodificar na intimidade do ser, traumas de infância, conflitos, carências e etc.

Pena que ainda não está à venda... Aliás, nem foi inventado, digo, fabricado.

De posse desse aparelho classificamos os diferentes relacionamentos que envolvem o amor em níveis hierárquicos. É evidente que, por não termos a perfeição desse aparelho, talvez, não possamos evitar alguns erros no que vou colocar a seguir, no entanto, acredito que o exercício do raciocínio que se segue apresenta valor significativo e, parece-me, consolida o conceito de níveis (evolutivos) de amor.

Amor a coisas

“Eu amo meu carro”; “eu amo meu computador”; “eu amo minha casa de campo”. Pensamos não existir este nível de amor, pois que existe um egoísmo absoluto no sentido de que “é tudo para mim”, e mesmo que encontremos o cuidar (um componente do amor) tem apenas a intenção de manutenção para não perdermos as vantagens e os proveitos daqueles objetos.

1 - Amor à natureza - AN ou Amor de 1ª grau

A - Inanimados: a lua, os astros, o mar... - seria um amor contemplativo? Ou apenas um encantamento e fascínio? Acreditamos que a condição de amor que pode existir nesta situação, estaria relacionada diretamente com, por exemplo, visualizar na lua a magnífica atuação do criador, isto é, do Ente Perfeito Superior, Infinito e Eterno. Então, não amamos a lua, mas sim quem nela está representado.

B - Vegetal: se ele está regando uma plantinha todo dia está, dando a ela alimento, está cuidando, protegendo, controlando as condições necessárias para melhorar possibilidades de crescimento, de desenvolvimento, de vida e de frutos. Se ele “conversa” com ela, parece que passa uma energia real, irradiada, dele para ela, cuidando dela com carinho, adubando a terra, se preocupando com a água. Um jardineiro que realize apenas as funções básicas, unicamente como obrigação, sem afeição alguma pela planta, obviamente fará com que essa plantinha não tenha o mesmo desenvolvimento do que no exemplo anterior. Aqui visualizamos um nível de amor; existe uma doação e uma entrega, uma receptividade e, acreditamos, até, num duplo fluxo.

C - Animal: agora prefiro começar pelo exemplo, o cachorro. É incrível o número de exemplos que vemos nos jornais com muita frequência onde o cachorro exterioriza sentimentos e valores nobres. Então, é aquele cachorro que acompanhou um mendigo ao hospital e ficou esperando por ele quarenta dias na entrada do nosocômio, apesar de ser enxotado várias vezes. É aquele cachorro que defendeu uma criança mesmo sendo um pequeno vira-lata de rua, do agressor, um “Rotweiler”, avantajado. É aquele abanar de rabo demonstrando a alegria pelo seu “pai ou o amigo” que acabou de chegar. É você sentar, deprimido, sozinho, no fundo do quintal, e ele se aproximar, lamber sua mão, sentir sua tristeza e, simplesmente, ficar a seu lado. É você bater nele porque estragou seu jardim e alguns minutos depois, sem rancor, ele se apresentar “pedindo” desculpas ou mostrando a alegria e o desejo de estar a seu lado, com uma gratuidade exuberante. Sim, com os animais temos um nível de amor mais elevado do que nos níveis anteriores.

Estou focando minhas observações no amor do homem em relação ao seu meio, isto é, à natureza, entre seus semelhantes e a um Ente Perfeito Superior, Infinito e Eterno. Não temos nenhuma intenção de abordar o amor que possa existir entre um casal de pombas ou a leoa e seu filhote, por exemplo. Consideramos, também, que a partir do amor-próprio que vem a seguir, poderemos fazer uma análise mais minuciosa avaliando o desempenho de cada componente (um a um) do amor nos seus vários níveis. Talvez isso ocorra num futuro próximo, mas exigiria mais tempo do que dispomos no momento. Queremos dizer com isso, por exemplo, que no amor entre dois amigos ou duas amigas - amor de amizade - a sexualidade não é um componente regular dessa relação, e

assim, outros componentes seriam detalhadamente confrontados.

2 - Amor-próprio - APP ou Amor de 2ª grau

Alguns autores colocam que o amor que temos por nós próprios é a medida do amor que podemos ter por nossos próximos; quanto mais você se amar, maior será o amor disponível para o seu semelhante.

O jogo de palavras que envolve, polemicamente, o entendimento do que está sendo dito é muito maior do que se supõe. Entendemos que não podemos amar o próximo menos do que a nós próprios e que, o essencial é que, ativamente, façamos a ele o que desejamos que façam a nós e, em hipótese alguma, façamos a ele o que não desejamos que façam a nós.

Acredito que podemos e devemos amar muito mais ao próximo do que a nós mesmos e nisso temos um exemplo de uma boa mãe: ela ama tanto o filho que esquece de si própria, renuncia a si própria, se sacrifica pelo bem do filho, até mesmo entendendo e aceitando que, se for necessário para a felicidade dele, ele viva longe dela, com contatos esporádicos, mas sempre dentro do seu afeto (sem apartar-se no coração).

Não é simples a análise do amor-próprio porque ele contém uma relação estreita e íntima com a auto-estima e, dependendo do nível de maturidade da pessoa, o conflito entre esses dois gigantes pode levar ao desequilíbrio.

3 - Amor entre o homem e a mulher - AHM ou Amor de 3ª grau

A paixão, já descrita em capítulo anterior, pode ser considerada, a meu ver, como uma das formas primordiais (e primitivas) de amor que pode se desenvolver ou não, uma vez que é composta de sentimentos inquietos, indefinidos e tempestuosos, mas carrega consigo sementes de componentes do amor.

Uma boa parte das deduções que apresentei neste livro é consequência dos questionamentos ao amor de mãe (o que uma boa mãe faria nesta situação? Perdoaria? Superariam? Etc.) para, por comparação, nas respostas correspondentes, aplicarem soluções para os outros relacionamentos e, também, na relação entre o homem e a mulher porque, neste último caso, por nossas próprias experiências e vivências temos, na própria carne, exemplos e algumas respostas. É um amor que pode ser mais “palpável” pela maioria da população e, portanto, permitir maior compreensão de seus desdobramentos. Não vejo necessidade de repetir

uma série de coisas já descritas em capítulos anteriores ou que se hão de suceder, mas apenas de realçar que o amor entre o homem e a mulher sofre a ação de inúmeras variáveis, é um amor frágil, freqüentemente envolvido por egoísmo, orgulho, vaidade e até mesmo, competição e inveja.

Apesar de todas essas complicações, quando amadurece e atinge níveis mais elevados, representa um dos níveis de amor mais poético - romântico, encantador, fascinante e envolvente que podemos experimentar.

4 - Amor entre amigos – A (*) A (*) ou Amor de 4ª grau

A - Amor entre um amigo (homem) e uma amiga (mulher) - AHAM

Entendemos como possível uma amizade idêntica a do caso abaixo, no entanto, é muito comum que a sexualidade tenha alguma interferência na relação. Nas oportunidades que tivemos para observar este tipo de amor de amizade, com freqüência, notamos que em um dos dois, ou ele ou ela, existe, bem lá no fundinho de sua mente, a esperança de mudar a relação para um amor homem-mulher. Há situações onde ele e ela são profissionais, por exemplo: músicos e, submetidos às pressões das apresentações, das viagens, dos seus conflitos e carências interiores, acabam desaguando em uma relação sexual que, mesmo com afeto (de amigos), não atinge o grau de consumação do amor no sexo, mas, apenas se apresenta como alívio de tensão, até algo parecido como os dois sentarem-se à mesa em um restaurante para a refeição.

É interessante salientar que esse nível de amor, quando se estabelece em seu grau mais elevado (sem sexo, com características de seus componentes mais nobres – solidariedade, cuidar, etc.) atinge um patamar de amor exemplar, admirável e produtivo.

B - Amor entre uma mulher a outra mulher - (AMAM) ou entre um homem a outro homem - (AHAM)

O verdadeiro amor de amizade é de um nível mais elevado do que o amor entre um homem e uma mulher porque ele é menos egoísta e faz menos exigências entre um e outro.

O desejo permanente de ver o outro feliz e a solidariedade, são componentes exuberantes nesta relação. Um grande amigo é capaz de dar a vida pelo outro amigo e isto tem um significado essencial na relação, que situa a valorização das ações, da vida de cada um, da doação possível e no juízo de valores (“meu amigo é mais importante que minha vida”).

Alguns componentes como transparência, confiança, perdão, aceitação, responsabilidade, admiração e atração estariam exacerbados e enquanto outros estariam ausentes ou diminuídos.

É interessante observar que podemos graduar dentro do amor de amigos, que o amor entre duas mulheres, normalmente, tem um nível inferior ao amor de um amigo homem e de uma amiga mulher, que também é inferior ao amor amigo que dois homens têm entre si. Consideramos fundamental fazer a ressalva que nesta análise de amor de amizade estamos admitindo, única e exclusivamente, a relação de amizade e excluindo, claramente, qualquer outro tipo de conotação que pudesse supor um vínculo legal ou ilegal (jurídico), desses que a sociedade tem como extremamente polêmico.

5 - Amor fraterno - AF ou Amor de 5º grau

Tem muita semelhança com amor de amizade, mas, via de regra, tem uma intensidade mais profunda nos componentes, tais como: a aceitação, a amizade, responsabilidade com cumplicidade responsável, confiança, transparência, cuidar e o Componente Emocional Distinto (CED). Podemos dizer que o amor fraterno é um amor de amizade que, geralmente, por ter percorrido mais caminhos comuns, com maior tempo de convivência, permitiu uma intimidade maior entre os irmãos fazendo com que eles se conhecessem melhor. Também não é difícil supor que muitos amores de amizade são idênticos a amores fraternos, isto é, atingem esse nível.

6 - Amor paterno - APt ou Amor de 6º grau

Aqui temos o exemplo típico do amor condicional, já comentado anteriormente.

7 - Amor materno - AMt ou Amor de 7º grau

Ao falarmos de amor materno, consideramos uma boa mãe, segundo Elizabeth Badinter (ref 8, pág.308-314), e não uma mãe desnaturada. Há opiniões que consideram que o amor materno não é inato na mulher (ref. 8, Tema Central), e sim, culturalmente introduzido. Eu entendo de forma diferente, acredito que a ausência do amor materno é fruto da sociedade e da cultura, violentando a mulher e distorcendo o que lhe é natural.

De qualquer modo, o que nos interessa, em essência, é registrar que quando existe amor materno, na boa mãe, ele é rico nas características de seus componentes e é incondicional, além de outros aspectos que vamos abaixo considerar.

Existem inúmeros fatores que se agregam ao amor materno:

- O próprio pensamento da mãe que vê na criança um ser indefeso e puro e pensa assim: “eu posso me dar inteiramente para ela, pois ela não me agredirá”, então baixa todos escudos e se entrega intensamente.

- A ânsia de ser importante, que faz parte de todo ser humano e a mãe pensa desta forma: “eu sou muito importante para esta criança que precisa de alguém para comer, para vestir, para o carinho. Ela precisa de quem cuide dela e a única pessoa que pode fazer isso sou eu”. Há mulheres que mudam totalmente depois do nascimento do filho, dando novo sentido e significado para suas vidas. Elas, por vezes, passam a assumir responsabilidades que não assumiam antes e se sentem valorizadas por alguém que a conquista desde o ventre, é frágil e dependente. E quando sorri ou chora toma conta dela e a monopoliza.

- “Ela é um pedaço de mim. Vejam como essa criança é linda (“fui eu que fiz”)”. Sim, toda criança é maravilhosa com as muitas coisas que ela contém, por tudo que ela significa e por representar, também, esse maravilhoso poder do homem de procriar. Dar à luz um filho, ver uma criança nascer é, sem dúvida, um momento transcendental e, ao mesmo tempo, um portal entre duas dimensões; ultrapassa o limite do material e do palpável para beirar o místico e o misterioso. Mas, sejamos sensatos, cerca de noventa e cinco por cento ou mais dos bebês recém-nascidos são muito feios fisicamente e temos que nos curvar e agradecer à natureza porque só aquela mãe acha que aquele bebê é a criança mais linda do mundo: “olha, não é linda?” (ainda bem que a mãe vê essa beleza toda na criança, se não, seria terrível, não é?).

- Com frequência encontramos na mãe o predomínio exagerado do sentimento sobre a razão a ponto de muitas vezes perdoar e, até mesmo, “alimentar” indiretamente um filho viciado em drogas que a magoa e a rouba indefinidamente.

- Via de regra, a mãe mantém uma parcela de egoísmo em seu amor, por exemplo: ela disputa com o pai o amor dos filhos, veladamente. Ela quer que os filhos amem bastante seu pai, mas acima disso, quer que ela seja muito mais amada que ele. Costumam ter segredinhos com seus filhos não os compartilhado com o pai.

- No fundo, algumas mães desejariam que as crianças não saíssem, jamais, de baixo de suas asas e que, também, não crescessem nunca, que ficassem sempre dependentes do seu carinho, abraçadas no seu amor eternamente.

- O filho é alguém que tem sempre um vínculo muito grande de amor com a mãe, por todos os motivos: ela o acariciou e o alimentou, cuidou dele e cuidará a vida toda. Ele conviveu muito mais com a mãe do que com o pai, e este sempre foi mais rígido, cobrando e castigando. A mãe tem um vínculo diferente de amor com o filho, pois que esse amor é de doação e entrega plena a partir de uma imensa espontaneidade, ao passo que o amor da esposa para o marido acaba exigindo a execução de deveres, responsabilidades e obrigações. Para a boa mãe isso jamais ocorre em relação ao amor a seu filho.

- No amor entre um homem e uma mulher, a elevação do nível desse amor acaba levando a uma fusão: apesar de dois serão um. No amor de mãe pelo seu filho eles sempre serão dois. Amar pressupõe não apartar-se, no entanto, como a mãe, um dia, acaba entendendo e admitindo que o filho precisa casar, viajar ou sair do ninho, para ser feliz, então, o amor dela cresce renunciando à presença física do filho, pela felicidade dele, mas em seu coração ela se preocupará com ele, sempre desejando o seu bem e sua felicidade até o fim da vida dela.

Considero o amor de mãe, pela sua infinita doação, admiração, atração, autodeterminação, Componente Emocional Distinto CED, respeito, cuidar, pela renúncia, caridade, transparência, confiança, afetividade, tolerância, aceitação, amizade e responsabilidade, um dos maiores níveis de amor que existe e é por isso que o citei várias vezes em certas comparações.

Não vou me alongar demais nisto, mas apenas para exemplificar, vamos imaginar um homem (não machista e já evoluído) que foi traído por sua esposa e que a ama. Perguntamos: “se ele a ama, e ela deseja a reconciliação, deve perdoá-la?” Agora comparamos: “o que uma boa mãe perdoa de um filho e o que ela não perdoa?” Ora, uma mãe perdoa tudo, mesmo ficando magoada. Então, quem ama perdoa e perdoa inúmeras vezes!!! Se ele a ama, verdadeiramente, deve perdoá-la. E assim inúmeras respostas podem ser obtidas a respeito do amor entre o homem e a mulher comparando-o com amor de mãe.

8 - Amor ao próximo - APx ou Amor de 8ª grau

Próximo é primeiramente os que convivem conosco e, assim como numa “cebola”, circuncentricamente, vamos acrescentando outros próximos...

No verdadeiro amor ao próximo se tem o desejo de ser útil, ajudar, doar-se. Ele é perspicaz para compreender as necessidades do outro; sente a dor alheia como se fosse em si; não dá importância à miséria de outrem ao perdoar, misericordiosamente, o próximo, ignorando a sua humilhação para encorajá-lo a levantar-se; não se importa e, muitas vezes, faz questão de ser o primeiro a procurar o entendimento para fazer as pazes, e tudo isso como se fosse obrigação e dever procurar a paz e não com o intuito de exibir-se.

Quando amamos pessoas com as quais temos qualquer tipo de vínculo afetivo: o amigo, o irmão, a mãe, etc. ou simplesmente um cliente no qual, profissionalmente atuamos, mas com um vínculo (exemplo: um médico e um doente que vem sendo acompanhado em sua patologia há anos, os quais se conhecem pelo nome), existe uma relação “naturalmente impulsionada”.

Queremos lembrar que considero gostar como um vínculo afetivo, mesmo que ténue (“eu gosto daquele médico”).

Quando nos decidimos a “amar” uma pessoa pela qual não temos empatia, isto é, seja neutra em nossa afetividade, ou quando temos por ela antipatia, então, se insistirmos em proceder, sinceramente, com a mesma determinação com que tratamos o amigo, o irmão, a mãe, etc., entendendo que todas as pessoas têm qualidades e defeitos, que, humildemente, podemos receber conselhos de todos, podemos aprender de todos, podemos ver predominantemente qualidades em cada ser e até mesmo imitá-las, incorporando ao próprio ser uma iniciativa perene de aproximação, a todos os indivíduos, então, nosso amor ao próximo estará em outro nível, mais maduro e elevado.

Atração, admiração, simpatia, empatia, antipatia, aversão, rejeição, repulsa, ciúme e tudo o que sentimos pelo próximo deve ser tratado do mesmo modo: com boa vontade, compreensão e tolerância; porque a minha mãe e a dele (oponente) também vão encontrar esses mesmos problemas no tratamento com outras pessoas. Esses mesmos sentimentos, citados há pouco, apresentados por alguns dos nossos semelhantes, também são vivenciados por nós e por nossas mães, irmãos, esposa, amigos, e assim uns pelos outros.

Ora, se não entendermos que todos nós temos nossas deficiências e defeitos, fraquezas e fragilidades, não nos esforçarmos para superar esses problemas, a cada dia aumentaremos, ao nosso redor, o rancor e diminuiremos a paz. Fundamental é, no entanto, que essa postura de compreensão, perdão, e tolerância com o próximo seja acompanhada de um sentimento humilde, sincero, puro, honesto e humanitário capaz de exercer verdadeiramente o amor ao próximo e não pode, em hipótese alguma, ser apenas uma maneira de conseguir lucrar com a simpatia e a consideração dos que nos rodeiam, deixando-nos enleados e comprometidos com o “respeito humano” (em respeito a um chefe ou a um grupo, fazemos “média”).

Cabe aqui um adendo conceitual: **política**.

Dicionário Aurélio (ref. 6)

“[F. subst. de político.]S. f.

1. *Ciência dos fenômenos referentes ao Estado; ciência política.*
2. *Sistema de regras respeitantes à direção dos negócios públicos.*
3. *Arte de bem governar os povos.*
4. *Conjunto de objetivos que enformam determinado programa de ação governamental e condicionam a sua execução.*
5. *Princípio doutrinário que caracteriza a estrutura constitucional do Estado.*
6. *Posição ideológica a respeito dos fins do Estado.*
7. *Atividade exercida na disputa dos cargos de governo ou no proselitismo partidário.*
8. *Habilidade no trato das relações humanas, com vista à obtenção dos resultados desejados.*
9. *P. ext. Civilidade, cortesia.*
10. *Fig. Astúcia, ardil, artifício, esperteza”*

Estou considerando política como “a arte do entendimento em prol do bem comum” (definição minha), no entanto política é a esperteza e a habilidade em usar a barganha para sair levando vantagem pessoal”.

Acrescento este texto aqui, porque no amor ao próximo é fundamental que não se faça política, mormente quando alguns, a meu ver, erroneamente, usam o termo de forma generalizada com este pensamento incluso: “tudo é política” (na maior parte das vezes estão

pensando em estratégias), o que, aliás, os dicionários propiciam.

No verdadeiro amor, de altíssimo nível tudo é “sim, sim; não, não”. Existe o que deve ser feito (o certo, a verdade, com retidão – moral, ética...) e é inegociável. No amor o que é relevante, é imexível; pode ser perdoado, tolerado, mas nunca negociado.

9 - Amor comunitário - AC ou Amor de 9ª grau

É um amor unidirecional em sua essência.

É significativo considerar estas observações, Felice Leonardo Busacaglia (ref.10, pág. 131 e 162):

“Outros sentem que qualquer coisa menor que o amor a todos os homens sinceramente não é amor. Dizem que quem não ama todos os homens sinceramente não pode sequer amar uma única pessoa profundamente, já que todos os homens são um. Amar a todos os homens é o mesmo que amar a cada um.”; “deve esforçar-se para amar todos os homens mesmo que não seja amado por eles. Não se ama para ser amado; ama-se para amar.”

É mais fácil exemplificar do que discorrer sobre este nível de amor: Mahatma Gandhi, madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier são exemplos de pessoas que se doaram incrivelmente à comunidade esquecendo de si próprios (aqui lembramos o que foi dito acima sobre o amor-próprio), vivendo a própria pobreza e o amor ao próximo com doação infinita. É impossível não destacar que a intensidade da caridade, então, atinge um nível tão elevado que quase se equipara ao amor no todo e, que demais componentes do amor, passam a ter menor significado diante dessa grandiosidade. Doar-se para uma comunidade querendo a felicidade dessa comunidade, abandonando as próprias necessidades, lutando incansavelmente para diminuir o sofrimento do próximo dentro das próprias limitações físicas, econômicas, sociais, políticas e etc., dimensiona este amor, no nosso entendimento, abaixo apenas dos próximos níveis de amor.

O amor comunitário e o amor ao próximo podem se equivaler ao terem proximidade quantitativa.

10 - Amor do homem a um Ente Perfeito, Superior, Infinito e Eterno - AH-E ou Amor de 10ª grau

- 1-Busca a ajuda do Epsie para aperfeiçoar-se;
- 2-Reconhece a soberania, a grandiosidade e a unicidade do Epsie e procura agradar-lhe;
- 3-Oferece-lhe momentos agradáveis e desagradáveis da própria existência, dedicando-se integralmente e, até, anulando-se em seus desejos pessoais para a glória do Epsie;
- 4-Obediência plena. Oferece todo o infortúnio com alegria como sacrifício ao Epsie;
- 5-Oferece tudo de si: dons, energia, trabalhos, esperanças, sofrimentos e amor, incansavelmente, no intuito de alcançar a maior proximidade e intimidade com o “amigo” (Epsie).

11 - Amor de um Ente Perfeito, Superior, Infinito e Eterno para o homem - AE-H ou Amor de 11ª grau

Lembrando que este é um amor condicional e que o Epsie tanto mais ama a quem mais lhe faz a vontade (portanto, ao final, não ama a todos por igual).

- 1- Disposição permanente para ajudar e aliviar seus esforços;
- 2- Complacente e benevolente;
- 3- Magnânimo, indulgente, bondoso, misericordioso e tolerante.

Quando falamos de níveis de amor temos que lembrar que no “amorímetro” existe um potenciômetro para regular as medidas de exigências e concessões. Uma das maneiras mais simples de se saber quanto se ama alguém é fazer uma lista, na ponta do lápis, com duas colunas - uma de exigências e outra de concessões. Quanto maior a quantidade de itens e a intensidade desses na lista de exigências, em comparação com a de concessões (doar-se), menor é o amor (comentamos esse fundamento no “Prólogo”). Então, voltemos ao amor de mãe: a mãe faz infinitas concessões ao filho e quanto mais amá-lo, verdadeiramente, menos exigências estarão nessa coluna ou ela estará, até mesmo, praticamente vazia (exceto o apartar-se e a felicidade do filho). Quanto maior a lista de exigências maior é o egoísmo, que é o verdadeiro anti-amor, associado ao orgulho.

Um nível elevadíssimo de amor, suponho, ocorreria num fluxo e refluxo bilateral entre dois seres de evolução espiritual (satisfatória à máxima), de modo que a fidelidade ao bem, envolvendo a responsabilidade, fosse tal que cada um atingisse uma firmeza de decisões

que os impossibilitasse de descumprir preceitos essenciais e fundamentais da verdade e de valores nobres. Nessa situação o amor incondicional se igualaria ao amor por mérito. Ninguém imporá condições para amar (como o amor paterno) ou amaria apenas por ser filho (sem se importar com o cumprir regras - amor materno). Em outras palavras, estamos imaginando que o amor mais perfeito de pai somado ao amor mais perfeito de mãe, sendo “recirculado” com o filho, o qual, por sua vez, seria incapaz de pensamentos, palavras e ações más (a ponto de não precisar de condições por amar pai e mãe plenamente) e, portanto, um amor perfeito de filho para pais, alcançaria um dos mais altos níveis de amor.

12 - A-UNI (UNIVERSAL) ou Amor de 12º grau

Para encerrar, imaginemos qual seria o maior nível de amor que poderia existir no universo (com um conto de ficção):

A situação hipotética é a seguinte: estamos em guerra e o povo do planeta Nataz está preparando um ataque ao povo do planeta Mèb-Od que está incomunicável por bloqueio de ondas de telecomunicações. O Comandante Interestelar das Forças Aliadas - CIFA tem um carinho todo especial pelo planeta Mèb-Od. Seu único filho está nas proximidades desse planeta, voltando de uma missão solitária a bordo da nave Susyrk SeJot (nave extremamente veloz para um único tripulante) com combustível limítrofe.

Há uma chance boa de seu filho salvar sete bilhões de pessoas e, também, é possível que o mesmo venha a morrer nessa missão. Por amor ao povo ele dá ordem ao seu filho único. Seu filho salva o povo e sofre o transpassamento...

Entregar seu único filho amado para salvar bilhões de pessoas, por amor ao povo, para dar uma outra oportunidade para esse mesmo povo, nos parece o maior nível de amor que possa existir...

— — —

Não confunda felicidade com ter prazer, satisfação, alegria, fortuna, prosperidade, euforia, sucesso, sorte, contentamento, bem-estar ou com a sensação de realização. São estados agradáveis da alma próximos da sensação de felicidade, mas esta, verdadeiramente, necessita do amor: você pode amar sem ser feliz, mas não pode ser feliz sem amar.

— — —

— — —

Se você gosta de mim procure fazer o que eu gosto: quem quer conquistar o meu amor procure me agradar; simples, não?

— — —

Seria este o seu juízo de valores: Espie, amor, saúde, família, sucesso, poder, dinheiro, prazer...?

Se o Brasil, também entraria na tua lista?

— — —

A inteligência de quem não acredita em um Espie é restrita, por que o orgulho a escraviza.

— — —

CAPÍTULO TRINTA E UM

TENDE A

A idéia deste capítulo é tentar tornar mais nítido na nossa mente a importância de cada componente do amor, e a idéia baseou-se na matemática: lembro-me que em algumas situações a matemática faz exercícios tentando levar um raciocínio ao infinito ou a zero.

Vou fazer um esforço tentando aplicar o “tende a” em cada componente do amor e, então, poderemos tirar algumas conclusões interessantes. Acredito que este exercício possa atingir uma profundidade maior nas próximas edições.

A admiração e a atração

Tende ao infinito - pode se transformar em adoração.

Tende a zero - acabou o amor.

A escolha

Se a escolha está consolidada não há o que comentar, se, no entanto, a escolha está ocorrendo e amadurecendo durante o amor tendendo ao infinito, se consolida; se tender a zero, transformará todas as ações, no mínimo, em forçadas e, talvez, em ações falsas e hipócritas.

A autodeterminação

Tende ao infinito - quanto maior a autodeterminação maior é a boa vontade em trabalhar por tudo no amor, consertar os erros, aprimorar e

enriquecer os momentos bons, valorizar e incrementar os objetivos desse amor.

Tende a zero - sobrevém a inércia, a apatia, a omissão e a má vontade.

O Componente Emocional Distinto – CED

Tende ao infinito - existe um limite para o crescimento deste componente. Considero importante que ele esteja presente, mas atingindo um determinado nível ele estaciona ou oscila pouco.

Tende a zero - imaginar a ausência de qualquer emoção, diante de alguém a quem se ama, faz supor uma frieza que depreciará o amor.

A sexualidade

Tende ao infinito - uma luta permanente do homem em relação a seus instintos determina que ele domine e não seja dominado. Quando a sexualidade toma conta de uma pessoa ou de um casal a seqüência será no rumo de uma autodestruição. É inevitável. Isto não ocorre apenas na sexualidade, mas também em outros tipos de prazer que afetam diretamente a carne ou a fragilidade do ser humano como, por exemplo, a gula, o orgulho, a ganância pelo poder ou pelos bens materiais e etc.

Tende a zero - não afeta o amor se ele tiver um nível elevado de maturidade. É preciso lembrar que não estamos falando apenas no amor entre um homem e uma mulher e que libertar-se da carne leva o espírito à transcendência. Num outro trecho deste livro, comentamos a respeito de um senhor e uma senhora de idade, beirando os oitenta anos, que passeavam se arrastando em seus corpos à beira da praia, no crepúsculo, como dois namoradinhos que acabaram de descobrir o mundo. O amor transbordava em seus gestos e nas suas palavras: qual a sexualidade que existe nesse casal de idosos?

O respeito

Estamos incluindo aqui, neste item, a compreensão e a paciência.

Tende ao infinito - é extremamente positivo, o amor só tem a crescer e a amadurecer.

Tende a zero - acabou o amor. Se não houver um mínimo de bom senso pode gerar a desgraça por exacerbar a miséria da natureza humana.

O cuidar

Tende ao infinito - o amor só tem a crescer. É preciso um pequeno

cuidado com o exagero para não ultrapassar os limites da própria natureza do objeto amado. Se regarmos uma planta e adubarmos o seu leito precisaremos ter o cuidado de não afogá-la em água demais ou de alterar as condições físico-químicas, acidez e etc., da terra a ponto de prejudicar a planta.

Tende a zero - o amor morre. Destacamos que existem inúmeras formas de cuidar, uma delas inclui o diálogo franco, puro, honesto, íntimo e o mais freqüente possível.

A renúncia

Tende ao infinito - quanto mais renunciamos a outras coisas em benefício do amor, maior é o valor deste componente. Não é possível amar sem renunciar a alguma coisa. Não é possível amar sem se entregar. Quanto maior a renúncia, maior é a entrega, maior é a doação e mais, e mais o amor crescerá.

Tende a zero - vai destruir o amor por dividi-lo. Se não renunciamos a alguma coisa em benefício do amor, começamos a nos dedicar mais e mais à coisa que não renunciamos e isso acaba levando a uma espécie de concorrência, daí a divisão.

A transparência

Tende ao infinito - o maior nível de amor pressupõe o maior nível de transparência. Ela pode ser progressiva, pode, até, ser lentamente progressiva, mas ela só enriquece o amor. O cuidado que existe aqui, neste componente, está relacionado com a maturidade das pessoas envolvidas para poder entenderem o valor da transparência, o que pode determinar momentos mais oportunos ou menos, na sua graduação sucessiva.

Tende a zero - a distância entre as pessoas que se amam tende a aumentar, surge uma parede entre elas que com o tempo poderá ser intransponível e o amor morre.

A confiança

Tende ao infinito - diretamente proporcional: aumenta a confiança, aumenta o amor. A confiança é um tipo de fé que temos no outro.

Tende a zero - sem confiança o amor e a convivência se tornam impossíveis.

A afetividade

Tende ao infinito - a afetividade tem em sua tradução uma parte ligada às emoções e sentimentos, e outra parte ligada ao carinho, com ou sem toque, em sua manifestação. Qualquer que seja o modo de encararmos a questão, aumentar a afetividade significa aumentar a sintonia e os laços de intimidade com quem se ama, pôr dividir seus sentimentos mais profundos.

Tende a zero - há uma inclinação para aumentar a distância entre as pessoas, a relação começa a ficar mais fria e adversa.

O perdão

Incluimos aqui a tolerância

Tende ao infinito - aumenta a compreensão e o amor. Cada etapa vencida, cada erro perdoado significa um degrau acima na escalada da maturidade do nível do amor.

Tende a zero - o amor decresce rapidamente, o rancor começa a corroer a relação até destruí-la.

A aceitação

Tende ao infinito - uma das maiores grandezas do ser humano é justamente ser pequeno porque aí é que ele exercita as suas maiores virtudes e qualidades, então, aceitar os defeitos e as fragilidades do outro significa amar mais.

Tende a zero - desentendimentos e discórdias que acabam sendo insuperáveis, prejudicando cegamente a relação.

O apego

Este componente do amor tem uma necessidade incrível de uma auto-regulação através do bom senso.

Tende ao infinito - se ele cresce muito acaba gerando um ciúme doentio e, portanto, prejudicando o amor.

Tende a zero - pode acabar dando a impressão de desprezo, vai depender muito do nível de maturidade da relação amorosa e, também, da evolução espiritual de cada um.

A responsabilidade

Tende ao infinito - no mais alto grau gera uma situação que na maioria das relações humanas é utópica: a atenção minuciosa com o outro

faz com que cada um dê ao outro o que outro necessita, espontaneamente. Os dois têm tudo sem pedir nada um ao outro porque cada um tem uma preocupação muito grande em sentir as carências e as necessidades do outro, realizando esforços permanentes para supri-las.

Tende a zero - gera abandono, distanciamento e destruição do amor.

A paixão

Tende ao infinito - como é uma das formas de começar o amor e é também uma fase transitória, é preciso que se tenha consciência de que levá-la a níveis muito elevados significa perder o controle total do racional com o risco de tragédias.

Tende a zero - muitos níveis de amor não passam pela paixão, ela não é necessária para o amor, mesmo que de forma comedida e controlada possa dar um tempero agradável para a relação. Se entendermos a paixão apenas como um encantamento, então, é melhor que ela nunca caia a zero sem também nunca ser exagerada.

O ideal comum

É extremamente simples saber que o que une, por exemplo, um homem a uma mulher é o ideal comum, uma vez que se tiverem ideais diferentes, um para a direita e outro para a esquerda, existirá uma tendência para a separação, para caminhos diferentes. Neste caso é fundamental o que se faz junto, que é diferente de lado a lado, pois que, lado a lado pode ser um caminhar paralelo e muito distante, junto é sempre mais próximo e, se o ideal é comum, é confluyente. Acreditamos que isto seja assim em qualquer nível de amor. Nos níveis de amor mais elevados o ideal comum passa a ser a felicidade plena do outro.

Tende ao infinito - aumenta o amor.

Tende a zero - esvazia a relação.

A entrega

Tende ao infinito – quanto maior é a entrega maior é, também, o nível de amor que se atinge. O ponto crítico da entrega está ligado ao fato de que dificilmente, no amor HM, os dois terão, ao mesmo tempo, o mesmo grau de intensidade e profundidade na entrega. Já, em níveis mais elevados de amor, como o amor comunitário, a entrega depende de um líder que se doa muitíssimo a essa comunidade, mesmo que a comunidade não lhe restitua o fluxo amoroso.

Tende a zero – sem a entrega não há envolvimento, nem renúncia, nem doação, destruindo a relação e a construção do “Templo do Amor”.

A convivência

Aqui entendo dois tipos de convivência: aquela que acaba sendo origem e semente do amor e aquela que durante o amor funciona como fator potencializador, estimulando o companheirismo, entendimento e outros. Através da convivência se exercita, também, o cuidar e podemos incluir contatos provenientes dos órgãos dos sentidos, até mesmo os verbais e físicos.

Tende ao infinito - o aumento progressivo deste componente leva a um dualismo antagônico e produtivo quando há um verdadeiro amor. Queremos dizer com isto que, inicialmente, exercitar a transparência dentro da convivência expõem as qualidades e os defeitos que ficarão mais perceptíveis e exuberantes, mas depois, existindo responsabilidade, respeito, compreensão e paciência, através do perdão, o amor crescerá.

Tende a zero - o amor tenderá a cair para um ponto semelhante à “hibernação”.

A liberdade

Tende ao infinito - a liberdade responsável e respeitosa irá tornar o amor mais espontâneo e permitir o crescimento individual e espiritual, aumentando a criatividade para exercitá-la em plenitude.

Tende a zero - a escravidão, a castração e a limitação imposta, bloquearão o crescimento e o desenvolvimento do amor a ponto de sufocá-lo.

A amizade

Tende ao infinito - aumento do amor.

Tende a zero - restringe o amor com inclinação para anulá-lo.

A caridade

Tende ao infinito - acabou atingindo uma dimensão semelhante a do amor pleno.

Tende a zero - se não existir caridade também não existe amor.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

APÊNDICE FILOSÓFICO

UM SONHO TRANSCENDENTAL, SEMI-CONSCIENTE.

Encontrava-me às escuras.

Caminhando sem rumo esperando por uma luz.

Ouvi uma voz de tom grave, a colocação firme, pausada, suave, era paternal.

Estava longe, parecia um sussurro.

Guiando-me pelo som, fui me aproximando e constatando que, de fato, aquela voz mantinha as características iniciais e era cada vez mais tranquilizadora e envolvente...

"Sei não", como diz uma parcela de nossa população, envolvente talvez não fosse suficiente para expressar a sensação que aquela voz me causava.

Comecei a vislumbrar alguma luz em meio à névoa disseminada e compacta. A voz continuava.

Chamava-me:

- “Francisco, venha”.

A luz tornava-se mais clara, progressivamente, e a cerração, esbranquiçada.

Não sentia meus pés, como que flutuava nas alvas nuvens, mas conseguia caminhar a passos lentos e firmes.

- “Meu filho, o que buscas?” - disse a voz.

- “Procuro a verdade.” - respondi – “Busco um caminho que me leve a ela”.

- “Venha, Francisco”.

Segui a voz.

Estranho. Sentia que me aproximava da voz, mas o volume de seu som não ficava mais alto e, ao mesmo tempo, me atingia mais intensamente.

Encontrei uma encruzilhada e a voz me guiou para esquerda, sua direita. Em posições variáveis, às vezes acima, outras abaixo, ora a direita, ora a esquerda surgiam imagens de luzes que se acendiam, de histórias da vida real como se eu estivesse atravessando o túnel do tempo nas nebulosas e, no meio da névoa, subitamente, surgisse como que uma tela de cinema tridimensional que mostrava o filme de uma história. Não era filme. Era real. Incrivelmente real!!!

Eu parava e assistia...

Em segundos via anos...

Uma “tela” mostrava a tristeza de uma família, cujo pai, médico cirurgião geral, teve quatro filhos, sendo que o segundo, um menino, nasceu como criança especial (mongol).

As lágrimas rolaram pela face da mãe e pelo coração do pai.

Diante da tristeza e do desespero que eu vi passar com os anos, dos conflitos internos e externos, sociais e intelectuais, naquela família, procurei a voz que me confortou:

- "Veja, Francisco, como age o amor"...

Quando a criança tinha perto de quarenta anos, o amor entre os membros da família e a criança, que mantinha a idade mental de dez, era enorme, pois, superaram dificuldades em momentos críticos, que só com o amadurecimento do amor poderiam fazê-lo.

Aquela criança os unira mais.

Adiante, em outra tela, se desenvolvia uma outra vida. Ele, um pai trabalhador e fanfarrão: mãe e filha em busca de um amor de pai mais presente... um derrame... uma paralisia abrangente...

Ele não falava, comunicava-se com os olhares. No leito, doze anos de afeto trocado entre filha e pai, mãe e pai, bem cuidado, com amor, até o último minuto...

- "Você viu, Francisco, como são estranhos os caminhos do amor"?
- disse a voz.

Parecia que o tempo havia parado. Encontrava-me absorto, fascinado pelo sentimento que da vida emanava.

Outra tela mostrou-me uma senhora com câncer depois de uma vida de lutas e sacrifícios.

Em um ano e meio casaria seu filho caçula. Só faltava ele.

Os anos foram se sucedendo rapidamente na tela. Mostraram que ela era uma mulher de coragem, íntegra; exercitava a verdade. Desejava ver seu filho casar, mas a doença a consumia rapidamente. Ela e o marido sabiam que o fim estava próximo.

Não se renderam aos comentários insanos dos que os rodeavam e diziam:

- "Procurem fulano, é milagreiro"; "tal coisa é castigo"; "tome está erva, é mágica", etc..

De cadeira de rodas, seu desejo foi atendido: presenciou o casamento do filho e descansou duas semanas após...

Durante tratamento médico convencional, espalhou a sua coragem, disseminou a sua fé, alegrou e levantou os desanimados, mostrou o poder da resignação, olhou e abraçou a morte de frente.

Enquanto meus olhos encharcados viam, meus ouvidos receberam outra mensagem:

- "Ela já cumpriu sua missão e já merecia um mundo melhor, Francisco".

Algumas telas mostravam conflitos de multidões, guerras, enchentes, etc. Por vezes os inocentes eram poupados nas entrelinhas da desgraça. Alguns eram "injustiçados", recebiam depois a compensação com juros.

Tudo era justo e perfeito, síncrono, não programado, mas pós-endereçado.

A escrita era sempre certa não importando quão tortas fossem as linhas.

Por estas telas eu assistia a verdade, a história real da verdade. Ao final de todo "filme" a voz destacava a lição que cada uma trazia.

Foram se sucedendo uma após outra:

- "Veja Francisco, os inocentes são penalizados e sobrepujados pelos avaros, gananciosos e poderosos, para que amanhã o julgamento possa ser feito e a justiça consumada"...

- "Era necessário que o homem fosse livre o suficiente para escolher

entre o bem e o mal e para que, também, pudesse ser premiado ou julgado”...

A voz continuava...

- “Os anos de sofrimento dos justos são menores do que bilionésimos de frações de segundo diante da eternidade”.

- “Cada um será julgado de acordo com o que recebeu e o que produziu; acima de tudo a caridade redimirá o homem”.

- “Os bens materiais, os títulos, as pompas nada valem, e a carne não passa de um peso transitório a ser transportado e domado até a purificação do espírito”.

- “É importante a presença do mal para que o bem possa vencer e sedimentar sua força de forma perene”.

- “Os valores reais, Francisco, não dependem da vontade de cada um, eles são e estão acima do homem”.

- “O prazer não é mais importante do que o próximo, nem a vaidade e a ambição constroem nada. Até a felicidade, nessa vida, que de fato, ao mesmo tempo, é um breve e longo teste, é efêmera, pois que só será plena depois, na outra vida; por isso, quanto mais você quiser menos feliz será. Não queira para você, mas para os outros”...

- “Dispa-se do orgulho, da prepotência, da inveja e busque a humildade, a servidão, a paz interna e externa. Exceda na prática do perdão, abusivamente”.

- “Arrebata a fortaleza e combata as fraquezas. Não arrefeça a guarda, permaneça vigilante e sê incansável na ânsia de viver o verdadeiro amor e seus frutos”.

Acordei angustiado. A voz ressoava entre meu corpo e minha alma.

Como é bom saber tudo isso.

O entendimento é necessário para evolução, para o crescimento; primeiro é preciso saber o que fazer para depois poder fazer.

Mas, como é difícil praticar a verdade: somos fracos.

Ainda bem que sois misericordioso e tolerante...

Obrigado Senhor...

TOLERÂNCIA E CONVÊNCIA

Começo tentando definir essas duas palavras: digamos que tolerância seja a capacidade elevada, amadurecida e racional de esperar que o tolerado corrija o seu erro na próxima vez, eleve o nível de suas ações ou sedimento, confirme e aprimore uma postura adequada para seus atos; já, convência, seria o apoio, a cumplicidade ou a omissão diante do erro do irmão.

Segundo o Dicionário Aurélio, tolerar é a tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem de um indivíduo para outro ou de grupos determinados, políticos ou religiosos; e conivente é o que finge não ver ou encobre o mal praticado por outrem, cúmplice.

Ora, em muitos fatos na vida o limite entre uma coisa e outra é exíguo, tão difícil de ser determinado que chegamos, até, a confundir os valores. Assim, poderíamos formular vários teoremas, tais como: o limite entre a perseverança e a teimosia, o amor e a paixão, o certo e o errado, a vitória e o fracasso e por aí adiante, levando-se em conta que, dependendo do ângulo que se analisa, os conceitos se confundem. Na verdade, filosoficamente, o assunto é muito profundo e não iremos, agora, discorrer sobre ele.

Toleramos o quê? Toleramos um cheiro que não nos agrada , toleramos um gesto ou uma ação que não nos agrada, toleramos um erro que nos agride. Tolerar é perdoar com confiança e esperança na correção do rumo. Tolerar é observar suavemente as ações que nos rodeiam, num grau maior, até mesmo, sem julgar, passivamente, não omissos, mas sim, expectante.

Um pai, mesmo sendo desagradado, tolera pacientemente o filho, esperando que ele se aperfeiçoe, que ele se corrija, que ele evolua, porque tanto o pai como a mãe, em seu amor, preferem ter o filho por perto do que tê-lo apartado. No convívio eles podem, se não hoje, amanhã, corrigir algum desvio de rota...

O pai procura ficar entre respeitar a liberdade do filho e transmitir sua sabedoria, tolerando a escolha do filho.

O Epsie perdoou Salomão, apesar de tê-lo advertido para não se aproximar das mulheres amonitas e outras estrangeiras que poderiam inclinar o seu coração para outros deuses. Mesmo Salomão tendo mais de setecentas mulheres, e com toda sabedoria que teve, e toda ajuda Superior que teve, ainda assim, procurou, ou não evitou, as mulheres estrangeiras e adorou outros deuses. O Epsie, mesmo assim perdoou-o e tolerou-o. Tolerou-o, inclusive, no transcorrer de seus erros, também, passivamente.

É impressionante: tolerar tem uma magnitude que transcende, pois se chega ao ponto de admitir a importância do erro para o crescimento do indivíduo, e assim o Epsie observou e permitiu que David matasse Ulias para ficar com sua mulher, Betsabá. E depois permitiu que dessa união nascesse Salomão.

O Epsie foi tolerante ou conivente?

SUTILEZA

O príncipe Charles de Windsor declara aos diplomatas argentinos que tem a esperança de que o povo da moderna e democrática Argentina, com sua paixão por conservar suas tradições nacionais, seja capaz, no futuro, de viver amigavelmente ao lado de outro povo democrático e moderno, embora menor, localizado a centenas de milhas desta costa e, também, apaixonado em conservar suas tradições.

Temos acima um exemplo de sutileza britânica a respeito das Malvinas.

Mas, o que é sutileza? O que é sutil?

No Dicionário Aurélio, lemos que sutileza é a qualidade de sutil, delicadeza, penetração de espírito; talento e dito com a finalidade de embaraçar outrem .

Já sutil é tênue, penetrante, muito miúdo; quase impalpável, feito com delicadeza, perspicaz, evasivo, nebuloso.

Temos que considerar que a linguagem falada é estritamente pobre para transmitir idéias e pensamentos e permite uma infinidade de falhas na comunicação causando mal-entendidos. Além deste fato, devemos considerar que a evolução do ser humano passa por etapas diversas e, portanto, o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, num dado momento, pode impedir que ele alcance um determinado conceito, isto é, o seu estado de evolução pode não ter atingido maturidade suficiente para enfrentar aqueles fatos ou aquela verdade, frente a frente.

As interpretações dos argumentos dos que ouvem é de nível variado e envolve desde o grau de inteligência, cultura, instrução, etc. até a proporção de malícia que suas almas projetam no que conseguem perceber. Adiciono, ainda, o juízo de valores que as partes opostas apresentam, que na maioria das vezes têm escalas que não se sobrepõem facilitando o conflito e impedindo o entendimento, tanto no sentido de consenso, quanto no sentido de compreender os fatos e idéias em suas realidades. Quem recebe as informações, com freqüência as adapta aos seus valores produzindo compreensão diversa de quem as geriu.

Por que utilizar a sutileza?

Porque as pessoas não estão prontas, geralmente, para ouvir informações, conceitos, notícias ou verdades desagradáveis de forma clara, direta e integral. Isto significa dizer que o controle mental, emocional e espiritual não atingiu um grau de aperfeiçoamento suficiente para que as pessoas dominem suas reações nas situações adversas citadas. Vale acrescentar que, muitas vezes, o ponto vulnerável está ligado à vaidade, ao orgulho e ao egoísmo.

A sutileza é também usada como parte de estratégias políticas ou em recursos de oratória com o objetivo de produzir condições para submeter as pessoas a determinações indesejáveis.

Podemos utilizar a sutileza através de gestos, da postura, pelo tom de voz, pelas palavras e por frases simples ou de duplo sentido. Esta última forma de sutileza pode utilizar mais de uma verdade, verdades parciais ou, até, lançar mão de mentiras. Um exemplo agressivo de postura aplicando a sutileza é a indiferença.

Não podemos deixar de citar as parábolas e pequenas histórias para tentar passar um juízo, pois elas contêm idéias paralelas e semelhantes e passam inclusive sentimentos esclarecedores.

Quando se pode encaixar a sutileza?

1 – Em condições que envolvem paixão e fanatismo, por exemplo: política, religião, esporte, etc.;

2 – Em situações de respeito, por exemplo: idade, cor, credo, etc.;

3 – Em comunicações extremamente desagradáveis, por exemplo: demissão, morte, etc.;

4 – Em diálogos onde se deseja demonstrar um outro ângulo da verdade em questão. Aqui é que algumas pessoas maliciosas manipulam a verdade com o objetivo de desviar o oponente em direção a outro alvo não pretendido por ele;

5 - Em discussões emaranhadas com polêmicas improdutivas que permanecem redundantes, então, recomenda-se, aqui, a sutileza com propriedade;

6 - Pode ser utilizada como desabafo puro e simples, afastando fofocas e intrigas;

7 - Na intenção de demonstrar certa preocupação sem desejar, no entanto, transmitir insegurança ou desconfiança;

8 - Para preservar a individualidade e intimidade das pessoas impedindo que exponham suas misérias;

9 - Na orientação de pessoas de mentalidade limitada para aquele meio cultural;

10 - Em situações onde alguns indivíduos desejam, insinuando levemente uma idéia lateral, trocar o assunto principal, evitando questionamentos;

11 - Permite repreender, desencorajar ou bloquear atitudes inadequadas, restringindo o amargor provocado;

12 - Transmite uma idéia sem dizê-la claramente ou insinuando-a;

Podemos simplificar estes pensamentos comentando aspectos produtivos e restritivos da qualidade do sutil:

A – Características produtivas da sutileza:

- É respeitosa;
- É uma maneira delicada de se dar uma notícia ruim;
- Procura evitar a mágoa;
- É um amortecedor, uma anestesia local antes do trauma.

Ameniza a dor;

• Evita o confronto criando um tempo para assimilação da informação desagradável facilitando a formação de portas e janelas de fuga;

• Cria condições para a abordagem de assuntos frágeis e divergentes;

- Permite controlar situações instáveis ou delicadas;

B – Características restritivas da sutileza:

- É superficial;
- Protela embates, mas não os resolve;
- Coloca, com freqüência, verdades distorcidas e parciais;
- É dúbia provocando, por vezes, entendimentos diversos do esperado;

- Favorece circunstâncias próximas à injustiça, pois, por não ser clara, limita as possibilidades de defesa;
- Bloqueia o aprimoramento de trocas e interações.;
- Mantém uma distância permanente e impenetrável;
- Às vezes, é mentirosa;
- Em maior ou menor grau pode estar enganando alguém;
- Impede o aprofundamento de uma relação; geralmente é improdutiva para o amor.

PEQUENEZ

Uma das maiores grandezas do ser humano é ser pequeno, porque sendo pequeno, ele pode ser:

Frágil, e exercitar a solidariedade;
Desnorteadado, e exercitar a recondução;
Leviano, e exercitar a ponderação;
Impudico, e exercitar a continência;
Carente, e exercitar a profusão;
Irascível, e exercitar a pacificação;
Desacautelado, e exercitar a prudência;
Irresoluto, e exercitar a fortaleza;
Voluntarioso, e exercitar o conselho;
Possessivo, e exercitar o desprendimento;
Desregrado, e exercitar a responsabilidade;
Enfermo, e exercitar a ciência;
Desprimoroso, e exercitar a arte;
Iníquo, e exercitar a justiça;
Malévolo, e exercitar a bondade;
Hostil, e exercitar a benquerença;
Inamistoso, e exercitar a amizade;
Cético, e exercitar a esperança;
Cismado, e exercitar a confiança;
Insipiente, e exercitar a sabedoria;
Descomedido, e exercitar a temperança;
Agnóstico, e exercitar o entendimento;
Falho, e exercitar a paciência;
Inclemente, e exercitar o perdão;
Recidivo, e exercitar a tolerância;
Cruel, e exercitar a piedade;
Orgulhoso, e exercitar a humildade;
Necessitado, e exercitar a caridade;
Desamorável, e exercitar o AMOR...
E, sabendo-se pequenos,
Pelo AMOR,
Tornarem, uns aos outros, maiores...

ORGULHO E HUMILDADE

O orgulho é um dos componentes do CISCAS (Componentes Inatos do Ser - Componentes Adquiridos do Ser) que nos coloca em situações das mais diversificadas, alterando os nossos sentimentos e reações em relação ao nosso estado de emotividade e espírito.

Existem duas formas predominantes de orgulho: a primeira forma de orgulho pode ser entendida como sendo o sentimento de superioridade que se manifesta com postura de altivez sobre si mesmo, com desprezo e humilhação ao próximo (consideramos aqui o sentido da soberba).

O orgulhoso tem por hábito repudiar o perdão, a conciliação e o arrependimento; considera inadmissível o reconhecimento da culpa, prejulga, condena e executa a pena no erro do outro sem dar chance de defesa, revida ostensiva ou sorrateiramente qualquer situação de contrariedade. É vingativo. Faz uso da pirraça como arma rotineira para inibir e submeter os que se atrevem a lhe enfrentar. Sentindo-se ferido em seu orgulho chega a ter explosões raivosas em defesa de seus “princípios irretocáveis”.

É, ao mesmo tempo, uma postura (ou uma carapaça) e um sentimento, que apresenta características malignas e malditas que vão se enraizando na alma tornando-a cada vez mais sórdida, arrogante, presunçosa, irreverente, maldosa, emproada, impiedosa e cruel... Esse espírito desce degrau por degrau e o desamor mais se intensifica e predomina nas suas atitudes.

Ao utilizarmos palavras como maligna ou maldita estamos tentando dar ênfase à sementeira que existe no orgulho para o mal, “porque ele é origem de todo o mal”. O orgulho gera pensamentos e atos que vão, inevitavelmente, gerar dor e sofrimento nas pessoas. Basta apenas traduzir o pensamento típico embutido ou abertamente expresso nas ações dos arrogantes: “quem ela pensa que é para falar assim comigo?”; “quando estou certo vou até o fim”; “ninguém pisa em mim”; “eu faço sempre melhor”; “eu vou sempre levar vantagem”; “mas isso não vai ficar assim; ela vai ver com quem se meteu”; “você, (desse tamanhinho) vai me dizer

o que fazer?", "sabe com quem está falando?"; "ele pensa que é muito espertinho, que me engana e vai me passar para trás, mas não vai não, vai levar uma lição!"; "como ele ousa me enfrentar?"; "quem ela pensa que é para me desprezar ou ignorar dessa forma?"; "eu sou o maior"; "eu sou mais inteligente"; "eu sou superior"; "o Epsie (Ente Perfeito Superior Infinito e Eterno) não existe, eu sou deus".

Seu desejo de ser incólume é tão intenso que seu medo de ser desmascarado, enganado ("imagine, um ser tão inteligente e esperto, como passariam o orgulhoso para trás?") ou magoado o impede, muitas vezes, de se abrir (baixar a guarda, os escudos) para amar e ser amado verdadeiramente, então, lança mão de desonestidades ou armações maquiavélicas sobre o oponente: seu orgulho passa a ter valor maior do que ser honesto, leal ou solidário; os fins, para ele, justificam os meios. Para não ter seu orgulho ferido ou para repará-lo em um fato que já se consumou, abole a ética, quebra regras, normas e leis, expondo todo tipo e nível de miséria que o ser humano é capaz de criar.

O orgulho vem sempre acompanhado de maldade (premeditação em ferir)? Supomos que do mesmo modo que existe o bom ladrão e o mau ladrão, mesmo os dois tendo roubado, imaginamos que possa haver orgulho com maldade e orgulho sem maldade. Então, se o indivíduo está apenas tentando se proteger, é possível que ele utilize o orgulho, talvez, inconscientemente, não por maldade, mas sim por fragilidade. Vou passar meus pensamentos em algumas linhas mais abaixo, pelas possíveis causas do orgulho.

Mas, e na luta para a sobrevivência, não é lícito lutar para que "ninguém pise em mim"? "Quando estou certo não devo ir até o fim?" As questões filosóficas nunca são simples porque as respostas, para serem completas, têm que respeitar todos os ângulos de análise, o que, na condição nossa de mortais imperfeitos, representa uma dificuldade importante, mas se observarmos certos extremos, podemos achar viável trilharmos uma provável faixa média de acerto.

Sobre estas últimas questões, visualizamos uma situação em que a pessoa se submete a "ser pisada", a desistir ou adiar sua vontade de "ir até o fim" em benefício de um valor real maior, isto é, superior, seja por

idealismo, sabedoria, hierarquia, sobrevivência ou por qualquer outra condição incluída no juízo de valores universal (não individual).

Ora, é lícito sim lutar para que “ninguém pise em mim”, mas na maior parte das vezes acreditamos que é uma postura superior exacerbar a humildade e submeter-se, pelos motivos acima expostos.

Falamos de valores e, como exemplo hipotético, podemos supor que uma empresa deseje usar critérios que avaliem posturas de superioridade e orgulho para escolherem seus novos funcionários para ocuparem certos cargos de relevância. A idéia parece ser a de que o postulante esteja dotado de características “dominadoras” e/ou “destruidoras” para uma “carreira de vencedor” e não de “perdedor”. Se estiverem julgando que é melhor selecionarem candidatos com esse tipo de comportamento, então devemos voltar àquela antiga e interminável questão filosófica: “os fins não justificam os meios, justificam?” Vale a pena conseguir um objetivo a qualquer preço, até mesmo vendendo a alma? Passarão por cima de qualquer norma ou moral, como um trator, destruindo o que vier pela frente, com a visão única de atingir o objetivo, seja ele qual for; obter a vitória por qualquer meio, como missão inquestionável? Qual o CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser) desses indivíduos? Qual será o relacionamento deles com os seus colegas, com seus superiores e seus subordinados? Eles não irão também, um dia, dar uma “rasteira” nos seus chefes ou na própria firma?

Isso nos reporta à colocação de certos filósofos e autores que têm uma forma diversa de encararem a humildade; alguns, poderíamos dizer, até utilizam uma postura de orgulhosos para a definirem.

Todos têm o direito de ter a própria opinião, mas, certamente, só poucos estarão muito próximos da verdade absoluta, porque, possivelmente, estejam conseguindo atingir uma ou mais verdades parciais.

O entendimento dos fatos é visto por nós de forma diferente, de acordo com a ótica de cada um, mas a realidade será uma só: a verdade absoluta não depende da opinião de cada ser que, com freqüência, enxerga

apenas uma face da mesma. Ela é.

Ninguém transmite uma verdade a alguém. Ela é apresentada, ou o ser humano se depara com ela pela vida e, dependendo da “estatura” da pessoa, isto é, de seu nível de evolução espiritual em relação a essa premissa, a alcança ou não, simplesmente.

Nossa vida e nossos caminhos são feitos de escolhas. Cada um tem a opção de escolher no quê e em quem acreditar e ir ao encontro desse objetivo ou não...

Para trabalhar com certos grupos, na saúde ou em determinados programas, incentivados pelo Ministério da Saúde, precisamos que o perfil dessas pessoas, tenha, em sua intimidade, com predominância exuberante, a virtude da humildade. Perguntávamos na entrevista coletiva (grupos de seis, mais ou menos – candidatas a ACS – Agentes Comunitárias de Saúde), a cada uma, como ela definiria uma pessoa orgulhosa e uma pessoa humilde; depois pedíamos para que, aleatoriamente, cada uma escolhesse, unicamente, certo ou errado para esta frase (o enunciado era apresentado de forma que, implicitamente, se elaborasse uma única resposta, sem dividi-la em duas partes): “pessoa orgulhosa é aquela que se julga superior às demais; pessoa humilde é aquela que se julga inferior às demais”. Quase sempre as pessoas consideravam a primeira parte correta e a segunda inadequada. Poucas conseguiam dar uma resposta impar para as duas subseções e, diziam com frequência, que no máximo (ou no mínimo; aqui se equivaliam, na expressão das pessoas) “tem de ser de igual para igual”.

Penso, então, da seguinte forma: se agora aparecer ao nosso lado madre Teresa de Calcutá e Chico Xavier vou dizer a eles que “é de igual para igual?”.

Ora, isso é ridículo!!!

Somos, na maioria da população, incrivelmente inferior a eles, indignos mesmo de lhes “lustrar os sapatos”. E por que isso? Apenas porque eles fizeram muito mais caridade do que nós nas suas existências, foram muito mais humildes e foram de uma doação infinita, ao passo

que nós somos egoístas, cheios de fraquezas e defeitos, e nem sempre temos paciência e caridade suficiente para com o nosso semelhante.

É como se o orgulhoso olhasse todos os seres do planeta de cima para baixo, como se ele se considerasse superior aos demais, e como se o humilde olhasse todos os seus próximos de baixo para cima, como se ele se considerasse inferior aos demais (isto sem hipocrisia, naturalmente), mesmo que, na realidade, este último, não o seja. Acrescente-se, também, que dizer: “tem que ser de igual para igual”, já é uma postura que embute a deficiência do orgulho, posto que, é implícito que a pessoa que diz isso está dizendo que “ninguém é mais do que ela”, portanto, ninguém é superior a ela. Ainda sobre o mesmo tópico, há pessoas que entendem a postura humilde como perda da dignidade, dizendo que “não se deve abaixar a cabeça”. Ora, a dignidade está vinculada, essencialmente, a honra e a moral dos atos de cada um e a humildade é uma das maiores virtudes que alguém pode exercer, ela contém em si a sabedoria de um espírito evoluído, mesmo que não instruído.

Para efeito de convenção, anotamos aqui que, em nosso entendimento, os valores supremos para referência deste texto estão sendo colocados nos questionamentos, exemplos e discussões, de onde emerge que superior é quem melhor incorpora esses mesmos valores (ex: superior é quem faz e fez mais caridade na vida; lembrando que caridade não é esmola, apenas; é a ação de um estado de espírito fluindo amor ao próximo).

Quando duas pessoas atingem a discórdia, encontramos, quase sempre, atrás de um ou dos dois contendores, o orgulho que, com alguma constância, está associado à vaidade, à vangloria, à presunção, à jactância, à inveja, ao apego, à ganância (como ambição desmedida nas mais variadas modalidades) e, até mesmo, ao egoísmo, aliás, diga-se de passagem, que o orgulho e o egoísmo são os defeitos de um ser que maior poder nefasto têm para destruir qualquer tipo de relacionamento.

Cada um desses itens tem sua própria característica além da sua sinonímia. Por isso, como nem sempre o orgulho vem sozinho, isto é, freqüentemente está acompanhado de um ou mais defeitos, então poderíamos fazer a imaginação voar e, apenas com a finalidade de

melhorar o entendimento do jeito de ser do orgulhoso, inventar uma classificação baseada no predomínio de uma imperfeição(s) sobre outra(s):

a- Orgulhoso dissimulado: seria aquele que usa a máscara da humildade, mas está sempre pronto a menosprezar o semelhante;

b- Orgulhoso provocativo: está sempre pronto para desafiar e, num momento seguinte, a humilhar;

c- Orgulhoso depreciativo: desvaloriza, despreza e humilha o próximo acintosamente;

d- Orgulhoso irônico: trapaceia para humilhar seu adversário, tentando demonstrar sua superioridade intelectual de forma que os que estão ao redor percebam e o subjugado não;

e- Orgulhoso retraído: por ser excessivamente ambicioso não se permite a possibilidade de expor-se ao julgamento de terceiros, isto é, tem medo do fracasso ou do ridículo sobre relações sociais ou empreitadas sociais. Seu egocentrismo alimenta vorazmente o anseio de ter exclusivamente triunfos na vida;

f- Orgulhoso vaidoso (ou narcisista): luta para induzir-se à convicção de que vale mais ainda que os outros; tem a necessidade de aparecer, exhibir-se;

g- Orgulhoso paternalista: extravasa, através de seu poder, sua “bondade”, apenas com a finalidade de ser venerado como um deus, submetendo, inclusive, através de “favores” devidos.

h- Orgulhoso vingativo (ou pirracento): premedita artimanhas e armadilhas para se impor, dominar, reprimir e humilhar os que ousaram contestá-lo de pequenas contradições que lhe apresentaram.

i- Orgulhoso colérico: agride com violência material ou verbal uma pessoa que tenha manifestado pena ou compaixão sobre si própria, coisa que não admite, pois se mostra invulnerável e julga arrependimento, pena e perdão como sentimentos e posturas de seres inferiores.

Nós queremos ou não queremos evoluir? Queremos crescer e amadurecer? Então, temos que ter claro na nossa mente que a humildade

é um estágio evolutivo da alma incrivelmente superior ao do orgulho, e este é muito primitivo.

Quem é maior: o que manda, o que é servido ou o que serve?

(“Agora, se você acha que é o “máximo” e que não tem nada para aprender, só a ensinar; que está satisfeito consigo mesmo [o que é diferente de gostar de si próprio, sem exageros]; que seu grau de evolução corporal, cerebral, emocional, cultural, social e espiritual atingiu um nível de altíssima perfeição, então, desconsidere tudo o que está aqui sendo pensado. Esqueça este texto...”).

Visualizemos abaixo, como causas prováveis para o orgulho:

- 1- Defesa própria;
- 2- Fuga dos próprios defeitos;
- 3- Instinto de sobrevivência;
- 4- Insegurança;
- 5- Medo.

Ao falar em causas, desejo apenas citá-las sem a intenção de nos aprofundarmos ou tentar intuí-las como justificativas. Também entendemos que elas se entrelaçam e que, obviamente, vários fatores interferem e compõem a estrutura do orgulhoso, tais como: diversidade de constituintes do “Eu Total”, seu valores, interesses, carências, conflitos, fragilidades e etc.

Não posso deixar de, apenas superficialmente, colocar, nossa forma de aplicar o entendimento desta temática extremamente polêmica e complexa, neste momento do texto. É algo sobre o amor-próprio e a auto-estima em sua relação com o orgulho e a humildade. O amor-próprio, sentimento necessário e legítimo, deve ter o seu limite nestas palavras: “faça aos outros o que queres que te façam e não faça aos outros o que não queres que te façam”. Quero com isso definir uma fronteira para aqueles que defendem que “quanto mais você amar a si próprio mais amará aos outros”, condição esta que, no nosso entender, gera egoísmo.

Sobre a auto-estima, a prática da humildade ficará tão menos abalada tanto quanto extravasar o amor com extrema facilidade e fluidez que a pessoa tem em seu coração. Quando a pessoa é humilhada, seu orgulho está sendo ferido junto com sua auto-estima, e esta pode, por consequência, ir lá para baixo. Isto significa dor e sofrimento. Sabores amargos. Quando o indivíduo é humilde, verdadeiramente, ele transcende com facilidade. Quando se está “aprendendo” a ser humilde, precisa se concentrar na grandeza que existe nos atos de amor e conscientizar-se de que valores reais e supremos têm a força de gerar frutos de boa qualidade, com suas sementes que produzirão novos bons frutos... Não pode, no entanto, agir pelo prêmio, mas pela certeza de estar exercendo atos que enriquecem a humanidade e o universo.

O orgulhoso pode ter muitas fissuras ou máculas compondo esse seu defeito, como vimos agora, ou outras mais. Até podemos analisar um pouco mais, o medo apresentando-se como fator precedente e desencadeante do orgulho, então teríamos, por exemplo: medo de ser ignorado, de ser ferido, de ser magoado, de ser passado para trás, de ser desmascarado, de ver ameaçado seu domínio artificial sobre o próprio círculo de convivência... O medo se agiganta tanto, às vezes, que não se sabe nem de que se tem tanto medo. Este pode, também, gerar a culpa. Sem a culpa não haveria também arrependimento nem punição. A culpa é também uma oportunidade para a pessoa corrigir seus erros e aperfeiçoar-se.

O medo e a culpa que o ser humano tem mania de carregar são os alicerces de muitos dos problemas da humanidade e, ao mesmo tempo, de equilíbrio, porque, se por um lado o medo tem o aspecto negativo de encurralar, reprimir e causar reações desequilibradas, por outro lado tem a função de impedir a expansão descontrolada das ações e escolhas além dos limites da lógica e, até, de atos como crimes (medo de ser preso, etc.).

Nos dicionários percebemos que as definições de orgulho são imprecisas. Temos um orgulho que é um defeito e, em contra partida, temos também o “bom orgulho”; com isso estamos tentando, neste momento, sedimentar o entendimento de que este texto pretende explorar o “mau orgulho”, isto é, o orgulho da soberba onde o homem se julga deus de tudo e de todos (“ele não erra, é perfeito, todos lhe são inferiores,

todos só têm a aprender ao seu lado e têm que reverenciar a “honra” de sua presença”).

O “bom orgulho” seria a segunda forma de considerarmos o orgulho. O vemos, então, como sendo a manifestação pura da alma diante de fatos singelos da vida, relativos à satisfação de algo altamente valorizado, como dignidade pessoal e individual. Exemplo: “me orgulho de ser brasileiro”; “me orgulho de meu filho, eu o criei com amor”; “me orgulho de ter inventado algo para o bem da humanidade”. Na verdade, não é nossa intenção analisar esta forma de orgulho que, por si próprio, pode ser benigno ou, também, beirar e atravessar a fronteira do “mau orgulho” se, nos exemplos que acabamos de citar, estiver incrustado, ao invés da pureza de sentimentos e de espírito, a vaidade, objetivos escusos, etc...

A humildade é um segmento do CISCAS que se apresenta como figura oposta a do orgulho. Podemos conceituar humildade como sendo o sentimento nobre que pressupõe um reconhecimento da própria fraqueza e inferioridade. Pode ser oriunda de uma tendência natural ou ser reflexo de uma busca e, portanto, adquirida. Está sempre pronta para o perdão e o arrependimento, valoriza prioritariamente a paz e enaltece o próximo indistintamente com o mesmo amor.

Podemos dizer que ser **humilde** é ter o estado de espírito com propensão inexorável e perseverante para:

- A – Humilhar-se, sem falsidade;
- B – Aceitar sair perdendo (ex: diante de valores reais superiores);
- C – Aceitar a submissão (ex: diante de valores reais superiores);
- D – Praticar a obediência;
- E – Ser humanitário (que ama os seus semelhantes; bondoso, benfeitor, humano);
- F – Ajudar;
- H – Servir;
- I – Escutar;

J - Pacificar;

K – Oferecer a outra face, sem desafiar;

L – Preocupar-se em não magoar as pessoas;

M – Ter uma postura de quem, honestamente, vê no próximo alguém que sempre pode lhe ensinar algo, a cada momento;

N – Buscar a justiça almejada sem revolta, violência ou rancor;

O – Praticar a moral, o perdão, a tolerância e a caridade.

Para que possamos atingir um nível elevado de humildade, temos que depurar nosso espírito e nossa mente a ponto de livrar-nos do desejo de sermos superiores aos orgulhosos, alimentando a vaidade que contemos em nosso interior. Entendendo que a humildade é “a mãe de todas as virtudes”, temos que buscá-la sem o desejo de sermos “adorados” (ou adulados, preferidos, admirados, etc.) por causa de “nos apresentarmos” como humildes, isto é, nós não temos que ter o desejo de que nos amem pela nossa humildade, com o objetivo de conquistar a admiração das pessoas ao nosso redor, mas devemos desenvolver essa virtude por reconhecermos nossas imperfeições e limitações com vistas à correção de nossas falhas e se nos amarem mais por isso, que seja por consequência e não por meta.

Ao mesmo tempo temos que livrar-nos do medo de, ao praticar a humildade, sofrermos a dor da rejeição, da calúnia, da injustiça, do esquecimento e da humilhação. Devemos desejar que os outros sejam mais amados, preferidos, estimados, etc. do que nós. Que os outros cresçam mais do que nós.

O verdadeiro humilde não tem medo de se expor a ser ridicularizado, porque tem a convicção de estar trilhando o caminho da retidão.

Subentende-se como uma condição extrema de humildade: suportar a injustiça, a humilhação, a dor física, a autoridade constituída e, ainda assim, perdoar os que cometem tais atos, mesmo tendo poder para submeter os agressores...

O ser humano convive com esses dois componentes: o orgulho, classificado como defeito vil, baixo, destrutivo e auto-destruidor; e a humildade, entendida como uma virtude excelsa, sublime e magnânima, enriquecedora interna e externamente, capaz de exaltar todos os valores nobres que transferem paz às almas e levam amor ao próximo. Essa convivência é difícil por representar um dualismo, por serem antagônicas, podem alterar a cada instante o comportamento do ser e, até mesmo, gerar condutas distintas atingindo, por vezes, os níveis da irracionalidade e podendo, entre outros fatores, ser reflexo de um medo e uma insegurança ainda maior.

O orgulhoso contumaz (aquele cujo orgulho já está enraizado em suas entranhas) pode apresentar, pela manhã, uma disfarçada atitude de humildade diante das circunstâncias de seu interesse pessoal, silenciando, ainda que o dialogador tenha opiniões e conceitos contrários aos seus. Pela tarde, ele pode reassumir a sua figura verdadeira e humilhar o seu semelhante por estar posicionado em inferioridade hierárquica ou, pelo simples fato de ter com este um distanciamento cultural, social ou financeiro.

O orgulhoso se julga superior a todos. A questão é saber se isso é consciente ou não. É difícil definir qual seria a forma mais adequada para registrarmos esta postura. É evidente que, se for consciente, provavelmente haverá maior parcela de culpa nas ações, nas quais ele aplicar a soberba.

Temos como meta criticar o orgulho de modo que as pessoas que lerem este texto possam reavaliar suas ações e detectar nelas as próprias parcelas de orgulho. Acreditamos que todo mundo tem um pouco de orgulho e um pouco de humildade e que em circunstâncias diversificadas, em diferentes fases da vida, em proporções variáveis, no mesmo indivíduo, pode coexistir o predomínio do orgulho sobre a humildade e vice-versa. cremos que o orgulho é como um lobo dentro de nós que precisa ser domado continuamente para não dominar o cordeiro da humildade, com sua candura, que também existe dentro de nós.

Cada um é um universo desconhecido e pronto para se revelar diante das mais tensas, variadas e inesperadas adversidades (o limpador de pára-brisa do automóvel vai mostrar o seu defeito principalmente em

dia de chuva e muito raramente isso aconteceria em céu com tempo limpo).

Dependendo do estágio de maturidade espiritual do indivíduo, certamente ele terá manifestações menos ou mais intensas e menos ou mais freqüentes de orgulho e conseqüentemente, também, de humildade.

Para identificar o estágio de evolução do juízo de valor na maturidade espiritual e fazê-lo atingir níveis superiores, o ser humano não depende apenas de seu grau de inteligência para o discernimento e aplicação no orgulho e na humildade, mais que isso, seria fundamental que o indivíduo estabelecesse metas e, desejando aperfeiçoar-se, ansiasse por estabilizar, nas mais variadas situações, o seu equilíbrio mental e emocional a fim de, através da sabedoria, do conhecimento e do entendimento dos exatos valores da vida, aplicá-los com proficiência diuturnamente.

A correta utilização dos conhecimentos pode gerar o entendimento e levar à sabedoria. Quanto maior a pureza (se não tendenciosa) em sobrelevar (tornar mais elevada ou alta) a sabedoria ao aplicá-la, maior é a consciência do sábio em admitir a própria limitação sobre os mesmos conhecimentos e seus entendimentos, bem como, a transitoriedade desta vida e das coisas. Portanto, o sábio mais evoluído e mais honesto é forçosamente mais humilde (ex: Einstein - "Por detrás da matéria há algo de inexplicável").

Exatos valores da vida, imagino, seriam tais como o perdão, o respeito, a confiança, a solidariedade, a bondade, a humildade, a paciência, a tolerância, a compreensão, a caridade e o amor. São valores que não dependem da cultura nem do tempo. São a base para quem quer começar a refletir sobre os valores reais.

Em oposição, cargos, títulos, status, posição sócio-econômica, bens materiais, conquistas de mídia, amorosas e etc. são valores que além de dependerem do momento cultural apresentam-se extremamente voláteis e, muitas vezes, incrivelmente fúteis.

Pessoas que receberam valores errados na infância ou indivíduos que conceberam um juízo de valores com hierarquização invertida e inapropriada terão, possivelmente, mais dificuldade para alcançar a mudança de suas posturas inflexíveis, de suas personalidades imperfeitas,

desarranjadas e defeituosas para corrigir o estigma do orgulho e trilhar a longa e difícil estrada em busca da humildade e depois da perfeição.

Em algum lugar soa a incômoda pergunta: Será que não é ele que com uma atitude diferente da minha (indivíduo que, aparentemente, está sendo bem sucedido em suas empreitadas) está certo? Será que meu caminho não é mais longo e contém mais pedras? Eu escolho pelo dever (buscar o certo) ou pelo querer (quer seja errado ou não)? Mas, o que seria mais fácil? Admitir alguns erros, mudar de direção e transformar a própria vida ou continuar como está? Toda mudança, por mínima que seja é incômoda, leva tempo, gasta energia... É claro que permanecer no lugar é muito mais fácil e criticar o outro parece ter resultados muito mais imediatos.

É fato que o tema tem uma complexidade incrível. Muitas pessoas que, em locais diferentes, conviveram com tipos parecidos de valores podem desenvolver diferentes concepções e comportamentos na vida. O conteúdo das informações pode, também, parecer muito menos importante do que o “processamento” que elas sofrerão na mente, no universo de cada um. Entram componentes como genética e sensibilidade maior ou menor de cada um, entre outros itens. Aqui estamos enveredando pelo caminho da análise do CISCAS e da culpa que o orgulhoso pode conter. As índoles podem ser resultados deste processamento que tem a possibilidade de culminar tanto com o perdão como com o rancor e desejo de vingança, por exemplo.

Para muitos estudiosos da mente humana, o indivíduo vai se comportar e reagir apenas com base nos traumas ou boas experiências que recebeu na infância, ou seja, quem sofresse um abuso, por exemplo, na infância, jamais teria total recuperação. Hoje isto está sendo questionado. É verdade que esta discussão precisa de um aprofundamento intenso que não atende o objetivo deste texto.

Mas, será que aqui teríamos mesmo uma parcela da evolução espiritual? O homem tem ou não a capacidade de lutar contra os seus “animais selvagens” interiores e mudar sua postura sendo racional, sensível e humanitário, ou ele é apenas fruto de fatores circunstâncias e aleatórios que o transformaram, ao longo da vida, na “colcha de retalhos” que ele é hoje, sem renovação factível e condenado a, no máximo, novos

retalhos com tecidos novos costurados nos já desgastados pedaços frágeis, antigos e “estabilizados”?

Do que discutimos nessas últimas linhas, novamente, nos remetemos sobre a conclusão da culpa...

De qualquer modo podemos deduzir que quanto maior for a evolução espiritual do indivíduo, mais se eleva a prática e o exercício da humildade, da paciência, da tolerância, da compreensão e do amor diminuindo a prática e o exercício do orgulho.

Para atingir um estágio de evolução espiritual superior a criatura humana necessitará efetuar mudanças em seu mundo interior, buscar aprimorar-se na virtude e reavaliar com profundidade a forma de relacionamento com seus semelhantes: é preciso superar-se a cada dia...

Um estágio intermediário dessas mudanças evolutivas no mundo subjetivo do ser pode se apresentar com o reconhecimento ou a flexibilização de uma postura orgulhosa e ofensiva, de um determinado fato ocorrido, que se manifesta na seqüência com uma atitude de humildade buscando a reconciliação honesta e sinceramente. Essa transmutação de orgulho para humildade é o primeiro passo para percorrer o caminho evolutivo. Certamente contribuirão para isso a prática sistemática da meditação, da reflexão e da auto-análise visando livrar-nos de sermos prisioneiros de valores negativos que atingem o “Eu Total” (designação que engloba “ego”, superego, “proprium”, consciente, subconsciente e etc. termos criados por vários autores acrescentando-se estes outros componentes: espírito, alma, corpo, mente, genética, temperamento, tendências, potencialidades, comportamentos, instintos, impulsos, enfim tudo o que pode fazer parte da “estrutura” material e imaterial de um ser).

Na proporção que a humildade evolui aparta-se progressivamente do coração do homem o sentimento de orgulho e por conseqüência ele fica mais apto a amar indistintamente.

Logo se conclui que ao aumentarmos o espaço para a humildade em nosso “Eu Total” a aumentamos especialmente, também, em nossos corações, isto é, de sua receptividade para a sua afetividade, projetando exponencialmente esse acréscimo, com extrema positividade como escopo

para o AMOR.

Nossa vida é extremamente curta para ignorarmos o AMOR, principalmente em seu sentido amplo; não podemos perder nenhuma oportunidade de exercitá-lo, em sua máxima magnitude...

MISERICÓRDIA: UMA FORMA DE INJUSTIÇA, JUSTIFICÁVEL

Algum tempo atrás, conversando com um amigo, usei a expressão: “se a misericórdia divina permitir...”; de imediato, ele argumentou sobre as possibilidades da atuação de um Epsie (Ente Perfeito Superior Infinito e Eterno). Perguntou: “o Epsie é misericordioso?” Em seguida prosseguiu comentando: “o Epsie é justo ou injusto?”.

Como eu nunca havia pensado na aparente incoerência que essas perguntas inferem, hesitei.

Passado algum tempo, imagino ter conseguido encontrar substrato para raciocinar filosoficamente sobre o dito acima.

Comecemos tentando entender os sentidos possíveis para a palavra misericórdia, conforme o Dicionário Aurélio (ref. 6):

“[Do lat. misericórdia.]

S. f.

1. *Compaixão suscitada pela miséria alheia.*
2. *Indulgência, graça, perdão.”*

Ou num sentido comum e inconsciente nas pessoas: “sobre-perdão”, isto é , perdoar mesmo sem merecimento; por supremo ato de bondade. Perdoar quem faz jus ao indulto é justo, por isso entendo que misericórdia é um nível mais elevado do que o simples perdão e, portanto, beiraria a injustiça.

Novamente nos encontramos com a dificuldade da linguagem. Se encararmos misericórdia apenas como um sinônimo de perdão ou compaixão, o entendimento deste texto se torna menos justificável. No entanto, se entendermos misericórdia como a aplicação de uma generosidade extrema de alguém superior e bondoso, que apenas quer o bem do próximo, admite a pequenez e inferioridade de quem errou e suprime, talvez, até mesmo, a pena sobre o erro cometido, então estamos diante de um conceito íntimo e profundo sobre a misericórdia que pode alimentar a controvérsia destes pensamentos.

Vamos imaginar uma situação onde nós perdoamos João sem o repreendermos ou mesmo aplicarmos-lhe alguma pena. Imaginemos que nesse mesmo exemplo, ao observá-lo cometer o erro, estamos com pleno conhecimento de que João não está sabendo o que faz, quero dizer, ele sabe que está errado, mas não consegue dimensionar a gravidade do ato que está cometendo. Esse é um ato de misericórdia, creio. Vejamos: João foi perdoado sem ser advertido, sem pedir perdão, mesmo sabendo que errou, inclusive da pena. Recebeu a oportunidade de num futuro, quem sabe mais maduro, entender a gravidade daquele ato e não cometê-lo novamente.

Um outro exemplo seria uma simples questão de indulgência: perdoar o erro com a culpa confessa e também a pena.

Ora, se entendermos como misericórdia um perdão mais gracioso do que o perdoar simplesmente, então, estamos diante de uma situação de aparente injustiça: se eu tenho um copo menor que encaixa perfeitamente dentro de um copo maior eu digo que é justo, exato. Nem algo a mais nem algo a menos.

Se Manoel mata Maria sem motivo, é condenado e punido pela lei, diremos que é justo. Se Fernando mata Silvia, também sem motivo, e é perdoado, inclusive da pena, diremos que é injusto: ora, se o Epsie usa a misericórdia, então, Ele está sendo injusto, no sentido positivo, não no sentido negativo. O pensamento dominante é que o Epsie, por misericórdia, pode, por motivos que desconhecemos, perdoar, inclusive da pena, um culpado, mas nunca condenaria um inocente.

Agora, chegamos ao título: “Misericórdia: Uma Forma de Injustiça Justificável”.

GRANDEZA?!

Desde o começo dos tempos o homem tenta evoluir buscando a perfeição, mas com frequência, perde-se na própria fraqueza.

O homem quer ser admirado por suas qualidades e habilidades. Quer ter o conhecimento supremo, ser dono da verdade.

Muitos exalam o ar da perfeição. Orgulhosos, não admitem ser contestados: “como algum simples mortal pode desafiar-me?”; “como ousam duvidar de mim, hesitar em realizar os meus ditos, pensarem que podem viver sem mim?”.

“Sois inseguros? Dou-vos segurança, vos dou proteção, tenho as respostas, sei tudo: como fazer, o que fazer e quando fazer; sou descanso e prazer, consolo, apoio e solidariedade; tenho a força da paciência e vos farei crescer, vivereis fascinados pela minha sabedoria”.

É como se dissessem assim: “eu sou o ar que vocês respiram, a energia que os alimenta! Apenas permitam que eu vos domine”.

Essa é a essência do pensamento e sentimento do ápice da vaidade humana, pois que, como base de suas ações, nada está mais valorizado do que a satisfação de seu paupérrimo superego; pobre deusinho não mais pensa no semelhante, ignorante de sua fragilidade, embriagado pela veneração aparente de seus débeis súditos, sobrevoa o seu reino extrapolando os direitos seus e teus, semeando a dor, aparentando distribuir vida, quando na verdade incrusta nos seus próximos um pseudo-amor escravizante.

Acorrentadas, as suas presas recebem alimento dosado e sufocam pela ausência de liberdade, são agraciadas com afeto, como prestação de serviço, para que o imposto possa continuar sendo cobrado. Nada é de graça, e o amor ilusório ofertado não passa de elos e mais elos, sucessivos e imbricados, buscando a masmorra inexpugnável.

Lamentável!

Encontramos desses deuses na esquina, na feira e nos palácios, no atacado e no varejo.

Habitam o poder, governando,
Quase solidários, rastreiam,
Como salvadores, tratando,
Sempre sorrateiros, semeiam.

Na desgraça, seus lépidos arpões atiram;
Na pujança, extrovertem alegria jocosa.
Astuta e precisamente a todos parabenizam
E nas profundezas ocultam a intenção gananciosa.

Sentirem-se um deus,
Submetendo,
Sendo, de fato, ateus,
Pervertendo...

Políticos, advogados, médicos, dentistas, artistas, atletas, etc.:
todos dominadores e dominados a um só tempo: deuses. Deuses uns
dos outros. Deuses, todos deuses...

tudo é orgulho e vaidade.

ENCRUZILHADA

Sem conotação religiosa de qualquer espécie, vamos abordar alguns aspectos interessantes de uma situação específica; chamemos, inicialmente, de João o indivíduo hipotético, objeto do nosso estudo:

João é uma pessoa rica, bem estabelecida, cheia de amigos, tem família, várias propriedades, fazenda e uma fábrica. De repente, um infortúnio lhe atinge, entra em falência e diante das dívidas recorre aos amigos. Estes, que o conhecem há mais de trinta anos, o acolhem, condoídos por sua dor. João descobre, subitamente, que sua dívida é muito maior do que supunha ... ele atingiu a encruzilhada!

Percebendo que seus bens estão se esvaindo por entre os dedos, tem que escolher entre conseguir, a qualquer preço, manter parte de seu império ou vender o pouco que lhe restou, devolvendo, pelo menos, uma fração do dinheiro que os amigos lhe emprestaram.

Trata-se, na verdade, de vender a honra, a dignidade e a alma para “sobreviver” ou manter as virtudes, os amigos e os sentimentos nobres ficando na miséria, voltar ao zero ou até mais abaixo ainda.

Ele tem que escolher: direita ou esquerda.

Vou sintetizar uma outra situação, chamemos de Josélino este outro senhor.

Bem, resumirei: depois de proibir sua mulher, que tinha a “cabeça pequenininha”, de estudar, de aprender a guiar, etc., enfim de “amordaçá-la” durante vinte e sete anos de casamento, abandonou a família deixando para trás cinco filhos para embarcar aos cinqüenta e dois anos de idade num relacionamento iniciado há três meses com uma mulher de trinta anos, muito bonita, com um filho pequeno, que se divorciou simultaneamente.

Esta encruzilhada tem uma escolha que o faz ignorar seu amor pelos cinco filhos, optando egoisticamente por sexo de primeira qualidade, exaltação à vaidade e liberdade.

Na última imagem encontramos três pessoas: dois rapazes e uma garota, ricos de berço, que depois de uma noitada e muita procura pelo mundo dos prazeres, diante do vazio da busca, para encerrar a aventura, incendiaram um mendigo, de “brincadeirinha”, o qual morreu ardendo em chamas e gritos, de verdade.

Neste último exemplo a encruzilhada já ficou lá para trás, bem longe...

Há um denominador comum.

Nas três situações acima encontramos fatos que ocorrem todos os dias ao nosso redor, acontecimentos que obrigam o ser a mostrar o seu interior em momentos cruciais de grande tensão: “o aço é verdadeiramente testado quando exposto às intempéries”; então, o indivíduo abre o CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser), expõem suas fraquezas, suas misérias e escolhe nesse cruzamento o caminho do “dark” ou toma o caminho da Luz e mostra suas virtudes, perde tudo com dignidade e recomeça das cinzas...

Mais fácil falar do que fazer.

Precisamos ter a humildade de reconhecer que somos fracos e que não podemos julgar o próximo, já que nem o Epsie julga o homem antes do fim de seus dias. Podemos e devemos analisar os atos e classificá-los em certo e errado, sem entrar no mérito da culpa.

Como reagiria cada um de nós em cada uma dessas histórias?

Ora, para João é mais importante o dinheiro ou o amigo?

Para Josélio é mais importante ficar com cinco filhos que o sugam ou com a nova relação que lhe dá prazer?

E para os três jovens, trabalhar? Procurar a retidão dos movimentos? Por que, se a vida lhes deu tudo de berço? O importante, para eles, é gozar os prazeres da vida!

A cultura mundial do momento e o consciente coletivo universal estão desprovidos de valores reais, fixam-se no prazer, na vaidade, no ter, exaltando o orgulho, porque se consideram deuses todo-poderosos, esquecem que terão de prestar contas, um dia, a um Juiz totalmente Justo e Perfeito, invertem os valores e ignoram o Amor Pleno, o amor ao próximo, o amor na sua essência e, até, influenciam os mais fracos, arrastando-os para tropeços ou para a escuridão.

Existe uma Ordem Superior indiscutível para os valores, complexa, mas incrustada no espírito de cada um. Por mais que se queira escondê-la ou abafá-la ela é intrínseca à natureza humana, os que a negam enganam-se a si próprios. É como se saíssemos de fábrica com esse componente: vale mais a alma do que o corpo; vale mais a vida do que um membro, vale mais o amor do que a posse...

Seria tão bom se não nos esquecêssemos, em nenhum momento de nossas efêmeras existências, que isto é JUÍZO DE VALOR...

ANATOMIA DA DIVERGÊNCIA

Antes de penetrarmos no questionamento do que nos propusemos a identificar como a “A ANATOMIA DA DIVERGÊNCIA” e seus aspectos, entendemos que seria oportuno tecer alguns comentários a respeito da dialética. Etimologicamente, dialética designa a arte de conversar, de dialogar e de argumentar o que foi sabiamente praticado por Sócrates. A dialética é o pensamento crítico que se propõe a conhecer a coisa em si, a essência das coisas e o seu conteúdo e, através dela, se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade. Atingirmos a compreensão da coisa em si, no entanto, significa conhecer-lhe a estrutura, possibilitando assim, ao pensamento, o desenvolvimento da arte da dialética.

A evolução espiritual da humanidade permitiu que a verdade fosse abrindo caminho entre choques de opiniões antagônicas e divergências no campo das idéias, mediante a decomposição do todo, através do enunciado, da réplica e da tréplica.

Entretanto, os pontos discrepantes que se entrecruzam e se interpenetram, devem ser reexaminados à luz do conhecimento, da razão, do humanismo, do conceito e do juízo de valor, desvinculando-se os traumas emocionais, as paixões ou aspirações sentimentais e particulares, a fim de que possa fluir no pensamento humano, com clareza, a realidade dos fatos e a resolução dos equacionamentos.

Em todos os campos da atividade humana, temos que considerar o confronto de culturas, de emoções, níveis de evolução, crenças religiosas e ideológicas, que se formam nos grupos sociais distintos, cujos integrantes são compostos de amigos e militantes, marido e mulher, conhecidos e desconhecidos, que se mesclam, posicionando-se com atitudes heterogêneas, criando a divergência.

A evolução e a progressividade de qualquer tese surgem mediante o debate de mentes e corações abertos à compreensão e análise de argumentos novos, que enriquecerão os envolvidos de imediato ou “a posteriori”.

O ser humano que tiver a humildade para ouvir e avaliar os conceitos em discussão poderá crescer interiormente ao surgirem novos conhecimentos. Por outro lado, a animosidade ou a radicalização podem levar a um impasse e estagnar a sua evolução ao rejeitar a busca do entendimento, gerando possíveis conflitos para si e para o grupo.

Por que divergimos?

Divergimos, em essência, pelos seguintes fatores:

- 1 - Pela diferença de entendimento;
- 2 - Pela necessidade natural de interesses;
- 3 - Por defeitos pessoais;
- 4 - Por falta de pureza na busca da verdade;
- 5 - Por falta de tolerância.

Vamos meditar sobre cada item:

1 – Divergimos pela diferença de entendimento.

Cada um sente por um ângulo diferente a mesma verdade, em razão de portarmos verdades parciais. A Verdade Absoluta é muito grande para que a alcancemos toda, sozinhos. Nessa busca cada um tem um nível de evolução, um grau de maturidade, a cada tempo. Precisamos entender que a verdade que cada um aceita ou adota é a que consegue enxergar naquele momento.

Entendimento envolve conhecimento, aprendizado, meditação e vivência até atingir o amadurecimento.

2 – Divergimos pela necessidade natural de interesses

Cada pessoa tem, como ninguém, a percepção do alcance de suas necessidades e, quer sejam materiais ou espirituais, envolverão o indivíduo em suas relações humanas, no campo social, político ou profissional, com objetivos, na maioria das vezes, conflitantes.

3 – Divergimos por defeitos pessoais

Este é um dos pontos mais críticos para se superar a divergência. Aqui entram as mesquinharias da alma humana, o que o ser tem de mais contundente, tempestuoso e sórdido. Aqui o indivíduo diverge por vaidade, por orgulho, por ganância, pelo poder, por má fé e premeditação

maquiavélica, entre outras imperfeições. Esses defeitos pessoais podem ser oriundos da formação educacional inadequada ou da fraqueza do espírito para sobrepujar a influência malévola do meio social, com conseqüente deformação do CISCAS (Componentes Inatos do Ser – Componentes Adquiridos do Ser), entre outros fatores.

Aqui o ser humano não perdoa o seu semelhante e o julga sumariamente, ao invés de avaliar a sua atitude, condenando-o no todo. É necessário cautela para se julgar, até mesmo, os atos humanos, pois poderemos cometer injustiças. Esquece-se que cada um tem o direito, pela própria liberdade, de pensar diferente e até de errar, ainda que sem consciência plena.

Não é porque alguém discordou de nós num determinado assunto que devamos considerá-lo inimigo. É necessário rever a questão aplicando-se o bom senso para atingir o equilíbrio. É imprescindível separar as posições discordantes, a fim de que o relacionamento natural em áreas convergentes não seja prejudicado.

4 – Divergimos por falta de pureza na busca da verdade.

Muitas vezes, sem se aperceberem, as pessoas querem adaptar a verdade aos seus objetivos e enganam a si mesmas, lutam tanto, desesperadamente, para convencerem a todos da sua “verdade”, a qual, no fundo, é uma bandeira falsa, que acabam iludindo o próprio inconsciente, causando confusão no juízo de valores. Alguns manipulam valores e critérios deturpando-os, sem entenderem que pode estar em jogo um bem maior. Valorizam a casca e desprezam o conteúdo, enaltecem a aparência e ignoram a essência. Confundem o certo e o errado e o prioritário ou não. Esse, aliás, é um conceito equivocado na história da humanidade. Permitam-nos um exemplo de juízo de valor: José vai atravessar a rua de mão única, ele vê um carro na contramão e acha que estando certo e o veículo errado, deve prosseguir. O automóvel o atropela e quebra sua perna. Que adiantou estar certo? A prioridade era seu corpo e não atravessar a rua. E se ele morresse? A prioridade era sua vida. Estar com a razão não é tudo. Muitas vezes precisamos ter prudência e calma, mesmo tendo razão, mesmo tendo domínio da verdade, porque um valor maior, que é a vida, tem que ser preservado prioritariamente. Isto é sabedoria!

5- Divergimos pela falta de tolerância

Tolerar é a tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos.

Toleramos o quê?

Toleramos um cheiro que nos incomoda, toleramos um gesto ou uma ação que não nos agrada ou talvez, até, um erro que nos agrida.

Um pai, mesmo sendo desagradado, tolera pacientemente o filho, esperando que ele se aperfeiçoe, que ele se corrija, que ele evolua, porque tanto o pai como a mãe, em seu amor, preferem ter o filho por perto do que tê-lo apartado. No convívio eles podem, se não hoje, amanhã, corrigir algum desvio de rota.

O pai procura ficar entre respeitar a liberdade do filho e transmitir sua sabedoria, tolerando a escolha do filho.

Quantas vezes deixamos de tolerar o próximo? É uma tendência do ser humano criticar o que a própria percepção não consegue entender e alcançar. É importante, sempre que pudermos, que nos disponhamos a dar tempo ao outro, para que ele tenha a chance de atingir a verdade ou vislumbres da verdade.

Agora, uma observação: “ninguém transmite uma verdade a outra pessoa. Apenas, cada um, por si mesmo, somente a alcança num determinado momento da própria vida, dependendo do seu estado evolutivo”.

A divergência e a intolerância têm um lado negativo que pode desagregar, porém, quando surge a harmonização, o consenso desponta o lado positivo, que é a percepção, compreensão e entendimento, levando à união. É por isso que devemos ter a preocupação de conhecer os fatores que influem e envolvem essa problemática.

Sem união e harmonia não há instituições, não há família, não há pátria, não há paz, não há amor, não há vida...

Pensemos nisso..

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

APÊNDICE POÉTICO

Há, neste capítulo, uma diversidade grande de processos ligados à minha imaginação:

Em algumas “poesias”, vários versos têm tudo a ver com uma atriz adolescente que fez um trabalho, na televisão, seduzindo um senhor casado com cerca de vinte anos mais que ela.

Em certas linhas uma outra atriz, também jovem, que fazia novela e depois ficou um ano no exterior; em outra situação uma moça que, posteriormente, veio a namorar um jogador de futebol...

A FAMÍLIA, MULHER E O AMOR

Vamos analisar alguma coisa sobre a família: sua importância para as instituições e para o país.

Cada família é um pequeno país.

Da família tiramos a pedra angular: a mulher. É assim pela sua capacidade de doação.

Em torno da mulher temos um exemplo de um dos tipos de amor de nível mais elevado: o amor de mãe e, que tem na mulher, uma raiz inata, rica em dedicação ao filho.

O amor da boa mãe é tão rico e tão forte que permite ao filho estar despido de escudos, pois que a mãe jamais trará o mal: o filho se entrega para receber tudo o que de bom e de bem a mãe traz. Tudo quanto ela conseguir, ela trará.

Mãe é aquele ser capaz de renunciar a si própria, ao seu próprio prazer e descanso para viver para os filhos. Mãe é aquele ser que é capaz de superar a própria dor para entregar-se ao amor: quanto mais se dá, mais ela ama e quanto mais ama, mais se dá.

Mãe presente: bênção diária.

Mãe ausente: dor e saudade...

E dos homens, o que seria deles sem as mulheres?

Quase sempre, no fundo de uma análise mais apurada, elas estão como um dos motivos propulsores da nossa luta diária. Elas transformam um dia nublado num céu azul, claro e límpido.

A mulher virtuosa, como fonte de vida, incrementa, dia a dia, passo a passo, as raízes do amor: fluidez de sua sensibilidade...

Se é verdade que no homem predomina o cérebro e na mulher o coração, é também imediato que de nada vale um sem o outro. Daí, destacamos o sentimento, pois a razão - do cérebro - justifica, mas o sentimento - do coração - energiza, tempera, perfuma, amacia, perdoa, alegre e enobrece.

O coração tem de ser ouvido:

Escutem-no ao amar a natureza;

Escutem-no ao amar o cônjuge;

Escutem-no ao amar o filho;

Escutem-no ao amar o semelhante;

Escutem-no ao amar o ambiente em que pisais.

Por que sufocá-lo nos ditames da razão?

Não!!!

O coração não vê: ele sente.

Sentir é mais profundo do que ver.

Sintamos, todos, o presente: sintamos os momentos especiais de ternura e afeto;

Sintamos até os sons das flores que nos falam de sua textura singela;

Elevemos-nos mais ainda, tanto, que de tão alto, sintamos até o perfume da música ao viajarmos nas suas ondas e

Curvemo-nos à pureza do sorriso de uma criança...

Ressuscitemos o coração adormecido!!!

Não pode o cérebro ser frio a ponto de asfixiar o coração. Um e outro devem enriquecer-se.

Sintamos, pois, com o coração vivo, pulsante

E reverenciemos o amor:

Por que o amor torna forte o que estava fraco,

Torna renovado o que estava envelhecido,

Torna incisivo o que estava ambíguo,

Torna próximo o que estava distante,

Torna certo o que estava errado,

Torna a culpa redimida,

O escravo, liberto

E une o que estava disperso,

Porque o amor, na sua acepção maior,

É luz,

Só constrói,

Só é bem perfeito,

Só faz crescer,

É boníssimo,

Expressão de glória e fortaleza,

É o próprio EPSIE:

Vivo...

ESTRADA

Qual o caminho dessa estrada,
Com este ou aquele lado para ir?
Para ou ã paro nessa entrada,
Com juras de amor pra partir?

Tremo no escuro da encruzilhada,
De coração frio ou quente no porvir,
Desejando envolver minh'alma
De felicidade, paz e amor a sentir.

Qual um rio no oceano desemboca,
Ou a natureza em flores abastada,
Co'a fartura do universo nos invoca,
Qual o caminho dessa estrada?

AGRADEÇO-TE

Agradeço-te por mostrar-me momentos
Felizes de uma juventude distante,
Com requintes jocosos de encantos
Incríveis, vividos a cada instante, de amante.

Agradeço-te por fazeres reviver
Em mim, minutos de homem criança,
Cheios de inocência e também de ver
Na imaginação do sonho, “enorme” andança.

Agradeço-te por tantos afagos curtidos,
Por tantos sorrisos de calor,
Por tantos toques e gemidos,
Por tantos ensinamentos de valor.

Agradeço-te por teu jeito tão dado,
Por tua ternura em ação,
Por um pedaço de passado, perdido, encontrado,
Viajando em emoções e sentimentos de teu coração.

Agradeço-te pela entrega doce como mel,
De teu corpo envolvente como véu,
Criando em mim pensamento-semente,
Tornando-me novamente
Ser vivente.

Agradeço-te por teres, o cinza, substituído,
Usando o charme, o mimo e a beleza,
É como um novo universo instituído
Agora de cor azul, com branco e pureza.

Agradeço-te por tua voz cantarolante,
Com esse sotaque próprio, embriagante.
De um viver desencontrado,
Ligado a uma esperança na divindade,

De um caminho procurado,
Em busca da eterna verdade.
Sem cobrança temida, sem egoísmo; cheia de temperos,
Rica em sabores, em manias e desejos.

Agradeço-te pelo ciúme e pela dor,
Pela alegria e mentira infante,
Pelo sussurro e lágrima ofegante,
Pelo gemido de amor...

Agradeço-te menina-moleca,
Agradeço-te moleca-travessa,
Agradeço-te menina-anjo,
Agradeço-te menina-flor...

AH! DANIELLA,

Ah! Daniella,
O perfume que você exala
Faz as flores se acanharem.
O calor que você irradia
Torna o sol um frio astro tímido.
A beleza que você emite
Faz a lua cheia se envergonhar.
Os astros e o universo
São todos teu inverso,
De tão pequenos que são diante de ti.
Você é mais, muito mais...

Ah! Daniella,
É infinita a tua beleza externa.
E mais ainda teu coração (beleza interna)
Que espelha, transmite e difunde
Vida, muita vida: tanta VIDA!

Ah! Daniella,
Quem te criou
Expressou toda divindade:
Transfundiou em ti
A formosura
E a graça,
A pureza do sorriso de uma criança,
A virtude do que é belo,
Bom e bem.
A compostura do que é singelo.
Os sentimentos,
E as emoções dos anjos.
O som das rosas
E a fragrância
Das músicas imortais.

Ah! Daniella,
Ele entranhou em ti
A energia do fogo,
Dos oceanos
E da mata.
Te deu o dom,
Por tudo e com tudo,
De transbordar,
Disseminar e expressar
Toda alegria
De tua face,
De teu olhar;
Pela sutileza de teus gestos,
Pela tua tez;
Pela emanção de teus poros,
E de tua sublime feminilidade,
A derradeira força apaixonante
Do verdadeiro AMOR...

DECRETO DO DESAMOR

De hoje em diante
Fica certo
Que as flores
Da terra sejam banidas,
Que suas cores
Não perto,
Bem distante,
Sejam mantidas.

Decreto que agora
Enfraquecido, o mar
Perca sua beleza,
Perca o borbulhar,
A onda e a grandeza,
Porque a hora
É de chorar
Com muita tristeza.

Como ordem suprema
Deste funesto decreto
Que todo ser gema,
Que, entristecida, seja a lua cheia;
Transformada em inerte concreto,
Sem brilho, sem luz, sem poema
Como o morto sem sangue na veia.

Ficam proibidas
As músicas
E o samba e o bolero
E as revoadas perdidas,
Também as aninhadas tão ricas
Infelizmente, é assim que quero.

Que, pois tudo
Assim seja,
Se cumpra passivamente
E nada se veja
E nada mais se ouça, sempre mudo
Siga o mundo perdidamente.

De cor cinza seja tudo: esta é a ordem!
Proíbo o sorriso até das crianças,
Que o céu e os seres adormeçam e não acordem,
Pois que minhas andanças
Estão cheias de profunda dor
Porque não tenho mais o meu amor...

DEIXE-ME AMAR-TE

Meu coração pede: deixe-me amar-te.
Seja a musa que ilumina meu sonho,
Que abrilhanta as estrelas de Vênus a Marte,
Que enriquece a música que componho.

Ou seja mulher, fêmea e quente
A um só tempo selvagem e criança,
Com esse olhar que fascina toda gente
Que, de teu amor, me dá esperança.

Ou seja minha doce amiga, apenas,
Solidária, sincera e fraterna,
Única e especial entre centenas
Para ter minha gratidão eterna.

Ou absorva o que puder de mim,
Confiante e dócil tal qual uma filha.
Pelo menos deixe-me amar-te assim,
Mas não me abandone como numa ilha.

NAQUELE DIA ESTAVAS TÃO LINDA...

Naquele dia estavas tão linda...
Se tu quisesses
Eu estalaria tantos beijos
Em teu rosto, e depois,
No universo de teu corpo, todo,
Tu sentirias
Como que um cobertor de estrelas
A te envolver
Formando um manto quente
A ponto de jamais teres frio;
E cada estalo teria brilho próprio
E a luz dessa nebulosa de carinho
A te rodear,
Tornaria a pompa da lua
Um mero lampejo...

SOBRE A MULHER

A mulher é, sem dúvida alguma, a criação mais fascinante e maravilhosa que existe no universo. Entre todas as belezas, a das flores, a do sorriso da criança, a da música, a dos sentimentos nobres, entre o esplendor do universo e das estrelas, da lua, do sol em seu crepúsculo matinal ou vespertino, do show de cores da metamorfose das pinturas radiantes, transcendentais e polifórmicas, do espectro hipnótico dos astros rei e rainha, nada mais apaixonante, mais embriagante, mais magnífico e primoroso do que a mulher.

Pergunto-me: Por quê?

Por que a mulher é tão dotada e nós, homens, fracos, frágeis, temos apenas a razão, o raciocínio, enquanto elas têm o coração, a doçura do amor, a força inebriante dos cabelos açoitados pelo vento, dos olhos que falam e penetram mais do que os lábios e as lanças? Dos passos curtos, sedutores, dos gestos suaves, afetuosos, atraentes, libertos, dóceis e ao mesmo tempo dominadores?

Por que nós homens, deíficos, temos que nos encurvar a tanta soberania? Por que nós participamos do mistério da criação da vida por alguns segundos e ela por nove meses? Alienadas, são surpreendidas com as mãos sobre o ventre com sorriso, ao mesmo tempo, veneráveis e egoístas e a nós, homens, apenas uma pequena participação: "O bebê chutou minha mão!".

Por que nós, homens, somos tão limitados em relação a tudo isso. Não, não é uma inveja maledicente, é apenas uma inveja de quem queria ter também tanto poder...

Elas, as mulheres, podem nos seduzir, podem nos embriagar, podem nos levar a caminhos infindos. Nós apenas pensamos, elas voam; nós sintetizamos as respostas, elas amam. Amam a seus filhos. Elas foram escolhidas para serem mães e, aqui, na face da terra, pouco, muito pouco, tem maior do que o amor de mãe...

Será que foi verdade que da nossa costela nasceu a mulher ou foi

o contrário?

Crescemos nos braços de uma mulher, mamamos nos braços de uma mulher, sofremos nos braços de uma mulher, sucumbimos nos braços de uma mulher, morremos nos braços de uma mulher, nos exaltamos e nos glorificamos nos braços de uma mulher...

Por que a mulher tem tanto?

MULHER

Parece que o dicionário tem uma imagem muito fria e limitada da mulher, pelo menos em relação ao meu conceito.

Eu vejo a mulher não como um pedaço do homem, uma costela, vejo como um ser extremamente especial sem o qual há pouca razão de existir.

A mulher foi escolhida para ser portadora do título de mãe: ser mãe significa ser geração, ser geradora, transmitir vida, transformar gerações, culturas, filhos, netos...

Ser mulher significa o belo, a delicadeza, a sutileza, a finesse, a manhas, o fascínio, o encanto, o adorno...

Ser mulher significa doçura, tempero, afeto, carinho, perdão e amor. Ah! ... O Amor...

Aqui, nesta existência, a mulher é portadora da energia reluzente do amor. Basta olharmos para nossas mães e veremos exemplos de um dos mais profundos tipos de amor que existe na face da terra.

Devemos aprender dessas fontes inesgotáveis: muitas concessões, poucas exigências, pouco egoísmo, doação. Amor...

Que seria do mundo sem as flores, sem a beleza do resplendor das estrelas, sem o mistério do infinito universo contrastando com o fulgor dos raios acalorados do sol e suas alvoradas espectrais e seus entardeceres metamórficos? Tudo isso é dádiva do Criador, da maravilha do viver.

Mas tudo isso é nada... Sem a mulher.

Abençoei, Senhor, eternamente a mulher para que também o homem possa crescer e ser metade de vossa gloriosa obra .

Que assim seja!!!!!!

O QUE FAZER AGORA?

O que fazer agora
Se para ti nada valia
Este olhar que te adora
E em tudo te queria?

O que fazer agora
Se perder teu carinho
É morrer a cada hora
Entre todos, sozinho?

O que fazer agora
Sem todo aquele mel
Se minha alma chora
Engolindo tanto fel?

O que fazer agora
Se perder teu carinho
É morrer a cada hora
Entre todos, sozinho?

O que fazer agora
Se você não me ama
Se me empurrou fora
Mesmo com a boa cama?

O que fazer agora
Se perder teu carinho
É morrer a cada hora
Entre todos, sozinho?

O que fazer agora
Que a esperança voou
Se o tempo demora
Se o sonho acabou?

O que fazer agora
Se perder teu carinho
É morrer a cada hora
Entre todos, sozinho?

POR QUÊ? POR QUE NÓS?

Por que não valorizamos o sentir
Se correndo e lutando toda hora
Sem ter percepção do existir
Deixamos a vida ir embora?
Por quê?...

Por que nós, tanto, tanto estragamos
Na natureza... e, da criança, a pureza
E até o indefeso idoso desprezamos
Incluindo o universo e sua beleza?
Por quê?...

Por que nós vivemos arrogantes e orgulhosos,
E, sem perdoar-nos, inter-trocamos enorme dor
E transformamos os risos inocentes em chorosos
Disseminando egoísmo, cobiça e desamor?
Por quê?...

Por que nós nos consumimos com o inútil
E, omissos, em vez de mostrarmos ação
Praticamos a atitude imoral e fútil
Ao invés de valorizar e enaltecer o coração?
Por quê?...

Por que nós seres pré-divinos, semi-perfeitos
Carregando a disfarçada e imprópria vaidade
Não admitimos que temos muitos defeitos
Com humildade, de verdade, para fluir caridade?
Por quê?...

Por que nós
A música, desafinamos
E aposentamos a bondade;
O carinho, sepultamos
E abolimos a fraternidade;
Esquecemos a cortesia

E a alegria, entristecemos;
E o romantismo, escondemos.
Murchamos a flor,
E assassinamos o amor?
Por quê?... Por quê?!

Ah! Loucos somos todos nós
Aqui, hoje, fora do sanatório,
Porque logo seremos pós,
Apesar de prantos no oratório!...

PROCURA... (GRITO DE AMOR...)

Procura um tempo,
Para se enroscar em mim
Como se eu te fosse importante
Para desfrutar a vida assim
Mesmo por um tênue instante.

Procura um espaço
Para navegarmos ao léu
Em aventuras de viajante,
Em um vôo livre e leve ao céu
Ou ao calmo mar verdejante.

Procura um tempo
Para me sorrir, ao dia, como criança
E depois, à noite, abraçar-me amante,
Deixando fluir tudo em doce bonança
Ou em afeto íntimo e estonteante.

Procura um espaço
Para trocarmos palavras em sons
Em um sentimento e emoção infante,
Criando momentos musicados, e bons!
De imaginação rica e esvoaçante.

Procura um tempo
Para me descobrir parte de tua vida,
No jardim, da flor, na natureza fascinante,
Como por um manto em minha alma envolvida,
Cheia de vibração e brilho no coração pulsante.

Busca espaço e tempo
Para me dar mais valor
E me tornar-te brilhante,
Abraçando-me inteiro com vigor,
Com o peito sempre suspirante,

Irradiando carinho, alegria e calor,
Numa união profunda e delirante,
Para muito me encher de amor...

QUERO

Quero que um meigo alguém
Muito me beije o rosto
E especial como ninguém
Tenha meu peito como encosto.

Quero que aprecie meu sonho
E respeite o caminho que piso,
E aceite a alegria que ponho
Na força sincera do sorriso.

Quero que possa entender,
Com humanismo, minha fraqueza.
Dividir e compartilhar e viver
Comigo, o mundo com pureza.

Quero que perdoe de verdade,
Ainda que o saber não lhe caiba,
Mesmo que não limite a bondade
E compreender o erro não saiba.

Quero que recuse a vaidade e o orgulho,
Que seja leve e doce como criança
E que se atire num mergulho
Para me querer com esperança,

Quero que não tenha medo
De trilhar a vida com coragem
E que não queira contar no dedo
A busca constante de levar vantagem.

Quero que não dê valor
Às muitas coisas materiais,
Mas sim ao afeto, com calor,
E se chegue com balanços geniais.

Quero que não queira me perder,
Que se preocupe em não me magoar
E sem nunca nada me esconder,
Tenha sempre prazer em me agradar.

Quero que seja calma,
Que ajude os semelhantes seus
E cuidando sempre da alma,
Ofereça sua dor ao Epsie.

Quero dar-lhe, então,
Sons, cores e flores,
E no abraço de meu coração
O aconchego cheio de amores.

SINTO...QUERIDA

Sinto que estes dias de ausência
Aumentam-nos a dor
De uma breve vivência,
De momentos de valor.

Sinto que a distância, em espaço,
No entanto, não é tormento
Porque, no dia, passo a passo
Na memória, cresce o sentimento.

Sinto ainda falta de tuas manhas
De tua alegria e de teus sorrisos,
De teus carinhos em minhas entranhas
E de teus suspiros, gemidos e risos.

Sinto medo de para a vida te perder,
De que, em tua humilde e pura juventude,
Andes em busca de um intenso viver
E esqueças do que te ensinei em virtude.

Sinto a tristeza de não ter a idade
Mais jovem, para contigo sonhar,
Temendo enfrentar a realidade
De não te ter comigo a caminhar.

Sinto a força do entusiasmo de uma criança
Ao ouvir tua voz gravada com calor,
Imaginando lindas visões de esperança
E aguardando tuas carícias de amor.

Sinto raiva dos que não te amaram
E tocaram teu corpo sem te merecer,
Da tua preguiça e desperdício que gastaram,
em parte, teu jeito certo de viver.

Sinto saudade desse teu doce coração
Que sempre minhas lágrimas acolheu,
Que as enxugou com a ajuda de tua mão,
Que assim, com muita ternura, as recolheu.

Sinto a premiação da minha tolice
Ao ouvir tuas mentiras e ser enganado,
Ao pedires coisas com tanta meiguice
Como se nunca eu fora amado.

Sinto a felicidade de teu gozo em me querer,
Misturado ao pavor de me perder;
De teu olhar penetrante,
Do eu em você amante
Na beleza da menina flor,
Nas rosas cheias de amor;
No encanto de teu rosto em meu peito,
No afago de minha mão com respeito,
No contato de nossos corpos prementes,
Nas sensações de nossos suspiros gementes,
Na paixão infinita e alucinante
Desse amor eterno e instantâneo,
De uma enganosa
Realidade,
De uma mentirosa
Leviandade,
E primorosa
Verdade:

Tu és querida minha amada,
Tu és amada minha querida...

ESCRAVA / RAINHA

Seja minha escrava
Para fazer meus desejos
E saciar minha fome
E sede de ti.
Farei de você,
Então,
Minha rainha.
Ofertar-te-ei
Todo o amor
E alegria,
E felicidade
Que puder te dar.
E, aos teus pés,
Prostrado,
Dedicarei
Minha vida
Para servir-te...

OBJETIVOS

Se eram teus grandes objetivos,
Valores irreais de efêmera luz;
Irás te deparar com traços corretivos
Da dor áspera a que agora fazes jus.

Porque adorar a embriagante musa
Ou ter orgulho, prepotência e vaidade
Atrai certa punição a quem abusa
Da fraqueza com tamanha leviandade.

Então terás a vida parada
Com um gosto amargo no peito
E um olhar vazio no nada,
Na solidão doída do leito.

Sentir-te-ás como um vivo-morto
Qual vegetal flutuando, sem norte
Buscando o aconchego de um porto,
Enfrentando até a segunda morte.

Verás a nulidade das divergências
Em tantas coisas fúteis e transitórias,
Com as mais diversas abrangências
De pessoas com múltiplas estórias.

Perguntarás: para que a bonança?
Ou o azulado dos dias floridos?
Se lutar não te traz a esperança
De recriar os momentos perdidos.

Nem a felicidade estará na vitória
E nem mesmo a energia da ilusão,
Terás a tal alegria fugaz da glória
Sem caridade e amor no coração.

Q Q EU FAÇO?

Q q eu faço
c/ esse sentimento meu
q do desenho é um traço
do olhar q me comprometeu...

Q q eu faço
c/ desejo de mais ter
um grande abraço
a ponto de dois um só ser?

Q q eu faço
se estou s/ norte,
se ã sou de aço ,
mas pra ti sou forte?

Q q eu faço
preso em tua beleza,
em seu nobre laço ,
inebriado de realeza?

Q q eu faço
pra viver teu mundo ,
pra preencher teu espaço
de um amor profundo?

Q q eu faço
qdo é gde o desejo
de acariciar teu braço
e te cobrir de beijo?

EU PERGUNTEI A ELE PORQUE ELE A AMAVA

Eu perguntei a ele porque ele a amava...

Ele respondeu que “ela era maravilhosa, carinhosa com ele, ótima de cama, fazia a comida que ele pedia, cuidava da sua roupa, entendia os seus dias e momentos amargos, que era companheira, solidária...”

Então eu disse que ele amava muito a si mesmo!!!

Não tinha uma menção ao fluxo “daqui para lá”; “só de lá para cá”. Isso tem um nome: egoísmo.

Veja, poderia ser diferente se ele dissesse assim:

“Eu a amo porque ela é uma mulher sensível, dedicada e delicada, feminina, linda e que se doa para a família. A amo porque a sua simples presença me enche o coração de alegria. A amo como filha, como irmã, como mãe, como amiga, como fêmea, como esposa, como amante... Acariciá-la e pô-la (Soou estranho, mas vá lá...) a dormir à noite, é como ser seu pai; chorar as minhas mágoas em seu ombro, é como ser seu filho; andar com ela no “Playcenter”, é como ser seu amigo; trocar confidências, é como ser seu irmão; cuidar com ela das crianças, é ser seu esposo; percorrer o seu corpo, ouvir seus suspiros e sussurros, lambe-la, beijar, abraçar, gemer, rir e trocar amor e momentos felizes, enfrentar momentos desagradáveis e o mundo, com aquela mulher, e receber seu carinho, ter sua presença, ser seu homem, é ter energia e alegria para viver. Ela é a minha vida. Sim, é por isso que EU A AMO!”

POSTFÁCIO

Durante todo o livro trabalhamos com hipóteses, observações, fatos, teses comprovadas ou não. Usamos a criatividade e viajamos com a imaginação. Até especulamos.

Expusemos a complexidade de se entender esse gigante maior que o universo, mais poderoso do que a vida e a morte, incrivelmente criador, envolvente, pacificador e difusor do bem e de êxtase, que é o AMOR.

Expressei a idéia de que o amor é uma construção que cada um molda, em seu íntimo, com as escolhas que faz na vida. Que apesar da carga genética e hereditária, inata no ser, e de seu capital cultural, social mental e espiritual, adquirido, desenvolvido e que atingiu certo grau de maturidade, todos temos condições de fazer crescer o amor dentro e fora de nós, com qualquer limitação que possa haver nas nossas escolhas, estas estarão sempre presentes e, através da vontade e do livre arbítrio, nos darão a oportunidade de caminharmos com retidão para o amor.

Essa construção em que somos ao mesmo tempo o arquiteto, mestre-de-obras e pedreiro, pode atingir níveis maiores, mais elevados, mais dignos, mais nobres, mais honrados, mais apaixonantes, com mais bondade e mais felicidade, de acordo com a busca e o empenho de cada um...

Realço que a boa vontade do ser humano, interessada honesta e sinceramente em abraçar a Verdade, o bem, a felicidade sua e do próximo e a paz de espírito, tem condições de superar seus próprios defeitos ou deficiências, inatas ou adquiridas, através da razão e da sensibilidade (do cérebro e do coração) em direção a um amor progressivo e constantemente maior...

Creio firmemente que se o leitor meditou e refletiu, aceitou certas hipóteses e teses ou as rejeitou. Se ampliou suas próprias perspectivas a respeito do amor, acolhendo algumas idéias ou a partir delas criando suas próprias conclusões, como consequência, direta ou indireta, da leitura deste volume, imagino ter alcançado meu objetivo.

EPSIE é AMOR; O AMOR É O PRÓPRIO EPSIE!

FRANCISCO ADUA ESPOSITO

CITAÇÕES SIMPLIFICADAS DAS REFERÊNCIAS PESQUISADAS

- 1 - Agostinho - O Livre Arbítrio - Editora Paulus - 1995
- 2 - Almir Ribeiro Guimarães - O Que Dizem do Amor - Editora Vozes - 1996
- 3 - Ângela Maria La Sala Batá - Maturidade Psicológica - Editora Pensamento - "56789"
- 4 - Anselmo Fracasso - Amor é Vida - Editora Vozes - 1996
- 5 - Diálogo Médico (Roche) - 1997
- 6 - Dicionário Aurélio - "NF121-V3.0"
- 7 - Dicionário Houaiss - "DEH010"
- 8 - Elizabeth Badinter - Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno - Editora Nova Fronteira - 1985
- 9 - Erich Fromm - A Arte de Amar - Editora Itatiaia Limitada - 1986
- 10 - Felice Leonardo Buscaglia - Amor - Editora Record - 7ª Edição
- 11 - Flávio Gikovate - Uma Nova Visão do Amor - MG Editores Associados Ltda. - 1996
- 12 - Gene D. Cohen - O Cérebro no Envelhecimento Humano - Editora Andrei - 1995
- 13 - Gordon W. Allport - Desenvolvimento da Personalidade - Editora Herder - 1962
- 14 - Grupo Gente Nova/Belo Horizonte - O Que Você Deve Saber Sobre o Caráter - Velloso S.A. Papelaria e Tipografia Brasil - 1964
- 15 - J. Laplanche - O Inconsciente e o Id - Martins Fontes - 1992
- 16 - Jacques Salomé - Casamento e Solidão - Editora Vozes - 1996

- 17 - Jacques Salomé - Cativando a Ternura - Editora Vozes - 1994
- 18 - James J. Tompson - Anatomia da Comunicação - Edições Bloch - 1977
- 19 - John Bowlby - Formação e Rompimento dos Laços Afetivos - Martins Fontes - 1997
- 20 - José Ângelo Gaiarsa - Amores Perfeitos - Editora Gente - 1994
- 21 - José Kentenich / M. A. Nailis - Santidade de Todos os Dias - Gráfica Editora Pallotti - 2002
- 22 - Joseph LeDoux - O Cérebro Emocional - Objetiva - 1998
- 23 - Joseph Murphy - O Poder do Subconsciente - Record - 29ª Edição
- 24 - Luciano Macacci - Conhecendo o Cérebro - Nobel - 1987
- 25 - Mario Fideli - Temperamento-Caráter-Personalidade - Paulus - 1997
- 26 - Martin Claret - Livro Clipping - A Essência do Amor - Editora Martin Claret - 1998
- 27 - Masters e Jonhson - O Relacionamento Amoroso - Editora Nova Fronteira - 1988
- 28 - Mira Y Lopez - Quatro Gigantes da Alma - Livraria José Olímpio Editora - 1963
- 29 - Nicola Abbagnano - Dicionário de Filosofia - Martins Fontes - 2003
- 30 - R. W. Lundin - Personalidade - Uma Análise do Comportamento - Editora Pedagógica e Universitária Ltda - 1977
- 31 - Revista Unimed - 1999
- 32 - Robert Henfelt / Frank Minirth / Paul Maier - O Amor é Uma Escolha - Gandolfo Editores - 1989
- 33 - Roberto Shinyashiki - A Carícia Essencial - Editora Gente - 1991
- 34 - Roberto Shinyashiki / Eliana Bittencourt Dumêt - Amar Pode Dar Certo - Editora Gente - 1988
- 35 - Roland Duron e Francoise Parot - Dicionário de Psicologia - Editora Ática - 2001
- 36 - Wilhelm Reich - Análise do Caráter - Martins Fontes - 2001
- 37 - Outros: AMSjornal, Jornal da APM, Internet, Veja, Isto É, Caras, Folha de S. Paulo, Jornal "A Tribuna" de Santos, A Bíblia

UM DOS DOIS

PRIMEIRO

Escolha, agora, apenas um destes dois itens:

1 – amar

ou

2 – ser amada

DEPOIS

CONTINUE A LEITURA

Se você escolher amar de verdade, pode chegar ao amor de Madre Tereza de Calcutá que amava aquela comunidade sofrida sem pensar em si própria (e por muitos era incompreendida e não amada) ou Chico Xavier com sua dedicação em praticar a caridade.

É um amor elevado. Está próximo do Amor do EPSIE para os homens. Se você ama mesmo sem ser amada, tem energia para enfrentar o mundo. Sai de teu coração e se irradia como uma luz em todas as direções. Em certo nível, é como o amor de mãe que dá muito ao filho...

Se você apenas for amada, nem energia para saber ser receptiva ao amor do homem que te ama você terá. Ou você sente atração por alguém que você ama ou você sente repulsa pela permanência prolongada de sua presença. Se você ama você quer prolongar a persistência dos momentos. Se não ama quer abreviar: inevitável.

Se você ama tudo fica colorido, se não, acinzentado...

Cláudio Bourroul Wertheimer(FAE)

